



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



LOURIVAL SOARES DE LIMA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CODAS SILÁBICAS: O APAGAMENTO DO /R/ E A
HIPERCORREÇÃO NA ESCRITA DOS ALUNOS DE 6º ANO**

Mamanguape/PB

2025

LOURIVAL SOARES DE LIMA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CODAS SILÁBICAS: O APAGAMENTO DO /R/ E A
HIPERCORREÇÃO NA ESCRITA DOS ALUNOS DE 6º ANO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba/UEPB, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, em conformidade com a área de concentração Linguística e Ensino e com a linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, do Programa de Mestrado Profissional em Letras/Profletras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sônia Maria Cândido da Silva

Mamanguape/PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732v Lima, Lourival Soares de.

Varição linguística em codas silábicas : o apagamento do /r/ e a hipercorreção na escrita dos alunos de 6º ano / Lourival Soares de Lima. - Mamanguape, 2025.

254 f. : il.

Orientação: Sônia Maria Cândido da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAIE.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Hipercorreção. 4. Escrita. 5. Apagamento do "R". I. Silva, Sônia Maria Cândido da. II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 81'271.12

TERMO DE APROVAÇÃO

LOURIVAL SOARES DE LIMA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CODAS SILÁBICAS: O APAGAMENTO DO /R/ E A HIPERCORREÇÃO NA ESCRITA DOS ALUNOS DE 6º ANO

Dissertação aprovada pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras/Profletras, da Universidade Federal da Paraíba/UEPB, como requisito para obtenção do título de Mestre, na área de concentração de Linguística e Ensino e linha de pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística.

Trabalho aprovado em 26 de setembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



SONIA MARIA CÂNDIDO DA SILVA
Data: 18/11/2025 11:47:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Sônia Maria Cândido da Silva
Orientadora – PROFLETRAS/UEPB

Documento assinado digitalmente



FERNANDA BARBOZA DE LIMA
Data: 18/11/2025 15:40:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Drª Fernanda Barboza de Lima
Avaliadora Interna – PROFLETRAS/UEPB

Documento assinado digitalmente



HENRIQUE MIGUEL DE LIMA SILVA
Data: 19/11/2025 14:59:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva
Avaliador Externo – PROLING/PGLE/UEPB

Mamanguape/PB
Set/2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
CAMPUS IV – LITORAL NORTE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

ATA DE DEFESA

Aos 26 dias de setembro de 2025, às 14h30min, no Centro de Ciências Aplicadas e Educação - CCAE/UFPB, realizou-se a defesa da dissertação intitulada **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CÓDAS SILÁBICAS: O APAGAMENTO DO /R/ E A HIPERCORREÇÃO NA ESCRITA DOS ALUNOS DE 6º ANO**, de LOURIVAL SOARES DE LIMA, aluno do Programa em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS). A Comissão Examinadora foi constituída pelos professores: Dra. Sônia Maria Cândido da Silva (Presidente), Dra. Fernanda Barboza de Lima e Dr. Henrique Miguel de Lima Silva. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, a Banca considerou o trabalho:

APROVADO (o prazo máximo concedido é de até 60 dias para o(a) mestrando(a) entregar a versão final)

REPROVADO

INSUFICIENTE (implicará o estabelecimento no prazo máximo de noventa dias para a reelaboração e apresentação da dissertação, de acordo com as recomendações da banca examinadora)

Observações: *O trabalho foi aprovado com indicações de ajustes e elaboração de caderno pedagógico.*

Examinadoras

Profa. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva (Presidente) _____ *SC*

Profa. Dra. Fernanda Barboza de Lima (Examinadora Interna) _____ *FBarboza*

Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva (Examinador Externo) _____ *HMS*

Ciente do(a) aluno(a): *Lourival Soares de Lima*

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:



Vitória (in memoriam)

A todos os alunos: atuais, ex e os que já partiram daqui para outro plano durante o período de trabalho dedicado ao magistério. Acumulo, no meu currículo, 26 anos de serviços prestados, com entusiasmo, ao ensino público no Estado do Rio Grande do Norte;

A todos os professores que contribuíram para minha formação libertadora, ética e cidadã enquanto ser humano e profissional: todos sem exceção, da educação básica, da Licenciatura em Letras/Português, em especial, a ilustre Profª Drª Juliene Pedrosa, e da pós-graduação em nível de Especialização e Mestrado.

A Maria Alves de Oliveira (in memoriam), minha ex-professora da antiga 2ª série, por me acolher como se dela fosse filho.

A Vitória (in memoriam), anjo de quatro patas, cuja partida me encorajou, com o coração apertado, a continuar o trabalho de escrever esta pesquisa.

EPÍGRAFE

“Não há saber mais ou menos: há saberes diferentes.”
(Freire, 1987)

AGRADECIMENTOS

Ninguém chega a algum lugar sozinho. Cheguei aqui, porque muitos me deram as mãos, para que eu não viesse a desistir da caminhada estressante e cansativa. Por isso, preciso agradecer a todos com o coração cheio de alegria e gratidão por todas as formas de colaboração que recebi de modo direto e indiretamente no decorrer do curso.

Agradeço, primeiramente, ao Criador do universo, Deus, por tudo: pela sabedoria, proteção, paciência, saúde e pelo maior de todos os presentes a mim concedidos: a vida. A Ele toda honra e toda glória;

Aos meus pais, Gabriel e Carmelita que, apesar de analfabetos e de origem humilde, me oportunizaram o direito de estudar, vindo a ser o primeiro filho a ingressar na universidade pública e sendo, por isso, o motivo de orgulho para eles;

Aos meus irmãos mais próximos, em especial, Jucilene e Adriana, por colaborarem diretamente com apoio, incentivo e cuidado, acompanhando de perto a minha luta diária entre ter que conciliar o trabalho de professor e o de pesquisador nesses últimos dois anos de curso de Mestrado;

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Sônia Maria Cândido da Silva, pelo incentivo à pesquisa acadêmica, à leitura e, principalmente, pelo pesquisador que me tornei em uma das áreas da Linguística, a Sociolinguística Variacionista;

Aos colegas da Turma 9 do Mestrado na Universidade Federal da Paraíba/UFPB, Campus IV, Mamanguape/PB, pelo compartilhamento de saberes, de conversas, de gargalhadas e de momentos de lazer e descontração entre um turno e outro de aulas, especialmente, à amiga Maria das Graças Bezerra da Silva, por ter sido uma parceira colaboradora na realização de um sonho;

Aos professores do Profletras/UFPB por terem sido luz, pela inegável contribuição com o meu crescimento pessoal enquanto pesquisador, pela oferta de ensino de qualidade, com base em evidências científicas;

Ao secretário Fábio Jales e aos coordenadores locais do Profletras: Prof^a Dr^a Carla Alecsandra de Melo Bonifácio e Prof. Dr. João Wandemberg Gonçalves Maciel por toda atenção recebida;

Às gestoras escolares Alciene Félix da Silva e Laura Marques de Oliveira pela colaboração e compreensão neste período dedicado à pesquisa, elaboração e conclusão da dissertação;

À Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte – SEEC/RN – por conceder o direito de licença previsto em lei para fins de estudo;

Ao Prof. Me. Cledenilson Valdevino Moreira pelo incentivo, pelas orientações e pelo trabalho de formatação na fase inicial do processo de produção de escrita deste texto;

Ao Prof. Dr. Josenildo Barbosa Freire por atuar como se fosse coorientador e por abrir as portas da sua residência para ensinar como manipular o programa Goldvarb X utilizado nesta pesquisa. Ele foi, para mim, uma bússola quando eu, perdidamente, buscava um norte;

À banca de qualificação e examinadora: Prof^a Dr^a Fernanda Barboza de Lima e Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva por valiosas contribuições prestadas a esta pesquisa sociolinguística;

Aos alunos participantes do 6º ano pela colaboração em todas as fases deste estudo desde o diagnóstico inicial até o diagnóstico final.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pelo incentivo financeiro.

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado tem como objetivo geral analisar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o apagamento do /r/ e a hipercorreção em posição pós-vocálica nas atividades escritas de alunos do 6º ano de uma escola pública de Pedro Velho/RN, visando à aquisição de uma escrita ortográfica e convencional aos moldes padrões da língua. Para tanto, identifica contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem esses fenômenos, descreve-os sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista e propõe atividades pedagógicas que minimizem seus efeitos na escrita discente. O referencial teórico inclui estudos de Fonética e Fonologia, Sociolinguística Educacional e Sociolinguística Variacionista, apoiando-se em autores como Cardoso (2009), Pedrosa (2012), Bisol (2013), Roberto (2016), Seara et al. (2022), Bortoni-Ricardo (2004, 2005) e Labov (1963, 1966, 1972), além de contribuições teóricas de Tarallo (1986), Weinreich, Labov e Herzog (1968), Monaretto (2000), Bagno (2012), Callou (2015), Freire e Oliveira (2019) e Coelho et al. (2023). A pesquisa adotou abordagem quantitativa e metodologia de pesquisa-ação, combinada com pesquisa bibliográfica, oficinas pedagógicas e avaliações diagnósticas inicial e final. Além disso, coletou dados por meio de dois tipos de ditado – um com 80 palavras para investigar a variável de apagamento e outro com 20 frases para a hipercorreção –, codificando 100 palavras que foram estratificadas por variáveis linguísticas (classe morfológica, extensão vocabular, coda silábica, contexto precedente e tonicidade da sílaba final) e sociais (sexo, escolaridade e faixa etária) e submetidas ao programa Goldvarb X para obtenção da regra variável. Os resultados evidenciam redução significativa dos fenômenos: na avaliação inicial, o apagamento atingiu 98,8% e a hipercorreção 100%, enquanto na avaliação final, os índices caíram para 46,2% e 30%, respectivamente, em decorrência das intervenções pedagógicas. Conclui-se que as atividades propostas foram eficazes na promoção da escrita ortograficamente correta e na diminuição dos padrões variáveis relacionados ao apagamento do rótico em codas silábicas e à hipercorreção em posição final de palavras pertencentes à classe dos verbos.

Palavras-chave: Variação. Mudança. Apagamento do /r/. Hipercorreção. Escrita.

ABSTRACT

This Master's dissertation aims to analyze the linguistic and social variables that condition the deletion of /r/ and the hypercorrection in post-vocalic position in the written activities of 6th grade students at a public school in Pedro Velho/RN, in order to acquire spelling and conventional writing skills in accordance to language standards. To this end, it identifies linguistic and extralinguistic contexts that favor these phenomena, describes them from the perspective of Variational Sociolinguistics, and proposes educational activities that minimize their effects on student writing. The theoretical references include studies in Phonetics and Phonology, Educational Sociolinguistics, and Variational Sociolinguistics, relying on authors such as Cardoso (2009), Pedrosa (2012), Bisol (2013), Roberto (2016), Seara et al. (2022), Bortoni-Ricardo (2004, 2005), and Labov (1963, 1966, 1972), as well as further contributions from Tarallo (1986), Weinreich, Labov, and Herzog (1968), Monaretto (2000), Bagno (2012), Callou (2015), Freire and Oliveira (2019), and Coelho et al. (2023). The research adopted a quantitative approach and action research methodology, combined with bibliographic research, educational workshops, as well as initial and final diagnostic assessments. Furthermore, data was collected using two types of dictation —one with 80 words to investigate the deletion variable and another with 20 sentences for hypercorrection— encoding 100 words that were stratified by linguistic variables (morphological class, vocabulary size, syllable coda, preceding context, and final syllable stress) and social variables (gender, level of education, and age group) and submitted to the Goldvarb X program to obtain the variable rule. The results show a significant reduction of the phenomena: in the initial assessment, the deletion of /r/ reached a 98.8% rate and the hypercorrection rate reached 100%, while in the final assessment, the rates fell to 46.2% and 30%, respectively, as a result of the educational interventions. In conclusion, the proposed activities were effective in promoting correct spelling and reducing variable patterns related to the deletion of the rhotic in syllable codas and the hypercorrection in the final position of words belonging to the verb class.

Keywords: Variation. Change. Deletion of /r/. Hypercorrection. Writing.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de dados das variantes no diagnóstico inicial da pesquisa.....	137
Tabela 2 – Distribuição de dados das variantes no diagnóstico final da pesquisa.....	142
Tabela 3 – Variável extensão vocabular.....	145
Tabela 4 – Variável coda silábica.....	147
Tabela 5 – Variável contexto precedente.....	149
Tabela 6 – Variável escolaridade.....	150
Tabela 7 – O rótico em relação ao ano escolar.....	151
Tabela 8 – Variável nível de escolaridade.....	152
Tabela 9 – Variável sexo/gênero.....	154
Tabela 10 – Variável classe morfológica.....	158
Tabela 11 – Variável faixa etária.....	159
Tabela 12 – Variável dependente (-r) e variantes.....	168
Tabela 13 – Variável extensão vocabular.....	169
Tabela 14 – Variável tonicidade da sílaba final.....	169
Tabela 15 – Variável contexto precedente.....	170
Tabela 16 – Variável sexo.....	171
Tabela 17 – Variável escolaridade.....	171
Tabela 18 – Variável faixa etária.....	172

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – A ilha de Martha's Vineyard.....	30
Mapa 2 – Rio Grande do Norte com localização de Pedro Velho.....	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estratificação geral do r por loja.....	32
Gráfico 2 – Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.....	50
Gráfico 3 – Constituintes da sílaba.....	78
Gráfico 4 – Ideb da escola pesquisada nos anos finais do EF.....	98
Gráfico 5 – Distribuição de dados das variantes de apagamento no diagnóstico inicial da pesquisa.....	137
Gráfico 6 – Resultado da análise dos dados da hipercorreção no diagnóstico inicial da pesquisa.....	141
Gráfico 7 – Distribuição de dados das variantes de apagamento no diagnóstico final da pesquisa.....	144
Gráfico 8 – Distribuição de dados das variantes de hipercorreção no diagnóstico final da pesquisa.....	166

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Centralização de (ay) e (aw) por faixa etária.....	29
Quadro 2 – Distribuição geográfica da centralização.....	29
Quadro 3 – Perspectiva da dicotomia.....	49
Quadro 4 – Aspectos das operações de retextualização.....	53
Quadro 5 – Operações de retextualização.....	54
Quadro 6 – Estratégia de eliminação baseada na idealização linguística.....	55
Quadro 7 – Escrita convencional versus escrita variável.....	57
Quadro 8 – [...] variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’.....	58
Quadro 9 – [...] palatalização do /t/, em Florianópolis, segundo a faixa etária.....	60
Quadro 10 – Pronomes pessoais retos e oblíquos.....	61
Quadro 11 – Pronomes pessoais retos.....	62
Quadro 12 – Pronomes pessoais variáveis.....	64
Quadro 13 – Compilado de dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD – e Repositório Institucional.....	75
Quadro 14 – Padrões silábicos do PB.....	77
Quadro 15 – Escala de soância dos constituintes da sílaba.....	80
Quadro 16 – Apresentação da oficina 1 sobre o apagamento do /r/ em posição de coda.....	104
Quadro 17 – Distribuição dos róticos no português do Brasil.....	106
Quadro 18 – Proposta para a atividade 1 da oficina 1.....	107
Quadro 19 – Resultado da atividade 1 da oficina 1.....	109
Quadro 20 – Proposta para a atividade 2 da oficina 1.....	112
Quadro 21 – Proposta para a atividade 3 da oficina 1.....	115
Quadro 22 – Resultado da atividade 3 da oficina 1.....	117
Quadro 23 – Apresentação da oficina 2 sobre a hipercorreção em coda final de verbos.....	120
Quadro 24 – A hipercorreção em final de verbos conjugados.....	121
Quadro 25 – Proposta para a atividade 1 da oficina 2.....	123
Quadro 26 – Atividade 1 da oficina 2.....	124
Quadro 27 – Resultado da atividade 1 da oficina 2.....	125
Quadro 28 – Proposta para a atividade 2 da oficina 2.....	128
Quadro 29 – Resultado da atividade 2 da oficina 2.....	130
Quadro 30 – Proposta para a atividade 3 da oficina 2.....	132

Quadro 31 – Resultado da atividade 3 da oficina 2.....	134
Quadro 32 – Hipercorreção no diagnóstico inicial da pesquisa.....	139
Quadro 33 – Vogais orais tônicas.....	148
Quadro 34 – Análise quantitativa no diagnóstico final da pesquisa.....	161
Quadro 35 – Hipercorreção no diagnóstico final da pesquisa.....	163
Quadro 36 – Análise comparativa entre diagnósticos da variável hipercorreta (-r).....	166
Quadro-síntese 37 – Variável (-r) segundo aspectos linguísticos e não linguísticos.....	167
Quadro 38 – Análise qualitativa em pesquisa de Cesar (2017).....	174
Quadro 39 – Análise quantitativa em pesquisa de Mendonça (2021).....	176

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Variável e variantes.....	42
Figura 2 – Análise e diagnose de erros.....	46
Figura 3 – Contínuo de urbanização.....	47
Figura 4 – Contínuo de oralidade-letramento.....	48
Figura 5 – Contínuo de monitoração estilística.....	48
Figura 6 – Elementos constitutivos da sílaba.....	81
Figura 7 – Amostra da atividade 1 da oficina 1 realizada pelo P8.....	110
Figura 8 – Amostra da atividade 1 da oficina 1 realizada pelo P15.....	111
Figura 9 – Cartela vencedora da atividade 2 da oficina 1.....	114
Figura 10 – Amostra da atividade 3 da oficina 1 realizada pelo grupo 1.....	118
Figura 11 – Fotos dos grupos de participantes da atividade 3 da oficina 1.....	119
Figura 12 – Amostra da atividade 1 da oficina 2 realizada pelo P2.....	126
Figura 13 – Amostra da atividade 1 da oficina 2 realizada pelo P7.....	127
Figura 14 – Amostra da atividade 1 da oficina 2 realizada pelo P13.....	127
Figura 15 – Amostra da atividade 2 da oficina 2 realizada pelo P10.....	131
Figura 16 – Amostra da atividade 3 da oficina 2 realizada pelo P3.....	135

LISTA DE SIGLAS

SN – sintagma nominal

PB – português brasileiro

Et al. – e outros

GE – gênero da escrita

GF – gênero da fala

KM – quilômetro

RN – Rio Grande do Norte

PB – Paraíba

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

CCAIE – Centro de Ciências Aplicadas e Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

PPC – Projeto Político Curricular

WLH – Weinreich, Labov e Herzog

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

Profletras – Programa de Mestrado Profissional em Letras

Apud – citado por outro autor

Goldvarb X – programa de computador utilizado em pesquisas sociolinguísticas para análise de fenômenos de variação e mudança linguística

EF – Ensino Fundamental

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SEEC/RN – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte

LISTA DE SÍMBOLOS

Ø – zero fonético

// – barras

[] – colchetes

< > – parênteses angulares

% – porcentagem

P1 – variável na 1ª pessoa do singular

P2 – variável na 2ª pessoa do singular

P3 – variável na 3ª pessoa do singular

P4 – variável na 1ª pessoa do plural

P5 – variável na 2ª pessoa do plural

P6 – variável na 3ª pessoa do plural

(~) indicador de variação empregado entre duas formas variantes: amor ~ amôØ

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	22
1. BREVE REVISÃO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	27
2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SOB PERSPECTIVAS LINGUÍSTICAS.....	34
2.1 Variação linguística na perspectiva variacionista.....	34
2.1.1 Conceito de variação.....	34
2.1.2 Tipos de variação.....	36
2.1.3 Variável e variantes.....	41
2.2 Variação linguística na perspectiva educacional.....	45
2.2.1 A Sociolinguística Educacional: conceito e proposta.....	45
2.2.2 Os contínuos de variação.....	46
2.3 Variação linguística na perspectiva da Linguística Textual.....	49
2.3.1 A relação fala e escrita.....	49
2.3.2 Transposição oralidade-escrita.....	52
3 TEORIA DA MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	58
3.1 Os cinco problemas da Teoria da Mudança.....	58
3.2 Hipercorreção na escrita discente.....	66
3.3 Estado da arte: pesquisas sobre o apagamento e a hipercorreção.....	71
4. ESTRUTURA SILÁBICA.....	76
4.1 Padrões silábicos do PB.....	77
4.2 Elementos constituintes da sílaba: ataque, núcleo e coda.....	78
4.3 Processos fonológicos.....	85
4.3.1 Mudança articulatória de um fonema por influência do contexto fonológico.....	85
4.4 O apagamento do /r/ em codas silábicas.....	88
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	91
5.1 Pesquisa bibliográfica.....	91
5.2 Pesquisa-ação.....	92
5.3 Procedimentos/Instrumentos de geração de dados.....	93
5.4 Local da pesquisa.....	95
5.5 Participantes da pesquisa.....	99
5.6 Método de análise de dados.....	100
5.7 Oficinas pedagógicas.....	102

5.7.1 Oficina 1– Apagamento do /r/ em codas silábicas.....	104
5.7.2 Oficina 2 – Hipercorreção em coda final de verbos.....	120
6. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS.....	136
6.1 Diagnóstico inicial da pesquisa.....	136
6.1.1 Resultados preliminares do processo de apagamento.....	136
6.1.2 Resultados preliminares do fenômeno de hipercorreção.....	138
6.2 Diagnóstico final da pesquisa.....	141
6.2.1 Análise sobre o apagamento em ditado de palavras.....	141
6.2.1.1 Variáveis selecionadas.....	144
6.2.1.1.1 Variável extensão vocabular.....	145
6.2.1.1.2 Variável coda silábica.....	146
6.2.1.1.3 Variável contexto precedente.....	148
6.2.1.1.4 Variável escolaridade.....	150
6.2.1.1.5 Variável sexo/gênero.....	153
6.2.1.2 Variáveis não selecionadas.....	156
6.2.1.2.1 Variável classe morfológica.....	156
6.2.1.2.2 Variável faixa etária.....	158
6.2.2 Análise sobre a hipercorreção em ditado de frases.....	161
6.2.2.1 Variáveis linguísticas.....	169
6.2.2.2 Variáveis sociais.....	171
6.2.3 Outras análises.....	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	178
REFERÊNCIAS.....	179
WEBGRAFIA.....	185
APÊNDICES.....	186
APÊNDICE A – Proposta de atividades para a avaliação diagnóstica inicial.....	186
APÊNDICE B – Proposta de atividades para a avaliação diagnóstica final.....	191
APÊNDICE C – Variável classe morfológica.....	193
APÊNDICE D – Variável extensão vocabular.....	194
APÊNDICE E – Variável contexto precedente.....	195
APÊNDICE F – Variável codas silábicas.....	196
APÊNDICE G – Variável sexo/gênero.....	197
APÊNDICE H – Variável faixa etária.....	198

APÊNDICE I – Variável escolaridade.....	199
APÊNDICE J – Lista de palavras acometidas por apagamento.....	200
APÊNDICE K – Chave de codificação para variável de apagamento.....	201
APÊNDICE L – Chave de codificação para variável de hipercorreção.....	202
APÊNDICE M – Rodada selecionada pelo Goldvarb X para análise do apagamento.....	203
APÊNDICE N – Rodada para análise da hipercorreção.....	204
APÊNDICE O – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	206
APÊNDICE P – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	209
APÊNDICE Q – Termo de Confidencialidade e Sigilo.....	212
APÊNDICE R – Termo de Compromisso e Responsabilidade do Pesquisador.....	213
APÊNDICE S – Caderno Pedagógico.....	214
ANEXOS	243
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP.....	243
ANEXO B – Termo de Anuência.....	247
ANEXO C – Atividade realizada pelo P2.....	248
ANEXO D – Atividade realizada pelo P7.....	249
ANEXO E – Atividade realizada pelo P6.....	250
ANEXO F – Atividade realizada pelo P18.....	251
ANEXO G – Atividade realizada pelo P8.....	252
ANEXO H – Atividade realizada pelo P17.....	253

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto de motivações pessoais e profissionais. No campo pessoal, o que era um sonho antigo agora é realidade. Ser Mestre em Letras pela universidade pública federal de excelência é, sem dúvida, uma das maiores realizações na vida de um ser humano. No campo profissional, vivenciando a realidade das salas de aula há quase três décadas, tem-se percebido, com frequência, a ocorrência de fenômenos de variação/mudança linguística nas produções textuais de diversos gêneros. Em momentos de escrita, ora se apaga o /r/ em final de sílabas ou de palavras; ora se acrescenta o grafema em posição final de vocábulos por motivo de insegurança linguística, segundo a ideia de Labov (2008). Portanto, a aspiração ao título acadêmico, bem como a discrepância observada entre a escrita dos estudantes e as normas ortográficas vigentes foram os fatores motivadores deste trabalho.

Para compreender esses processos variáveis nos textos escritos e buscar um método de intervenção para o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, é necessário estar preparado para enfrentar o desafio que é ensinar a língua materna, na sua modalidade escrita, para quem já fala fluentemente o português oral. Para cumprir essa missão, o professor da educação básica, licenciado em Letras/Português, é o profissional designado para ensinar o PB nas múltiplas variações aos alunos que já falam o seu idioma no dia a dia maravilhosamente bem desde pequenos.

No contexto escolar, dois casos têm chamado a atenção, pois são muito comuns na escrita de quem já domina o português na modalidade oral: o apagamento do /r/ em posição de coda e a hipercorreção em final de verbos flexionados. Esses fenômenos linguísticos constituem o objeto do presente estudo e foram analisados com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista de natureza laboviana.

A princípio, compreende-se que a ocorrência do apagamento na fala não é um problema ou um erro de ortografia, como assim é visto em uma abordagem tradicional da língua portuguesa e, sim, um “fenômeno fonológico em que um segmento consonantal ou vocálico é cancelado” em contexto de oralidade (CRISTÓFARO-SILVA, 2021, p. 59). Entretanto, torna-se problema quando o apagamento é transposto da oralidade para a escrita, ou seja, quando se transfere o fenômeno de uma modalidade para outra modalidade. No decorrer do estudo, notou-se que o cancelamento não ocorre aleatoriamente. Primeiramente, ocorre na modalidade oral. Segundamente, se evidencia na modalidade escrita e é motivado por questões de natureza linguística e social.

Ainda, nesse contexto, faz-se necessário chamar a atenção para o fato de que o apagamento é um fenômeno linguístico e, por conseguinte, inerente à língua no seu aspecto oral, mas quando sai desse contexto de origem e vai para outro, no caso, o da escrita, passa a ser compreendido como erro. E sendo um erro no âmbito da escrita, cabe à escola interferir nesse processo em que grafemas são apagados das palavras, compreendendo que oralidade e escrita são modos diferentes de uma língua e que possuem especificidades e contextos de uso. Por isso, esta pesquisa analisou não só a supressão do R em codas internas e externas como também investigou o acréscimo dessa letra em final de verbos na escrita de alunos do 6º ano e, a partir de atividades interventivas realizadas durante as oficinas pedagógicas, contribuiu para a redução de ocorrências do apagamento e da hipercorreção.

A pesquisadora citada, ao definir o processo de apagamento, aponta um dos fatores que condicionam a supressão de elementos sonoros em palavras. Segundo a linguista, o que explica a queda de um segmento é a tonicidade da sílaba, na qual ele está inserido. Estando o segmento vocálico na sílaba átona, a tendência é que ele seja apagado da estrutura da palavra, o que vale para o segmento consonantal, caso esteja em sílaba tônica. Na tentativa de que essa explicação fique clara, os exemplos a seguir podem ser observados: **abacaxi** > **ø**bacaxi, **amor** > amo**ø**. Nessas palavras, percebe-se que o segmento A no início de abacaxi e o segmento R no final de amor foram apagados por estarem, respectivamente, em sílabas átona e tônica, gerando novas variantes: ‘brigado’ e ‘amo’. O símbolo **ø** indica queda ou cancelamento desses fonemas nos vocábulos citados.

Enquanto, nos processos de apagamento, como, por exemplo, aférese, síncope e apócope, suprime-se uma vogal, uma consoante ou até uma sílaba inteira; na hipercorreção, o segmento vocálico ou consonantal é acrescentado, indevidamente, na estrutura vocabular, como exemplo, a forma ‘está’ que passa a ser ‘estar’. Bortoni-Ricardo (2004) cita esse exemplo no seu livro e explica como se realiza o fenômeno de hipercorreção na escrita ocorrido em alusão aos infinitivos verbais:

O falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /r/. Então, ao produzir uma forma como está, da terceira pessoa do singular do indicativo presente, imagina que nela também haveria um /r/ que foi gradualmente suprimido, e acrescenta esse suposto /r/, incorrendo numa hipercorreção (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85).

O apagamento pós-vogal e a hipercorreção em final de verbos são o tema deste estudo, para o qual foram traçados o objetivo geral, os objetivos específicos, as hipóteses e uma pergunta norteadora descritos a seguir.

Objetivo geral

Esta pesquisa objetiva analisar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o apagamento do /r/ em posição de coda e a hipercorreção em final de verbos diagnosticados nas atividades de escrita realizadas por alunos de 6º ano de uma escola pública da rede municipal de ensino de Pedro Velho/RN para promover uma escrita ortográfica em língua portuguesa a partir de um conjunto de atividades interventivas relacionadas aos objetos de investigação.

Objetivos específicos

- (i) Identificar contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem as ocorrências desses fenômenos.
- (ii) Descrever, sob o viés da Sociolinguística Variacionista, os fenômenos em foco a partir de variáveis linguísticas e não linguísticas.
- (iii) Propor atividades pedagógicas e estratégias linguísticas que minimizem os efeitos desses fenômenos na escrita de alunos participantes da pesquisa.

Pergunta norteadora de pesquisa

Procedimentos didáticos podem minimizar o apagamento do /r/ em posição de coda e a hipercorreção na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais?

Hipóteses

1. A ausência de registro do rótico pós-vocálico é resultado da interferência da fala espontânea na escrita dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais.
2. O apagamento da variável /r/ em codas silábicas e a hipercorreção em final de verbos são condicionados por fatores linguísticos e sociais.

3. A hipercorreção em verbos flexionados ocorre em alusão aos verbos em sua forma infinitiva.

Além dessa breve introdução, esta pesquisa conta com seis capítulos, dos quais quatro são teóricos, um é metodológico e o outro é sobre análise de dados de duas variáveis. Neste último capítulo, analisamos dados do apagamento e da hipercorreção em atividades diagnósticas de escrita aplicadas antes e depois das oficinas pedagógicas. Resumidamente, apresentaremos nos parágrafos seguintes o que foi discutido em cada capítulo da presente dissertação de Mestrado.

No primeiro capítulo, sob o título Breve revisão da Sociolinguística Variacionista, resgatamos duas principais pesquisas desenvolvidas por Labov na década de 60: A centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard (1963) e A estratificação social do /r/ nas lojas de departamento na cidade de Nova York (1966).

No segundo capítulo, Variação linguística sob perspectivas linguísticas, discorremos sobre o tema em três perspectivas. Na perspectiva variacionista, discutimos o conceito de variação, variável e variantes com base em Labov (2008), Tarallo (1986) e Coelho et al. (2023). Discutimos, também, a variação na perspectiva educacional de Bortoni-Ricardo (2004) que propõe os três contínuos de variação e um modelo de análise para pesquisas sociolinguísticas como esta. Finalmente, na perspectiva da Linguística Textual, abordamos a relação entre fala e escrita, bem como a transposição entre essas modalidades propostas por Marcuschi (2010).

No terceiro capítulo, Teoria da Mudança Linguística, tratamos dessa teoria a partir das ideias de Weinreich, Labov e Herzog ou WLH (1968). Os autores teorizam sobre casos de mudança, pela qual tendem passar as línguas naturais, que eles denominam de problemas. Listam cinco: problema de restrição, problema de transição, problema de encaixamento, problema de avaliação e problema de implementação. Ainda, nesse capítulo, abordamos a hipercorreção e apresentamos pesquisas sobre este fenômeno e sobre o apagamento do /r/.

No quarto capítulo, Estrutura silábica, descrevemos como se estrutura uma sílaba que pode ser constituída de três componentes: o onset, o núcleo e a coda. No entanto, o último ganhou tratamento enfático, já que os objetos analisados, o apagamento e a hipercorreção da variável R, situam-se em posição de coda silábica. A discussão envolveu diversos pesquisadores brasileiros como Pedrosa (2012), Bisol (2013) e outros. Também abordamos os processos fonológicos, inclusive apócope e paragoge, por entendermos que ambos têm relação com a temática discutida nesta dissertação, já que os fenômenos citados ocorrem em final de

palavras. Encerramos o capítulo, discutindo o apagamento da variável /r/ em posição pós-vocálica a partir de estudos já realizados sobre esta temática, como o Freire e Oliveria (2019).

No quinto capítulo, Procedimentos metodológicos, submetemos este trabalho a um conjunto de técnicas, tais como: **(i)** pesquisa bibliográfica, **(ii)** pesquisa-ação, **(iii)** procedimentos/instrumentos de geração de dados, **(iv)** local da pesquisa, **(v)** participantes da pesquisa, **(vi)** método de análise de dados e **(vii)** oficinas pedagógicas. Como analisamos dois temas nesta pesquisa, realizamos duas oficinas: a Oficina 1 trata do apagamento; a Oficina 2, da hipercorreção.

Por fim, no sexto capítulo, Análise dos dados e discussão, analisamos os dados do apagamento e da hipercorreção coletados de atividades diagnósticas aplicadas antes e depois das oficinas pedagógicas. O trabalho foi feito com 100 palavras extraídas de um corpus constituído por um ditado de palavras e um ditado de frases. Analisamos essa amostra a partir de variáveis linguísticas e sociais, conforme o modelo de análise variacionista. Com o auxílio de um programa, o Goldvarb X, rodamos os dados codificados e obtemos resultados percentuais e resultados de pesos relativos para as ocorrências dos objetos investigados.

Além dos capítulos, a dissertação foi encerrada com algumas considerações que o autor pontuou sobre esta pesquisa, direcionando o foco para questões de linguagem como a variação/mudança linguística em contexto escolar voltada para duas situações comuns no âmbito da escrita de alunos do 6º ano: o apagamento da letra **R** em posição de coda e a inserção indevida desse grafema em final de verbos flexionados.

1. BREVE REVISÃO DA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

“Martha’s Vineyard [...]: uma ilha de pronunciadores do r num mar de ausência do r.” (LABOV, 1972, p. 24)

Quando se fala em variação na língua, mais conhecida como variação linguística, é provável que o tema aponte para um nome importante em estudos sociolinguísticos que relacionam língua em uso e sociedade em que o falante está inserido. Trata-se de William Labov. O linguista ficou muito conhecido na década de 60 depois de estudar fenômenos variáveis da língua inglesa em duas comunidades de fala como a ilha de Martha’s Vineyard e a cidade de Nova Iorque, ambas nos Estados Unidos.

O pesquisador desenvolveu vários estudos no campo da variação, inclusive dois importantes trabalhos que podem ser mencionados aqui de forma sucinta. O primeiro foi uma pesquisa sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ que resultou em uma dissertação de Mestrado na universidade de Columbia, escrita, em 1962, sob a orientação do professor Uriel Weinreich, e publicada no ano seguinte, em 1963. Na pesquisa intitulada *The Social History of a Sound Change on the Island of Martha’s Vineyard*, ele analisou um caso de variação no inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, acerca dos ditongos /ay/ e /aw/.

Alguns anos depois, em 1966, defendeu o segundo trabalho sobre a variável /r/ em codas silábicas. O estudo foi tese de Doutorado com o título *The Social Stratification of English in New York City* que, em tradução para o português, significa “A estratificação social do /r/ nas lojas de departamento na cidade de Nova York”.

O que já se pode dizer sobre esse segundo trabalho é que ele foi mais do que uma tese. É, sobretudo, um fazer científico com todo o aparato teórico-metodológico que revolucionou os estudos linguísticos nos Estados Unidos e no mundo a partir da segunda metade do século XX. Labov é o criador de uma teoria, a Teoria da Variação.

Por estudar a relação entre língua e categorias sociais, Labov tornou-se uma referência para novos estudiosos no mundo afora, inclusive, no Brasil, e contribuiu junto a outros linguistas no surgimento da Sociolinguística, a ciência que analisa e descreve a língua a partir do seu contexto social.

Com relação ao primeiro trabalho, Labov escolheu Chilmark, um vilarejo situado na ilha alta de Martha’s Vineyard, no qual habitava um grupo de dezesseis pescadores, que

chamaram a atenção do pesquisador que logo percebeu que os falantes dali pronunciavam diferentemente os ditongos /au/ e /ay/ como marca identitária ou de pertencimento a uma comunidade da qual faziam parte.

Para sua pesquisa, ele escolheu “um aspecto linguístico característico de Martha’s Vineyard” (LABOV, 1972, p. 25) que é uma ilha situada no município de Dukes e constituída por grupos étnicos como ingleses, portugueses e indígenas, para onde se dirigiam turistas em época de veraneio nos meses de junho e julho.

Para investigar o fenômeno em variação na língua inglesa, Labov entrevistou 69 informantes divididos por região, ocupação, grupo étnico, gênero e faixa etária e certificou-se de que a língua varia por influências tanto de condicionadores externos quanto de fatores internos. Neste caso, sobre as variáveis linguísticas, citou contexto antecedente e contexto subsequente em palavras como aspectos que favorecem a centralização dos ditongos.

Em se tratando do contexto antecedente como o ambiente linguístico que favorece a variação, Labov (1972) afirma que as consoantes iniciais “/h, l, r, w, m, n/ em palavras como *house, light, right, wife* e *night*” são favorecedoras do fenômeno que ele chama de centralização dos ditongos (LABOV, 1972, p. 39).

Em suas observações, o autor percebeu diferenças na pronúncia da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/: “Em vez do padrão comum [...], [ai] e [au], frequentemente se ouve em Martha’s Vineyard [ɛi] e [ɛu], ou até mesmo [əi] e [əu]” (LABOV, 1972, p. 27).

Para explicar o conceito de variação linguística, Tarallo (1986, p. 13) cita a pesquisa de Labov desenvolvida em Martha’s Vineyard. Para o linguista brasileiro, variação significa “duas maneiras distintas de se pronunciar a vogal-núcleo dos ditongos /au/, como em *house*, e /ay/, como em *right*.” Ele esclarece o conceito de variação ao dizer que a pronúncia variável na fala resulta em duas variantes:

A variante local conservadora, não-padrão e estigmatizada é a pronúncia da vogal-núcleo como schwa [əu]; [əy]. A variante mais recente, inovadora e de prestígio, pois se assemelha à pronúncia do inglês-padrão, é a forma trazida pelos veranistas invasores da ilha. (TARALLO, 1986, p. 13).

Como se pode observar, de um lado, se tem uma forma estigmatizada que é o inglês não-padrão falado pelos nativos; do outro, se tem uma forma de prestígio ou inglês-padrão trazido pelos turistas que visitam a ilha em certos períodos do ano.

Em suma, a pesquisa laboviana sobre ditongos centralizados trouxe resultados, dos quais, dois relacionados à faixa etária e região foram reproduzidos, como mostram os Quadros seguintes 1 e 2.

Quadro 1 – Centralização de (ay) e (aw) por faixa etária

Idade	(ay)	(aw)
75 -	25	22
61 - 75	35	37
46 - 60	62	44
31 - 45	81	88
14 - 30	37	46

Fonte: Labov (1972, 41).

Conforme o Quadro 1, foram escolhidas cinco faixas etárias com destaque para o grupo com idades entre 31 e 45 anos, o que significa dizer que a centralização dos ditongos varia conforme uma determinada faixa de idade. No entanto, não é só o fator idade que impulsiona a variação, como também a região, onde vivem os informantes, corrobora para isso. É o que mostra o Quadro 2.

Quadro 2 – Distribuição geográfica da centralização

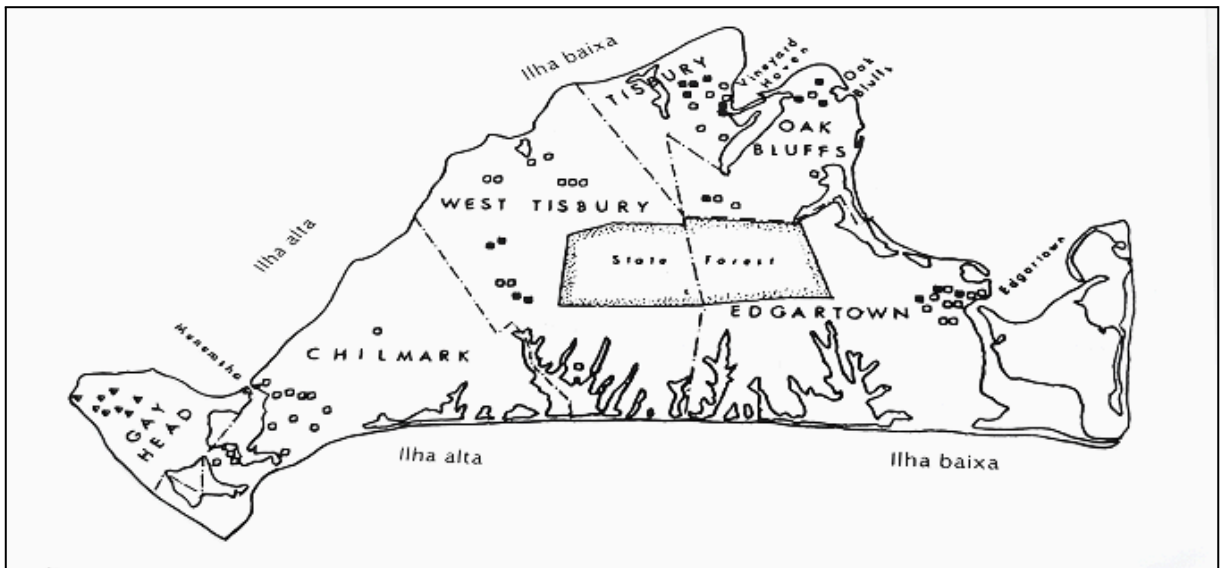
Martha's Vineyard	Variáveis	
	(ay)	(aw)
<u>Ilha baixa</u>	35	33
Edgartown	48	55
Oak Bluffs	33	10
Vineyard Haven	24	33
<u>Ilha alta</u>	61	66
Oak Bluffs	71	99
N. Tisbury	35	13
West Tisbury	51	51
Chilmark	100	81
Gay Head	51	81

Fonte: Adaptado de Labov (1972, p. 45).

Como se pode observar neste quadro, a ilha alta favorece a centralização dos ditongos mais do que a ilha baixa, principalmente, em Chilmark, onde as variáveis (ay) e (aw) apresentaram números maiores quando comparada a outros lugares vizinhos.

O Mapa 1 mostra Martha's Vineyard e sua divisão em ilha alta e ilha baixa. A ilha alta constitui a zona rural, enquanto que a ilha baixa é a zona urbana.

Mapa 1 – A ilha de Martha's Vineyard



Fonte: Labov (1972, p. 22).

Martha's Vineyard é composta por ilha baixa e ilha alta. A primeira é conhecida como a região dos vilarejos. A segunda é uma área rural onde ficam casas de veraneio e diversos lugarejos, inclusive, Chilmark, uma comunidade de pescadores que chamaram a atenção de Labov. Lá, foi encontrado de forma mais proeminente o fenômeno linguístico que foi investigado.

A ilha é dividida em duas partes [...]. A ilha baixa é a região dos vilarejos, onde vivem quase três quartos da população permanente. A ilha alta é estritamente rural, com poucos lugarejos, fazendas, casas de veraneio isoladas, lagoas de água salgada e pântanos, e uma grande área central desabitada, com pinheirais improdutivos (LABOV, 1972, p. 23).

O segundo estudo desenvolvido por Labov analisa a presença/ausência da consoante /r/ em posição pós-vocálica no inglês falado em Nova York. Para isso, o pesquisador entrevistou em Manhattan, o centro da cidade de Nova Iorque, vendedores de três departamentos de lojas, a saber: Saks Fifth Avenue, Macy's e S. Klein.

As lojas de roupas foram classificadas conforme a sua localização espacial, prestígio, instalações físicas, preços de mercadorias, status dos jornais em que publicavam seus anúncios e condições de trabalho dos vendedores. Elas tinham clientela específicas. Por exemplo, Saks, de status superior, destinava-se para a classe média alta; Macys, de status médio, possuía outro público, ou seja, a classe média baixa; e Klein, de status inferior, era frequentada pela classe baixa.

Labov partiu da ideia de que a estratificação das lojas exerceria influência direta na língua, na maneira como os informantes pronunciavam o r em posição final de sílabas ou de palavras. Por isso, ele pensou na hipótese de que os vendedores dos três departamentos, em contato com seus clientes de diferentes classes sociais, apresentariam em suas falas usos linguísticos diferenciados. Assim, os empregados da Saks pronunciariam o r final mais do que os funcionários da Macy's e Klein. Os resultados da pesquisa comprovam essa suposição de Labov.

Para observar o modo como o /r/ era pronunciado ou não por vendedores, Labov coletou dados de fala nos três estabelecimentos previamente selecionados quando entrevistou 246 informantes distribuídos da seguinte forma: 68 na Saks, 125 na Macy's e 71 na Klein. Esses informantes foram divididos em três categorias distintas: na primeira, estão os que exibem na pronúncia somente o r; na segunda, os que usam ao menos essa consoante e, finalmente, na terceira, os que apagam a variável r. O seu método de coleta foi o de entrevistas que ocorriam da seguinte maneira:

O entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento específico. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: 'Por favor, onde ficam os sapatos femininos?', a resposta geralmente era: 'Fourth floor' (Quarto andar). O entrevistador então se inclinava para a frente e dizia: 'Como?' Normalmente, ele obtinha outro enunciado: 'Fourthfloor', pronunciado em estilo monitorado com acento enfatizado (LABOV, 1972, p. 70).

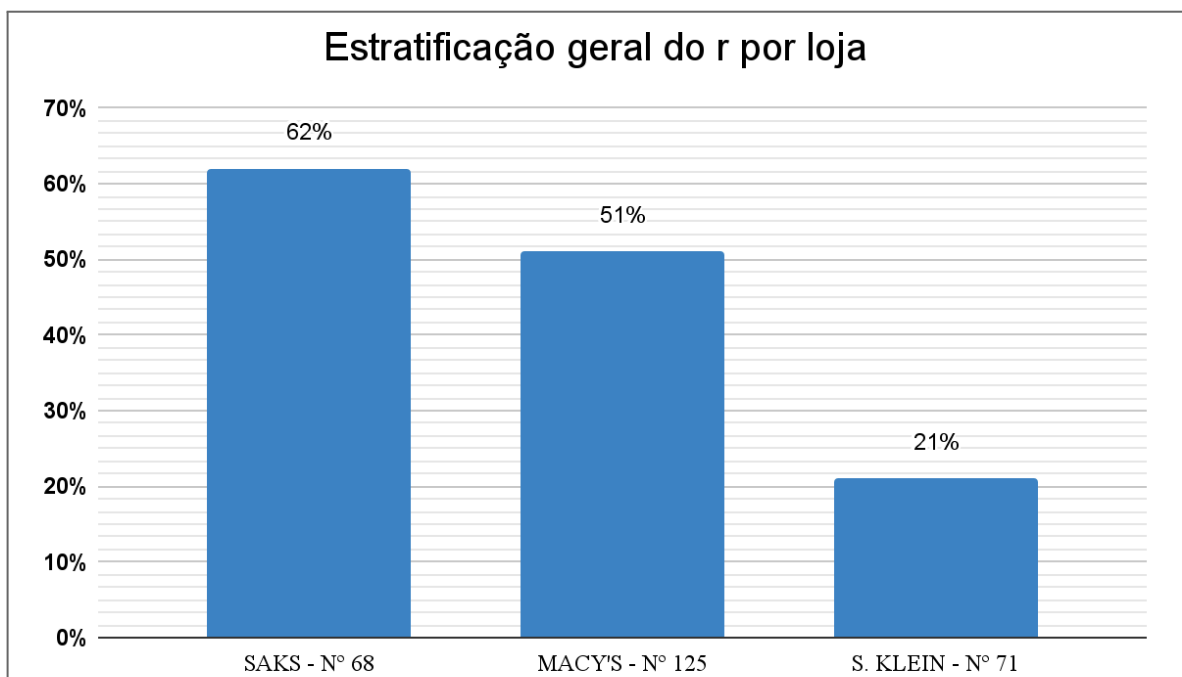
Ele, nesse momento, observava se o dado linguístico, que seria investigado, era pronunciado ou apagado na fala e, em seguida, longe do campo de visão de quem foi interrogado, registrava as ocorrências. Dessa maneira, por meio da entrevista, identificou quatro ocorrências nas posições medial e final de palavras em dois níveis de fala: casual (*fourth floor*) e enfático (*fourth floor*), conforme mostram os exemplos citados em que se destaca o elemento que fora observado (r).

Entretanto, essa não foi a única variável pesquisada, outras quatro também compuseram o corpus como (eh), (oh), (th) e (dh). Por exemplo, Labov coletou informação sobre a variável (th) na palavra fourth e a sua variação não padrão empregada pelo falante. É importante destacar que, em Nova Iorque, a pronúncia-padrão do /r/ pós-vocálico era a rótica retroflexa.

A partir dessa coleta, os dados foram analisados. Para isso, utilizou-se de gráficos e tabelas considerando-se fatores que favorecem a variação, no caso específico da investigação laboviana, trata-se de variação fonológica. Seu intuito era mostrar que a língua varia por influência de forças externas a ela.

Para ilustrar esse trabalho de investigação, reproduz-se o Gráfico 1 que sintetiza os resultados da pesquisa conduzida por Labov que correlaciona o fenômeno linguístico e as condições socioeconômicas das três lojas, onde estavam as pessoas que foram entrevistadas.

Gráfico 1 – Estratificação geral do r por loja



Fonte: Adaptado de Labov (1972, p. 72).

Eis as respostas dos vendedores traduzidas em dados estatísticos para a única pergunta que Labov fez aos entrevistados das três redes de lojas.

Os resultados comprovaram que houve uso diferenciado de /r/ nas três lojas. Saks apresentou um número percentual maior de informantes que pronunciavam a consoante (62% de um total de 68 pessoas ouvidas), seguida por Macy's (51%, embora o número de

entrevistados seja maior em relação à loja elitista, chegando, portanto, a 125) e Klein (21% entre os 71 vendedores) numa ordem decrescente (da loja sofisticada, no caso, a Saks, passando, em seguida, pela Macy's, com um padrão de sofisticação médio, até chegar a Klein, a mais popular das três).

Levando-se em consideração essas informações, conclui-se que existiam duas variantes: a variante nova e a variante estigmatizada. Na primeira, considerada variante de prestígio, notava-se a presença do r. Na segunda, forma conservadora, constatava-se a sua ausência.

2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SOB PERSPECTIVAS LINGUÍSTICAS

2.1 Variação linguística na perspectiva variacionista

2.1.1 Conceito de variação

Já que, em suas pesquisas, Labov tratou de variação quando analisou falas em contextos de uso, resta saber o que esse fenômeno significa. O que é, então, variação linguística?

Antes de mais uma resposta, já se sabe que todas as línguas naturais variam ou se modificam em seus aspectos internos e estruturais quando estão em situações reais de uso. A variação é inerente à língua, o que é fato comprovado pelas ciências da linguagem. Ela é um dos princípios labovianos em oposição às ideias vigentes na época, no século XX, propagadas por correntes como o estruturalismo e o gerativismo, nas quais o objeto de interesse é a língua em detrimento da fala.

Mas não foi só Labov que se opôs ao pensamento puramente estruturalista daquela época. Outros linguistas, a exemplo de Meillet, Bakhtin, Jakobson, Cohen e Benveniste, contrários ao princípio defendido por Saussure de que “a língua é de natureza homogênea” (1975, p. 23), surgiram no cenário europeu, a partir de 1930, para incluir, nos estudos linguísticos, a relação entre linguagem e sociedade deixada de fora por ele.

Escrito por ex-alunos de Saussure e publicado em 1916, o Curso de Linguística Geral deu início à linguística moderna e o estruturalismo. Obra única, o referido livro, atribuído ao linguista suíço, aborda a língua a partir de dicotomias. Ao todo, são cinco. A langue (língua) e a parole (fala), uma dessas dicotomias, são, respectivamente, objetos de discussão para Ferdinand de Saussure e William Labov.

A fala despertou o interesse de Labov que, após a realização de pesquisas em comunidades urbanas, “fixou um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social” (ALKMIN, 2012, p. 32). Esse modelo ficou conhecido, segundo a autora, como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

A Sociolinguística, como o nome sugere, reúne, em sua composição, dois termos que remetem à sociedade e à língua, que são elementos indissociáveis nos estudos linguísticos. O termo surgiu em 1964, quando William Bright organizou um congresso na Universidade da

Califórnia, em Los Angeles, com a participação de linguistas defensores da relação entre língua e sociedade como John Gumperz, Del Hymes, William Labov, dentre outros.

Dois anos depois, em 1966, Bright publicou a obra intitulada *Sociolinguistics* com os trabalhos apresentados no evento. Nascia, então, a Sociolinguística, uma nova área da Linguística, para estudar, descrever e analisar a língua falada sob a ótica de uma ciência e desfazer o equívoco de quem pensou ou ainda pensa que “a língua em uso é uma espécie de caos, uma terra de ninguém, sujeita, portanto, ao uso arbitrário de seus recursos” (CAMACHO, 2012, p. 54).

O que era visto como caótico agora pode ser explicado cientificamente pela Sociolinguística, a ciência que analisa a variação na língua em seu contexto social. Nesse sentido, Camacho (2012) cita exemplos para explicar que esse fenômeno não ocorre aleatoriamente e deve ser compreendido como forma alternativa de se dizer a mesma coisa sem mudar, portanto, o sentido da sentença, como nestes enunciados: “Cê leu **os livros**?” Ou “Cê leu **os livroØ**?” (CAMACHO, 2012, p. 54).

Observa-se, nesses exemplos, que as duas construções são diferentes, porém o sentido de ambas não foi alterado. Enquanto que, na primeira, o substantivo em destaque carrega em seu final a marca de plural; na segunda, o vocábulo é marcado pela ausência do morfema representado pela letra s. Assim, pode-se dizer que o segundo enunciado é uma variação do primeiro, porque não houve entre eles a alteração de sentido.

Mas o que explica isso? Direto ao ponto, é o contexto linguístico em que está inserido o segmento /s/. Como se nota, esse elemento está no final de uma sílaba átona, o que torna facultativo o seu uso, gerando ora uma forma, ora outra. Caso estivesse em uma sílaba tônica final de uma palavra como “**ananás**”, ele não seria apagado pelo falante. Então, o parâmetro para mantê-lo ou apagá-lo nas palavras citadas é a tonicidade da sílaba (se é átona ou tônica) em que ele se encontra.

Cabe, ainda, outra explicação para o primeiro caso. No primeiro enunciado, o plural está explícito no determinante e, também, no substantivo: **os livros**. Ou seja, há uma concordância em número entre as duas classes de palavras. Essa forma de pluralizar artigo e substantivo é padrão na língua, todavia, redundante e muito comum na escrita e até na fala quando monitorada.

No entanto, isso não ocorre no segundo, em que o artigo está no plural, enquanto que o substantivo está no singular (**os livroØ**) porque, em uma fala espontânea, em situação de não monitoramento, o falante do português brasileiro não admite redundâncias. Ele compreende

que a ideia de pluralidade já foi transmitida pelo artigo por meio do emprego da letra s, repeti-la no vocábulo seguinte é, indubitavelmente, desnecessário.

É claro que o falante dessa variante, não seguindo o padrão determinado, traz indícios linguísticos reveladores da classe social à qual pertence e do seu grau de escolaridade, o que pode ser motivo de chacota no meio social em que ele vive.

Explicado o conceito de variação com o sentido de “termo alternativo para variantes linguísticas” (CRYSTAL, 2000, p. 264) ou “alternância entre duas formas com o mesmo significado” (CAMACHO, 2012, p. 62), é fundamental frisar que a língua varia tanto em níveis linguísticos quanto em níveis extralinguísticos.

2.1.2 Tipos de variação

Os fatores linguísticos são inerentes à estrutura da língua e, segundo Coelho et al. (2023), resultam em variação do tipo fonológico, morfológico e sintático.

2.1.2.1 Variação fonológica

cantor ~ cantô.

Nesse exemplo, observa-se que, na pronúncia do substantivo, houve a queda do fonema final, gerando outra forma linguística sem a presença desse segmento. O fenômeno ocorre na fala, por isso que é fonológico. E assim, está relacionado a um som que não é pronunciado na fala: o som do r.

No nível fonológico, ocorre a supressão de um fonema em determinadas palavras quando pronunciadas como mostrou o exemplo dado.

2.1.2.2 Variação morfológica

Como o próprio nome sugere: morfema que é uma parte da palavra que tem uma função gramatical. No exemplo a seguir, o morfema -s informa que o verbo, do qual faz parte, faz referência à segunda pessoa do singular:

tu andas ~ tu anda.

Nesse caso, é o morfema que sofre alteração, ou melhor, ele é apagado na segunda forma variante.

2.1.2.3 Variação sintática

Nesse nível, observa-se a relação entre as palavras que constituem frases. Na frase 1, por exemplo, a relação se dá entre o verbo da segunda oração (verbo referir) e a preposição “a” que foi inserida antes dessa oração por exigência daquele verbo.

1. “O filme **a** que me referi é muito bom”.
2. “O filme que me referi é muito bom”.

A primeira frase é padrão conforme os preceitos gramaticais e é um caso de regência verbal, segundo a qual, o verbo da segunda oração destacado em negrito (que me **referi**) rege a preposição (**a**) que foi colocada antes do pronome antecedente (que). Na segunda frase que não é padrão, nota-se que a preposição foi omitida. Esta construção, que é muito comum no dia a dia, substitui aquela nas relações interpessoais.

Ambas estão em variação. Continuarão para sempre nesse estado ou uma forma será substituída definitivamente pela outra. Não se sabe. Porém, se isso acontecer, haverá, então, um caso de mudança linguística.

Ainda, de acordo com Coelho et al. (2023), a variação é condicionada por fatores externos à língua, resultando em tipos como:

2.1.2.4 Variação regional ou diatópica

Esse tipo de variação permite identificar a origem do falante por meio do emprego do léxico e traços fonológicos. Itens lexicais como jerimum e abóbora informam que os brasileiros habitam regiões diferentes do país.

Se, no Nordeste, a opção é por jerimum; no Sudeste, ouve-se falar abóbora. É importante chamar a atenção para os dois substantivos, pois ambos nomeiam uma única espécie de planta utilizada pela culinária brasileira. As palavras em foco, que são sinônimas, estão no nível semântico. É claro que existem muitos outros vocábulos que poderiam ser citados como exemplos de variação regional, mas a opção aqui foi por macaxeira, aipim e mandioca que compõem, respectivamente, três dialetos diferentes: nordestino, carioca e paulista.

O que se observa aí é a variação em relação ao léxico do português do Brasil, mas pode ocorrer também variação na pronúncia de certos fonemas dos sistemas vocálico e consonantal. No sistema vocálico, por exemplo, pode-se perceber adiante que as vogais /e/ e

/o/, na posição pretônica, têm pronúncia aberta na região Nordeste e pronúncia fechada no Sul e Sudeste:

Um exemplo perceptível é a pronúncia das vogais /e/ e /o/ pré-tônicas em palavras como ‘peteca’ e ‘moderno.’ em alguns dialetos do Nordeste, elas são pronunciadas abertas (p[ɛ]teça) e m[ɔ]derno), e em alguns dialetos do Sudeste e do Sul do Brasil são pronunciadas fechadas (p[e]teca e m[o]derno)” Coelho et al. (2023, p. 39 – 40).

Neste caso, são observadas duas variáveis: /e/ e /o/. A primeira gera duas variantes: uma com vogal aberta, a outra com vogal fechada. A segunda também produz duas formas variantes, em que as vogais têm pronúncia aberta e fechada. Essa diferença relacionada à pronúncia está no nível fonético-fonológico. Portanto, a variação de que se fala agora caracteriza-se por dois níveis: semântico e fonológico.

2.1.2.5 Variação social ou diastrática

Fatores, que não estão na língua e, sim, fora da sua estrutura, condicionam a forma como se fala uma variante ou outra. São chamados de condicionadores extralinguísticos.

Como já apresentados, estudos sociolinguísticos realizados na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, têm mostrado que o grupo menos privilegiado favorece o uso da forma não padrão, já os mais privilegiados optam pela variante padrão. Esse foi o resultado da pesquisa de Labov (1972) sobre a presença/ausência de r em codas silábicas influenciado pelo fator socioeconômico dos informantes.

No Brasil, dos anos de 1980 para cá, muitas pesquisas têm sido realizadas no campo da variação por linguistas como Fernando Tarallo (1986) e Marta Scherre (1996) entre outros inúmeros estudiosos.

Levando-se em conta o grau de escolaridade como fator social, a pesquisadora Scherre realizou um estudo sobre concordância nominal na cidade do Rio de Janeiro e observou que os índices da concordância padrão crescem à medida que aumentam os anos de escolarização dos falantes. Além disso, é importante dizer que outras variáveis como sexo/gênero e faixa etária também condicionam a língua.

No que se diz respeito ao gênero, estudos apontam que a mulher é mais conservadora por razões culturais e reproduz esse comportamento na língua que ela fala. Assim, tende a manter a variante padrão em vez da forma não-padrão. Ao contrário dela, o homem, com

postura inovadora, opta pela variante não padrão. Ele é quem mais impulsiona a variação linguística.

Sobre a faixa etária, estudos também mostram que os mais jovens são adeptos da variante nova, ou seja, a forma não padrão da língua. Já as pessoas de mais idade, conservadoras de hábitos, costumes e cultura, são usuárias do padrão linguístico.

2.1.1.6 Variação estilística ou diafásica

Para entendê-la, é necessário estabelecer uma relação entre roupa e língua. Ninguém tem apenas uma única vestimenta para se usar em casa e fora dela. Há várias peças no guarda-roupa à espera de um momento oportuno: umas para o lar, outras para passeios, viagens, trabalhos e eventos em geral e serão utilizadas de acordo com a ocasião ou lugar, para onde se pretende ir. Ninguém vai à praia vestido de terno e gravata para tomar banho de mar. Pode até ir, mas a roupa não está adequada ao ambiente. Para a praia, se põe uma roupa específica, a de banho.

A ideia aqui é vestir-se de acordo com o lugar. Com a língua, isso não pode ser diferente, dado o conhecimento de que ela é variável e heterogênea. Nesse sentido, o sujeito varia a língua para adequá-la à situação de comunicação, ao interlocutor, ao gênero textual e sua temática que são os fatores que motivam a variação estilística.

Essa variação pode ser percebida no estudo sobre os usos de /r/ desenvolvido por Labov (2008, p. 243): “não existe falante de estilo único.” O linguista detectou o estilo formal na fala enfática (presença de r) e o estilo informal na fala casual (ausência de r) dos informantes. Ambos os estilos são representados respectivamente por duas variantes: uma de alto prestígio, a outra de baixo prestígio. A primeira empregada em situações monitoradas, a segunda é muito comum em circunstâncias, nas quais o falante não se vê monitorado.

Dito isso, agora ficou mais fácil compreender esse tipo de variação caracterizada pelo estilo, que é a palavra-chave desse conceito. Existem o estilo formal e o estilo informal ou, se preferir, registro formal e o registro informal da língua em uso. Para uma comunicação formal, usa-se o registro formal. Para uma comunicação informal, usa-se o registro informal, mas não se pode esquecer que é a situação comunicativa que vai determinar este ou aquele tipo de estilo.

Parece que isso está muito óbvio para o leitor. Então, não se pode inverter essa lógica. Caso ocorra a inversão, diz-se que a língua foi empregada de modo inadequado, o que deve

ser sempre evitado. Assim como há uma roupa apropriada para cada lugar, há um estilo de fala para cada situação de comunicação. Logo, vestir-se bem é vestir conforme o ambiente, falar bem é adequar a fala ao contexto em que locutor e interlocutor estão inseridos.

2.1.2.7 Variação diamésica

Já se percebe que, aqui, se tem um fenômeno que vai de encontro às ideias de linguistas estruturalistas como Saussure e Chomsky. Para os expoentes do estruturalismo e do gerativismo, a língua é um sistema homogêneo que assim não permite a sua variação. No entanto, a variação ocorre não só na fala, mas também na escrita. Por isso que ela é diamésica.

Os estudos variacionistas datam da década de 1960 e têm Labov como precursor da Sociolinguística quando pesquisou fenômenos linguísticos no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard e na cidade de Nova York nos Estados Unidos. Apesar de algumas décadas já decorridas, as pesquisas sociolinguísticas são, em número restrito, no campo da escrita, se comparado com tantos estudos desenvolvidos no âmbito da fala.

Assim, a fala tem sido objeto de inúmeros trabalhos para pesquisadores brasileiros, talvez pelo fato de que, nessa modalidade da língua, existam muitos fenômenos em variação. Para linguistas conservadores, a fala é espontânea, natural e improvisada. A escrita é, entretanto, artificial e planejada. Uma é mais variável; a outra, menos. Por essa descrição questionável, é notório que as duas modalidades da língua sejam diferentes. Os métodos de coleta também.

Quanto à metodologia, os dados de fala são gerados por meio de leitura de textos, pares mínimos e entrevistas orais que o pesquisador submete à transcrição. A coleta deve ocorrer em situações não monitoradas de modo que o informante não se sinta acuado em fornecer dados espontâneos do seu dialeto, isto é, a variante que ele usa no dia a dia, na interação com outras pessoas bem próximas do seu convívio pessoal e familiar.

Os dados de escrita, por sua vez, advêm de uma produção textual ou atividades de escrita. Nesse contexto, a escrita é menos variável - como já dito - porque se submete a regras de natureza ortográfica e normativa. Para obter variáveis em uma amostra de escrita, é importante escolher bem o gênero que será produzido pelos participantes da pesquisa. Entre tantos gêneros de texto, sugere-se o que for mais espontâneo, mais próximo da fala. O relato pessoal é um ótimo exemplo de gênero textual.

Coletadas as informações, o pesquisador busca analisá-las a partir de parâmetros linguísticos e extralinguísticos para entender por qual razão a língua é variável. Na visão dos sociolinguistas, não existe variação livre: “toda variação é condicionada, podendo esse condicionamento ser de uma restrição linguística ou social” (HORA, 2012, p. 43).

2.1.3 Variável e variantes

Em pesquisas sociolinguísticas, um pesquisador depara-se com inúmeras terminologias específicas do campo semântico da Sociolinguística como variável e variantes, que, embora sejam conceitos distintos, estão sempre relacionados como se fossem duas faces de uma mesma moeda. Fazendo uma analogia, a moeda seria a variável e as faces, as variantes.

Para compreender essa metáfora, nada melhor do que citar a gramática da língua portuguesa como exemplo real. Aliás, a gramática normativa é um arcabouço de variáveis e um campo fértil para se estudar a língua em seus contextos reais de uso. Se observarmos as falas espontâneas de falantes brasileiros e a gramática do português, perceberemos que a língua é um organismo vivo e como tal se modifica em momentos de interação por influência de inúmeros fatores. Em decorrência dessa característica de variabilidade, que é intrínseca a todas as línguas naturais, há, de um lado, o fenômeno linguístico chamado de variável; do outro, suas variantes.

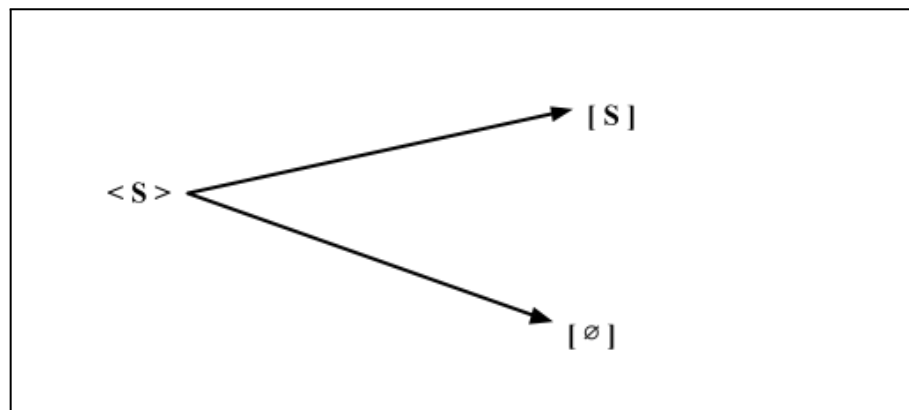
Por modificar-se em aspectos fonológicos, mórficos e sintáticos, a língua é variável e heterogênea. Por exemplo, no português brasileiro, o sistema pronominal está em variação, em especial os pronomes pessoais retos. Nesse caso, a segunda pessoa do singular é uma variável. Logo, os pronomes tu e você são duas variantes daquele fenômeno. Ainda, nesse quadro de pronomes, há outra variável que é a primeira pessoa do plural e suas variantes: nós e a gente. É claro que existem inúmeros outros fenômenos variáveis como a concordância verbal, a monotongação dos ditongos decrescentes, a consoante /r/ em codas silábicas, a hipercorreção, dentre outros. Mas o que significam variável e variantes? Define-se variável como o nome que se dá para o fenômeno em variação. E como todo fenômeno linguístico tem suas variantes, estas significam duas maneiras de dizer algo com o mesmo significado e valor de verdade. Adiante faremos um breve passeio por esses conceitos sociolinguísticos.

2.1.3.1 Variantes e tipos

Variantes linguísticas são formas em variação ou, conforme Tarallo (1986), “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.” O autor define variável como “um conjunto de variantes” e exemplifica os dois conceitos: variável e variantes (TARALLO, 1986, p. 8).

De acordo com o professor, a marcação de plural no sintagma nominal é uma variável linguística, que se constitui por duas variantes: uma com a presença do segmento /s/, a outra com a ausência desse segmento. Na Figura 1, a variável /s/ está dentro de parênteses angulares e as variantes estão entre colchetes.

Figura 1 – Variável e variantes



Fonte: Tarallo (1986, p. 9).

Para Tarallo (1986), o SN a seguir é constituído por um determinante, um nome e um modificador e está em variação:

1. As menina**S** bonita**S**
2. a**S** menina**S** bonita**∅**
3. a**S** menina**∅** bonita**∅**

Conforme o exemplo do linguista, o sintagma 1 representa o dialeto padrão, pois o elemento indicador de plural está presente, ainda que de forma redundante, em todos os seus constituintes. Entretanto, o que é padrão também se modifica. É o que se pode notar em 2 e 3. São as variantes. Na variante 2, o indicador de plural se mantém no determinante e no nome e se apaga no modificador. Na variante 3, restou o plural apenas no determinante.

Essa variação em 2 e 3 representa o português não padrão que, por sua essência linguística, não é redundante. Pelo contrário, apresenta uma economia rigorosa na distribuição do segmento /s/ no sintagma nominal como se pode observar nas formas variantes, principalmente na 3, na qual a marca de plural aparece somente no primeiro elemento do SN e não se repete nos elementos seguintes. Não se repete porque a ideia de pluralidade já foi transmitida inicialmente pelo falante da sentença.

É necessário dizer que a variação existe no português falado no Brasil e é legítima porque ela pode ser sistematizada. Para isso, Tarallo (1986, p. 10-11) propõe um modelo de análise composto por cinco passos:

1. levantamento de dados da língua falada
2. descrição da variável acompanhada de suas variantes
3. análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos
4. encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade
5. projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade.

Isso mostra que a fala não é o vale-tudo nem o caos. Ela é um “sistema devidamente estruturado” e organizado com regras variáveis que se opõem às regras categóricas do código linguístico, permitindo que o linguista faça descrição, análise e projeção da estrutura linguística a partir do levantamento de dados coletados para compreender que “o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias linguísticas e não linguísticas” (TARALLO, 1986, p. 11).

Tratando-se de variação, é imprescindível compreender que regras variáveis não são obrigatórias como as regras categóricas. No português brasileiro, a regra categórica determina que o artigo seja posto sempre na frente do substantivo, pois não se admite outra posição para o determinante. Por outro lado, a regra variável é flexível e se aplica na concordância entre artigo e substantivo, gerando duas possibilidades de uso linguístico: os carros/os carro[Ø].

Ainda, de acordo com Tarallo (1986), observa-se o seguinte fato: toda mudança já foi variação, mas nem toda variação resultará em mudança, o que se quer dizer que certas variantes de uma variável podem continuar em conflito por tempo indeterminado ou conviver harmoniosamente. Já se pode dar como exemplo de mudança linguística o pronome usado em referência à segunda pessoa do discurso que, em tempos passados, já teve outras formas como ‘vossa mercê’ e ‘vosmicê’ até chegar à forma usual: ‘você’ que, na atualidade, está em variação, com as formas cê e vc.

Vale destacar uma característica das formas variantes. Elas são, segundo Coelho et al. (2023), substituíveis e, ainda assim, mantêm o seu significado. Como exemplo, cita-se a palavra peixe que pode ser pronunciada de duas maneiras: peixe (com pronúncia do ditongo ei) e ‘pexe’ (pronuncia-se apenas a primeira vogal do encontro vocálico que foi apagado nessa variante).

Logo se percebe que o significado dessas duas variantes não mudou. Ao dizer uma forma ou outra, o falante faz referência a um animal específico que vive na água, que tem nadadeiras e respira por brânquias. A pronúncia da palavra pode até variar, mas o seu significado não muda. É como bem disse Tarallo (1986) sobre variantes: há modos diferentes de se dizer algo e com mesmo valor de verdade, ou seja, com o mesmo significado.

2.1.3.2 Variável e tipos

Existe a variável dependente e existem as variáveis independentes. A variável dependente – como já foi explicado – é o fenômeno linguístico que, para variar, depende de fatores condicionadores. As variáveis independentes que, por sua vez, definem-se a partir do tipo de fenômeno investigado, são grupos de fatores de natureza distinta e classificam-se em sociais e linguísticas.

São variáveis sociais: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, profissão, etnia e religião do informante dentre outros fatores. Por sua vez, as variáveis linguísticas que modificam a estrutura interna da língua são, por exemplo, do tipo: contexto fonológico precedente, contexto fonológico subsequente, classe morfológica das palavras, etc. Tanto os fatores internos quanto externos à língua podem influenciar o uso de uma ou outra variante linguística. A variante pode ser padrão e não-padrão. “A variante considerada padrão é [...] conservadora e [...] goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras [...] são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade” (TARALLO, 1986, p. 12).

O autor, na figura 1, já apresentada, cita a variável <s> como marca de plural no PB e suas formas variantes. A variante [s] é padrão. No entanto, a variante [Ø] é não-padrão. Neste caso, como existem duas formas de se dizer algo, elas estão em campo de batalha, em concorrência. Vencendo a competição, a forma linguística vitoriosa encaixa-se no sistema linguístico e social da comunidade, consolidando o que se chama de mudança linguística. Esse é o caso de ‘nós’ ou ‘a gente’, ‘tu’ ou ‘você’ que se encontram em variação e, portanto,

em concorrência entre si, mas apenas uma variante em cada par pode vencer o conflito e ocupar um lugar definitivo na língua.

2.2 Variação linguística na perspectiva educacional

2.2.1 A Sociolinguística Educacional: conceito e proposta

A Sociolinguística Educacional é uma das vertentes da Sociolinguística. É assim denominada porque estabelece interface com a educação, especialmente com o ensino e aprendizagem de línguas. No caso do Brasil, a língua portuguesa.

De acordo com a precursora dessa vertente em nosso país, Bortoni-Ricardo (2005), a Sociolinguística Educacional é definida como “todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área do ensino de língua materna” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.128).

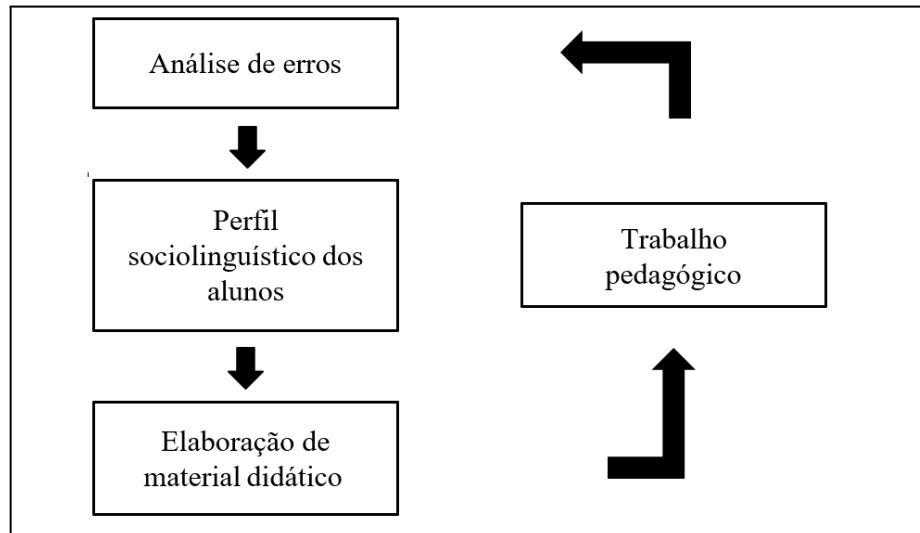
Uma das propostas é a ‘pedagogia culturalmente sensível’ que tem um papel importante para a promoção da aprendizagem da língua na escola, porque aproxima o sujeito que aprende e o sujeito que ensina ao objeto de ensino que é a língua. E, nessa relação mútua, o professor detém um olhar sensível aos saberes dos alunos. Segundo Erickson (1987, p. 355):

Uma pedagogia culturalmente sensível é um tipo de esforço especial empreendido pela escola, a fim de reduzir os problemas de comunicação entre professores e alunos, de desenvolver a confiança e impedir a gênese de conflito que se move rapidamente para além das dificuldades de comunicação, transformando-se em lutas amargas de trocas de identidade negativas entre alunos e seus professores.

Bortoni-Ricardo (2005) traduz o conceito ‘culturally responsive pedagogy’ de Frederick Erickson (1987) ao dizer que o professor deve: “Criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos.” Ainda, de com a pesquisadora brasileira, “tal ajustamento nos processos interacionais é facilitador da transmissão do conhecimento, na medida em que se ativam nos educandos processos cognitivos associados aos processos sociais que lhes são familiares” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128).

A autora orienta o professor de Língua Portuguesa como ele pode fazer um trabalho pedagógico sobre a variação linguística. Para isso, propõe, com base em Corder (1973), o seguinte diagrama, como mostra a Figura 2.

Figura 2 – Análise e diagnose de erros



Fonte: Bortoni-Ricardo (2005, p. 59).

De acordo com a pesquisadora brasileira:

A análise [...] permite o levantamento de um perfil sociolinguístico dos alunos, o que servirá de subsídio para a elaboração de estratégias pedagógicas e de material didático adequado. Por fim, da aplicação desses recursos pedagógicos deverá resultar um feedback para o processo da descrição sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 59).

A proposta pedagógica é composta por três etapas. Inicialmente, o docente aplica uma atividade diagnóstica para identificar e analisar o que é chamado de erro numa abordagem tradicional de ensino. Em um segundo momento, identifica-se o perfil desses sujeitos, por meio de um questionário sociolinguístico, com informações sobre idade, sexo/gênero, lugar de origem, entre outras, para, a partir dessas duas primeiras etapas, elaborar o material didático necessário ao desenvolvimento da aula, com o propósito de promover intervenções pedagógicas e reflexões linguísticas sobre o fenômeno variável que constitui o objeto de estudo do pesquisador.

2.2.2 Os contínuos de variação

Em se tratando de variação linguística no português brasileiro, Bortoni-Ricardo (2004) explica que a heterogeneidade da língua pode ser analisada por meio de contínuos. Ela propõe

2.2.2.2 Contínuo de oralidade-letramento

Figura 4 – Contínuo de oralidade-letramento



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

Conforme representada nessa imagem, a linha imaginária ou contínuo de oralidade-letramento se compõe de dois eventos de comunicação. Quando mediados pela escrita, são chamados de eventos de letramento ou, se não têm influência da língua escrita, são eventos de oralidade.

Um exemplo de evento de letramento são os telejornais, porque os apresentadores se apoiam em um texto escrito previamente que é lido para os telespectadores quando o jornal vai ao ar. Entretanto, uma conversa informal, por exemplo, é um evento de oralidade que pode ter influências de letramento, pois “não existem fronteiras bem marcadas entre os eventos de oralidade e letramento” (BORTONI-RICARDO, 2004, 62).

2.2.2.3 Contínuo de monitoração estilística

Figura 5 – Contínuo de monitoração estilística



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 62).

No contínuo de monitoração estilística, os estilos variam “desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 62). E isso ocorre, porque os eventos comunicativos são condicionados por fatores como o ambiente, o interlocutor e o assunto da conversa.

Como nos outros contínuos, aqui também não existe fronteira entre os estilos. O mesmo falante pode alternar o estilo durante a interação e ocupar qualquer posição ao longo

do contínuo. A variação de um estilo para outro reflete, portanto, a percepção que o falante tem de si próprio, do seu interlocutor e do assunto tratado entre eles.

2.3 Variação linguística na perspectiva da Linguística Textual

2.3.1 A relação fala e escrita

A fala não representa a escrita, porque ambas são códigos diferentes que têm suas especificidades. Enquanto a fala é representada por elementos sonoros, hesitações, entonação, repetição de palavras, marcadores discursivos e até redundâncias, a escrita se constitui de recursos gráficos como o tamanho e tipo de letra, cores e formatos e pontuação.

São, portanto, os aspectos sonoros e gráficos que distinguem, respectivamente, a modalidade oral da modalidade escrita. Para que isso fique claro, observa-se, por exemplo, a palavra cantor que pode ser representada nas duas modalidades da língua de maneiras distintas. Na língua oral, ouve-se a pronúncia da forma ‘cantô’ sem o fonema final /r/. Nesse formato, a palavra apresenta quatro fonemas: /k/ã/t/ô/. Na língua escrita, registra-se de outra forma: c-a-n-t-o-r. É grafada com todas as letras que, em sua totalidade, são seis grafemas.

Do ponto de vista da estrutura, é notória a diferença entre os dois códigos linguísticos, mas isso não é suficiente para se determinar o que é uma e o que é outra. Embora uma boa parte de linguistas compartilhe a ideia de que a relação entre fala e escrita é dicotômica, o que se observa no Quadro 3. No entanto, isso não é bem assim.

Quadro 3 – Perspectiva da dicotomia

fala	escrita
contextualizada	descontextualizada
dependente	autônoma
implícita	explícita
redundante	condensada
não planejada	planejada
imprecisa	precisa
não normatizada	normatizada
fragmentária	completa

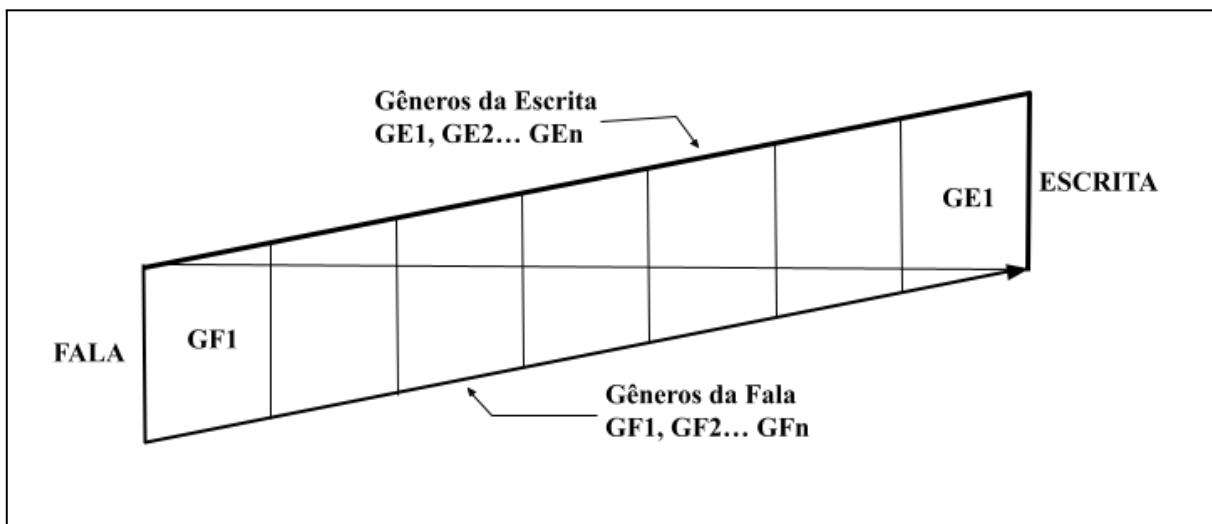
Fonte: Marcuschi (2010, p. 27).

Aqui, fala e escrita são caracterizadas do ponto de vista da forma, da estrutura da língua e não dos usos da linguagem, como se deve ser. De um lado, a fala é não planejada e não normatizada. Do outro lado, a escrita é planejada e normatizada. Essa visão simplista sobre a linguagem não se sustenta se analisada por outro prisma, pois a fala tem norma(s) segundo Faraco (2008), embora não seja a mesma norma que rege a escrita.

Para Marcuschi (2010), a perspectiva da dicotomia considera que a fala é o lugar do erro e do caos gramatical, enquanto a escrita é o lugar da norma e do bom uso da língua. Por não concordar com essa tese, o autor explica que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos” (MARCUSCHI, 2010, p. 37).

Como Bortoni-Ricardo (2004) propôs os três contínuos de variação para situar os falantes nas variedades linguísticas do PB, Marcuschi (2010) também sugere contínuos para a fala e a escrita no nível textual, em que as diferenças entre os dois domínios linguísticos podem ser percebidas por meio de textos orais e escritos, os chamados gêneros textuais, como mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais



Fonte: Marcuschi (2010, p. 38).

Nesse gráfico, Marcuschi sugere dois contínuos (fala e escrita/gêneros) que, em algum momento, se entrecruzam e constituem domínios mistos, no sentido de que certos gêneros da escrita podem apresentar características da modalidade escrita e também da modalidade falada e vice-versa. Uma carta pessoal é, originalmente, um gênero escrito que carrega marcas do gênero oral, o que pode ser observado pelo uso da linguagem. Uma

linguagem espontânea, íntima é fruto de uma relação próxima entre os indivíduos (remetente e destinatário).

O autor defende a ideia de que, para estabelecer diferenças entre fala e escrita, o caminho não é pela dicotomia, porque esta metodologia é incongruente. Em vez de se comparar fala e escrita de modo descontextualizado, como fazem os adeptos dessa perspectiva, a nova proposta é que se observe um gênero textual e suas características para situá-lo no eixo da oralidade ou no eixo da escrita. A carta pessoal é um ótimo exemplo para compreendê-la, pois pode informar se é um gênero da escrita (GE) ou um gênero da fala (GF), ou uma mesclagem de ambas modalidades.

Uma análise a partir de contínuos, tendo por base os gêneros textuais, é uma forma de dizer que a língua utilizada nos textos é viva e dinâmica e traz características tanto da modalidade oral quanto da modalidade escrita. A fala não é o espelho da escrita, e vice-versa. Existem falas formais e falas informais. A escrita, também, pode apresentar formalidades e informalidades. As duas formas de linguagem se entrelaçam e se mesclam nos textos que compõem a diversidade de gêneros construídos pelos usos da língua.

Em suma, a relação entre fala e escrita não é dicotômica e, sim, contínua, como apresenta Marcuschi (2010). E essa concepção que ele defende é que ela dá conta do que se pode compreender por fala e escrita quando contextualizadas em gêneros orais e gêneros escritos.

Mas o que dizem os documentos oficiais sobre a fala e a escrita? Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Português (PCN) não preconizam a questão do certo e do errado, mas, por entender que existe variação na fala e na escrita, propõem:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção” (BRASIL, 1998, p. 31).

Essa proposta é também a proposta deste estudo que objetiva criar condições, para que o aluno faça a escolha da forma que deseja utilizar em seus discursos, desde que esteja adequada a um conjunto de situações, como destinatário, intenção comunicativa, o gênero do texto e o tema da discussão, configurando o que se chama de contexto de produção. Se partirmos do pressuposto de que a língua é variável e heterogênea, compreenderemos certamente que não existe o certo nem existe o errado. Existem, porém, formas diferentes de comunicação que devem se adequar aos contextos de uso pautadas sempre no respeito mútuo

que deve existir entre interlocutores. Importante mesmo não é o que dizer, mas como dizer, porque o nosso objetivo é comunicarmos uns com os outros através da linguagem.

A Base Nacional Comum Curricular de 2017 (BNCC) retoma essa questão de adequação. Compreende, assim como está nos PCNs de Língua Portuguesa de 1998, que é o contexto que determina se a escrita é padrão ou não. Conforme o documento:

“Utilizar, ao produzir textos, os conhecimentos dos aspectos notacionais – ortografia, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc., sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão” (BRASIL, 2017, p. 76).

Quando se trata de textos escritos, exige-se o uso da norma-padrão a depender do gênero de texto. A redação escolar, a dissertação de Mestrado e outros são gêneros da escrita que levam em consideração as formalidades linguísticas como a ortografia, a pontuação, as regências e concordâncias. No entanto, em gêneros da fala, a exemplo do bate-papo e telefonema, alguns desses aspectos nem sempre são seguidos à risca, dado o contexto em que se encontra o produtor do texto. O contexto é, portanto, fundamental para o uso de linguagem monitorada ou sem nenhum tipo de monitoramentos.

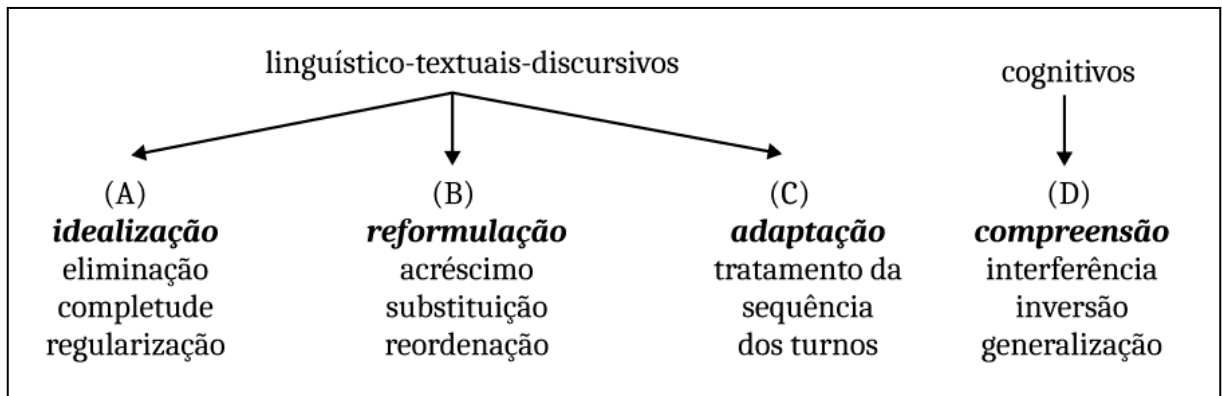
2.3.2 Transposição oralidade-escrita

A transposição, segundo o pensamento de Marcuschi (2010), é um processo de transição da oralidade para a escrita e engloba duas grandes etapas: transcrição e retextualização que são distintas, mas indissociáveis.

Na primeira etapa, o transcrevente passa para a escrita um texto produzido na fala. Ao realizar uma transcrição, é fundamental manter no texto transcrito, se possível, todos os aspectos sonoros produzidos na fala, na forma como, realmente, foram processados pelo falante, mas, se são operadas mudanças, estas não devem interferir na natureza do discurso produzido.

Na segunda etapa, inicia-se o que Marcuschi chama de retextualização, que é um “processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido.” E essas operações “evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita” (MARCUSCHI, 2010, p. 46).

Para retextualizar um texto, são necessárias duas etapas: linguística-textual- discursiva (idealização, reformulação e adaptação) e cognitiva (compreensão). O Quadro 4 detalha essas etapas.

Quadro 4 – Aspectos das operações de retextualização

Fonte: Marcuschi (2010, p. 69).

Essas etapas envolvem diversas operações que transformam a língua na passagem de uma modalidade para outra, ou seja, do oral para o escrito. São estratégias, com funções específicas, pelas quais a língua se adapta às especificidades da modalidade escrita. O Quadro 5, que se segue, apresenta todas as operações empregadas em um processo de retextualização.

Quadro 5 – Operações de retextualização

1ª operação	Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização linguística).
2ª operação	Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (estratégia de inserção em que a primeira tentativa segue a sugestão da prosódia).
3ª operação	Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrase e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação linguística)
4ª operação	Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (estratégias de inserção).
5ª operação	Introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos (estratégia de reformulação objetivando explicitude).
6ª operação	Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (estratégia de reconstrução em função da norma escrita).
7ª operação	Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (estratégia de substituição visando a uma maior formalidade).
8ª operação	Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (estratégia de estruturação argumentativa).
9ª operação	Agrupamento de argumentos condensando as ideias (estratégias de condensação).

Fonte: Adaptado de Marcuschi (2010, p. 75).

Para mostrar como funcionam na prática, citamos um trecho extraído da dissertação de Alves (1992) que exemplifica o que é chamado de transposição. De um lado, um texto oral que passou por uma transcrição. Do outro, um texto escrito depois de submetido a um processo de retextualização que abarca diversas operações de natureza linguística e cognitiva.

Para passar uma produção textual da oralidade para a escrita, a pesquisadora utilizou operações ou estratégias, inclusive, a primeira, na qual marcas de oralidade são excluídas do texto escrito, o que se pode perceber, com clareza, no Quadro 6.

Quadro 6 – Estratégia de eliminação baseada na idealização linguística

Transcrição	Retextualização
J – o senhor assistiu a esse crime? D – não eu estava lá né... assisti ah: éh.: só o tumulto J – como é? D – vi só a: o tumulto J – viu só o tumulto? D – só	Que o depoente estava nas proximidades do local da ocorrência, mas não viu quando o crime foi praticado, que o depoente viu apenas o tumulto.

Fonte: Adaptado de Alves (1992).

Nesse quadro, nota-se que, na primeira coluna, está o texto transcrito, que é um diálogo entre um juiz (J) e um depoente (D), com hesitações e marcadores discursivos na fala do segundo interlocutor. Na segunda coluna, encontra-se o texto escrito, do qual foram eliminadas as características do texto oral como as marcas interacionais (né) e as hesitações (assisti ah: éh.: só o tumulto). Utilizou-se aqui uma estratégia, a de eliminação baseada na idealização linguística. É óbvio que outras operações foram empregadas no texto escrito.

Dessa forma, compreende-se melhor a diferença entre a fala e a escrita, quando se passa um texto de uma modalidade para outra. Uma possui características únicas. A outra, também, tem as suas especificidades. Não podemos aceitar como verdade absoluta a ideia pífia de que a fala é um caos e a escrita não o é. No exemplo acima, percebemos que a fala da testemunha foi compreendida pelo magistrado, o que significa dizer que não é caótica, porque “A passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem” (MARCUSCHI, 2010, p. 47).

A discussão lembra o fato de que muitos alunos escrevem do modo como falam. Quando solicitados ao exercício de escrever, produzem textos que apresentam mais características da oralidade do que da própria escrita. Como na escola se redigem textos para a avaliação do professor, cabe a ele fazer algumas alterações na produção textual, de modo que

se adeque à modalidade escrita e ao gênero do texto. Às vezes, propor ao aluno-autor a reescrita do que se escreve é uma excelente alternativa. Nesse contexto, é possível citar o ditado de palavras, uma das atividades da avaliação diagnóstica final que sucedeu a realização de oficinas pedagógicas. Embora as palavras tenham sido proferidas formalmente, não se evitou que algumas tivessem a coda (r) apagada. De um total de 80 vocábulos com a letra R em posição de coda, 37 sofreram o processo de apagamento por influência do dialeto dos próprios participantes da pesquisa que acreditam que fala e escrita sejam processos iguais, o que não é verdade, como já foi discutido o assunto.

Além do exemplo dado por Alves (1992) sobre transposição, citamos o ditado realizado por alunos de 6º ano, participantes deste estudo, que lembra esse processo, quando palavras sem a presença do R surgiram na sua escrita. Eles fazem isso porque, no seu dialeto, o som desse rótico já não é mais produzido, por isso escrevem como falam, transferindo para a escrita uma característica que é própria da oralidade. Em resumo, os estudantes transpõem para a sua escrita o modo como pronunciam certas palavras. A passagem de um código (oral) para outro (escrito) chama-se de transposição. O Quadro 7 expõe, de um lado, a escrita convencional; do outro, a escrita variável de autoria desses voluntários.

Quadro 7 – Escrita convencional versus escrita variável

Escrita convencional	Escrita variável	Escrita convencional	Escrita Variável
01. pôr	pôØ	20. retribuir	retribuiØ
02. correr	correØ	21. indeferir	indeferiØ
03. querer	quereØ	22. contribuir	contribuiØ
04. ferir	feriØ	23. colaborar	colaboraØ
05. cair	caiØ	24. comunicar	comunicaØ
06. cantar	cantaØ	25. reproduzir	reproduziØ
07. pular	pulaØ	26. balbúrdia	balbuØdia
08. subir	subiØ	27. vírgula	viØgula
09. atender	atendeØ	28. absurdo	abisuØdo
10. esquecer	esqueceØ	29. discurso	discuØso
11. escolher	escolheØ	30. saturno	satuØno
12. começar	começaØ	31. murmúrio	muØmúrio
13. renovar	renovaØ	32. concurso	concuØso
14. retirar	retiraØ	33. usurpadora	usuØpadora
15. promover	promoveØ	34. ordinária	oØdinária
16. distribuir	distribuiØ	35. urbanização	uØbanização
17. usufruir	usufruiØ	36. conturbado	contuØbado
18. reconstruir	reconstruiØ	37. enturmada	entuØmada
19. atribuir	atribuiØ	-	-

Fonte: Elaboração própria (2025).

Tais palavras – 25 verbos infinitivos e 12 não verbos – totalizando 37 vocábulos, nos quais o R em posição de coda foi cancelado pelos participantes da pesquisa, enquanto realizavam o ditado, são parte dessa atividade utilizada para a análise da variável situada, nessas palavras, após o núcleo silábico, ou seja, depois de vogal, que é considerada o segmento central de uma sílaba. A análise completa sobre o apagamento, que se evidenciou produtivo em verbos em detrimento do grupo dos não verbos, encontra-se no último capítulo (cf. capítulo 6) desta dissertação sob o título “Análise dos dados e discussão”.

3 TEORIA DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

3.1 Os cinco problemas da Teoria da Mudança

Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (WLH) abordam cinco questões que podem explicar a mudança na língua. De forma breve serão apresentados os princípios que regem a Teoria da Mudança que, segundo WLH, objetiva “determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança” (2006, p. 121).

Esses princípios, chamados de problemas, levam em consideração os fatores internos e externos à língua e são os seguintes: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação.

3.1.1 Problema de restrição: No intuito de compreender esse problema, faz-se necessário apresentar o trecho de um estudo realizado por Monguilhott (2009) sobre variação na concordância verbal. A autora analisou a posição do sujeito em relação ao verbo e chegou ao resultado exposto no Quadro 8.

Quadro 8 – [...] variável ‘posição do sujeito em relação ao verbo’

Posição	Apl./Total	%
Sujeito anteposto	464/546	84%
Sujeito posposto	23/67	34%
Total	487/613	79%

Fonte: Monguilhott (2009, p. 125).

Observando os percentuais, nota-se que a posição do sujeito é um fator linguístico determinante para a marcação de concordância verbal. Com sujeito anteposto, foram coletadas 546 ocorrências, das quais 464, o que, em números percentuais, equivale a 84%, observou-se o emprego da concordância em número entre o verbo e o sujeito. Com sujeito posposto, esse índice cai para 34%, isto é, das 67 ocorrências, em que o sujeito aparece após o verbo, apenas 23 registram a aplicação da regra de concordância verbal.

Levando-se em consideração os dados percentuais (34%), a pesquisa aponta para um caso de restrição linguística de natureza sintática. A explicação para este problema é, segundo Monguilhott (2009), a posição do sujeito na frase interpretado, na maioria das vezes, como

objeto, como mostra esta ocorrência retirada do seu corpus de pesquisa: “**Comia** o pai e a mãe na mesa, os filho [sic] no chão”.

Para a autora da pesquisa, o que se justifica usar o verbo no singular nada mais é do que uma questão interpretativa motivada pela posposição do sujeito: “[...] o sujeito quando posposto ao verbo passa a ser encarado como objeto que não aplica a regra de concordância, já que não o considera sujeito da sentença” (MONGUILHOTT, 2009, p. 125).

3.1.2 Problema de transição: Até que ocorra a mudança, as formas em variação passam por uma fase de concorrência em que coexistem e concorrem de modo que a forma vitoriosa substitui a forma vencida no curso do tempo. A troca de uma variante ou de uma língua por outra, como do latim para as línguas românicas, denomina-se transição e isto não ocorre da noite para o dia, porque toda mudança (sonora, morfológica, sintática, semântica, pragmática e lexical), segundo Faraco (2006), é contínua, lenta, gradual e regular.

Compreender como o sistema linguístico muda é tarefa do linguista que estuda fenômenos variáveis a exemplo da gramaticalização, da analogia, da hipercorreção, dentre outros – fatos responsáveis pelo fenômeno da mudança na língua – comparando uma geração com outra, grupos sociais e longos períodos históricos como os séculos, além dos fatores condicionadores internos, completando assim a análise sobre as formas em variação/mudança que se pretendem investigar.

Se é verdade que toda língua muda com o passar do tempo, o pesquisador observa essa mudança em tempo aparente e em tempo real. O estudo em tempo aparente, chamado de tempo presente, analisa dados sincrônicos retirados dos bancos de dados. O estudo em tempo real busca por dados diacrônicos encontrados em textos escritos de difícil acesso para o pesquisador como cartas pessoais, diários e peças, porque estas fontes são de períodos distantes no tempo, de séculos que ficaram para trás.

Pagotto (2001), em sua pesquisa sobre a palatalização do /t/, realiza um estudo em tempo aparente, levando em consideração a faixa etária dos informantes de Florianópolis, como mostra o Quadro 9.

Quadro 9 – [...] palatalização do /t/, em Florianópolis, segundo a faixa etária

Faixa etária dos falantes	Palatização do /t/		
	[t]	[ts]	[tʃ]
13 a 23 anos	42%	29%	30%
25 a 50 anos	66%	18%	17%
Acima de 50 anos	69%	19%	12%

Fonte: Pagotto (2001, p. 317).

A consoante palatal (t), que é a variável precedida da vogal “i”, apresenta três variantes: a primeira [t] é conservadora. Predomina na fala dos informantes mais velhos (69%) e vai decrescendo de forma gradativa pelas outras faixas etárias. Como mostra o resultado, são 66% para a faixa intermediária e 42% para a faixa mais jovem.

Entretanto, a segunda variante [ts] e a terceira [tʃ] são inovadoras e percorrem o caminho inverso, pois são mais utilizadas pelos falantes da faixa etária mais jovem, caindo principalmente entre os informantes mais velhos.

Ao olhar para esse resultado, percebe-se que já existe uma mudança em curso: o uso das variantes inovadoras aumenta entre os falantes jovens e pode substituir, no decorrer do tempo, a forma conservadora que é mais utilizada pelos informantes com mais idade nessa pesquisa.

Na relação entre variantes que não é pacífica, mas de disputa, de tal maneira que resulta em morte para a variante de pouco uso, Tarallo (1986) é categórico ao argumentar sobre o problema da transição, que se compreende como a passagem de uma forma linguística menos frequente para outra de uso mais frequente por um determinado grupo etário: “Se [...] o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso” (TARALLO, 1986, p. 65).

3.1.3 Problema de encaixamento: Entende-se por encaixamento a inserção da mudança tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social. A mudança é, de fato, mudança se estiver inserida nessas duas estruturas, conforme WLH (1968).

Há muitos exemplos de encaixamento linguístico. A variável P4, na lista de pronomes pessoais, é um desses exemplos. Essa variável tem duas formas em duelo: ‘nós’ e ‘a gente’.

Linguisticamente, a segunda variante não está apenas em contextos de informalidade. Ganhou novos espaços considerados formais, pois pode ser encontrada também em textos escritos de registro culto. Até ocupa os mesmos espaços em que está a outra variante que tem prestígio social.

Socialmente, está presente não só na fala das pessoas simples, como também na fala de pessoas com elevado status social e alto grau de escolaridade. Portanto, já se pode dizer que a forma ‘a gente’ está encaixada na língua e na sociedade, o que configura mudança.

Nesse contexto, em que se discute o problema do encaixamento, é importante observar como ainda se organiza o sistema pronominal em materiais didáticos utilizados pelos professores brasileiros muitas vezes como ferramenta única. O Quadro 10, com os pronomes pessoais retos e oblíquos, foi retirado de um livro de Língua Portuguesa do 7º ano que compõe a coleção ‘Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem’.

Quadro 10 – Pronomes pessoais retos e oblíquos

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe, se	ele, ela, si, consigo
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes, se	eles, elas, si, consigo

Fonte: ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane (2018, p. 70).

Nesse quadro, são os pronomes pessoais retos que chamam a atenção do pesquisador. Por exemplo, o pronome vós não é mais utilizado na língua falada. O uso é restrito apenas em

textos bíblicos. Tu e nós são pronomes que têm uso restrito entre os falantes, porque convergem com outros que nem, ao menos, são apresentados pelo livro didático, mas bastante utilizados pelos brasileiros em situações de interação social. Conteúdo desse tipo, quando vai para a sala de aula, causa estranheza entre os alunos porque, em seu repertório linguístico, não é recorrente o uso de tais pronomes.

Diante dessa realidade, é de fundamental importância que o quadro pronominal seja reorganizado para fins didáticos durante o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Nesse sentido, os pronomes ‘você’, ‘vocês’ e ‘a gente’ devem ser inseridos no quadro de pronomes em referência à segunda pessoa do singular, segunda pessoa do plural e primeira pessoa do plural respectivamente, ao lado dos pronomes pessoais tradicionais, como mostra o Quadro 11.

Quadro 11 – Pronomes pessoais retos

Pronomes pessoais retos	
1ª pessoa do singular	eu
2ª pessoa do singular	tu/ você
3ª pessoa do singular	ele/ela
1ª pessoa do plural	nós/ a gente
2ª pessoa do plural	vós/ vocês
3ª pessoa do plural	eles/elas

Fonte: Elaboração própria (2024).

Como se vê, os pronomes ‘você’, ‘vocês’ e ‘a gente’ são exemplos de encaixamento linguístico e social que não podem ser ignorados hoje em dia, até porque existem estudos que explicam a variação e a mudança no português falado, como a pesquisa de Tarallo (1986), na qual ele discorre sobre o fenômeno do encaixamento, citando orações da gramática tradicional que exercem função de sujeito, objeto direto e objeto indireto. Aqui, apenas as orações, na função de objeto indireto, é que serão reproduzidas a seguir.

✓ Relativa-padrão:

Objeto indireto: Aquele amigo de quem você gosta muito é ótimo.

✓ Relativas não-padrão:

Objeto indireto: Aquele amigo que você gosta muito dele é ótimo.

Aquele amigo que você gosta muito é ótimo.

Entre as duas formas não-padrão, a segunda variante, de acordo com Tarallo (1986), pode ser encaixada no sistema linguístico porque “todo o sintagma preposicional foi apagado: dele” (TARALLO, 1986, p. 45).

Aliás, analisando cuidadosamente o período composto na forma padrão, percebe-se que a oração – de quem você gosta muito – está intercalada, ou melhor, encaixa-se na oração principal que inicia e conclui o período – aquele amigo é ótimo. A posição da oração no meio da frase é motivo condicionante para construção de formas variantes no português falado do Brasil.

Como as duas orações se relacionam por causa de um referente – amigo – o que se observa é a retomada desse elemento linguístico, de modo redundante, na segunda oração, por uma forma contraída: dele (de + ele), como ilustra a primeira frase não-padrão.

A segunda frase, que é também não-padrão, apresenta configuração diferente da primeira, porque não contém a preposição ‘de’ antes do pronome ‘que’ exigida pelo verbo gostar, que tem transitividade indireta e não retoma o referente por meio de pronome.

Nota-se, portanto, que a preposição e o referente (de e ele respectivamente), o que constitui o sintagma preposicional, são apagados nessa frase em que o objeto indireto, na forma de oração, está em variação/mudança e tem, certamente, uma aceitação mais ampla na comunidade de fala, pela maneira como foi estruturada por falante do PB. Porém, para finalidade de pesquisa, o quadro pronominal, já citado, ganharia formato diferente, conforme o Quadro 12.

Quadro 12 – Pronomes pessoais variáveis

Variáveis	Pronomes pessoais retos
P1	eu
P2	tu/você
P3	ele/ela
P4	nós/a gente
P5	vós/vocês
P6	eles/elas

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nessa nova configuração, são apresentadas seis variáveis, desde P1 até P6. Esses são os códigos que representam os fenômenos em variação no sistema pronominal, em que, por exemplo, P2 é a variável na segunda pessoa do singular; P4, a variável na primeira pessoa do plural e P5, a variável na segunda pessoa do plural.

3.1.4 Problema de avaliação: “Como os membros de uma determinada comunidade linguística avaliam a mudança e, em especial, quais os efeitos dessa avaliação sobre o processo de mudança em si”? (TARALLO, 1986, p. 73).

Quando se percebe a mudança linguística, a língua é avaliada. Falante, também. Essa avaliação é subjetiva e reacionária frente à mudança na tentativa de freá-la. A reação que se manifesta é sempre a favor das formas conservadoras da língua. O que muda é, às vezes, entendido como erro e, por esse motivo, ele se submete à correção como se a língua fosse homogênea, o que não é verdade.

Entre tantas ocorrências na língua falada, destaca-se a construção “vou ir”. É uma perífrase composta por um verbo no presente (vou) e um verbo principal (ir) que expressa o sentido de futuridade. Essa estrutura não é única, pois existem outras expressões semelhantes como “vai estrear” e, se elas parecerem redundantes, esse é o motivo pelo qual o primeiro exemplo é rejeitado, recomenda-se a forma simples que desfaz o que é entendido como redundância e pode ser utilizada como solução nessa divergência motivada pelo sentido (para uns, redundância; para outros, futuridade).

A troca se faz mantendo o sentido de futuridade: ‘irei’ em vez de vou ir. A mesma regra, em que a forma composta é substituída por uma forma simples, se aplica para o

segundo exemplo: ‘estreará’ no lugar de vai estrear, mas a sugestão aqui dada não impede que a expressão vou ir continue sendo utilizada. Ela é legítima tanto quanto outras que se constroem com os mesmos elementos: verbo no presente seguido de verbo no infinitivo.

A perífrase é um assunto discutido em uma pesquisa experimental desenvolvida por Durval (2018). Intitulado “Uma experiência didática com o futuro do presente: reflexão linguística, variação e ensino”, o estudo evidencia variantes para esse fenômeno, das quais perífrases com o verbo ir são bastante recorrentes na fala.

No tocante à avaliação de variáveis, Tarallo (1986) propõe um teste de percepção entre os informantes da pesquisa, para que eles “se manifestem em relação à aceitabilidade ou não de certas variantes” (TARALLO, 1986, p. 55).

Nesse teste, os informantes são a classe média e a classe média alta convidadas a avaliarem as orações relativas-padrão e as orações relativas não-padrão. O resultado demonstra que o uso das relativas-padrão é maior na classe média alta (93,1%) e menor na classe média (79,3%). Porém, com as relativas não-padrão, o uso desta variante é alto na classe média (47,6%) e baixo na classe média alta (29,3%).

Tarallo propõe, ainda, outro teste, o de produção, para comparar qual das duas variantes não padrão é a mais estigmatizada e obtém o seguinte resultado: das 36 situações sugeridas, a classe média produziu 75,0% de relativas-padrão e a classe alta, 94,4%. O teste de produção confirma o resultado do teste de percepção.

Em outras palavras, a variante padrão é a opção de uso da classe média alta, enquanto a variante não-padrão é utilizada pelos informantes da classe média.

Com esse resultado, chega-se à conclusão de que a variante não-padrão sofre estigma porque é falada por pessoas de menor prestígio social. A outra variante, variante padrão, goza de prestígio porque é falada por um grupo de elevado status social, a classe média alta.

Abre-se um parêntese aqui. É importante dizer que, para chegar a uma resposta desse tipo, leva-se em consideração os grupos de fatores, como fez Labov (2008) quando pesquisou a centralização dos ditongos em Martha’s Vineyard. O linguista classificou os informantes de acordo com o espaço geográfico (zona rural e zona urbana), ocupação (pescadores, agricultores e outros) e faixa etária (acima de 60, 46 a 60, 31 a 45 e menos de 30).

No caso em questão, as orações relativas, a variável independente utilizada foi a classe social dos informantes que foram divididos em classe média e classe média alta, porque o objetivo do primeiro teste era que eles avaliassem as variantes, o que foi feito. E o resultado

final das duas avaliações (percepção e produção) é o que já se sabe: a classe social condiciona, de fato, o uso de uma variante ou outra.

3.1.5 Problema de implementação: O problema remete à mudança que já se consolidou na língua. É o caso do pronome *você* que, em um processo de variação, originou-se lá, no passado, de uma expressão de tratamento e foi ganhando formas com o passar do tempo até se implementar na língua como um pronome pessoal.

É interessante perceber que, nessa passagem de uma forma para outra, o novo pronome não manteve a significação da antiga forma. Hoje em dia, o termo em questão é usado para se referir a um interlocutor comum ou alguém, com quem se estabelece uma comunicação face a face. Não carrega mais a ideia de outrora, de tratamento cerimonioso ou respeitoso para a pessoa, a quem se dirigia a palavra.

Não é fácil saber onde, quando e por que uma variante – como o exemplo dado – se implementou na língua, mas é possível, segundo Tarallo (1986), obter informações relevantes sobre a mudança linguística, consultando fontes históricas de épocas remotas. O corpus diacrônico, as gramáticas e até os comentários dos gramáticos são fontes para pesquisa que podem dar pistas sobre a história da variável e suas variantes. Para isso, o caminho a trilhar é o do estudo da variante em tempo real em vez do estudo em tempo aparente.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968, p. 124 – 125), a implementação linguística é um processo com início, meio e fim. Tem origem em um grupo de pessoas: “uma mudança linguística começa [...] através de um subgrupo específico da comunidade de fala.” Nesse grupo, ela se difunde, passando para a segunda fase. É a fase de propagação, em que duas formas, a antiga e a inovadora, competem entre si: E, nesse momento, “a mudança é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema”. E por fim, a última fase da mudança, em que uma forma linguística é suplantada pela outra, pelo fato da “perda de qualquer significação social que o traço possuía”.

3.2 Hipercorreção na escrita discente

Diversos são os fenômenos que impulsionam a mudança linguística como, por exemplo, a hipercorreção, a variação, a gramaticalização e a economia linguística. Dentre esses fatores, elege-se a hipercorreção porque ocorre nos textos escolares produzidos por

estudantes do Ensino Fundamental. Por isso, ela é, também, um dos objetos de análise na presente pesquisa. Em sua etimologia, a palavra é composta pelo prefixo hiper e o radical correção. Logo, “**hiper-** (do grego hyper – correspondente ao latim super-, isto é, sobre; acima de; demais; para além de; excessivo etc.) –**correção**, uma correção excessiva, exagerada que acaba resvalando, a contragosto, no erro” (BAGNO, 2012, p. 949).

Deduz-se, então, que a hipercorreção é uma correção das formas linguísticas para além do uso padrão. Ser hipercorreto nada mais é do que ser “certo demais”. Nesse sentido, o aluno escreve, por exemplo, ‘**amar**’, com a desinência do infinitivo, no lugar da forma verbal ‘**ama**’ (sem o elemento mórfico), presente do indicativo, na tentativa de corrigir o que é já considerado “certo” pela norma-padrão da língua portuguesa.

Para compreender um pouco mais o conceito, Cristóvão Silva (2021) define a hipercorreção como:

fenômeno em que um falante utiliza uma pronúncia que transcende a norma, quando de fato tal falante pretendia utilizar a linguagem de padrão e de prestígio. Por exemplo, as palavras meritíssimo e privilégio – que têm a pronúncia padrão mer[i]tíssimo e pr[i]vilégio – seriam pronunciadas em hipercorreção como mer[e]tíssimo e pr[e]vilégio, transcendendo a norma. A hipercorreção, nesse caso, decorre do fato de o falante, indevidamente, utilizar uma vogal média [e] quando a forma padrão seria com uma vogal alta [i] (CRISTÓFARO SILVA, 2021, p. 133).

Uma das razões para se cometer a hipercorreção na escola, segundo Bagno (2012), é que o aluno “ao tentar se aproximar de um padrão ideal imaginário de língua boa, acaba acertando demais e se desviando tanto da gramática intuitiva da língua quanto da gramática normativa” (BAGNO, 2012, p. 949).

São muitos os casos de hipercorreção. Eis alguns exemplos: **(i)** a troca de [u] por [o]: **cuidado** ~ **coidado**; **(ii)** deslocamento do acento tônico para a antepenúltima sílaba: **rubrica** ~ **rúbrica**; **(iii)** nasalização da sílaba inicial: **identidade** ~ **indentidade**; **(iv)** inserção de semivogal **(i)** em supostos ditongos: **bandeja** ~ **bandeija** (BAGNO, 2012, p. 951).

Entre tantos casos desse fenômeno citados pelo linguista, interessa para esta pesquisa aquele em que há acréscimo de -r ao final de formas verbais no presente do indicativo. Por exemplo, as formas linguísticas ‘**está**’ e ‘**dá**’ surgem na escrita grafadas de modo inapropriado como **estar** e **dar**. Isso acontece, possivelmente, por analogia às formas infinitivas. Por ter o conhecimento de que existem na língua duas formas para verbos: uma flexionada no presente do indicativo e, portanto, sem a necessidade da presença da consoante final, e a outra em estado de dicionário (com r final), o falante transfere para os registros

escritos a marca que é própria de uma forma – a forma infinitiva – para a outra, gerando, conseqüentemente, o que Labov (2008) chamou de hipercorreção, um termo que existe na Linguística desde a década de 60 do século XX. Por isso, é comum encontrar “alguns falantes [que], por hipercorreção, pronunciam (e até escrevem) “Como **estar** você? Ele não me **dar** atenção!” em vez de: Como **está** você? e Ele não me **dá** atenção (BAGNO, 2012, p. 951).

De onde vem a hipercorreção? Por que se pratica(m) formas hipercorretas na língua escrita? O próprio Bagno (2012) tem as respostas para tais perguntas: a hipercorreção surge “nas classes médias baixas, ansiosas por reconhecimento social e por ocupar um lugar entre as classes de maior prestígio” (BAGNO, 2012, p. 941). Dito dessa maneira, nota-se que o linguista bebeu, sem dúvida, na fonte de Labov (2008) que, ao pesquisar a variação do /r/ no inglês falado pelos habitantes da cidade de Nova York, nos Estados Unidos, constatou que a hipercorreção como fator de mudança é praticada pelos falantes da classe média baixa em índices maiores que a classe média alta e classe alta.

Se a variação é condicionada, a mudança também o é por diferentes fatores linguísticos e não linguísticos. No caso da hipercorreção, vista como indicador de mudança linguística, o fenômeno tem como fator condicionante, segundo Labov (2008), a classe média baixa da cidade de Nova York que tinha o desejo de pertencer, por meio da linguagem, a uma outra classe social de prestígio maior, a classe alta. Ao perceber que a sua variedade de uso sofre estigma, o falante da classe baixa busca um dialeto que não é habitualmente o seu e acaba hipercorrigindo – parece estranho – o que não está errado.

Bagno (2012) explica como esse falante se comporta linguisticamente:

A hipercorreção é filha da insegurança linguística. Reconhecendo em seus próprios hábitos linguísticos formas que sofrem estigmatização por parte dos mais letrados e, para reagir a essa estigmatização, se apoderando de formas linguísticas que não pertencem à sua variedade específica, os falantes das camadas médias baixas passam a empregar essas formas importadas com maior frequência até que os falantes das camadas médias altas e altas. E, nesse aumento de frequência de uso, aplicam a regra recém-adquirida em contextos onde ela não se aplicaria, segundo a gramática normativa e/ou a gramática da variedade de maior prestígio (BAGNO, 2012, p. 954).

Para o professor, o ensino do padrão linguístico já é um desafio. E esse desafio torna-se maior quando o público são alunos de 6º ano que mal sabem ler e escrever. É necessário fazer um trabalho paralelo com o objetivo de desenvolver a leitura e a escrita, para que se tenha a condição de ensinar a língua em toda sua heterogeneidade. Não adianta ensinar o substantivo, o verbo e tantas outras classes de palavras para quem não lê ainda, com fluência, palavras, frases, parágrafos e até textos curtos como as tirinhas. Essa é a primeira

questão que precisa ser resolvida. A segunda questão é a presença da hipercorreção em atividades e textos escritos de autoria de alunos. É um indício de que eles já se preocupam com o uso da linguagem, seja a linguagem que já utilizam, seja a linguagem que a escola deve ensinar. O emprego indevido de formas conjugadas (está) e formas infinitivas (estar) é um dos inúmeros casos de hipercorreção. As duas maneiras de se escrever verbos de modo convencional e padrão demandam o uso de estratégias linguísticas e atividades diversas de leitura, escrita, reescrita e outras como bingos ortográficos, gincanas e jogos. Tudo isso pode contribuir para reduzir as ocorrências da hipercorreção, um fenômeno da língua que pode ser melhor explicado por alguns estudiosos como Crystal (2000), Labov (1972) e Bortone et al. (2014).

Nesse contexto, Crystal (2000) define a hipercorreção:

forma linguística [que] vai além do ponto estabelecido pela variante de língua que o falante tem como meta. O fenômeno geralmente acontece quando os falantes de um dialeto que não é o padrão tentam usar o dialeto padrão e “vão longe demais”, produzindo uma versão que não existe no padrão (CRYSTAL, 2000, p. 138).

Labov (1972) vai além desse conceito. Para o expoente da Sociolinguística Variacionista, a hipercorreção é o resultado de dois fatores:

- (i) A insegurança linguística do aluno frente às pressões do ensino, quando o estudante não conseguiu ainda interiorizar as regras da norma-padrão. Ao produzir uma redação que exija um estilo cuidado, o aluno tenta ser o mais correto possível, o que o leva, muitas vezes, a cometer hipercorreção.
- (ii) Uma tendência a imitar os padrões de prestígio da classe média adotados pela escola, uma “hipercorreção de cima”, como denominou Labov (1972), que representa um processo claro de correção e coerção social aplicado às formas linguísticas (apud BORTONE; ALVES, 2014, p. 135).

Dito isso, é necessário que o professor diga sempre que não existe uma única forma de linguagem. O dialeto padrão não é único. Existem outros. O aluno tem o seu próprio dialeto. Ele só precisa se conscientizar da existência de um conjunto de variedades linguísticas e da maneira como podem utilizadas em ambientes sociais. A escolha de uma ou outra variedade depende do contexto em que o estudante se encontra. Esse contexto determina qual é o tipo de estilo que pode ser empregado. Em ambientes familiares, a comunicação ocorre em estilo sem monitoramentos. Porém, em outras situações como, por exemplo, uma entrevista de emprego ou uma apresentação de seminário, é imprescindível o uso de um estilo monitorado. É isso que precisa ser dito ao aluno, para que ele saiba escolher a norma adequada à situação de comunicação e não se sinta inseguro linguisticamente em momentos de interação.

Segundo Bortone et al. (2014), a hipercorreção ocorre porque:

o aluno procura se adequar aos padrões ensinados na escola adotando modelos de prestígio: ele reconhece como erro de norma-padrão a retirada do “r” no final de palavra, passando a compensá-lo pelo acréscimo de “r” final em qualquer palavra que reconheça como verbo. [...] Mas essa recuperação pode ocorrer também nas outras classes gramaticais, como em “ater” no lugar de “até” ou “sofar” no lugar de “sofá”. Há, ainda, uma tendência à hipercorreção, recuperando-se o [r] no interior de palavras, como em “comerçava” por “começava” (BORTONE; ALVES, 2014, p. 143).

O apagamento e a hipercorreção em final de palavras são dois processos opostos porque, enquanto, no primeiro, suprime-se o R por razões diversas; no segundo, acrescenta-se de forma indevida o segmento consonantal em palavras que, normalmente, não o têm. O que se percebe é que ambos os fenômenos acabam influenciando o estudante no momento de escrever. À medida que se apaga a desinência verbal dos infinitivos, o que configura o fenômeno de apagamento; em contrapartida, acrescenta-se o morfema às formas flexionadas dos verbos, gerando a hipercorreção. Eis aí o dilema, vivenciado por alunos do Ensino Fundamental e, especialmente, os do 6º ano, o que justifica ser o objeto do presente trabalho de pesquisa.

Apesar disso, esses dois processos linguísticos e sociais estão presentes na escrita discente levando o aluno à confusão, à medida que, em um dado momento, retira-se o R final da sílaba; em outro, acrescenta-se, de forma desnecessária, esse segmento à posição final das formas verbais flexionadas. Cardoso (2009) explica a relação intrínseca entre o apagamento e a hipercorreção:

Quando o suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela. A regra de supressão do /r/ nos infinitivos dá origem a uma hipercorreção que resulta em construções assim: João *estar muito quieto hoje. Esta, como qualquer outra hipercorreção, decorre de uma hipótese mal sucedida (CARDOSO, 2009, p. 117).

Bortoni-Ricardo (2004) explica de outro modo esses fenômenos sociolinguísticos. De acordo com a pesquisadora, o apagamento do /r/ na escrita resulta da influência da fala, enquanto que a hipercorreção é fruto de suposição linguística por parte do aluno:

O falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse r. Então, ao produzir uma forma como está, da terceira pessoa do singular do indicativo presente, imagina que nela haveria um /r/ que foi igualmente suprimido, e acrescenta esse suposto r, incorrendo numa hipercorreção (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85).

Para atenuar a insegurança linguística – que parece ser o ponto principal da discussão em torno do problema – sobre o qual tem falado Labov (2008) e Bagno (2012) – que induz o aluno à prática da hipercorreção – Bortone et al. (2014) propõem ao professor de língua portuguesa, primeiramente, uma reflexão entre a forma hipercorreta e a forma padrão das palavras e uma série de atividades lúdicas como bingo ortográfico e jogo de cartas, além de produção de textos orais e escritos, uso de dicionários e gramáticas, leitura e reescrita de textos. A hipercorreção surge, porque o falante do português – inseguro com a variedade de prestígio ensinada na escola – tem a intenção de acertar no uso de um dialeto que não é o seu, com o qual ainda não está familiarizado, e acaba errando ora a pronúncia de alguns fonemas, ora a grafia das letras representadas por esses fones na palavra. Para situação desse tipo que é tão comum na sala de aula, o professor deve propor – como já sugeridas – atividades de leitura, de escrita e de análise linguística e pensar em estratégias sutis de intervenção para auxiliar o aluno – sem causar-lhe constrangimento social – no intuito de minimizar o problema de ordem sociolinguística presente nos registros do código escrito.

3.3 Estado da arte: pesquisas sobre o apagamento e a hipercorreção

No âmbito do Profletras, muitos trabalhos sobre variação, leitura, escrita e letramento foram desenvolvidos desde a implantação do Programa em rede nacional, em 2013, até os dias de hoje. Esses estudos são vistos como propostas teórico-metodológicas de intervenção pensadas para o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa no Ensino Fundamental, em que o público é, principalmente, estudantes dos anos finais, do 6º até o 9º ano. O objetivo do Mestrado Profissional em Letras consiste em capacitar o professor de Língua Portuguesa da educação básica para saber lidar com questões de leitura, escrita e linguagem no ambiente escolar e aperfeiçoar, na prática, o ensino da língua, promovendo ao corpo discente a aprendizagem do PB em relação à leitura, escrita e variação linguística de modo a desenvolver suas habilidades e competências tanto de natureza comunicativa quanto discursiva.

No eixo da variação/mudança linguística, que é o foco da presente pesquisa, no tocante ao processo de apagamento e da hipercorreção em posição pós-vocálica, serão apresentados, de forma breve, nos próximos parágrafos, resultados de quatro pesquisas analisadas em contexto escolar de instituições pública e privada do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

O primeiro trabalho é o de Branco (2020) que analisou o apagamento do /r/ e a hipercorreção em verbos em um corpus de 30 textos escritos, produzidos por estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública mineira. De acordo com a pesquisadora, 10 das 30 produções escritas para a avaliação diagnóstica inicial, apresentavam o apagamento do /r/. Em sua pesquisa, foram contabilizadas 32 ocorrências desse fenômeno que ela chama de desvio. Contudo, na avaliação diagnóstica final, verificou-se redução de 10 para 8 textos e de 32 para 15 ocorrências. A maior incidência de apagamentos ocorreu em verbos, o que corrobora com outros estudos de apagamento já realizados por outros pesquisadores como Monaretto (2000), Freire e Oliveria (2019) e Callou (2015).

Entre esses linguistas, por exemplo, Callou (2015), ao analisar o apagamento do /r/ em verbos e não verbos, constatou, com base em dados extraídos do corpus do Projeto Norma Urbana Culta (Nurc), um percentual de apagamento acima de 60% para verbos e, para não verbos, abaixo de 40%, principalmente em falantes com baixo grau de escolarização. Todavia, sobre a hipercorreção, Branco (2020) observou, também, queda no número de ocorrências: de 30 na produção inicial para 14 na produção final. Para esta autora, a significativa baixa na estatística dos dois fenômenos deu-se em decorrência de atividades interventivas por ela aplicadas e do desenvolvimento da consciência fonológica¹ dos estudantes.

Segundo Branco (2020):

Assim, a realização das atividades em forma de oficinas contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da consciência fonético-fonológica dos participantes da pesquisa, de forma que eles desenvolveram uma escrita mais monitorada atrelada a contextos situacionais de comunicação em que se encontram inseridos, atendendo, dessa maneira, ao objetivo proposto (BRANCO, 2020, p. 8).

O segundo trabalho de pesquisa sobre apagamento em codas silábicas foi realizado por Fontenele (2019) que investigou o fenômeno em textos escritos de alunos do 6º ano de uma escola pública de Teresina, no Piauí. O corpus tinha 36 textos analisados segundo variáveis linguísticas e não linguísticas. As variáveis investigadas foram a classe morfológica, extensão do vocábulo, contexto precedente, contexto subsequente e sexo. Segundo o pesquisador: “Os

¹ **Consciência fonológica:** Segundo Nascimento (2004), “denomina-se consciência fonológica a habilidade metalinguística de tomada de consciência das características formais da linguagem”. Essa habilidade compreende vários níveis:

- (a) consciência de rimas e aliterações;
- (b) consciência de palavras;
- (c) consciência silábica;
- (d) consciência fonêmica.

resultados apontam maior incidência do apagamento entre os verbos, em coda final, em vocábulos polissilábicos, com a vogal alta anterior não-arredondada, antes de pausas e entre o sexo masculino” (FONTENELE, 2019, p. 8).

O terceiro trabalho é a pesquisa de Bomfim (2021) que analisou o apagamento em coda silábica e a hipercorreção em verbos flexionados em textos de alunos do 9º ano de uma escola da cidade de Aracaju/SE. Ao comparar a produção inicial com a produção final, a autora chegou aos seguintes resultados: na produção inicial, 89% dos textos apresentavam apagamento do /r/ em verbos no infinitivo e a hipercorreção em verbos flexionados e apenas 11% não apresentavam esses fenômenos. Na produção final, ocorreu a inversão desses dados: 85% dos textos não foram afetados ora por supressão, ora por inserção de -r em final de verbos. 15% restantes ainda continuavam apresentando esses processos na escrita. Para a investigadora, o problema na escrita dos participantes de sua pesquisa atenuou-se a partir da aplicação de atividades de intervenção e o desenvolvimento da consciência fonológica em torno do fonema/grafema “r”.

Essas três primeiras pesquisas são oriundas do Programa de Mestrado Profissional em Letras/Profletras e, em todas elas, a classe dos verbos destaca-se em relação a outras classes de palavras por apresentar maior incidência de apagamento do /r/ em posição de coda. Estudos de apagamento desse segmento também podem ser vistos em Mestrado Acadêmico. Nessa modalidade, chama a atenção a pesquisa de Ribeiro (2013), a quarta e última da lista, na qual investigou-se o fenômeno em 192 textos escritos de alunos do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio de redes pública e privada de ensino da cidade de Salvador.

Ao analisar o apagamento segundo as variáveis sociais (escolaridade, gênero/sexo e rede de ensino) e as variáveis linguísticas (gênero textual, extensão do vocábulo, contexto precedente, contexto subsequente, modo de articulação do segmento subsequente, ponto de articulação do segmento subsequente, sonoridade do segmento subsequente e classe morfológica do vocábulo), a pesquisadora chegou à conclusão de que:

na escrita, o fenômeno é pouco presente e, à medida que o aluno avança nas séries do ensino básico, a manutenção dos róticos em posição de coda silábica é mais recorrente, evidenciando, deste modo, o papel decisivo da escola como lugar de manutenção do padrão linguístico (RIBEIRO, 2013, p. 8).

O que não resta dúvida, pois há outros estudos, como, por exemplo, o de Freire e Oliveira (2019, p. 11), que confirmam esta informação de que as ocorrências de apagamento

diminuem, ao passo que os casos de manutenção aumentam à medida que o aluno é promovido para o ano escolar subsequente. Em uma pesquisa realizada com alunos do 7º ao 9º ano de escola pública da rede municipal de Pedro Velho/RN, os pesquisadores analisaram o fenômeno em final de palavras e concluíram que os concluintes do Ensino Fundamental mantiveram o rótico nas palavras mais que os dos anos anteriores. Os resultados evidenciam que, quanto maior for o nível de escolaridade, maior é a probabilidade de manutenção da palavra com todos os seus grafemas. Neste estudo, é o 9º ano o fator de favorecimento da permanência da letra R em posição final de vocábulos. Além disso, observa-se que houve uma distância significativa entre o ano escolar maior e o ano escolar menor em relação à variante de manutenção [r] analisada. Conforme o estudo, o 9º ano obteve o peso relativo de 0.67, seguido pelo 8º ano, com percentual menor (0.39) e pelo 7º ano, com um valor bem distante (0.18) em relação ao fator que favorece a manutenção do rótico.

Para conclusão da subseção, o Quadro 13, com informações sobre título, autor(a), modalidade de Mestrado, instituição de defesa, sigla, unidade federativa, tema e ano, expõe os trabalhos já descritos – conforme a ordem de apresentação – que serviram de base para a construção da dissertação, com os quais compartilha da mesma temática.

Quadro 13 – Compilado de dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD – e Repositório Institucional

Título	Autor(a)	Modalidade de Mestrado	Instituição/Sigla	UF	Tema	Ano
O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no Ensino Fundamental II	BRANCO, Andréia Aparecida Tomáz Castelo	Profissional – Profletras	Universidade Federal de Uberlândia – UFU	MG	Apagamento	2020
Apagamento do R: perspectiva fonológica sobre a escrita de alunos do 6º ano	FONTENELE, Jorge Diego Marques	Profissional – Profletras	Universidade Estadual do Piauí – UESPI	PI	Apagamento	2019
“Eu vou começa a fala [...] eu sair escondido” – estratégias para trabalhar com o apagamento e a hipercorreção em sala de aula	BOMFIM, Jussileide Ramos	Profissional – Profletras	Universidade Federal de Sergipe – UFS	SE	Apagamento e hipercorreção	2021
O apagamento do -R em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita?	RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza	Acadêmico	Universidade do Estado da Bahia – UNEB	BA	Apagamento	2013

Fonte: Elaboração própria (2025).

4. ESTRUTURA SILÁBICA

Todo o apagamento se dá no contexto da sílaba que é uma parte ou uma das partes que constituem a palavra, dada a existência de monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos. A sílaba pode ser constituída de um único segmento, desde que este seja vogal, de dois, três ou até mais. Por exemplo, em sabor, a última sílaba (bor) é composta por três letras: a primeira (**b**) ocupa a posição de ataque, a segunda (**o**), a de núcleo, a terceira (**r**), a de coda. O núcleo da sílaba é sempre preenchido por uma vogal, enquanto as margens podem ser ocupadas por consoantes que, em alguns casos, podem até ser eliminadas. Em caso de apagamento na palavra, geralmente a parte final da sílaba, chamada coda, é a mais afetada. A coda desaparece porque “é a posição mais débil da estrutura silábica, por isso bastante suscetível à variação” (PEDROSA, 2012, p. 83).

Trata-se de uma posição que, segundo a pesquisadora, não necessita ser sempre preenchida. Sendo assim, não é raro que o professor do Ensino Fundamental se depare com construções do tipo: ‘sabô’ em vez de sabor, em que o /r/ final dessa palavra não é grafado nos textos produzidos por seus alunos. Escrevendo assim – de forma consciente ou inconscientemente – eles estão, sem se dar conta, seguindo uma regra variável da língua e confirmando o que a Sociolinguística tem explicado, com auxílio de todo o aparato teórico-metodológico e tecnológico de que se dispõe, esse e outros fenômenos da língua em uso.

Nesse caso, com o apagamento da coda, a estrutura silábica é simplificada modificando-se de CVC para CV. Com essa alteração, a sílaba, formada por consoante e vogal, é considerada o padrão ideal para os falantes do português (CALLOU, 2015). Entretanto, existem na língua portuguesa outros moldes silábicos variáveis desde o mais simples (V) ao mais complexo (CCVVC). Para esta pesquisa, é o padrão CVC que interessa, porque nele há três constituintes (o ataque, o núcleo e a coda), sendo que o último elemento pode se manter na sílaba ou se apagar, a depender da classe morfológica do vocábulo, do nível de escolaridade e da tipologia textual.

Esses fatores de natureza linguística e social condicionam a variação analisada em textos escolares de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental por Freire; Oliveria (2019). Outros grupos de fatores como o tipo de coda (interna e externa), idade e localidade dos informantes também podem influenciar a variação na língua segundo Monaretto (2000). Assim, compreende-se que a variação é de natureza diversa por englobar esses e outros

aspectos, já que “há indícios, pois, de os condicionantes serem tanto fonológicos, morfológicos e sociais” (CALLOU, 2015, p. 51).

4.1 Padrões silábicos do PB

Em um capítulo sobre sílaba, Pedrosa (2012), assim como fez Collischonn (2005), descreve todos os padrões silábicos possíveis no PB, do mais simples ao mais complexo, e exemplifica-os, como mostra o Quadro 14.

Quadro 14 – Padrões silábicos do PB

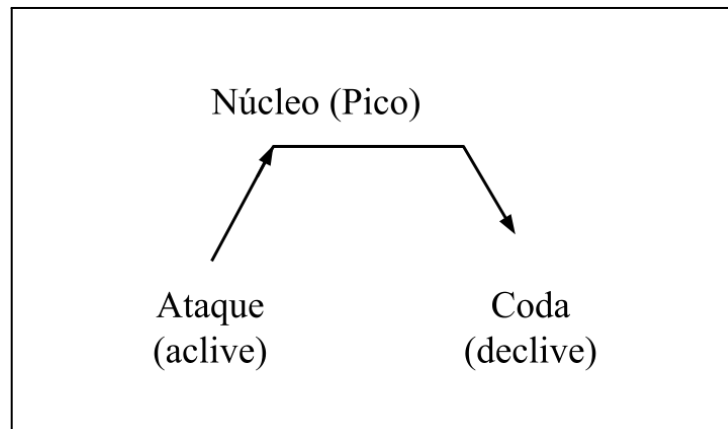
Quantidade	Padrão silábico	Exemplo
01	V	a
02	VC	ir
03	VCC	ins.tá.vel
04	CV	pa.ta
05	CVC	pas.ta
06	CVCC	cons.tar
07	CCV	pré
08	CCVC	pres.tar
09	CCVCC	trans.tor.no
10	VV	ou.tro
11	CVV	dei.xar
12	CCVV	trou.xe
13	CCVVC	claus.tro

Fonte: Pedrosa (2012, p. 74) – Adaptado.

Para explicar a variação do molde silábico CVC (consoante, vogal e consoante) que conduz o enfraquecimento e, conseqüentemente, a queda da coda, a professora elaborou um gráfico em que aparecem os três constituintes da sílaba: ataque, núcleo e coda.

4.2 Elementos constituintes da sílaba: ataque, núcleo e coda.

Gráfico 3 – Constituintes da sílaba



Fonte: Pedrosa (2012, p. 72).

Retomando o vocábulo ‘sabor’ em que a última sílaba tem o padrão CVC desenhado no Gráfico 3, a teoria da sílaba pode dar uma explicação lógica para os três constituintes, principalmente a coda, posição final de sílaba situada no início, meio ou fim de palavra. A princípio, nenhuma consoante pode ser o núcleo da sílaba, porque a posição central será sempre preenchida por uma vogal que se cerca de duas consoantes, como nesse exemplo, ocupando as margens da sílaba: estas são o ataque e a coda: à margem esquerda, encontra-se o ataque, que é a posição inicial; à margem direita, a coda, a posição final. A sílaba /bor/ apresenta, na sua estrutura, o ataque (b), o núcleo (o) e a coda (r). É importante mensurar que nem toda sílaba tem todos esses elementos ou o padrão CVC (consoante + vogal + consoante). No PB, existem esse e outros moldes silábicos, como já apresentados no Quadro 14.

Considerando-se, nesse contexto, sabor como exemplo, a consoante na posição de ataque não admite ser apagada, porque o que resta não constitui sílaba. Afinal, ninguém falaria por aí ‘saor’, uma construção que, se não nomeia alguma coisa no mundo, não existe, portanto, no léxico do português. Porém, a coda dessa sílaba pode desaparecer sem problema algum e, ainda assim, a sílaba, apesar de não ter mais os três segmentos gráficos, continua com status de sílaba na nova variante: ‘sabô’.

Considera-se /bô/ como sílaba, porque o seu constituinte básico, que é a vogal, permanece nela. A sílaba passou por um processo de reestruturação silábica. O padrão CVC variou para CV. Não existe sílaba sem vogal, elemento fundamental para a composição da estrutura silábica. Tão verdadeiro que, para descobrir o número de sílabas de qualquer

palavra, basta apenas contar as vogais que estão inseridas nela conforme Seara et al. (2022). Cada vogal representa uma sílaba. Assim, se houver duas vogais na palavra, logo haverá duas sílabas como, por exemplo, no vocábulo sabor, que possui duas vogais /a/, /o/ em sílabas diferentes (sa•bor). Portanto, trata-se de um dissílabo. Esta é, basicamente, a primeira explicação para o conceito de sílaba – amplo e complexo.

A segunda explicação diz respeito ao apagamento da coda condicionado pelo fator sonoridade. Segundo Pedrosa (2012), o segmento menos sonoro no final de sílaba, como é a consoante R na palavra sabor, tem tendência ao cancelamento, já que a preferência é pela sílaba aberta, ou seja, a que termina com elemento mais sonoro, no caso, a vogal /o/. No aspecto sonoro, as vogais são mais soantes do que as consoantes. Assim, a pesquisadora apresenta, com base em Jespersen (1904), uma escala de sonoridade com a seguinte configuração: obstruintes < nasais e líquidas < vogais. Cada um desses elementos ocupa uma posição na sílaba. Por exemplo, os obstruintes ocupam a posição de ataque; as nasais e as líquidas, a de coda, ao passo que as vogais ocuparão sempre a posição de núcleo.

Segundo Pedrosa (2012):

“O ataque é a posição inicial da sílaba e, por isso, a menos sonora, ou seja, ocupada, preferencialmente, pelas consoantes hierarquicamente mais baixas em relação à escala de sonoridade. A coda, por sua vez, é a posição de travamento silábico, sendo, na maioria das vezes, ocupada por consoantes mais sonoras e, para alguns teóricos, pela semivogal/glide” (PEDROSA, 2012, p. 72).

A professora explica, a partir da configuração do Gráfico 3, os três elementos constitutivos da sílaba segundo a escala de sonoridade. Nota-se, pela forma como a escala foi construída, que o traço de sonoridade do ataque ao núcleo é crescente, mas do núcleo até a coda é decrescente depois de a sílaba atingir o ápice ou o pico de sonoridade. Isso resulta, é o que se percebe, em apagamento de qualquer segmento não só do /r/ como também do /s/ ou /l/ que esteja na posição de coda. Segundo a linguista:

[...] a distância sonora entre o ataque e o núcleo é maior do que entre o núcleo e a coda, o que indica que o aclave é maior do que o declive silábico. Consequentemente, é possível constatar que a menor intensidade do declive reforça a tendência pela sílaba finalizar com segmentos sonoros [...]. Isso seria, então, um reforço a mais pela preferência à sílaba aberta, que finaliza no elemento mais sonoro, aquele que sustenta a sílaba” (PEDROSA, 2012, p. 73).

Roberto (2016), por sua vez, reforça toda essa explanação acerca da sonoridade e aponta qual é a posição ocupada por vogais e consoantes na sílaba.

É comum os obstruintes ocuparem posição de ataque, enquanto as vogais ocuparão o núcleo silábico, ficando as nasais e as líquidas comumente presentes na posição de coda, já que a sílaba é composta de um aclave (posição de ataque), um pico (núcleo) e um declive (coda), sendo que o aclave é mais acentuado que o declive, devido à distância sonora entre o ataque e o núcleo ser maior do que entre o núcleo e a coda. No PB, a nasal em posição de coda só se sustenta para os que defendem o postulado de Camara Jr. (ROBERTO, 2016, p. 72).

Como dito, cada um desses elementos ocupa uma posição na sílaba. Por exemplo, os obstruintes ocupam a posição de ataque; as nasais e as líquidas, a de coda, ao passo que as vogais ocupam sempre a posição de núcleo. Em questão de soância, o ataque e a coda são menos sonoras, o que é propício ao apagamento de elementos que ocupem essas posições, ao contrário do núcleo, que é preenchido sempre por uma vogal, um elemento considerado mais sonoro que consoante. Por isso, o núcleo silábico não é passível de variação.

Além de Pedrosa (2012), Seara et al. (2022) apresentam uma escala para explicar a sonoridade dos elementos constituintes da sílaba e justificar a queda do /r/ em posição de coda. A escala pode ser lida de duas maneiras: tanto da esquerda para a direita, quanto da direita para a esquerda. A sonoridade de 0 a 3, do ataque ao núcleo, é crescente. Em sentido contrário, de 3 a 0, do núcleo à coda, é decrescente. Segue a escala de soância conforme o Quadro 15.

Quadro 15 – Escala de soância dos constituintes da sílaba

Vogais	Líquidas (laterais e róticos)	Nasais	Oclusivas e fricativas
3	2	1	0

Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO (2022, p. 117).

Assim, os sons oclusivos ou fricativos ocupam o onset, as nasais e as líquidas preenchem a posição de coda e a vogal, a de núcleo. Segundo as autoras, a composição da sílaba obedece a duas regras, tais como:

1. a sequência de elementos no onset e na coda silábica de mesma escala de soância não é permitida;

2. o núcleo da sílaba é constituído pelo elemento mais sonoro da sequência de sons e deve haver uma escala crescente de soância do onset para o núcleo e decrescente do núcleo para a coda.

Baseando-nos nessas condições, a palavra ‘pasta’ não poderia ter uma sílaba ‘sta’ porque o ataque seria formado por ‘st’ cujos elementos sonoros têm a mesma soância: a primeira é fricativa e a segunda é oclusiva, portanto as duas têm escala de soância igual a 0. Por sua vez, a separação da sequência ‘pasta’ em ‘pas’ e ‘ta’ respeita as condições anteriormente estabelecidas:

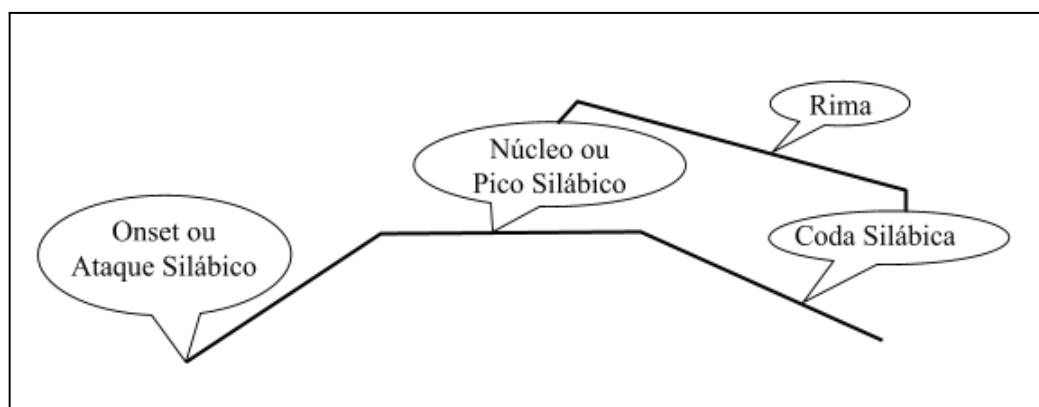
(i) a sílaba ‘pas’ tem como onset /p/, como núcleo /a/ e como coda /s/ e vemos a escala crescente de soância do onset para o núcleo que vai de 0 a 3 e a escala decrescente do núcleo para a coda que vai de 3 a 0.

(ii) a sílaba ‘ta’ tem como onset /t/ e como núcleo /a/, o que também respeita as condições colocadas (SEARA et al., 2022, p. 118).

Diferentemente de Pedrosa (2012), elas reorganizam a sílaba em duas partes, sendo que uma delas é o onset, mais conhecido por ataque. Segundo as pesquisadoras, o onset pode ser formado por uma ou duas consoantes. Sem restrição linguística, qualquer segmento consonantal pode ocupar a posição de ataque. A coda também pode apresentar uma ou duas consoantes, mas não permite, assim como o onset, ser preenchida por qualquer consoante. Do total de 19 fonemas consonantais do alfabeto, apenas três podem estar na coda silábica. São eles: /r/, /s/ e /l/ que, em decorrência de variação, são representadas por arquifonemas².

Conforme a Figura 6, a primeira parte da sílaba é o onset, sinônimo de ataque; a segunda é a rima que se subdivide em núcleo (pico) e coda.

Figura 6 – Elementos constitutivos da sílaba



Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO (2022, p. 118).

²**Arquifonema.** A nomenclatura foi utilizada e popularizada por Trubetzkoy e seus companheiros do Círculo de Praga. Um arquifonema representa então a perda de contrastividade fonêmica, mais especificamente, representa a neutralização de um ou mais fonemas em um contexto particular (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2022, p. 108).

Conforme a Figura 6, a estrutura silábica se constitui de duas partes: onset e rima. Onset ou ataque é a posição pré-vocálica da sílaba preenchida por consoante(s) que pode ser tanto do tipo simples, com apenas uma única letra, quanto do tipo complexo, com dois segmentos consonantais. A rima, por sua vez, é formada por um núcleo e uma coda. O núcleo é a posição central, é o pico de sonoridade. Apenas a vogal, por ser mais sonora do que a consoante, é que pode ocupá-la. E, finalmente, a coda que é a posição pós-vocálica muito passível de variação.

Há dois tipos de coda: simples e complexa. Quando apresenta apenas um só segmento, a coda é simples. Porém, se for constituída por mais de um segmento, classifica-se como coda complexa. Na primeira sílaba da palavra **pato**, por exemplo, a consoante /p/ é o onset silábico do tipo simples e a vogal /a/ é o núcleo da sílaba. Como o padrão silábico é CV, a sílaba não apresenta coda. A segunda sílaba da referida palavra também é formada por um onset /t/ e um núcleo /o/. Tem, portanto, a mesma característica da primeira, visto que o padrão de ambas as sílabas é igual: CV. CV.

Segundo Bisol (2013), a sílaba e a rima possuem estruturas binárias, pois ambas se constituem de duas partes. A sílaba é binária porque tem, em sua estrutura, um onset e uma rima. A rima, por sua vez, também o é, pois é formada pelo núcleo e pela coda como na Figura 6. Algumas observações importantes sobre os elementos constituintes da sílaba são apontadas pela autora.

- I. A sílaba do português tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória.
- II. A rima também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre uma vogal, e a coda é uma soante ou /S/.
- III. O ataque compreende ao máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não nasal.

(Bisol, 2013, p. 23)

De todos os elementos (onset, núcleo e coda) que formam uma sílaba, apenas o último interessa para esta pesquisa, porque o fenômeno que se propõe analisar, que é a variável /r/, encontra-se em posição de coda silábica. A possibilidade de sofrer supressão é gigantesca, quando está em final de sílabas a posição que chamamos de coda, como podemos observar em palavras como **ur-so**, **ci-rur-gi-a** e **an-dar**. Caso ocorra a perda do R nesses vocábulos, estamos diante de um fenômeno recorrente na língua, principalmente, na modalidade falada, chamado de apagamento por supressão.

A hipercorreção também é objeto de análise nesta pesquisa de Mestrado e pode ser de vários tipos. Entretanto, só é do interesse do autor o caso de hipercorreção envolvendo a

presença do -r em verbos flexionados. No presente estudo, compreende-se que a hipercorreção nada mais é do que o acréscimo indevido de um grafema em palavras, como neste exemplo: *está* > *estar*, em que a forma flexionada (*está*) passa indevidamente para a forma infinitiva (*estar*), o que acaba gerando uma hipercorreção, ou seja, uma correção excessiva e, portanto, desnecessária do que é já considerado correto ortograficamente.

Sobre a variável /r/, o primeiro objeto da nossa análise, que ocupa a posição pós-vocálica, é necessário dizer que existem a coda interna e a coda externa. Os exemplos a seguir ajudam na compreensão desses conceitos: em ‘*urso*’ e ‘*cirurgia*’, a coda é interna, pois este constituinte (r) está no interior dessas palavras; já, em ‘*andar*’, a coda é externa, porque está no fim do vocábulo.

O apagamento tem origem na oralidade e, por muitas vezes, é reproduzido na escrita. Nesse caso, ocorre o que chamamos de transposição. Quando falamos palavras como *urso*, *cirurgia* e *andar*, o R em coda não é pronunciado. Esse fato repercute-se diretamente na escrita de quem ainda não está familiarizado com este processo. É claro que a presença desse grafema em final de sílaba, com influência de fatores linguísticos, como os contextos precedentes e subsequentes, é, sem dúvida, determinante para a ocorrência do apagamento que sai da esfera da fala e vai para outra esfera, a da escrita. Esta, no entanto, não permite a ocorrência de processos fonológicos, pois é regida pelo sistema ortográfico que impõe regras e normas, para que a língua se mantenha sempre estável na modalidade escrita. A ortografia é o freio para a variação na língua escrita. Entretanto, é comum encontrarmos em textos escolares, nos aplicativos de mensagens e nos comentários publicados em redes sociais, uma enxurrada de palavras nas quais o R final de sílabas ou de palavras não é grafado.

O apagamento “é hoje uma variação estável, sem marca de classe social” (CALLOU, 2015, p. 51). O fenômeno ocorre em coda interna, mas é mais recorrente em final de palavras: *doutor* ~ *dotô* e em enunciados do tipo: “Pode tudo, só não pode ‘beijá’ na boca, porque isso é traição”, frase dita por um internauta entrevistado em uma página do Instagram.

Isso ocorre porque a coda é considerada uma posição frágil. Segundo Roberto (2016, p. 77): “Dada a característica débil de sua realização, a posição de coda está sujeita a forte variação, independentemente da posição da sílaba na palavra (inicial, medial ou final), embora se saiba que na sílaba final a variação manifesta-se com mais intensidade”.

Entretanto, não é apenas o R que é suprimido. Callou et al. (2013, p. 167) identificam quais são as consoantes que se colocam em posição de coda favorável ao apagamento:

“Além das consoantes nasais, apenas três fonemas, /s/, /r/ e /l/, podem ocupar a posição de coda silábica, como em: mas, mar e mal. Essas consoantes prestam-se, exemplarmente, à caracterização de fenômenos variáveis no português do Brasil”. (Callou et al., 2013, p. 167)

Em função da variabilidade e da posição silábica, elas são consideradas arquifonemas definidos como:

“Os segmentos fonéticos que ocorrem em coda silábica são normalmente representados por arquifonemas em função da neutralização que acontece nessa posição. São eles: /N/, /S/ e /R/. Mas ainda temos a possibilidade da lateral /l/ nessa posição” (SEARA et al., 2022, p. 121).

Pedrosa (2012), em consonância com esses pesquisadores, confirma as informações a respeito da coda e amplia o alcance desse constituinte silábico, afirmando que tal posição não é ocupada apenas por determinadas consoantes suscetíveis ao apagamento, mas também por glides representados pelas letras I e U que, por estarem em posição frágil, são apagadas. E o resultado disso é um processo de monotongação:

É consenso na literatura que a posição de coda no português é ocupada apenas pelas consoantes líquidas /r/ e /l/, pela nasal /N/, que se realiza através de nasalidade na vogal precedente, pela fricativa coronal /s/ e pelas semivogais /j/ e /w/ que formam o ditongo verdadeiro (PEDROSA, 2012, p. 83).

Com resultados de pesquisas apontando altos índices de apagamento do /r/, principalmente em final de palavras, em função da classe morfológica e outros fatores, chega-se à conclusão de que: “O apagamento do R final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social” (CALLOU, 2015, p. 51).

Monaretto (2000, p. 280) já previa – décadas atrás – essa passagem do estado de variação para mudança ao observar que o apagamento do /r/ é crescente entre os jovens e decrescente entre os mais velhos. Em sua pesquisa, constatou que: “A queda do r é mais frequente nos jovens, decaindo pelas duas outras faixas de informantes mais velhos, ou seja, evidencia-se um processo de mudança em progresso”.

4.3 Processos fonológicos

A coda é a posição final de sílaba. Ocupam essa posição poucos fonemas consonânticos e, também, os sons vocálicos como a semivogal ou glide (i, u). Por ser considerada uma posição fraca da sílaba, é comum a ocorrência do cancelamento desses fonemas em contextos de oralidade, já que os sons não são produzidos durante a emissão da fala. Por isso considera-se o apagamento como processo fonológico, porque ocorre na fala. Cardoso (2009) reúne os processos fonológicos em quatro grupos, o que será exposto adiante, mas para esta pesquisa interessa o grupo em que ocorre o apagamento por supressão, principalmente a apócope do R. Por este processo, as palavras, que terminam com esse segmento, acabam perdendo o fonema/grafema, respectivamente, na fala e na escrita.

4.3.1 Mudança articulatória de um fonema por influência do contexto fonológico

O primeiro grupo contém os processos em que um fonema muda por influência do contexto fonológico. Neste grupo, é destacado apenas o processo de assimilação para finalidade de compreensão como em: menino ~ **minino**.

Nesse exemplo, “em que um segmento se torna semelhante a outro, assumindo traços de um segmento vizinho” (ROBERTO, 2016, p. 118), observa-se que a vogal pretônica (**e**) assemelhou-se ao som da vogal subsequente (**i**). Esta vogal, que é tônica, influencia foneticamente aquela, ou seja, a primeira assimila o som da segunda, de modo que o som das duas vogais se torna igual ou semelhante. Outro exemplo: em **melhor** ~ m[ɛ]lh[ɔ]r, a vogal pretônica (**e**) passa a ter pronúncia aberta devido à vogal tônica (**o**) já ser, por natureza linguística, aberta, exercendo, assim, influência sobre a vogal antecedente. É, portanto, mais um caso de assimilação, em que o contexto subsequente age em favor da variação, ou seja, “o fator condicionante é a vogal aberta da sílaba tônica” (LEITE; CALLOU, 2002, p. 41). Outros processos, pelos quais ocorre mudança de fonema, são: a dissimilação, harmonização vocálica, debordamento vocálico, metafoia, nasalização, desnasalização, vocalização, rotacismo, palatalização e despalatalização.

4.3.2 Adição de fonemas

O segundo grupo constitui-se de processos que adicionam fonemas no início, meio ou final da palavra. São apenas três:

4.3.2.1 **Prótese** – se o fonema for adicionado no começo da palavra: limpar ~ **alimpar**.

4.3.2.2 **Epêntese** – acrescenta-se um fonema no meio da palavra entre uma consoante e outra do encontro consonantal: ritmo ~ **ritimo**. O /i/ epêntico desfez o grupo de consoantes, mas isso não acontece aleatoriamente, tanto que o seu fonema é pronunciado enquanto se fala. Ao pronunciar a palavra, o falante segue o padrão silábico ideal que é CV (consoante + vogal). Aliás, a sílaba tem esse e outros moldes silábicos. Sem a epêntese, o vocábulo é composto por duas sílabas: **rit-mo**. Com a epêntese, passa a apresentar três sílabas: **ri-ti-mo**. Observa-se, então, que não se trata apenas de inserir um fonema entre duas consoantes no meio da palavra e ponto final. Ao fazer isso, muda-se a estrutura vocabular. A palavra deixa de ser dissílaba para tornar-se trissílaba. Além da epêntese, a introdução de um novo fonema na posição medial do vocábulo gera outro processo – a ditongação – como mostram estes exemplos: fez ~ **feiz**; nós ~ **nóis**.

4.3.2.3 **Paragoge** – nesse processo, o fonema é acrescentado no final da palavra: amor ~ amore.

4.3.3 Desaparecimento de fonemas

O terceiro grupo é formado de processos em que ocorre apagamento de segmentos vocálicos, consonantais e até sílaba inteira. São, portanto, três processos:

4.3.3.1 **Aférese** – é o apagamento no início da palavra: estou ~ **Ø**tu/ estão ~ **Ø**tão/ está ~ **Ø**tá. Nesses casos, a sílaba inicial (es) foi completamente cancelada dos vocábulos, mas pode também ocorrer com apenas um segmento: obrigado ~ **Ø**brigado.

4.3.3.2 **Síncope** – é o apagamento no meio da palavra: xícara ~ xic**Ø**ra. Com a queda do fonema medial, pode surgir outro processo, o da **monotongação**: cadeira – cade**Ø**ra, em que o ditongo ei se desfaz, com o apagamento do glide ou semivogal, restando-se apenas a vogal /e/.

4.3.3.3 **Apócope** – é o apagamento de segmento no final da palavra. A ocorrência mais comum pode ser encontrada em verbos em sua forma infinitiva e no futuro do subjuntivo: falar ~ falaØ; se eu quiser ~ se eu quiséØ, mas pode ocorrer em palavras de outras categorias gramaticais como os substantivos, adjetivos e outras.

Todos esses fenômenos aqui apresentados de forma breve são inerentes à língua oral e passam, muitas vezes, da fala para a escrita por meio do processo de transposição. O processo de apócope, que tem relação com um dos objetos desta pesquisa, atua na eliminação da coda externa da palavra e muda a estrutura silábica, provocando formas variantes. As consoantes R, S e L, em final de palavras, podem ser eliminadas por esse processo, como se vê nestes exemplos: cantar ~ cantaØ/ as portas ~ as porta/ o papel ~ o papéØ. Sobre a primeira consoante, R, que é o foco deste estudo, Cardoso (2009) explica como e onde ocorre a supressão: “o r posvocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais e nas formas do futuro do subjuntivo” (CARDOSO, 2009, p. 122).

O apagamento do /r/ ou de outro segmento em coda, no final de palavras, chamado de apócope, é um fenômeno que não é novo no PB, pois já existia lá no latim e continua no português. Por isso tem sido incessantemente objeto de muitas pesquisas no país. O português e outras línguas românicas derivam do latim que se originou na região do Lácio, na Itália, e foi a língua oficial do Império Romano. Por exemplo, amare (latim) passou para amar (português) por meio desse “fenômeno fonológico caracterizado pela omissão de um ou mais sons no fim de uma palavra”. (CRISTÓFARO SILVA, 2021, p. 61). Da mesma forma que o vocábulo perdeu o fonema final /e/, amar e outras palavras com R na coda final também vêm passando pelo mesmo processo. Na pronúncia, o fonema não é produzido. Na escrita, às vezes, não é representado pelo grafema, principalmente em textos escolares como demonstrado na pesquisa de Freire e Oliveria (2019).

Ao olhar para a sequência: amare > amar > amaØ, o que se observa são mudanças diacrônicas pelas quais se passa uma língua. Essas e outras transformações resultaram em uma nova língua, a língua portuguesa, que vem passando pelo mesmo processo, o de cancelamento dos fonemas na posição final das palavras, configurando a apócope, que, segundo Dubois et al. (2014, p. 56), “é uma mudança fonética que consiste na queda de um ou mais fonemas ou sílabas no fim de uma palavra: o lat. illinc vem de illince, por apócope do fonema final”.

Para Cardoso (2009), o apagamento do /r/ final tem abrangência nacional e não só se realiza nos verbos ou nas formas verbais do subjuntivo, mas também em outras classes de palavras que terminem em R:

“Em todas as regiões do Brasil, o r posvocálico é normalmente suprimido nos infinitivos verbais (amar > amá; saber > sabê; sentir > senti), nas formas do futuro do subjuntivo (se eu estiver > estivê; se ele quiser > quisê; se ela fizer > fizê), nos substantivos (amor > amô), nos adjetivos (melhor > melhó) e nos advérbios (devagar > devagá)” (CARDOSO, 2009, p. 116).

4.3.4 Transposição de fonemas ou de acento

O quarto grupo refere-se aos processos em que um fonema não é cancelado nem acrescentado, mas transposto de um lugar para outro na palavra em que está inserido.

4.3.4.1 **Metátese** – o fonema seja na forma de vogal, seja na forma de consoante, sai da posição de origem para ocupar outra posição na palavra, isto é, troca de lugar, da antepenúltima sílaba para a sílaba inicial como em: lagartixa ~ largatixa.

4.3.4.2 **Hiperbibasmo** – é a mudança do acento tônico, ou melhor, da sílaba tônica: rubrica ~ rúbrica. Nesse caso, a tonicidade na penúltima sílaba da primeira palavra (bri) passa para a antepenúltima sílaba da segunda (ru), tornando-se, portanto, proparoxítone que, por via de regra, é sempre acentuada. Então, por inúmeras vezes, ouve-se a segunda variante em vez da primeira.

4.4 O apagamento do /r/ em codas silábicas

O apagamento linguístico não é um fato recente do português brasileiro ou das línguas naturais. Alterações que rondam o /r/ vêm desde o latim e continuam no português contemporâneo. Na passagem de uma língua para outra, mudanças podem ser observadas em: semper > sempre. Nessas palavras, o que se vê é que o /r/ “permaneceu, mas passou para antes da vogal precedente, por metátese” (BAGNO, 2012, p. 309). O fenômeno ocorre, com frequência, no PB como em lagartixa > largatixa, em que o segmento consonantal em destaque permanece na estrutura da palavra, mas em posição diferente.

Monaretto (2000, p. 275 - 276) confirma a fala do linguista Bagno de que a consoante tem passado por esse fenômeno: “Há evidências de alterações da vibrante posvocálica desde o

período latino com a metátese do r final em formas como *quattuor* > *quatro*, por exemplo”. E estando em final de palavra ou de sílaba, ela pode ser cancelada, o que vem ocorrendo desde a fase arcaica da língua portuguesa: “é em fases posteriores ao português arcaico que o processo de apagamento parece ter se estabelecido, expandindo-se por todas as classes de palavras e pela fala de diferentes estratos sociais”. E de algumas décadas para cá, o fenômeno de apagamento na fala, com transposição para a escrita, tem sido objeto de estudo em terras brasileiras: “No português brasileiro esse processo tem sido observado muito cedo, sobretudo em peças teatrais e em gramáticas, que o apontam como uma variante estigmatizada”.

Em um estudo realizado no ano de 2000, a professora pesquisou o /r/ em posição pós-vocálica na fala da região Sul do Brasil, entrevistou 36 informantes das três capitais (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba) e analisou fatores linguísticos (classe morfológica, posição do r na palavra dentre outros) e sociais (localidade, faixa etária, escolaridade e sexo), utilizando o pacote de programas VARBRUL. O estudo tinha como objetivo verificar quais fatores condicionam o apagamento desse segmento quando está em posição de coda e apontou que o fenômeno é maior em verbos em detrimento dos não verbos conforme estas evidências: 81% para verbos, 20% para palavras funcionais (preposições, conjunções, pronomes e advérbios) e 5% para não verbos (substantivos e adjetivos).

Segundo a pesquisadora, o alto índice de apagamento em verbos em detrimento dos nomes é condicionado pela classe morfológica, a posição do /r/ na palavra, a idade e a localidade, ao passo que, em não verbos, a queda da coda se dá em razão de outros fatores como a dimensão do vocábulo (monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo) e o acento lexical (se a consoante final está em sílaba acentuada ou não). Em resumo, apaga-se o rótico de forma expressiva em verbos, na sua sílaba final, entre os informantes mais jovens e em Florianópolis do que nas outras capitais. Já, em não verbos, apagou-se mais o fonema em palavras com mais de uma sílaba e em sílaba não acentuada, por exemplo: *açúcar* ~ *açucaØ* e *revólver* ~ *revóviØ*. Como a supressão da coda é maior no grupo de jovens e vai decaindo pelos outros grupos de informantes mais velhos, a autora afirma, portanto, que o fenômeno de apagamento na língua é um “processo de mudança em progresso” (MONARETTO, 2000, p. 280) e conclui que esse apagamento na região Sul do país é motivado por fatores linguísticos e sociais e “atua sobretudo em final de palavra” (MONARETTO, 2000, p. 283).

Freire e Oliveria (2019) analisaram o mesmo fenômeno, mas no âmbito da escrita, dado o contexto escolar. Ao analisar um corpus constituído por 83 textos de alunos dos três últimos anos do Ensino Fundamental, os autores partiram da hipótese de que fatores

linguísticos e sociais condicionam a permanência do R em final de palavras. Assim, elegeram duas variantes: a variante [r] e a variante zero fonético [Ø]. A primeira representa a forma padrão da língua. A segunda, a forma inovadora. Ambas encontradas nos textos dos alunos. Os resultados gerais demonstram que 87,6% das ocorrências mantêm a variante [r], ao passo que 12,4% apagam o rótico, o que pode ser compreendido como resultado do papel da escola e do professor em atuação combatente aos fenômenos de variação na escrita de textos escolares.

As variáveis escolhidas pelo Goldvarb X foram a classe morfológica, a tipologia textual e a escolaridade. Para a primeira variável, o fator nome favorece a variante [r] com peso relativo de 0.74. Em contrapartida, o fator verbo a desfavorece com peso relativo de 0.38. Em relação à segunda variável, o tipo argumentativo é o principal fator favorecedor da variante de prestígio, pois obteve peso relativo de 0.67, seguido pelo descritivo (0.39) e narrativo (0.18). Sobre a última variável, o 9º ano se destaca como o ambiente favorável à variante padrão com peso relativo de 0.67 e foi seguido pelo 8º ano (0.39) e 7º ano (0.18).

Embora a pesquisa não mostre explicitamente dados percentuais de apagamento para as variáveis independentes ao tratar-se da variante [Ø], é possível deduzir quais são esses índices em ordem decrescente, a saber: **(i)** verbos (16,6%) versus nome (2,8%); **(ii)** narrativo (34,1%), descritivo (13,8%) e argumentativo (4,2%); **(iii)** 7º ano (34,1%), 8º ano (13,8%) e 9º ano (4,2%). Em resumo, os fatores que mais favorecem o apagamento são o verbo, o tipo narrativo e o ano escolar 7º ano. Com esses dados, chega-se à conclusão de que as taxas de apagamento para as três variáveis foram, respectivamente, maiores em verbos, em textos narrativos e no ano escolar 7º ano.

Sobre o R em posição final de palavras, os autores concluem: “os resultados confirmaram a hipótese (de) que se trata de um fenômeno variável sensível à classe de palavra, ao nível de escolaridade dos informantes e tipologia textual empregada na pesquisa” (FREIRE; OLIVERIA, 2019, p. 12).

Entretanto, considerando-se apenas os dados percentuais relacionados especificamente à classe morfológica, o estudo de Freire e Oliveria (2019) corrobora com os resultados de Monaretto (2000), pois, em ambas as pesquisas, constatou-se que se apaga mais o /r/ em final de verbos do que em nomes, tanto em dados de escrita dos estudantes, quanto em dados de fala dos informantes respectivamente.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da presente dissertação consiste em uma pesquisa-ação de abordagem quantitativa e de natureza aplicada como parte da pesquisa que foi realizada em uma escola pública da rede municipal de ensino de Pedro Velho/RN, com alunos voluntários do 6º ano do Ensino Fundamental no ano de 2024. A metodologia segue os pressupostos da Teoria da Variação como modelo de análise de pesquisas sociolinguísticas – como esta – postulados por Labov (1972).

Para explicar o objeto de estudo – a variável /r/ em posição pós-vocálica – em atividades de escrita dos participantes, o pesquisador fez uso de um programa – o Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) – um aplicativo desenvolvido para análise de fenômenos variáveis e é bastante utilizado em dissertações e teses de natureza sociolinguística. O estudo contempla também a hipercorreção que também foi submetida ao uso da ferramenta.

O estudo teve início com uma pesquisa bibliográfica e seguiu com a pesquisa-ação. A coleta de dados foi realizada por meio de duas atividades de escrita, já que se tratava de dois objetos de investigação, ocorridas em duas etapas da pesquisa em âmbito escolar e, no intervalo entre uma e outra, foram aplicadas duas oficinas pedagógicas com o objetivo de intervir no “problema” diagnosticado, no caso, o apagamento do /r/ em posição de coda, bem como o acréscimo indevido dessa consoante às formas verbais flexionadas em pessoa, tempo e modo, visando, então, minimizá-lo durante o período das oficinas de natureza intervencionista. A metodologia de trabalho será detalhada nos itens de 5.1 a 5.7 descritos a seguir.

5.1 Pesquisa bibliográfica

Definido o tema da dissertação, o autor do estudo debruçou-se pesquisar sobre cinco eixos temáticos citados no título da pesquisa denominada ‘Variação linguística em codas silábicas: o apagamento do /r/ e a hipercorreção na escrita de alunos do 6º ano’. Nota-se, nesse título, a presença de eixos temáticos como variação linguística, codas silábicas, apagamento do /r/, hipercorreção e escrita.

Para tratar-se da temática principal e desses subtemas, buscou-se revisitar alguns autores como Labov (2008), Tarallo (1986) e Bortoni-Ricardo (2004, 2005) e estudos já

publicados em livros, capítulos de livros, artigos científicos, revistas eletrônicas, e-books, repositórios de universidades brasileiras e portais como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), nos quais o tema do apagamento, mais que o da hipercorreção, já foi bastante pesquisado e amplamente divulgado, com acesso disponível em sites eletrônicos como o Google Acadêmico. Até dicionários de fonética e fonologia também foram consultados no intuito de compreender conceitos específicos da Linguística como a hipercorreção e a apócope.

5.2 Pesquisa-ação

Por se tratar de pesquisa, é fundamental saber o que isso significa. Ainda que o conceito seja muito familiar no ambiente escolar e, também, nas instituições superiores de ensino, é necessário trazer aqui uma definição para o termo. Segundo Paiva (2019), pesquisa “é uma tarefa de investigação sistemática com a finalidade de resolver um problema ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno” (PAIVA, 2019, p. 11). Daí, vem o nome ‘pesquisa-ação’.

Esta é, portanto, a finalidade da presente dissertação. Por isso optou-se por uma pesquisa dessa natureza que “se caracteriza pela intervenção em busca de mudanças positivas em determinado contexto” (PAIVA, 2019, p. 72).

Nesse sentido, Thiollent (1992) define, também, a pesquisa-ação como:

um tipo de pesquisa social com base empírica [...] que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (1992, p.14).

No intuito de atenuar as ocorrências de apagamento e da hipercorreção em atividades em que a escrita é proposta, a pesquisa-ação foi, de fato, a ferramenta adotada para o tratamento desses processos linguísticos. O apagamento ocorre, com frequência, na fala. É um processo fonológico. Porém, quando transposto para a escrita, passa a ser visto como “erro” corrigido pela escola que é mantenedora de padrões linguísticos da escrita. Paralelo ao apagamento da coda (r), ocorre, também, além disso, nos registros de escrita discente, a hipercorreção, com o acréscimo da letra **R** às formas flexionadas de verbos em pessoa, tempo e modo verbais.

Por meio da pesquisa-ação, o pesquisador realiza uma ação sobre um fato recorrente na língua em uso. Essa ação nada mais é do que uma intervenção pedagógica que induz os sujeitos – pesquisador e voluntários da pesquisa – a refletirem, juntos, sobre os fenômenos investigados, possibilitando que os envolvidos criem consciência linguística, de modo que as ocorrências de apagamento e da hipercorreção, em suas produções escritas, sejam minimizadas no decorrer dos anos de escolarização, conforme demonstra estudo de Ribeiro (2013) que apontou queda nos índices de apagamento do /r/ à medida que os alunos da educação básica avançavam de uma modalidade de ensino para outra – dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental e deste para o Ensino Médio.

5.3 Procedimentos/Instrumentos de geração de dados

Visando obter dados linguísticos de apagamento e da hipercorreção para fins de análise sociolinguística, o pesquisador propôs atividades de escrita aplicadas em duas etapas do trabalho aos participantes da pesquisa conforme a descrição abaixo.

A primeira etapa (pré-oficina) iniciou-se com um ditado de imagens. Ao todo, foram 80 figuras, projetadas por datashow, para que os estudantes do 6º ano pudessem escrever as palavras. Um dado importante é que, durante a aplicação dessa atividade, o pesquisador não falou as palavras representadas pelas imagens no intuito de que não houvesse interferência na escrita dos alunos.

Em seguida, dispensado o uso do projetor, os participantes realizaram a segunda atividade da proposta, com 20 frases de lacuna. Para completar cada frase, era preciso lê-la para escolher uma das opções disponíveis ao fim do enunciado. As opções eram palavras hipercorretas e palavras com grafia padrão. O objetivo da tarefa pedagógica é que as palavras, com a hipercorreção, fossem escolhidas pelos voluntários, o que acabou acontecendo.

Na segunda etapa (pós-oficina), adotou-se uma estratégia semelhante para a proposta que, também, continha dois testes de escrita. Em vez de ditado de imagens, a escolha foi pelo ditado de palavras. Nessa atividade, composta por 80 palavras, o pesquisador ditou, em pronúncia padrão, visto que uma de suas hipóteses para o processo de apagamento do /r/ em posição de coda é a interferência da fala sobre a escrita. Concluído o ditado, os participantes realizaram a segunda tarefa sobre a hipercorreção em -r. Desta vez, a atividade solicitada não foi a de completar lacunas como na etapa inicial da pesquisa. O pesquisador decidiu realizar

um ditado de frases, nas quais os verbos estavam conjugados em 3ª pessoa do singular, para que, desta forma, fosse acometida a hipercorreção.

Entre as duas etapas, foram ministradas duas oficinas pedagógicas, com base em Bortone e Alves (2014), Cesar (2017) e Maciel e Kailer (2019), com objetivo de intervir nos resultados da etapa inicial, na qual os fatos diagnosticados – apagamento e hipercorreção – apresentaram, respectivamente, altos índices de supressão do R em posição de coda e de acréscimo indevido dessa letra em coda final de verbos flexionados.

Tanto o ditado da etapa inicial quanto o da etapa final foram organizados por classe morfológica, extensão vocabular, contexto precedente e codas silábicas que, em trabalhos sociolinguísticos, como é esta dissertação, são classificados como variáveis linguísticas. No tocante ao caso da variável /r/ em posição pós-vocálica, do total de 80 palavras – em ambas as etapas da pesquisa – a distribuição se fez da seguinte forma:

- (i) classe morfológica: 40 verbos e 40 não verbos.
- (ii) extensão vocabular: monossílabos (20 palavras), dissílabos (20 palavras), trissílabos (20 palavras) e polissílabos (20 palavras).
- (iii) contexto precedente: vogal **a** (16 palavras), vogal **e** (16 palavras), vogal **i** (16 palavras), vogal **o** (16 palavras) e vogal **u** (16 palavras).
- (iv) codas silábicas: 40 verbos com o **R** em coda externa e 40 não verbos com essa consoante nas codas interna e externa.

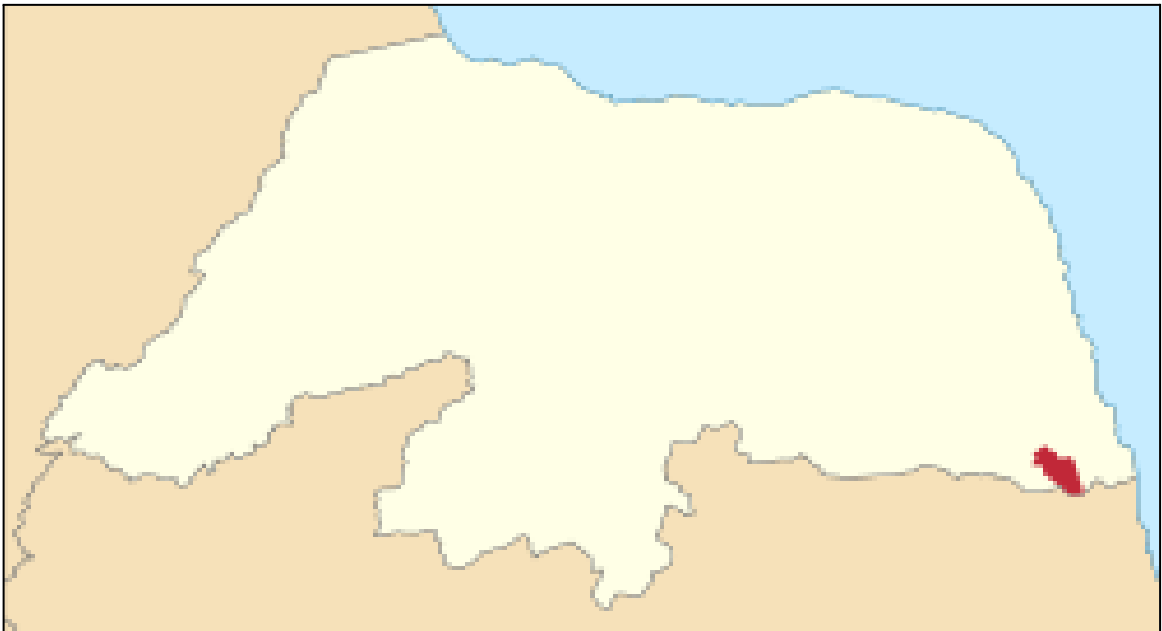
São 80 vocábulos, nos quais analisou-se o apagamento do /r/ em codas em todas as posições silábicas: seja a inicial, medial, seja a final. Somam-se, a esse número, 20 palavras, todas são – sem exceção – verbos flexionados, selecionados para a abordagem de outro fenômeno, o da hipercorreção caracterizada pelo acréscimo do -r em coda silábica final.

Portanto, o corpus do presente trabalho foi constituído por duas atividades de escrita, tanto na primeira etapa, quanto na segunda da pesquisa. Os resultados dessas duas fases, quando comparados, apontaram êxito do método de pesquisa-ação que se adotou durante o período em que ocorreram as oficinas pedagógicas, as quais envolveram o professor pesquisador e 18 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, escolhidos de forma criteriosa como participantes para esta pesquisa.

5.4 Local da pesquisa

Com uma área territorial de 192,708 km², Pedro Velho é um dos 167 municípios que compõem o Rio Grande do Norte, situado na região Nordeste. Limita-se ao norte com Canguaretama e Espírito Santo (RN); ao sul, com Montanhas (RN), Jacaraú e Mamanguape (PB); ao leste, com Canguaretama e, a oeste, com Nova Cruz (RN) e Montanhas. Está localizado na antiga microrregião do Litoral Sul, na mesorregião do Leste Potiguar, a 86 km de Natal, a capital do RN, conforme mostra o Mapa 2 do Estado do RN:

Mapa 2 – Rio Grande do Norte com localização de Pedro Velho



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Velho. Acesso em 12 de set. de 2023.

De acordo com os dados do último Censo do IBGE, realizado no ano de 2022, o município apresenta uma população de 13.824 habitantes distribuídos pela zona urbana e pela zona rural. A maioria da população está concentrada no centro urbano atraída por fatores diversos como, por exemplo, o desenvolvimento econômico e sustentável do comércio local e maiores oportunidades de trabalho. Em proporções menores, a outra parte, que é a minoria, vive nos sítios, nas fazendas e nos distritos. Em um desses povoados, encontra-se a escola, na qual foi realizada esta pesquisa.

Situada na zona rural, distante a 9 (nove) km da cidade de Pedro Velho, a escola, cujo nome não pode ser revelado, oferta o Ensino Fundamental (do 1º ao 9º ano) em dois turnos.

Pela manhã, são os anos iniciais, do 1º ao 5º ano, com cinco turmas: 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º e 5º ano. Pela tarde, o ensino é para os anos finais com 2 (duas) turmas de 6º ano, 1 (uma) de 7º ano, 1 (uma) de 8º ano e 1 (uma) de 9º ano. Somando-se todas as turmas dos turnos matutino e vespertino, obtém-se um total de dez turmas.

A instituição de ensino pública, que faz parte da rede municipal de Pedro Velho/RN, recebe alunos da própria comunidade, dos povoados adjacentes e distantes, o que pode caracterizar uma comunidade bastante heterogênea quanto aos modos de fala.

A unidade escolar, composta por 14 professores (efetivos e contratados) e 199 alunos distribuídos entre os turnos matutino e vespertino, possui cinco salas de aula, uma diretoria, uma secretaria, uma despensa, uma sala de professores, uma cozinha, um arcabouço, três banheiros e um pátio como área de recreação, em que são realizados, também, os eventos escolares e a prática de atividades físicas. Não dispõe de biblioteca nem de salas de multimídia ou laboratório.

Os educadores efetivos, com exceção dos contratados, possuem formação acadêmica em Pedagogia e/ou em áreas específicas de conhecimento como Letras, Matemática, História, Geografia, dentre outras. Nos anos iniciais, do 1º ao 5º ano, atuam os pedagogos. Alguns destes professores estão em formação. Nos anos finais, lecionam os docentes licenciados em suas áreas, com pós-graduação em nível de Especialização e Mestrado.

Quanto à estrutura física e manutenção da escola, pode-se dizer que não há salas climatizadas, que os ventiladores ora funcionam, ora não funcionam, as janelas encontram-se quebradas ou em más condições de uso, as goteiras caem sobre as cabeças dos alunos em períodos chuvosos e as instalações elétricas, antigas, necessitam de reparo por parte da administração local. Em algumas salas, podem até ser vistos aparelhos de ar-condicionado, mas parados, sem funcionamento.

Apesar da existência de todos os problemas de infraestrutura nessa unidade escolar e, também, em outras da própria rede, os anos iniciais e finais no município apresentaram, respectivamente, em 2021, os Idebs de 3,9 e 4,0. No ranking dos municípios, em um total de 167, no estado do Rio Grande do Norte, Pedro Velho ocupa a posição de nº 116, com um Ideb de 3,9 para os anos finais, um percentual que ficou um pouco distante da meta traçada para aquele ano. No entanto, outros municípios potiguares, que ocuparam os três primeiros lugares nesse ranking, com um Ideb maior, bem acima da meta, foram:

1º lugar – Cruzeta (6,4)

2º lugar – São Fernando (5,9)

3º lugar – Rafael Godeiro (5,8), Carnaúba dos Dantas (5,8) e Acari (5,8).

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em 12 de set. de 2023.

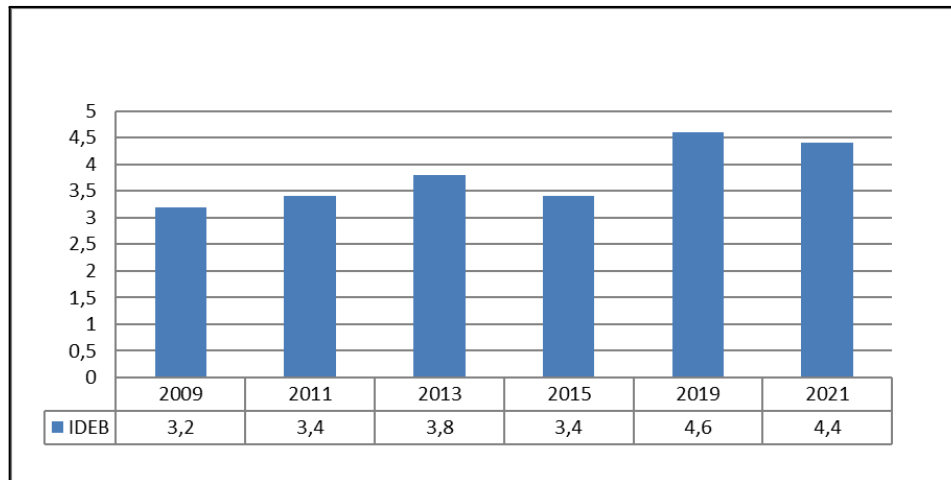
Segundo o Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB³ – a escola em lócus está com o Ideb de 4.4 para os anos finais, quase perto da meta que é 4.8, projetada para o ano de 2021. Para chegar a esse resultado, são usados dois critérios de avaliação: o fluxo escolar ou a taxa de aprovação e o aprendizado em Língua Portuguesa e Matemática por meio da Prova Brasil.

No ano citado, os dados foram 4,53 para o aprendizado e 0,98 para o fluxo. O segundo dado significa dizer que, a cada 100 alunos, apenas dois foram reprovados. No Gráfico 4, embora se mostre a evolução do Ideb, no período de 2009 a 2021, nota-se uma queda do índice do desenvolvimento da educação básica, em 2021, em comparação com o do ano de 2019, em decorrência do contexto pandêmico de Covid-19.

Essa baixa recai no quesito aprendizado que teve, respectivamente, a seguinte avaliação: 4,53 (2021) e 4,73 (2019). Pode-se apontar como principal causa dessa queda a chegada da pandemia de Covid-19 no Brasil que obrigou o Governo do Estado do Rio Grande do Norte a suspender as aulas em todas as redes de ensino (estadual, municipais e privadas) em 17 de março de 2020, meses depois retomadas no formato remoto que se estendeu até outubro de 2021, quando houve o retorno das aulas presenciais.

Em decorrência da suspensão das aulas, houve não só déficit de conteúdos, principalmente de Língua Portuguesa e Matemática, como também déficit de aprendizagem nesses componentes curriculares, porque os alunos não tiveram aulas, realizando, no período remoto, as atividades escolares sem a presença direta dos professores, fato que implicou no rendimento escolar da classe discente e no Ideb para os anos finais, como mostra o Gráfico 4.

³ SAEB – O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é um conjunto de avaliações externas em larga escala que permite ao Inep realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb>. Acesso em ago/2024.

Gráfico 4 – Ideb da escola pesquisada nos anos finais do EF

Fonte: qedu.com.br. <https://qedu.org.br/escola/24062570-esc-mul-de-ens-fund-sao-sebastiao/ideb>. Acesso em 23 de set. de 2023.

Quanto a documentos que regem o ensino, a escola conta com um Projeto Político Curricular que é apresentado ao corpo docente no início do ano letivo e refeito (se houver necessidade) por todos os professores presentes em reuniões pedagógicas. Embora contemple projetos como Semana de Cultura, Sarau Literário e Aula de Campo, o PPC não faz menção a um projeto específico de leitura e escrita como o carro-chefe do desenvolvimento das competências leitoras e discursivas do alunado.

Compreende-se que essa prática, no entanto, se faz necessária dentro da unidade escolar como estímulo à leitura e à produção de textos em vários gêneros, pois acredita-se piamente que muitos problemas relacionados à escrita e à compreensão de textos podem ser atenuados a partir de leituras. A leitura, portanto, para se tornar uma ferramenta de aquisição de conhecimentos, precisa de estímulos por parte da escola que, para a maioria dos alunos, constitui o único espaço onde ocorrem as práticas de leitura e escrita.

Por fim, o pesquisador, além de integrante do quadro de professores efetivos do município de Pedro Velho/RN desde o ano de 1999, é professor de Língua Portuguesa há poucos anos nessa escola, onde foi aplicada a pesquisa, e leciona o componente curricular nos anos finais do Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, no expediente da tarde, das 13h às 17h, de segunda a sexta-feira.

5.5 Participantes da pesquisa

Esta pesquisa teve a colaboração dos alunos de uma escola da rede pública de ensino do município de Pedro Velho/RN. Foram estudantes do 6º ano, no ano letivo de 2024, escolhidos segundo os critérios de idade, sexo e escolaridade. Como se trata de um trabalho sociolinguístico, os 18 participantes foram divididos em três grupos. O primeiro, por sexo/gênero, formado por 9 meninos e 9 meninas; o segundo, por idade, com faixas de 11 a 13 anos e 14 a 16 anos; e o terceiro, por escolaridade, com 9 novatos e 9 repetentes.

É importante frisar que a pesquisa, embora analise temas voltados para o eixo da variação/mudança linguística, exige dos participantes leitura e escrita durante o período em que foram realizadas as oficinas. Por esse motivo, nem todos os alunos do 6º ano puderam participar do estudo, como aqueles que estão em processo de alfabetização ou até mesmo os infrequentes que não apresentavam assiduidade diária registrada no Portábilis, o Diário Online de Registro de Notas, Frequência e Conteúdos do Professor. A participação neste estudo teve exigências básicas como saber ler e escrever, habilidades necessárias para o fluxo das oficinas pedagógicas. A turma, escolhida para a aplicação da pesquisa, era formada por 38 alunos distribuídos em duas salas: 6º ano A e 6º ano B. De cada sala foram escolhidos 9 (nove) alunos. Ao todo, 18 (dezoito) estudantes compuseram a amostra estratificada por variáveis sociais como sexo/gênero, idade e escolaridade.

A seleção teve como de partida o Relatório de Alunos por Turma, um documento extraído do Portábilis, o sistema em que está o diário online do professor, com informações diversas sobre os estudantes como: nome completo, sexo, data de nascimento, turno das aulas, ano escolar e outras. Previamente, foi elaborado, também, um questionário sobre todos os alunos do 6º ano no intuito de obter informações relevantes sobre escolaridade (se era novato ou repetente), frequência (se frequentava a escola todos os dias), leitura (se lia fluentemente ou não) e transtornos de aprendizagem como a dislexia que os impedisse de participarem voluntariamente da pesquisa. O instrumento metodológico foi mais um critério necessário de seleção dos participantes.

Os critérios de seleção e o próprio método de análise da Sociolinguística Variacionista restringiram o número de participantes para esta pesquisa, quando levadas em consideração as três variáveis. Do total de 38 alunos matriculados no 6º ano, 16 eram repetentes e 22, novatos. Entre os repetentes, havia os que não sabiam ler e os que não frequentavam a escola de forma assídua, fato que reduziu de 16 para 9. Entre os novatos, foram selecionados 9 alunos,

totalizando 18 participantes que, por serem considerados aptos nos critérios de leitura, escrita e frequência, colaboraram com o estudo sobre o apagamento e a hipercorreção em atividades de escrita.

Por conseguinte, na variável idade, os 18 participantes, já selecionados, foram divididos em dois grupos: grupo 1 e grupo 2. O primeiro grupo, com três faixas etárias: 11, 12 e 13 anos. O segundo, também, com três: 14, 15 e 16 anos. Para fechar o grupo de fatores sociais, que tornam a língua um fenômeno variável e heterogêneo, incluiu-se a variável sexo/gênero: do sexo masculino, foram escolhidos 9 meninos; e, do sexo feminino, 9 meninas.

Na intenção de preservar a identidade dos alunos, o autor da pesquisa utilizou um código para cada participante, como, por exemplo, P1, P2, P3, até o último da lista, o P18, em que P significa participante e o número, a ordem em que ele ocupa no corpus, constituído por atividades de escrita (ditados), de onde coletamos 100 (cem) palavras, das quais, 80 para análise do apagamento em verbos e não verbos e 20 para o tratamento da hipercorreção apenas em verbos flexionados.

Com as atividades codificadas, ficou assegurado o sigilo dos estudantes com procedências diversas, já que uns vieram do distrito, onde fica a escola, em que a pesquisa foi realizada, outros de comunidades adjacentes e lugares longínquos, necessitando, portanto, de transporte público, cedido pelo gestor do município, para chegarem até a escola.

5.6 Método de análise de dados

Depois de coletar os dados sociolinguísticos por meio do emprego de instrumentos metodológicos, uma análise preliminar foi feita conforme o método quantitativo de regra variável – já que a Sociolinguística tem método próprio – em consonância com o objeto de estudo, seus objetivos e suas hipóteses, para compreender por que a língua é variável e heterogênea.

Para coletar dados de fala em Nova Iorque, Labov (2008) entrevistou vendedores de lojas de departamento. A entrevista é um método de coleta de uso muito comum em pesquisas sociolinguísticas. Para explicar a variação do R em final de sílabas, o linguista analisou os dados a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos e apresentou os resultados da investigação em gráficos e tabelas. Este é, portanto, o método de análise da Sociolinguística

Variacionista que leva em consideração os aspectos linguísticos e sociais para explicar a variabilidade da língua em uso.

Esta pesquisa segue o modelo de cunho variacionista de Labov, com algumas ressalvas: os dados foram extraídos da escrita de alunos, e o método de coleta empregado para isso abarcou um ditado de palavras e um ditado de frases com lacunas. Estas foram as atividades diagnósticas na etapa inicial da pesquisa. Labov (2008), por sua vez, extraiu os dados da fala dos nova-iorquinos e empregou a entrevista como metodologia de coleta. Há semelhança entre esta pesquisa e a do pesquisador norte-americano em relação ao objeto de estudo. Enquanto o linguista investigou o R em final de sílabas, extraído da fala dos entrevistados, o autor do presente estudo analisou não só esse fenômeno em verbos e não verbos, como também investigou a hipercorreção apenas em verbos a partir de ditados realizados por estudantes do 6º ano, para os quais os dois fenômenos são bastante recorrentes em contextos de escrita. A análise de ambos ocorreu em duas etapas: inicial (pré-oficinas) e final (pós-oficinas).

Na etapa inicial, sobre a variável /r/, foram observadas duas variantes: a variante de apagamento [Ø] e a variante de manutenção [r] em uma amostra de 80 (oitenta) palavras aplicadas em forma de ditado de imagens. O fenômeno contou com auxílio do Goldvarb X. Por sua vez, a hipercorreção, analisada a partir de uma atividade de lacunas, com 20 palavras, completa o corpus, de onde foram extraídas 100 (cem) palavras. A análise deste fenômeno não contemplou o uso do software e as variáveis linguísticas e sociais. Para contabilizar a frequência pela qual cada palavra foi hipercorrigida, utilizou-se o cálculo da porcentagem. Com essa metodologia, descobriu-se o valor percentual correspondente ao número de repetições. Por exemplo, o verbo flexionado ‘canta’ apresentou sete ocorrências de hipercorreção, ou seja, foi grafado, indevidamente, com acréscimo de um morfema de infinitivo (-r), ficando a palavra da seguinte maneira: ‘cantar’. Em valores percentuais, esse número equivale a 35%. O exemplo faz parte do Quadro 32.

Na etapa final, constituiu-se um novo corpus com um ditado de palavras e um ditado de frases: o primeiro, com 80 palavras, direcionado ao tratamento da variável /r/ em codas internas e externas; o segundo, com 20 frases, para análise da variável hipercorreta /-r/ em final de verbos flexionados. Desse corpus, 100 palavras foram coletadas, codificadas e submetidas ao crivo do programa. A análise estatística da amostra contou com a ajuda do pacote de programas VARBRUL que, em versão mais recente, é o Goldvarb X. “Cabe a esse programa processar um grande volume de dados linguísticos, com o objetivo de definir uma

regra variável que ajude a explicar determinado fenômeno sociolinguístico” (BERLINCK, BIAZOLLI, 2018, p. 268).

Com o auxílio dessa tecnologia, o investigador pôde descrever os dois objetos com base em variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas. No caso da variável /r/, foram investigados fatores sociais (faixa etária, gênero/sexo e escolaridade dos sujeitos da pesquisa) e fatores linguísticos (classe morfológica, contexto precedente, extensão vocabular e codas silábicas das palavras) para averiguar quais variáveis favorecem a queda do /r/ em posição pós-vocálica. Em relação à hipercorreção, examinou-se a variável hipercorreta (-r) na posição de coda final de verbos flexionados. A análise teve por base variáveis linguísticas (tonicidade da sílaba final, contexto precedente e extensão vocabular) e variáveis não linguísticas (escolaridade, faixa etária e sexo). Os resultados em valores percentuais e pesos relativos das análises dessas duas etapas foram apresentados por meio de gráficos, quadros e tabelas e estão expostos no Capítulo 6, que trata da análise dos dados, neste trabalho de investigação científica.

5.7 Oficinas pedagógicas

Depois de autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, esta pesquisa, em fase inicial, coletou dados por meio de uma técnica muito usual na prática pedagógica de professores que é o conhecido ditado. Dentre tantos tipos, escolheu-se o ditado de imagens. Ao todo, foram oitenta figuras apresentadas por datashow. A escolha desse tipo de atividade foi pensada para que não houvesse nenhum tipo de influência da fala do aplicador sobre a escrita dos alunos. As figuras foram apresentadas aos participantes, para que eles pudessem escrever as palavras correspondentes às imagens.

Com a atividade, já pronta, em mãos, observou-se a ocorrência do processo de apagamento e iniciou-se o trabalho de codificação dos dados coletados sobre os participantes e o objeto de estudo, que é o segmento /r/ em posição de coda. Essa variável dependente e, também, as variáveis independentes foram codificadas com letras e números para a construção de arquivos. Utilizou-se o Goldvarb X que, depois de rodar os arquivos, apresentou os resultados da pesquisa. De acordo com o programa, que realiza análises estatísticas de dados sociolinguísticos, foram 79 apagamentos (98,8%) de um total de oitenta palavras, o que justificou a necessidade de se fazer um trabalho de intervenção sobre esse processo fonológico presente na escrita de alunos do 6º ano que contribuíram, com

participações diretas e efetivas, para a realização deste estudo sociolinguístico no município de Pedro Velho/RN.

Além do apagamento em codas silábicas, analisou-se, também, a hipercorreção apenas em verbos. Os dados desse fenômeno foram coletados, também, na fase inicial da pesquisa, a partir de um teste de lacunas, composto por vinte frases, que os coautores completaram com palavras sugeridas em dois formatos: o padrão e o hipercorreto. O resultado foi surpreendente: em todas as frases, os verbos foram hipercorrigidos (100%), conforme o Quadro 32 e o Gráfico 6 (cf. capítulo 6).

O corpus da pesquisa em fase diagnóstica inicial é constituído por um ditado de imagens (80 figuras) e um teste de lacunas (vinte frases), de onde extraímos 100 (cem) palavras, das quais 80 foram direcionadas para o estudo do apagamento e 20 para a análise da hipercorreção. Para intervir nos resultados dos fatos linguísticos analisados, com índices percentuais de 98,8% para a variante de apagamento [Ø] e de 100% para a variante hipercorreta [-r], lançou-se mão de duas oficinas pedagógicas, já que o estudo, proposto em Mestrado Profissional, é sempre uma pesquisa-ação, segundo Thiollent (1992).

A Oficina 1, produzida para o tratamento do apagamento do R em codas silábicas, é composta pelas atividades 1, 2 e 3. Tais atividades, apresentadas adiante, foram propostas de um artigo publicado na Revista *Tabuleiro de Letras*⁴ por Maciel e Kailer (2019). As autoras propuseram não só as atividades, mas também objetivos e procedimentos metodológicos durante um trabalho que elas realizaram com alunos da EJA, cujo foco foi o apagamento de R em codas silábicas externas. Entretanto, esta oficina tratou, também, da questão do apagamento de todas as codas, tanto internas quanto externas, de vocábulos de categorias gramaticais diversas como verbos e não verbos.

A Oficina 2, planejada para o trabalho com a hipercorreção, encarregou-se de apresentar, também, três propostas com objetivos e metodologia no intuito de minimizar as ocorrências desse fenômeno, a partir de atividades de escrita desenvolvidas pelos participantes dos anos finais do Ensino Fundamental, os quais são estudantes de 6º ano de uma escola pública da rede municipal de ensino de Pedro Velho, interior do Estado do Rio Grande do Norte. As oficinas 1 e 2 realizaram-se em dois momentos: o primeiro para a apresentação do objeto de estudo, o segundo para a realização de atividades, discussões e

⁴ A Revista *Tabuleiro de Letras* é uma publicação eletrônica acadêmica ligada ao Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Seu foco é a divulgação de pesquisas, artigos e resenhas nas áreas de estudos linguísticos e literários.

reflexões linguísticas. Passemos agora para a apresentação das oficinas.

5.7.1 Oficina 1– Apagamento do /r/ em codas silábicas

Quadro 16 – Apresentação da oficina 1 sobre o apagamento do /r/ em posição de coda

1º momento	Apresentação do conteúdo e exposição oral por meio do conto: Marcelo, marmelo, martelo.
2º momento	Realização de atividades pedagógicas: 1, 2 e 3.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Leia o trecho do conto abaixo, ouvindo, se possível, a pronúncia do R em final de sílabas:

Marcelo, marmelo, martelo

Uma vez, **Marcelo** cismou com o nome das coisas:

- Mamãe, **por que** é que eu me chamo **Marcelo**?
- Ora, **Marcelo** foi o nome que eu e seu pai escolhemos.
- E **por que** é que não escolheram **martelo**?
- Ah, meu filho, **martelo** não é nome de gente! É nome de ferramenta...
- **Por** que é que não escolheram **marmelo**?
- **Porque** **marmelo** é nome de fruta, menino!
- E a fruta não podia **chamar** **Marcelo**, e eu **chamar** **marmelo**?

Ruth Rocha

Após a leitura do texto introdutório da Oficina 1, com ênfase para as palavras em destaque, é necessário explicar que a ausência de R na coda silábica muda a pronúncia, a grafia e a posição da sílaba tônica em alguns casos. Por exemplo no par **chamar** – **chama**, a pronúncia ou a maneira de ler é diferente: a primeira palavra é lida como oxítônica, pois a última sílaba é tônica. A segunda é lida como paroxítônica, porque a tonicidade está na penúltima sílaba. A forma de escrevê-las também é diferente: uma apresenta-se sem o R na coda, ao contrário da outra, que mantém a consoante pós-vocálica e todos os outros segmentos vocálicos e consonantais que constituem o conjunto representado pelo vocábulo verbal na forma de infinitivo.

Outro exemplo extraído do conto é o nome do personagem que, por circunstâncias

linguísticas, tanto de ordem precedente quanto de ordem subsequente, pode ter o segmento na coda apagado por ocasião na pronúncia oral: **Marcelo – MaØcelo**. O processo fonológico de apagamento não para por aí. Por transposição, passa da oralidade para a escrita. É muito provável escrever a segunda forma por influência da fala, já que o fonema /r/, nesse substantivo próprio, não é pronunciado no cotidiano pelos falantes do português brasileiro. Caso ocorra o apagamento na escrita, é preciso que o professor faça as intervenções ao dizer que, mesmo que o fonema, em final de sílaba, não seja pronunciado na oralidade, é fundamental registrar o grafema R quando se escreve. Para isso, exige-se que se tenha conhecimento da língua nas modalidades oral e escrita. A língua oral e a língua escrita não podem ser confundidas em seus contextos de uso, pois são códigos linguísticos diferentes que possuem especificidades próprias.

O fato de se grafar “Macelo” sem o R no final da antepenúltima sílaba é motivo que tem gerado controvérsias entre correntes da ciência da linguagem, a Língua Portuguesa. Para a Fonologia, a ausência do fonema na coda é um processo fonológico. Para a Sociolinguística, um caso de variação. Entretanto, para a escola, que é, segundo Bagno (2014), uma das forças centrípetas, portanto, conservadora dos padrões linguísticos no âmbito da escrita, não é uma coisa nem outra. É, segundo a própria, um “erro” que não se admite, em hipótese alguma, estar presente na escrita que obedece a normas e prescrições da ortografia.

No momento de exposição oral, é importante dizer que o R ocupa inúmeras posições na estrutura silábica. Pode se apresentar após o núcleo silábico, como nas palavras grifadas no texto de Ruth Rocha. Na posição pós-vocálica, corre o risco de ser suprimido, por influência de fatores internos, estruturais (linguísticos) e sociais (extralinguísticos).

Pode também vir antes do núcleo como em **rato**, **recado** e **Rita**. Na posição pré-vocálica, não sofre nenhuma sanção do falante, seja fonológica, seja ortográfica. A probabilidade de se pronunciar “ato”, “ecado” e “ita” – em vez de **rato**, **recado** e **Rita** – é quase nula, a menos que a criança esteja em fase de aquisição de linguagem, período em que a produção de certos sons da nossa língua pelo aparelho fonador é um obstáculo que ela sabe como contornar, fazendo usos de estratégias linguísticas no intuito de não ter a comunicação interrompida em momentos de interação com os seus semelhantes.

Há, também, uma terceira posição, a intervocálica. A depender da forma como se apresenta, o R pode ter um som fraco, como em **caro**, ou forte como em **carro**. Em ambas as palavras, observa-se que ele está entre duas vogais, mas pode ser que, em outros casos, apareça como segunda consoante, em encontros consonantais tautossilábicos, como em

p[r]ato e t[r]eva. Do tipo tautossilábico, os encontros consonantais são inseparáveis, caso a palavra, em que eles estejam, se submeta ao processo de divisão silábica.

Das três posições que se apresentaram aqui, a pós-vocálica é, de fato, a mais interessante de todas e, por esse motivo, foi examinada nesta pesquisa, porque se torna vulnerável a variações. Quando o R, um arquifonema, ocupa essa posição, a palavra pode ser pronunciada de diferentes formas. Em porta, por exemplo, o fonema /r/ que está em coda, em função de sua variabilidade linguística, classifica-se, quanto aos modos de articulação, segundo Roberto (2016), como vibrante, fricativo, retroflexo, aproximante (e até mesmo de apagamento). A produção desses sons depende da região onde esteja inserido o falante brasileiro. O conjunto desses fonemas é chamado de rótico. “O termo rótico é utilizado para descrever as variantes de sons orais associadas ao grafema r” (SILVA, BARBOSA, 2017, p. 1).

Camargos (2013), em resumo, apresenta os róticos, contextos e exemplos conforme o Quadro 17. Além disso, observa-se, também, que o autor utiliza diferentes símbolos para representá-los. De todos, o rótico em final de sílaba, como nos exemplos 6 e 7, é o que mais apresenta realizações fonológicas. “São nesses contextos de final de sílaba que o rótico é neutralizado, podendo ser realizado como fricativa, tepe ou retroflexo, dependendo da variedade dialetal” (Camargos, 2013, p. 8).

Quadro 17 – Distribuição dos róticos no português do Brasil

Exemplo	Contexto	Reflexo	Fricativa	Tepe	Ø
1. <i>caro</i>	Entre vogais (r-fraco)	karʔ	-----	karʔ	-----
2. <i>prato</i>	Encontros consonantais	pɾatʔ	-----	pratʔ	-----
3. <i>rato</i>	Início de sílaba e de palavra	-----	hatʔ	ratʔ ⁷	-----
4. <i>desrespeito</i>	Início de sílaba depois de consoante	-----	deshespertʔ	-----	-----
5. <i>carro</i>	Entre vogais (r-forte)	-----	kahʔ	-----	-----
6. <i>bar</i>	Final de sílaba e de palavra	baɾ	bah	baɾ	ba
7. <i>parque</i>	Final de sílaba e meio de palavra	paɾkɪ	pahkɪ	paɾkɪ	pakɪ

Fonte: Camargos (2013, p. 8).

No decorrer da aula expositiva, torna-se importante apresentar, em vídeos, as pronúncias do /r/ pós-vocálico por brasileiros de diferentes lugares do nosso país, para que se perceba a variação de sotaques e a heterogeneidade em nossa língua. Em um breve passeio pelo território brasileiro, podemos ouvir, no interior de São Paulo ou de Minas Gerais, um som retroflexo, utilizado no dialeto caipira, mas, em outros lugares, como o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, a pronúncia já não é mais a mesma: os cariocas optam por uma fricativa, os gaúchos preferem uma vibrante (ROBERTO, 2016).

Com o conhecimento das diferentes pronúncias dos róticos em codas silábicas, os alunos ou voluntários da pesquisa entendem que todos nós, falantes nativos do PB, falamos a língua de modos diferentes. Assimilada a compreensão de que todas essas diferentes realizações fonéticas devem ser marcadas na escrita pela letra R, suscetível ao apagamento, por estar em posição considerada bastante variável, damos, por encerrada, a Oficina 1, com aulas expositivas, reflexões, participações e aplicação de atividades interventivas, desenvolvidas de forma que tivemos resultados exitosos, por alcançarmos os objetivos que propusemos para esta finalidade. Seguem-se as propostas e as atividades aplicadas durante a realização da Oficina 1.

Quadro 18 – Proposta para a atividade 1 da oficina 1

Atividade 1	Objetivo	Procedimentos
Complete a música.	Levar o aluno a perceber se o cantor pronuncia ou não o R em coda silábica na música apresentada.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Exibir o clipe da música, com áudio, para o aluno ouvir as palavras e escrevê-las nas lacunas. 2. Comparar o texto escrito dos alunos com o texto oficial do cantor, observando a realização ou o apagamento do /R/.

Fonte: Maciel e Kailer (2019, p. 12).

Atividade 1: Complete a música.

Complete o texto abaixo com as palavras que foram retiradas. Para isso, ouça, com atenção, a canção interpretada por Nattan.

A gente se entrega	
Uma dose de saudade	Estou ficando louco, apaixonado
Misturada com paixão	Coração tá machucado
Me deixa de cabeça tonta	De tanto _____ pancadas de _____
E embriaga o coração.	Saudade parece _____ quente
	Com veneno de _____
A gente se entrega	Doida pra _____ a gente
A gente se entrega	E a saudade é um _____.
E chora sem _____	
A gente se entrega	Saudade é tempestade no _____
A gente se entrega	Se não tem _____ por _____
Pisa na bola e não vê.	Mata igual um tiro _____ no coração
	Saudade é uma doença
	Castigo de feiticeira
	Segue a gente a vida inteira
	E anda junto com a paixão.

O Quadro 19 aponta os resultados dessa atividade acerca do fenômeno analisado. De onze palavras escritas, apenas três perderam o R em posição de coda. Considera-se baixo o número de ocorrências em relação ao total de palavras que retornaram ao texto, no caso, uma letra de música. Para realizar a atividade, a canção foi apresentada para a turma através do uso de recurso de datashow. Essas ocorrências envolveram apenas dois participantes (P8 e P15) que apagaram a coda por influência da oralidade do intérprete da canção popular. Entretanto, a maioria dos estudantes manteve as palavras restantes tais como são, com todos os segmentos vocálicos e consonantais, inclusive o R, situado após o núcleo silábico.

Quadro 19 – Resultado da atividade 1 da oficina 1

Nº	Palavras	Apagamentos	Oc.	%	Participantes
01	querer	quereØ	2	-	P8, P15
02	levar	levaØ	1	-	P15
03	amor	-	-	-	-
04	cerveja	ceØveja	1	-	P8
05	serpente	-	-	-	-
06	matar	-	-	-	-
07	terror	-	-	-	-
08	deserto	-	-	-	-
09	amor	-	-	-	-
10	perto	-	-	-	-
11	certo	-	-	-	-
		Total: 3/11		27%	

Fonte: Elaboração própria (2025).

Antes da realização da atividade, chamou-se a atenção dos participantes para as palavras que retornariam ao texto de origem, de onde foram retiradas de modo proposital, ao dizer que todas possuem o R em posição final de sílabas, mas o fonema que o representa não seria produzido de maneira enfática no videoclipe pelo artista pertencente ao gênero musical forró eletrônico. O pesquisador lembrou ainda a todos o fato de que não se escreve como se fala ou canta.

Apesar de o intérprete não pronunciar enfaticamente o fonema final /r/ quando canta a canção ‘A gente se entrega’, o grafema há de ser registrado na escrita desses vocábulos exibidos no quadro, o que ocorreu, em sua grande maioria, gerando resultado positivo, uma vez que obtivemos mais manutenções e menos apagamentos do rótico. Em relação à variante de apagamento [Ø], constatamos a existência de duas supressões em coda final de infinitivos verbais (quereØ e levaØ) e apenas uma única perda em coda interna de nome (seØpente).

Como é de natureza fonológica, a ocorrência realizou-se, primeiramente, na oralidade, e, depois, reproduziu-se na escrita, por processos de apagamento, tais como a apócope e a síncope. Para a conclusão da proposta, decidimos apresentar apenas duas amostras dessa atividade de autoria dos participantes, nas quais se constatou registro de apagamentos, conforme ilustram as Figuras 7 e 8.

Figura 7 – Amostra da atividade 1 da oficina 1 realizada pelo P8

Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião
 Código do(a) participante da pesquisa: P8
 Sexo: masculino () feminino Idade: 14 Ano escolar: 6º ano
 Data: 25 / 11 / 2024

OFICINA 1: APAGAMENTO DO /R/ EM CODAS SILÁBICAS

Atividade 1: Complete a letra

Complete o texto abaixo com as palavras que foram retiradas. Para isso, ouça, com atenção, a canção interpretada por Nattan.

A gente se entrega	
Uma dose de saudade	Estou ficando louco, apaixonado
Misturada com paixão	Coração tá machucado
Me deixa de cabeça tonta	De tanto <u>suor</u> pancadas de <u>amor</u>
E embriaga o coração.	Saudade parece <u>SURTA</u> quente
	Com veneno de <u>SURTE</u>
A gente se entrega	Doida pra <u>matar</u> a gente
A gente se entrega	E a saudade é um <u>toror</u> .
E chora sem <u>quero</u>	
A gente se entrega	Saudade é tempestade no <u>deixar</u>
A gente se entrega	Se não tem <u>amor</u> por <u>plato</u>
Pisa na bola e não vê.	Mata igual um tiro <u>certo</u> no coração
	Saudade é uma doença
	Castigo de feiticeira
	Segue a gente a vida inteira
	E anda junto com a paixão.

Figura 8 – Amostra da atividade 1 da oficina 1 realizada pelo P15

Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião
 Código do(a) participante da pesquisa: P15
 Sexo: masculino feminino () Idade: 16 Ano escolar: 6º ano
 Data: 25 / 11 / 2024

OFICINA 1: APAGAMENTO DO /R/ EM CODAS SILÁBICAS

Atividade 1: Complete a letra

Complete o texto abaixo com as palavras que foram retiradas. Para isso, ouça, com atenção, a canção interpretada por Nattan.

A gente se entrega	
Uma dose de saudade	Estou ficando louco, apaixonado
Misturada com paixão	Coração tá machucado
Me deixa de cabeça tonta	De tanto <u>luto</u> pancadas de <u>amor</u>
E embriaga o coração.	Saudade parece <u>cerveja</u> quente
	Com veneno de <u>Serpente</u>
A gente se entrega	Doida pra <u>malhar</u> a gente
A gente se entrega	E a saudade é um <u>levar</u>
E chora sem <u>quero</u>	
A gente se entrega	Saudade é tempestade no <u>deserto</u>
A gente se entrega	Se não tem <u>amor</u> por <u>certo</u>
Pisa na bola e não vê.	Mata igual um tiro <u>certo</u> no coração
	Saudade é uma doença
	Castigo de feiticeira
	Segue a gente a vida inteira
	E anda junto com a paixão.

Quadro 20 – Proposta para a atividade 2 da oficina 1

Atividade 2	Objetivo	Procedimentos
Bingo Ortográfico.	Perceber visualmente a grafia de verbos e nomes com R em coda silábica, bem como comparar a fala de quem “cantou” a palavra e a realização escrita desta.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Distribuir, aos alunos, cartelas com várias palavras grafadas com R em coda silábica; 2. Fazer circular pela turma uma caixa contendo todas essas palavras, para que cada aluno sorteie uma e “cante” para os demais; 3. Vence o jogo quem completar primeiro a cartela; 4. Após a brincadeira, deve-se comentar acerca da grafia das palavras e da pronúncia de quem “cantou” as palavras.

Fonte: Maciel e Kailer (2019, p. 11-12).

Para o bingo ortográfico, 18 cartelas foram confeccionadas e distribuídas aos participantes, que, ao todo, são 18 estudantes. Cada cartela contém quinze palavras escritas com R em codas silábicas. As palavras são, na sua grande maioria, verbos e substantivos, mas incluem-se adjetivos, advérbios e outras. Todas cumprem uma única condição: a de apresentar o segmento consonântico em final de sílaba, que pode ser interna ou externa. Com o intuito de não tomar muito espaço no texto, tomou-se a decisão de apresentar apenas as três primeiras do total de 18 cartelas, o que pode ser visto logo adiante.

Cartela 1

MELHOR	PIOR	PERTO	VIR	MAR
FALAR	PEDIR	PORCO	CANTOR	DAR
TER	RIR	CORPO	SORTE	IR

Cartela 2

CARTA	LER	PÔR	CRER	CANTOR
PEDIR	FALAR	SER	PORCO	MAR
CORPO	VIVER	BRINCAR	ESTUDAR	VER

Cartela 3

CARTA	BORBOLETA	BRINCAR	CORPO	VIVER
DIZER	TARTARUGA	FAZER	PORCO	MORRER
SABER	PEDIR	BAR	FALAR	DORMIR

A atividade foi realizada com 15 participantes. Os outros três (P6, P10 e P15) ficaram de fora da brincadeira por motivos de ausência e recusa: um estudante, embora estivesse na escola, convidado a participar do bingo ortográfico, recusou o convite. Os outros dois faltaram no dia em que ocorreu a dinâmica.

Antes de começar, as cartelas foram distribuídas entre os participantes e as carteiras,

reorganizadas em círculo, de modo que a atividade pudesse ser feita. Ao circular a caixa de carteira em carteira, o aluno, na sua vez, retirava uma palavra desse recipiente, fazia a leitura dessa palavra e apresentava para o grupo, para que fosse marcada em cartelas. A brincadeira, de natureza lúdica, durou cerca de 50 minutos. Foram sorteadas 101 (cento e uma) palavras de um montante de 119, até que o P9 “bateu” a cartela de nº 8.

As palavras, que constam nas cartelas, na sua grande maioria, são as mesmas utilizadas no diagnóstico inicial, cujo resultado evidenciou apagamento do /r/ em quase todos os vocábulos. Depois de conferida, o pesquisador leu as palavras da cartela vencedora, pronunciando, com ênfase, o som do R em posição de coda. Para constar, reproduziu-se a cartela vencedora exposta a seguir, conforme a Figura 9.

Figura 9 – Cartela vencedora da atividade 2 da oficina 1



CARTELA 8				
INTRODUZIR	IOGURTE	LAGARTA	BORBOLETA	LAGARTIXA
X	X	X	X	X
COMER	DORMIR	PIOR	PERTO	INTERFERIR
X	X	X	X	X
REPUDIAR	URSO	CIRCO	UTILIZAR	DESENTUPIR
X	X	X	X	X



Quadro 21 – Proposta para a atividade 3 da oficina 1

Atividade 1	Objetivo	Procedimentos
Gincana: Quem encontra mais?	Proporcionar aos alunos uma percepção visual das palavras grafadas com R em coda silábica.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Formar grupos de alunos; 2. Distribuir para os grupos: revistas, jornais, folders, encartes, entre outros textos que circulam no seu cotidiano; 3. Orientar os alunos para que encontrem, recortem e coleem, em uma folha de papel, o maior número de palavras grafadas com R em coda silábica. 4. Vence a gincana, o grupo que encontrar a maior quantidade de palavras.

Fonte: Maciel e Kailer (2019, p. 12).

Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião

Grupo 1: _____

Ano escolar: 6º ano

Data: _____ / _____ /2024

OFICINA 1: APAGAMENTO DO /R/ EM CODAS SILÁBICAS

Atividade 3 – Gincana: Quem encontra mais?

Forme o seu grupo e recorte de livros, jornais, revistas ou outros textos, palavras que tenham o **R** em final de sílaba ou que terminem em **R** e cole-as dentro do quadro abaixo. Vence a gincana, o grupo que encontrar a maior quantidade de palavras.

--

A atividade 3 da Oficina 1, aplicada conforme a proposta exibida no Quadro 21, dinamizou a aula de Língua Portuguesa e desenvolveu-se em forma de gincana. Antes de começar a competição, os alunos formaram seus grupos e receberam a atividade impressa em folha de ofício, além de colas, tesouras, livros e revistas, material necessário para a realização da atividade. Tratava-se de uma atividade de recorte e colagem. A proposta consistia em duas ações: a primeira, recortar palavras que tivessem o R em final de sílabas ou que terminassem em R, independentemente da classe gramatical dos vocábulos; a segunda, colar essas palavras na folha distribuída para cada grupo de participantes. Em seguida, o pesquisador realizou a leitura da atividade, orientou como seria executada e determinou um tempo de 50 minutos para a sua execução. O Quadro 22 apresenta o resultado dessa atividade.

Quadro 22 – Resultado da atividade 3 da oficina 1

Grupos	Quantitativo de palavras
Grupo 1: P3, P5, P7, P15 e P16	99
Grupo 2: P1, P2, P4, P6 e P10	80
Grupo 3: P8, P9, P17 e P18	73
Grupo 4: P11, P12, P13 e P14	35

Fonte: Elaboração própria (2025).

Divididos em grupos, os participantes formaram quatro grupos, sendo os dois primeiros com cinco integrantes, enquanto que os dois últimos foram compostos por quatro jogadores. Conforme o resultado exibido nesse quadro, os participantes demonstraram boa avaliação de desempenho e assimilação do conteúdo proposto, que é a presença do R em posição de coda.

Entretanto, quando, ainda, realizavam a tarefa, o pesquisador, ao circular pela sala, notou a presença de palavras intrusas, com R pré-vocálico, na atividade de alguns grupos. Nesse momento, ele interrompeu os grupos, chamou a atenção de todos para o fato e logo fez uma intervenção pedagógica sobre o equívoco. Foi até a lousa, registrou algumas palavras que observou, com R no início de sílabas (ca – ra – me – lo), no final de sílabas (car – taz) e no fim de palavras (a – çú – car) e esclareceu que somente palavras como a segunda e a terceira poderiam ser coletadas, visto que a proposta solicitava o recorte de palavras com o R pós-vocálico, tanto em final de sílabas quanto em final de vocábulos.

Feita a explanação sobre o conteúdo, os grupos retomaram o trabalho de recorte e

Além do grupo vencedor da gincana – o grupo 1 –, os outros grupos, também, participaram dessa atividade, conforme ilustra a Figura 11.

Figura 11 – Fotos dos grupos de participantes da atividade 3 da oficina 1



Grupo 1



Grupo 2



Grupo 3

Fonte: Arquivo pessoal.



Grupo 4

5.7.2 Oficina 2 – Hipercorreção em coda final de verbos

Assim como a primeira, a Oficina 2 desenvolveu-se em dois momentos. O primeiro momento foi com aula, que teve início com a apresentação do conteúdo e seguiu o seu curso com a exposição oral. Explicado o conteúdo, iniciou-se o segundo momento, com distribuição de atividades entre os participantes da pesquisa.

O Quadro 23 descreve quais foram as etapas da oficina na qual se discutiu o fenômeno de hipercorreção ocorrido na escrita dos sujeitos da pesquisa, os quais são alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, que, na ocasião em que foi aplicada esta pesquisa, no ano de 2024, no mês de novembro, cursavam o 6º ano.

Quadro 23 – Apresentação da oficina 2 sobre a hipercorreção em coda final de verbos

1º momento	Apresentação do conteúdo e exposição oral.
2º momento	Realização de atividades pedagógicas: 1, 2 e 3.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Para explicar a inserção indevida do -r em final de palavras, especificamente, as da classe dos verbos, o pesquisador levou para a sala de aula algumas respostas de uma atividade aplicada durante o diagnóstico inicial. O Quadro 24 reproduz as frases com hipercorreções em final de verbos na primeira coluna. Na segunda (coluna), as mesmas frases foram reescritas sem nenhuma ocorrência desse fenômeno para fins de comparação e análise.

Durante a realização da oficina, o pesquisador falou desse fato que ocorre no PB tanto em modalidade oral quanto em modalidade escrita sem citar o nome do fenômeno, uma vez que o objetivo deste estudo é atenuar os casos hipercorretos, principalmente na modalidade escrita da nossa língua. Quanto a isso, há de se compreender que é mais importante desaprender a hipercorreção em vez de memorizar conceitos ou nomenclaturas que, certamente, não agregam nada ao conhecimento linguístico de alunos, inclusive os participantes desta pesquisa, para os quais o processo de leitura e escrita não está ainda, de fato, consolidado.

Quadro 24 – A hipercorreção em final de verbos conjugados

Uso hipercorreto	Uso padrão
O dia estar muito quente.	O dia está muito quente.
Quem cantar seus males espanta.	Quem canta seus males espanta.
Quem escrever poemas é poeta.	Quem escreve poemas é poeta.
A galinha botar ovos.	A galinha bota ovos.
O professor ensinar os seus alunos...	O professor ensina os seus alunos...
Meu vizinho beber todos os finais de semana.	Meu vizinho bebe todos os finais de semana.
Ele ler livros.	Ele lê livros.
Ele rir muito.	Ele ri muito.
Você sempre ver filmes?	Você sempre vê filmes?
Eu amor a minha família.	Eu amo a minha família.

Fonte: Elaboração própria (2025).

O Quadro 24 mostra, em sua primeira coluna, como os participantes escreveram os verbos quando solicitados a completar frases a partir de opções sugeridas ao fim de cada enunciado linguístico. Das três sugestões de palavras (esta, está, estar) que o pesquisador disponibilizou aos alunos, para completarem a primeira frase da segunda atividade do diagnóstico inicial, ‘estar’ foi a palavra escolhida por quatro dos 18 participantes, ou seja, adquiriu marcas hipercorretas [R] em quatro ocorrências. É óbvio que o caso relatado não para por aí. Aconteceu em todas as frases da atividade, nas quais os verbos sofreram a hipercorreção inúmeras vezes.

Para ensinar como os verbos são escritos nessas frases segundo as normas ortográficas e, principalmente, o contexto de produção desses enunciados frasais, o professor pesquisador reescreveu na lousa 10 (dez) frases de um total de 20 (ver Quadro 24) e explicou por que ‘está’ é a opção certa e não estar, como na frase exposta no quadro. A aula, nesse primeiro momento, serviu a esta finalidade, a de questionar o erro, refletir junto aos envolvidos, promover o debate, dar pistas linguísticas para a aquisição de uma escrita correta em vez de hipercorreta.

A troca de um fonema por outro fonema, a inserção de acento gráfico de modo que uma paroxítona passe a ser proparoxítona, bem como o acréscimo indevido de fonema em final de palavras como, respectivamente, nos pares **cuidado** e ‘**coidado**’, **rubrica** e ‘**rúbrica**’, **toma** e ‘**tomar**’ são alguns tipos ou casos de um fenômeno sociolinguístico conhecido por hipercorreção. Embora tenha outros sinônimos como hiperurbanismo e ultracorreção (CAMARA JR., 2011) e erregrafismo (CESAR, 2017), a hipercorreção, que se define como a “busca do uso correto que se eleva acima da correção” (DUBOIS ET AL., 2014, p. 301), é

o termo mais recorrente em usos cotidianos na área da Sociolinguística.

Esta pesquisa aborda as marcas hipercorretas apenas em final de verbos, ou melhor, a inserção indevida do -r em coda final desses vocábulos quando flexionados em 3ª pessoa do singular. Depois de muito se discutir sobre o fato de variabilidade na língua falada e, principalmente, na língua escrita, elaborou-se uma oficina com o objetivo de realizar intervenções para conter o avanço da hipercorreção na escrita produzida pelos sujeitos da pesquisa. Com base em Bortone e Alves (2014) que sugerem atividades para inibir ocorrências hipercorretas em produção escrita, a oficina é constituída por atividades diversificadas e respaldadas em estudos anteriores, principalmente, de Cesar (2017), além de Mendonça (2021), consoante o fato de que estes pesquisadores analisaram, com exclusividade, no âmbito da escrita escolar e digital, a hipercorreção em suas dissertações de Mestrado.

São três atividades propostas para o grupo de participantes selecionados de turmas de 6º ano de uma escola pública da rede municipal de ensino de Pedro Velho/RN: a atividade 1 diz respeito à questão da tonicidade da sílaba final em pares de palavras, sendo uma com R em posição final, a outra sem a presença dessa consoante na coda silábica. A atividade 2 aborda uma estratégia linguística que consiste em um macete de substituição de uma palavra por outra em frases, de modo a proporcionar o uso correto dos verbos em duas formas: flexionada (está) e infinitiva (estar). E, finalmente, a atividade 3, de lacunas, sugere duas opções de resposta, sendo uma correta e a outra incorreta mediante o contexto frasal, e induz, a partir do enunciado da questão, o participante a escolher a resposta certa para completar a frase acompanhada de uma ilustração correspondente.

Seguem, portanto, as atividades, com seus objetivos e procedimentos metodológicos, aplicadas em sala de aula, junto aos sujeitos envolvidos, considerados peças fundamentais no desenvolvimento deste estudo voltado para a análise da hipercorreção, especificamente, o caso de R em posição final de verbos flexionados em 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Quadro 25 – Proposta para a atividade 1 da oficina 2

Atividade 1	Objetivo	Procedimentos
Tonicidade da sílaba final.	Identificar, em cada par de palavras, a tonicidade da sílaba final, ou seja, se a sílaba final é átona ou tônica.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Separar as palavras em sílabas. 2. Pronunciar em voz alta palavra por palavra para perceber a tonicidade da sílaba final como sílaba átona ou como sílaba tônica. 3. Levar o aluno a perceber que a sílaba final átona é grafada sem o R. 4. De modo semelhante, levar o aluno a perceber que a sílaba final tônica se escreve sempre com a letra R.

Fonte: Elaboração própria (2025).

ATIVIDADE 1

Separe as palavras em sílabas e identifique a tonicidade da sílaba final de cada palavra, ou seja, se é sílaba átona ou se é sílaba tônica. Para isso, marque um X e veja o exemplo no quadro a seguir.

Quadro 26 – Atividade 1 da oficina 2

Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica	Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica
vive	vi-ve	X	–	ensina			
viver	vi-ver	–	X	ensinar			
sabe				ama			
saber				amar			
escreve				parte			
escrever				partir			
bebe				mente			
beber				mentir			
canta				sente			
cantar				sentir			

Fonte: Elaboração própria (2025).

Esta foi a primeira atividade da Oficina 2 realizada de forma interativa e conjunta. Para alcançar o objetivo proposto, o professor seguiu todos os procedimentos metodológicos, desde a separação silábica até a identificação da tonicidade da sílaba final. Pediu-se, a princípio, a separação das palavras em sílabas, para que a atenção do estudante se voltasse para a última sílaba de cada palavra. Esse foi o primeiro passo. Lendo as palavras em voz alta, perguntava-se sobre a tonicidade da sílaba final, até que, em um dado momento da aula, os alunos perceberam um detalhe comum a todos os pares de palavras: a sílaba átona, em final de palavras, não se escreve com R, ao passo que a sílaba tônica, ao estar também nessa posição, exige a presença dessa letra na coda silábica.

Ao ensinar a ortografia por meio de atividade como esta, a conclusão que se tem é que o conhecimento sobre a tonicidade final corrobora para a escrita ortográfica dessas palavras tão semelhantes em suas formas gráficas, uma vez que o resultado final foi satisfatório, pois o objetivo que propomos foi alcançado com êxito, tanto que, dos dezoito participantes deste trabalho, apenas dois estudantes confundiram a tonicidade da sílaba final. O P7, por exemplo, em relação ao par ama e amar, identificou a última sílaba da segunda

palavra como átona, o que se bem sabe que não é verdade. Já o P13, por sua vez, apontou a última sílaba de ‘partir’ como átona e, ao mesmo tempo, tônica. Diante do fato ocorrido, o que se pode afirmar é que não existe tonicidade dupla para uma única sílaba: ou ela é átona, ou ela é tônica. Nesse caso específico, trata-se de uma sílaba tônica, escrita, portanto, com R final.

O Quadro 27 apresenta o resultado da atividade 1 que foi realizada por todos os participantes deste estudo. Como são 18 estudantes, a tonicidade da última sílaba de cada palavra pode ser identificada até 18 vezes, ou seja, uma ocorrência a cada participante.

Quadro 27 – Resultado da atividade 1 da oficina 2

Sílaba átona	Oc.	Part.	Sílaba tônica	Oc.	Part.
sabe	18	todos	saber	18	todos
escreve	18	todos	escrever	18	todos
bebe	18	todos	beber	18	todos
canta	18	todos	cantar	18	todos
ensina	18	todos	ensinar	18	todos
ama	18	todos	amar	17	P7
parte	18	todos	partir	17	P13
mente	18	todos	mentir	18	todos
sente	18	todos	sentir	18	todos

Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme o resultado apresentado nesse quadro, nota-se que, com exceção de dois participantes, todos souberam identificar a tonicidade da sílaba final a partir de uma pista linguística presente em cada par de palavras. Interrogados sobre a grafia desses vocábulos dispostos em pares, os alunos responderam que uns se escrevem com R, enquanto outros são grafados sem o morfema de infinitivo, a depender da tonicidade silábica. De acordo com esses sujeitos, a sílaba final tônica, em alguns verbos, exige a presença do R em sua coda, o que não acontece em verbos se a sílaba final for átona, pois esta dispensa a desinência verbal (-R) em sua estrutura morfológica.

Ao iniciar a aula, o professor pesquisador percebeu que os alunos, enquanto liam a proposta, não demonstravam familiaridade com as palavras ‘átona’ e ‘tônica’, pois as pronunciavam erroneamente. A primeira, que é uma proparoxítona e, portanto, acentuada como todos os vocábulos desse grupo, foi lida como paroxítona. Nesse momento, foi necessário intervir imediatamente para corrigir a leitura da atividade proferida por um dos participantes. Sem chamar a atenção do aluno para a pronúncia correta de átona, o professor

leu a palavra como, realmente, ela é: átona em vez de ‘atona’. A turma percebeu a falha do colega ao estampar um sorriso irônico nos lábios quando tomou conhecimento da palavra não só em relação à forma de pronunciá-la, mas também do seu significado. O procedimento continuou com a segunda palavra lida como se não tivesse o acento gráfico, ao mostrar como se lê-la e qual é o sentido que ela carrega em seu campo semântico.

Para visualização da proposta, três exemplares dessa atividade realizada pelos participantes da pesquisa foram expostos, a saber: P2, P7 e P13. Destes, o primeiro representa, por meio de sua atividade, os colegas que, assim como ele, não erraram absolutamente nada com relação ao que foi proposto, com exceção do segundo e do terceiro participantes, já descritos no parágrafo anterior a este, que incorreram esporadicamente sobre o assunto discutido durante a aplicação da atividade. As Figuras 12, 13 e 14 expõem as amostras.

Figura 12 – Amostra da atividade 1 da oficina 2 realizada pelo P2

Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião
 Código do(a) participante da pesquisa: P2
 Sexo: masculino feminino () Idade: 12 Ano escolar: 6º ano
 Data: 26/11/2024

OFICINA 2: HIPERCORREÇÃO EM CODA SILÁBICA FINAL DE VERBOS

ATIVIDADE 1

Separe as palavras em sílabas e identifique a tonicidade da sílaba final de cada palavra, ou seja, se é sílaba átona ou se é sílaba tônica. Para isso, marque um X e veja o exemplo no quadro a seguir:

Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica	Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica
vive	vi-ve	X	-	ensina	em-ni-na	X	-
viver	vi-ver	-	X	ensinar	em-ni-na	-	X
sabe	sa-be	X	-	ama	a-ma	X	-
saber	sa-be-r	-	X	amar	a-mar	-	X
escreve	es-c-re-ve	X	-	parte	par-te	X	-
escrever	es-c-re-ve-r	-	X	partir	par-tir	-	X
bebe	be-be	X	-	mente	men-te	X	-
beber	be-be-r	-	X	mentir	men-tir	-	X
canta	can-ta	X	-	sente	sen-te	X	-
cantar	can-tar	-	X	sentir	sen-tir	-	X

Figura 13 – Amostra da atividade 1 da oficina 2 realizada pelo P7

Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião
 Código do(a) participante da pesquisa: P7
 Sexo: masculino (X) feminino () Idade: 19 Ano escolar: 6º ano
 Data: 26/11/2024

OFICINA 2: HIPERCORREÇÃO EM CODA SILÁBICA FINAL DE VERBOS

ATIVIDADE 1

Separe as palavras em sílabas e identifique a tonicidade da sílaba final de cada palavra, ou seja, se é sílaba átona ou se é sílaba tônica. Para isso, marque um X e veja o exemplo no quadro a seguir:

Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica	Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica
vive	vi-ve	X	-	ensina	en-si-na	+	-
viver	vi-ver	-	X	ensinar	en-si-nar	-	+
sabe	sa-be	X	-	ama	a-ma	+	-
saber	sa-be-r	-	+	amar	a-mar	+	+
escreve	es-cre-ve	+	-	parte	par-te	+	-
escrever	es-cre-ve-r	-	+	partir	par-tir	-	+
bebe	be-be	+	-	mente	men-te	+	-
beber	be-be-r	-	+	mentir	men-tir	-	+
canta	can-ta	+	-	sente	sen-te	+	-
cantar	can-tar	-	+	sentir	sen-tir	-	+

Figura 14 – Amostra da atividade 1 da oficina 2 realizada pelo P13

Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião
 Código do(a) participante da pesquisa: P13
 Sexo: masculino (X) feminino () Idade: 15,74 Ano escolar: 6º ano
 Data: 26/11/2024

OFICINA 2: HIPERCORREÇÃO EM CODA SILÁBICA FINAL DE VERBOS

ATIVIDADE 1

Separe as palavras em sílabas e identifique a tonicidade da sílaba final de cada palavra, ou seja, se é sílaba átona ou se é sílaba tônica. Para isso, marque um X e veja o exemplo no quadro a seguir:

Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica	Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica
vive	vi-ve	X	-	ensina	en-si-na	X	-
viver	vi-ver	-	X	ensinar	en-si-nar	-	+
sabe	sa-be	X	-	ama	a-ma	X	-
saber	sa-be-r	-	+	amar	a-mar	-	+
escreve	es-cre-ve	X	-	parte	par-te	X	-
escrever	es-cre-ve-r	-	+	partir	par-tir	X	+
bebe	be-be	X	-	mente	men-te	+	-
beber	be-be-r	-	+	mentir	men-tir	-	+
canta	can-ta	+	-	sente	sen-te	+	-
cantar	can-tar	-	+	sentir	sen-tir	-	+

Quadro 28 – Proposta para a atividade 2 da oficina 2

Atividade 2	Objetivo	Procedimentos
Estratégia linguística de substituição.	Auxiliar o aluno a escrever, de maneira ortográfica e convencional, os verbos nas suas formas flexionada e infinitiva.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Reescrever a frase, substituindo a forma conjugada por outra forma também conjugada, conforme o macete exposto no balão. 2. Reescrever a frase, substituindo a forma infinitiva por outra forma também infinitiva, conforme o macete exposto no balão. 3. Perceber que os pares que se substituem, além de sinônimos, possuem a mesma forma gráfica, ou seja, uns sem a presença do R em coda (escreve – redige), outros com R em posição final (escrever – redigir).

Fonte: Elaboração própria (2025).

ATIVIDADE 2

Agora vamos aprender a escrever palavras que terminam em **R** e, também, palavras que não terminam com essa letra. **Consulte o balão** ao lado, com dicas que auxiliam o emprego correto dessas palavras que você vai utilizar na resolução do exercício proposto a seguir. **Reescreva as frases abaixo, trocando o verbo em negrito por seu sinônimo.** Veja um exemplo:

Ele **dá** presentes.

Ele **oferece** presentes.

Ela vai **dar** atenção.

Ela vai **oferecer** atenção.

Se liga na dica!

dá – oferece
dar – oferecer

escreve – redige
escrever – redigir

ri – gargalha
rir – gargalhar

está – permanece
estar – permanecer

bebe – ingere
beber – ingerir



- a) Ele **ri** pouco. _____
Você vai **rir** muito! _____
- b) A roupa **está** limpa. _____
Eu sei que Deus vai **estar** comigo. _____
- c) Você **bebe** pouca água durante o dia. _____
Você pode **beber** mais água durante o dia? _____
- d) Quem muito lê, **escreve** bem. _____
Você sabe **escrever** redação escolar? _____
- e) Ele **dá** flores para ela. _____
Quem gostaria de **dar** um presente? _____

Esta foi a segunda atividade da Oficina 2 sobre a hipercorreção proposta aos sujeitos da pesquisa. Consistia em reescrever as frases para substituir as palavras em negrito por outras que apresentassem equivalência tanto na forma linguística quanto no aspecto semântico. Ao distribuir a atividade aos participantes, o professor leu a proposta, copiou da atividade o exemplo na lousa e explicou como os alunos realizariam a tarefa a partir daquele modelo. No intuito de facilitar o trabalho, um macete intitulado “Se liga na dica”! acompanhava a proposta. Caso houvesse dúvida, o professor estaria de prontidão para ajudar na execução do exercício de ortografia.

Mesmo que a atividade tenha sido explicada antes que os alunos começassem a respondê-la, um participante, talvez estivesse desconcentrado, demonstrou, por expressões faciais, não ter compreendido a proposta. Ao notar o gesto, o professor dirigiu-se até a cadeira dele para prestar-lhe assistência individual. Mais uma vez, a atividade foi lida apenas para este aluno que demonstrou dificuldades de compreensão. Após a leitura, o professor pesquisador mostrou, na prática, como a tarefa seria feita por ele. Com auxílio, finalmente, conseguiu dar as respostas certas para esta atividade que objetivava o uso correto dos verbos conjugados e em estado de dicionário, ou seja, em infinitivo. O Quadro 29 expõe, em resumo, os resultados oriundos da atividade proposta.

Quadro 29 – Resultado da atividade 2 da oficina 2

Verbos	Substitutos	Ocorrências
ri	gargalha	-
rir	gargalhar	-
está	permanece	-
estar	permanecer	-
bebe	ingere	-
beber	ingerir	-
escreve	redige	-
escrever	redigir	-
dá	oferece	-
dar	oferecer	-
		Total: 0/10

Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme esses resultados, não se notou nenhuma ocorrência para os verbos substitutos, especialmente os que estão conjugados em 3ª pessoa, pois se sabe que, nesse estado, o risco de hipercorreção sobre eles é iminente. No entanto, observa-se que não houve

acréscimo de -r em final de gargalha, permanece, ingere, redige e dá que são formas de verbos flexionados. Além disso, percebe-se que haveria, também, a possibilidade de ocorrência de apagamento da coda nos infinitivos verbais. Apesar da probabilidade, não se evidenciou nenhuma ocorrência desse tipo em virtude da eficiência da metodologia que se empregou para a realização da atividade. Portanto, o objetivo proposto para esta tarefa foi atingido de modo satisfatório.

Para constatar a ausência do fenômeno de hipercorreção nesta atividade, reproduziu-se adiante apenas o exemplar que representa todas as outras que não serão expostas, realizada por um dos participantes da nossa pesquisa, o P10. Como esta estudante, os outros, companheiros do grupo, não hipercorrigiram os verbos substitutos flexionados nas frases reescritas, conforme a Figura 15.

Figura 15 – Amostra da atividade 2 da oficina 2 realizada pelo P10

Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião
 Código do(a) participante da pesquisa: P10
 Sexo: masculino () feminino Idade: 12 Ano escolar: 6º ano
 Data: 26/11/2024

OFICINA 2: HIPERCORREÇÃO EM CODA SILÁBICA FINAL DE VERBOS

ATIVIDADE 2

Agora vamos aprender a escrever palavras que terminam em **R** e, também, palavras que não terminam com essa letra. **Consulte o balão** ao lado, com dicas que auxiliam o emprego correto dessas palavras que você vai utilizar na resolução do exercício proposto a seguir. **Reescreva as frases abaixo, trocando o verbo em negrito por seu sinônimo.** Veja um exemplo:

Ele **dá** presentes.
 Ele **oferece** presentes.

Ela vai **dar** atenção.
 Ela vai **oferecer** atenção.

Se liga na dica!
 dá – oferece
 dar – oferecer
 escreve – redige
 escrever – redigir
 ri – gargalha
 rir – gargalhar
 está – permanece
 estar – permanecer
 bebe – ingere
 beber – ingerir

a) Ele **ri** pouco. ELE GARGALHA POUCO
 Você vai **rir** muito! VOCÊ VAI GARGALHAR MUITO

b) A roupa **está** limpa. A ROUPA PERMANECE LIMPA
 Eu sei que Deus vai **estar** comigo. EU SEI QUE DEUS VAI PERMANECER COMIGO

c) Você **bebe** pouca água durante o dia. VOCÊ INGERE POUCA ÁGUA DURANTE O DIA
 Você pode **beber** mais água durante o dia? VOCÊ PODE INGERIR MAIS ÁGUA DURANTE O DIA

d) Quem muito lê, **escreve** bem. QUEM MUITO LÊ REDIGE BEM
 Você sabe **escrever** redação escolar? VOCÊ SABE REDIGIR REDAÇÃO ESCOLAR

e) Ele **dá** flores para ela. ELE OFERECE FLORES PARA ELA
 Quem gostaria de **dar** um presente? QUEM GOSTARIA DE OFERECER UM PRESENTE

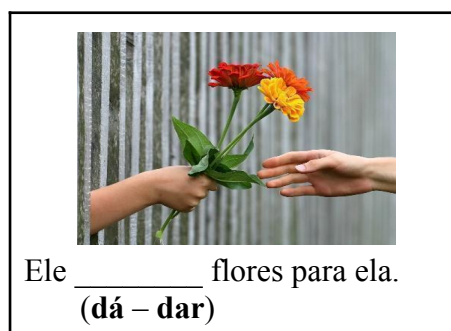
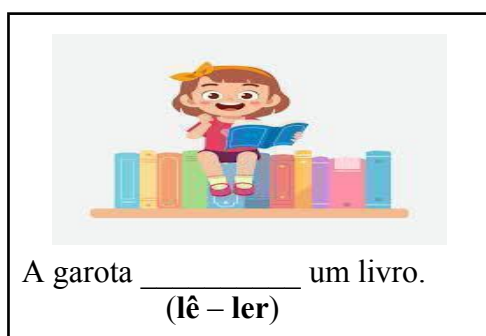
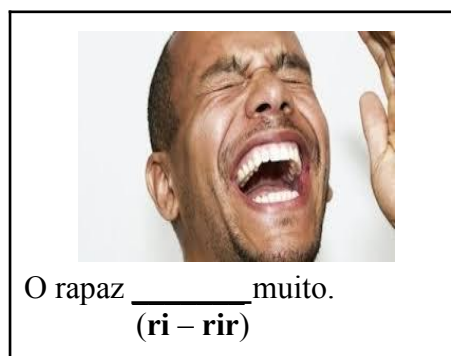
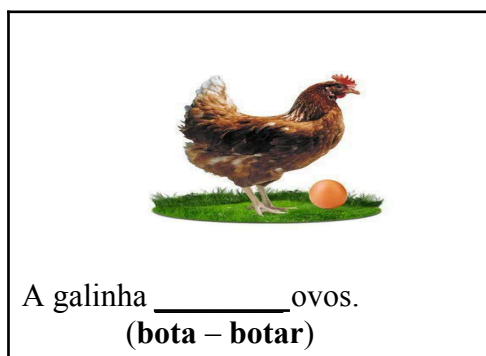
Quadro 30 – Proposta para a atividade 3 da oficina 2

Atividade 3	Objetivo	Procedimentos
Formas conjugadas e formas infinitivas de verbos.	Instruir o aluno a escolher a opção certa de resposta para completar cada frase lacunada da proposta didática.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Inicialmente, fazer perceber a presença de duas palavras em negrito dentro de parênteses: a primeira sem R em coda, a segunda com R em posição final. 2. Compreender que a forma conjugada, sem o R final, indica uma ação que está ocorrendo agora, ou seja, no tempo presente. 3. Compreender que a forma infinitiva, terminando em R, não indica tempo, ou seja, quando a ação verbal ocorre. 4. Ler a frase, envolvendo as duas opções de resposta, e perguntar qual opção adequa-se melhor ao contexto da frase.

Fonte: Elaboração própria (2025).

ATIVIDADE 3

Nas imagens abaixo, há uma ave e pessoas realizando ações diversas. Observe que, dentro dos parênteses, temos duas palavras: a primeira, sem **R** no final, indica que a ação está acontecendo agora, ou seja, no presente. A segunda, com o **R** final, não indica quando a ação ocorre. Com essas informações sobre verbos, responda ao que se pede na atividade abaixo. Escolha a palavra certa que se adequa melhor ao contexto frasal e complete cada frase abaixo.



Por fim, aplicou-se esta atividade, terceira e última, no encerramento da Oficina 2. A atividade, além de ilustrações, era composta por frases com lacunas e duas opções de resposta: a primeira, certa; a segunda, incerta, perante o contexto da frase. O objetivo é que as frases fossem preenchidas com a primeira alternativa, ou seja, com verbos flexionados em 3ª pessoa, o que, de fato, se concretizou. Para chegar ao propósito, a atividade foi lida na sua

íntegra, seguindo os procedimentos adotados para esta proposta. Todos foram cumpridos rigorosamente. Na vez do último procedimento, o professor, dirigindo-se à turma, enquanto lia a primeira frase da atividade, com as duas opções de verbo, indagou: a galinha bota ovos? Ou a galinha ‘botar’ ovos? A resposta do grupo foi unânime, apontando para a primeira opção: “A galinha bota ovos”. A frase escolhida apresenta o verbo flexionado sem o R na coda silábica: bota em vez de botar. E assim, nessa dinâmica de perguntas e respostas, a atividade continuou até ser concluída.

Diante do exposto, conclui-se que o emprego dessa metodologia surtiu o efeito esperado, de modo que não se detectou registro de hipercorreção nas respostas inseridas nas frases, pois, nesta atividade, todos os participantes preencheram os enunciados, respectivamente, com as seguintes formas verbais: bota, ri, lê, bebe, ensina e dá. Já que não houve hipercorreção, o resultado aponta apenas o uso padrão desses verbos em contexto de frases, sem marcas hipercorretas, como mostra o Quadro 31.

Quadro 31 – Resultado da atividade 3 da oficina 2

Opções	Opção escolhida	Oc./Apl.
bota, botar	A galinha bota ovos.	-
ri, rir	O rapaz ri muito.	-
lê, ler	A garota lê um livro.	-
bebe, beber	O garoto bebe água.	-
ensina, ensinar	A professora ensina inglês.	-
dá, dar	Ele dá flores para ela.	-
		Total: 0/6

Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme o resultado exposto nesse quadro, a resposta certa, dadas as opções que os participantes escolheram para preencher as lacunas das frases, é sempre a primeira e não a segunda em cada par de palavras, pois o contexto desses enunciados não admite a forma infinitiva de verbos, mas a forma flexionada. Por esse motivo, todos os envolvidos com esta pesquisa, ao todo, 18, optaram pelo emprego dos verbos que não terminam em R como, por exemplo, fez o P3, cuja atividade foi exposta a seguir para constatar que a proposta foi aplicada em sala de aula, conforme a Figura 16.

Figura 16 – Amostra da atividade 3 da oficina 2 realizada pelo P3

Escola Municipal de Ensino Fundamental São Sebastião

Código do(a) participante da pesquisa: P3

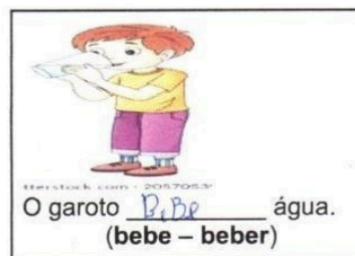
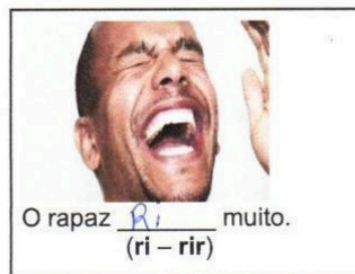
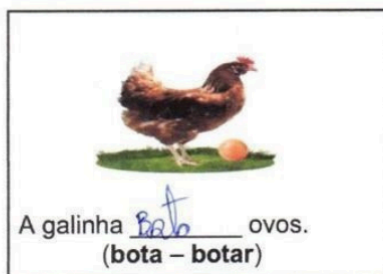
Sexo: masculino () feminino (X) Idade: 11 anos Ano escolar: 6º ano

Data: 26/11/2024

OFICINA 2: HIPERCORREÇÃO EM CODA SILÁBICA FINAL DE VERBOS

ATIVIDADE 3

Nas imagens abaixo, há uma ave e pessoas realizando ações diversas. Observe que, dentro dos parênteses, temos duas palavras: a primeira sem **R** no final indica que a ação está acontecendo agora, ou seja, no presente. A segunda, com o **R** final, não indica quando a ação ocorre. Com essas informações sobre verbos, responda ao que se pede na atividade abaixo. Escolha a palavra certa que se adequa melhor ao contexto frasal e complete cada frase abaixo.



6. ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

6.1 Diagnóstico inicial da pesquisa

O segmento consonântico /r/ em posição de coda foi o primeiro fenômeno investigado nesta pesquisa. Em termos sociolinguísticos, ele é chamado de variável dependente que apresenta duas formas de variação: a variante padrão [r] e a variante não padrão [Ø]. A análise recai sobre a segunda opção e foi feita com o auxílio de uma ferramenta, o Goldvarb X, empregado no processamento de 80 palavras com o R em posição pós-vocálica, divididas em dois grupos: verbos e não verbos, dentre outras variáveis.

O segundo fenômeno, também investigado nesta pesquisa, é a hipercorreção em verbos. A análise, sem o uso desse software, se fez com 20 palavras pertencentes à classe dos verbos flexionados em pessoa, tempo e modo. Os resultados de ambos os fenômenos serão apresentados a seguir.

6.1.1 Resultados preliminares do processo de apagamento

Se o R estiver depois de vogal, na posição pós-vocálica, pode ser suprimido, produzindo duas formas variantes: padrão [r] e não padrão [Ø]. Várias são as razões para a queda desse segmento consonantal. O padrão silábico CVC é um dos desses motivos para o cancelamento da coda, mas existem outros condicionamentos de natureza linguística e extralinguística que foram apresentados ao longo deste capítulo. Como o padrão CV é tendência no PB, a estrutura CVC (consoante + vogal + consoante) passa, de forma recorrente, para CV (consoante + vogal), eliminando a coda. Isso se confirma no exemplo seguinte extraído do corpus do diagnóstico inicial: **fazer ~ fazeØ** (atividade 1, nº11, P1), em que a sílaba final, composta por um ataque, um núcleo e uma coda (PEDROSA, 2012), perdeu o último constituinte.

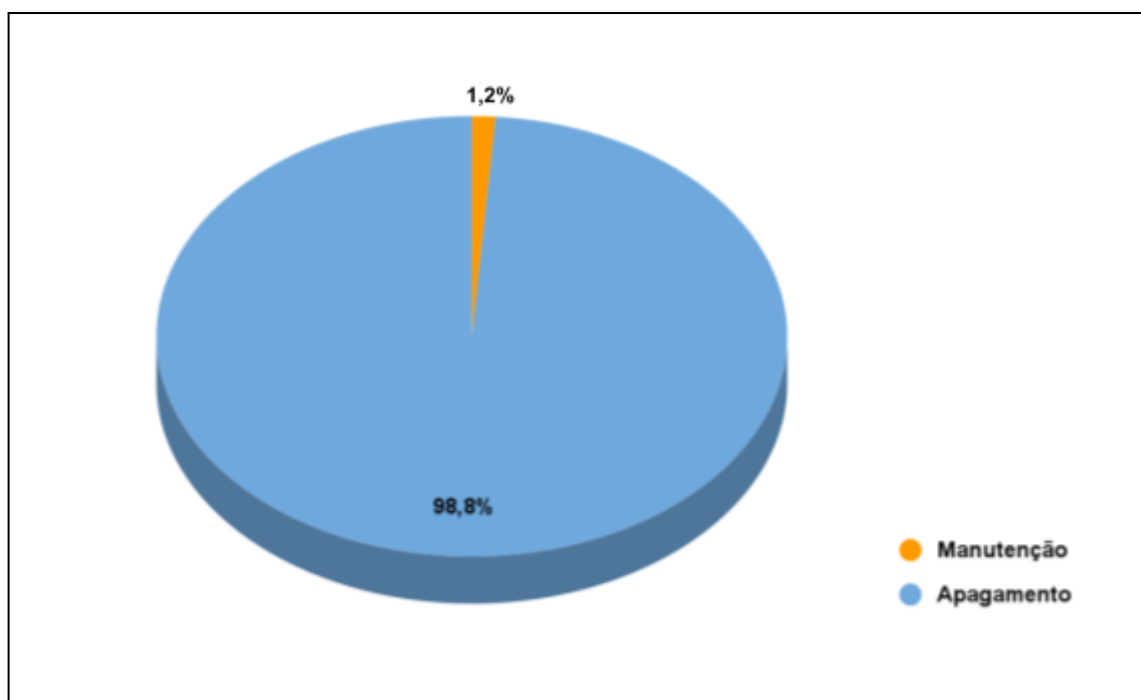
Os primeiros resultados da pesquisa informam que a variante não padrão, representada pelo símbolo zero fonético [Ø], apresenta altos índices percentuais de apagamento, ao passo que a variante padrão teve percentuais mínimos de manutenção, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição de dados das variantes no diagnóstico inicial da pesquisa

Variantes	Ocorrências	Percentuais
[Ø]	79	98,8%
[r]	01	1,2%
Total	80	100%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nessa tabela, os números percentuais estão em duas extremidades: se, de um lado, 98,8%, número que corresponde a 79 vocábulos, suprimiram o grafema final de sílaba; do outro, apenas 1,2%, o que representa uma única palavra, mantém a consoante em posição de coda. Em outras palavras, isso significa dizer que houve mais apagamentos do que manutenções no tratamento da variável analisada em atividade de escrita (ditado de imagens) dos alunos do 6º ano. Esses resultados, tanto da variante padrão [r] quanto da variante não padrão [Ø], foram reproduzidos no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Distribuição de dados das variantes de apagamento no diagnóstico inicial da pesquisa

Fonte: Elaboração própria (2025).

É importante lembrar que as análises iniciais relacionadas ao fenômeno investigado foram processadas por um programa de computador que apontou dados estatísticos sobre dois tipos de variáveis. A variável dependente /r/ em coda silábica se constitui de duas variantes. As variáveis independentes são os fatores de condicionamento sociais e linguísticos. Esse conjunto de aspectos internos e externos condiciona a variação na língua. Para identificar quais fatores favorecem o que está sendo analisado, submetemos os vocábulos do ditado a um processo de codificação antes da rodada que apresentou resultados tanto para o que influencia quanto para o que é influenciado. Embora todas as variáveis tenham sido examinadas, decidimos apresentar, na fase inicial da pesquisa, apenas os resultados para a variante principal [Ø], em face da variante de manutenção [r], conforme o Gráfico 5.

6.1.2 Resultados preliminares do fenômeno de hipercorreção

O segundo tema da nossa investigação foi a hipercorreção que constitui, junto ao apagamento do R em coda, o objeto de investigação da presente dissertação. Os dois fenômenos foram investigados conjuntamente neste trabalho pelo seguinte motivo: ora apaga-se o R da coda silábica na transposição da fala para a escrita, ora insere-se o grafema ao final de verbos flexionados, um fato recorrente na escrita de alunos, o que justifica o interesse do pesquisador por essa dupla temática. O apagamento, em especial, embora já tenha sido fruto de muitos trabalhos científicos como artigos, dissertações e teses nos espaços acadêmicos, continua atual e relevante não só para as academias, como também para o ensino do PB nas escolas públicas e privadas de todo o Brasil. A hipercorreção, embora tenha uso recorrente na fala e na escrita, ainda tem sido pouca investigada pelas academias.

Para ilustrar essa confusão ou dilema comum na escrita dos estudantes, dados foram extraídos do corpus do primeiro diagnóstico: **porco** ~ **poØco** (atividade 1, nº 58, P4); **canta** ~ **cantar** (atividade 2, nº 2, P7). No primeiro par, nota-se uma ocorrência de apagamento de coda (r). No segundo, um caso de hipercorreção. No primeiro exemplo, observa-se que o P4 escreveu a forma “poco” em vez de porco, ou seja, apagou o R em posição de coda interna na variante inovadora. No segundo, em contrapartida, o P7 escreveu indevidamente “cantar” no lugar de canta.

O Quadro 32 apresenta o diagnóstico da hipercorreção na fase inicial da pesquisa, com os verbos flexionados, bem como o seu uso hipercorreto, o número da ordem que ocupam na sequência, número de ocorrências e seus respectivos números percentuais.

Quadro 32 – Hipercorreção no diagnóstico inicial da pesquisa

Nº	Verbos	Uso hipercorreto	Ocorrências	%
1	está	estar	3	15%
2	canta	cantar	7	35%
3	escreve	escrever	8	40%
4	saí	sair	13	65%
5	bota	botar	08	40%
6	ensina	ensinar	09	45%
7	bebe	beber	07	35%
8	lê	ler	13	65%
9	ri	rir	15	75%
10	sabe	saber	07	35%
11	menti	mentir	13	65%
12	senti	sentir	12	60%
13	dá	dar	13	65%
14	vê	ver	13	65%
15	parti	partir	09	45%
16	amo	amor	10	50%
17	vê	ver	11	55%
18	obedeci	obedecer	09	45%
19	está	estar	09	45%
20	dá	dar	11	55%
		Total: 20/20		100%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Para a coleta desses dados, a proposta foi um teste de lacunas (atividade 2) do diagnóstico inicial, com lacunas entre frases e opções de resposta ao fim de cada enunciado. As alternativas tinham forma padrão e forma hipercorreta, para que os participantes pudessem escolher a opção que julgassem “adequada” ao contexto e completassem cada uma das 20 frases. Portanto, 20 palavras, todas, sem exceção, pertencentes à classe dos verbos: alguns na forma nominal (infinitivo), outros flexionados em tempo, modo e pessoa. O parágrafo seguinte ilustra um exemplo extraído da segunda atividade diagnóstica, em que se analisa o caso de hipercorreção.

“Quem _____ poemas é poeta” (**escreve, escrever**). Nessa frase, extraída do corpus, com lacuna e duas opções de resposta em negrito, o propósito era que o aluno

participante escolhesse a segunda opção – escrever – uma palavra hipercorreta nesse contexto. O objetivo fora alcançado, porque houve estudante que fez a opção por essa forma, como se vê neste exemplo: “Quem **escrever** poemas é poeta” (atividade 2, nº 3, P10).

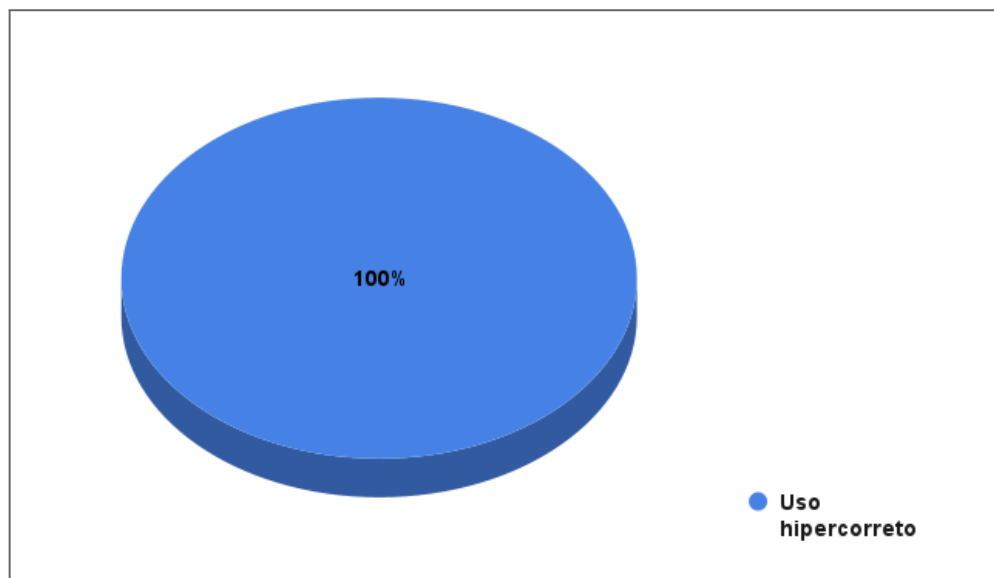
Entregue a atividade aos participantes da pesquisa, solicitou-se leitura prévia das frases, para que se tornasse mais fácil a escolha de uma das opções na hora da execução. Em alguns momentos, o pesquisador, ao perceber que alguns alunos não estavam conseguindo ler as frases, ofereceu ajuda. O pedido, de imediato, foi aceito. Então, em voz alta, ele leu a proposta para toda a turma, o que fluiu na realização da atividade.

Conforme o Quadro 32, o resultado prévio é o de que todos os verbos flexionados foram hipercorrigidos por inúmeras vezes, como informa a penúltima coluna, em que o número de repetições foi variável. Enquanto o verbo ‘está’, que inicia a lista, sofreu o processo por três vezes, a forma ri foi hipercorrigida cinco vezes mais, ou seja, obteve 15 repetições. Nesse caso, o que caracteriza a hipercorreção é o acréscimo indevido do morfema ao final das palavras, o que se pode observar nestes exemplos: está – estar; ri – rir. Como estes verbos e todos os outros do quadro foram escritos assim, com o -r em coda, podemos concluir que o fenômeno obteve 100% de ocorrências nessa primeira atividade diagnóstica da pesquisa.

O apagamento e a hipercorreção são dois processos linguísticos inversos. Enquanto, no primeiro, o R, em posição de coda, é suprimido na fala não monitorada e, depois, transposto para a escrita; no segundo, ocorre uma situação inversa: as formas verbais flexionadas ganham, na escrita, a desinência de infinitivo. Sobre este fenômeno, observamos que metade dos vocábulos apresentou índices percentuais altos a partir de 50% em decorrência de ter havido muitas inserções. É o caso já citado da forma verbal ri que obteve 75% de ocorrências. Nesse contexto, pode-se inferir que, do total de 18 participantes, 15 acrescentaram o -r ao fim desse verbo que, por estar já flexionado, não deveria ter sido grafado com esse elemento mórfico em posição final da palavra.

Conforme a escrita desses estudantes, ‘ri’, que seria a forma padrão naquele contexto, foi grafada de outra maneira: “rir”, uma ocorrência que se considera hipercorreta e, portanto, desnecessária ao contexto de uso em que estava inserida. Em contrapartida, ‘está’, a primeira palavra da lista, apresentou o menor número de ocorrências, o que explica o caso talvez seja o fato de o uso ser familiar entre eles, principalmente na forma reduzida, pois costumam dizer “tá” em vez de estar, indiscriminadamente, em todos os contextos de interação verbal. Os resultados desse fenômeno podem ser melhor visualizados no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Resultado da análise dos dados da hipercorreção no diagnóstico inicial da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2025).

6.2 Diagnóstico final da pesquisa

6.2.1 Análise sobre o apagamento em ditado de palavras

Neste capítulo, elaborou-se uma análise quantitativa do corpus da pesquisa. Para tanto, foi preciso recorrer ao uso de uma ferramenta de análise de fundamental importância em pesquisas sociolinguísticas utilizada no processamento de regra variável, o Goldvarb X. Para o programa realizar rodadas, a variável dependente e as variáveis independentes foram codificadas. Os códigos foram números e letras escolhidos que, juntos, compuseram os arquivos de codificação. Uma vez submetidos ao programa, eles geraram dados estatísticos que o pesquisador precisou interpretar para dar resultados acerca do fenômeno investigado.

Através dessa ferramenta, os primeiros resultados do nosso estudo sobre o R em codas silábicas foram exibidos na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição de dados das variantes no diagnóstico final da pesquisa

Variantes	Ocorrências	%
[Ø]	37	46,2%
[r]	43	53,8%
Total	80	100%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Para começo de análise, o símbolo [Ø] representa a variante não padrão e significa que um dos segmentos constituintes da sílaba foi suprimido da palavra. Isso acontece se ele estiver na coda silábica, que é a última posição de uma sílaba, cuja estrutura seja CVC. Um dos processos do apagamento é a apócope, quando o /r/, em final de palavras – verbos e nomes – sofre uma queda. Apagamento, queda, cancelamento e supressão são os termos bastante utilizados pela Linguística em referência à ausência do /r/ na posição pós-vocálica, representados por essa simbologia que é o zero fonético.

Na posição de travamento silábico, o apagamento é inevitável, independentemente da posição que o grafema consonântico ocupe na palavra, seja na sílaba inicial, seja na sílaba medial ou final, da classe morfológica do vocábulo, da extensão vocabular, do contexto linguístico e do nível de escolaridade como ocorrido neste estudo. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004) e Cardoso (2009), independe, também, da região e da pronúncia do falante.

Por sua vez, o outro símbolo, [r], posto entre dois colchetes, como propõe Tarallo (1996), representa a variante padrão, com uso recorrente na escrita, e faz oposição à variante inovadora, que é um dos objetos da nossa análise e descrição sociolinguísticas, pois é preciso destacar que a composição (socio + linguísticas) significa que a abordagem da temática da dissertação envolve os aspectos linguísticos (internos, estruturais) e sociais, isto é, externos à língua.

No intuito de confirmar a hipótese da pesquisa de que, muitas vezes, a escrita é influenciada pela fala, adotou-se uma nova metodologia durante a aplicação da atividade 1 (ditado de palavras). Em vez de apresentar as figuras (ditado de imagens), como foi na etapa inicial da pesquisa, o aplicador ditou palavra por palavra, desde a primeira até a octogésima do ditado, com uma pronúncia enfática para o /r/ situado na coda, para que as palavras fossem

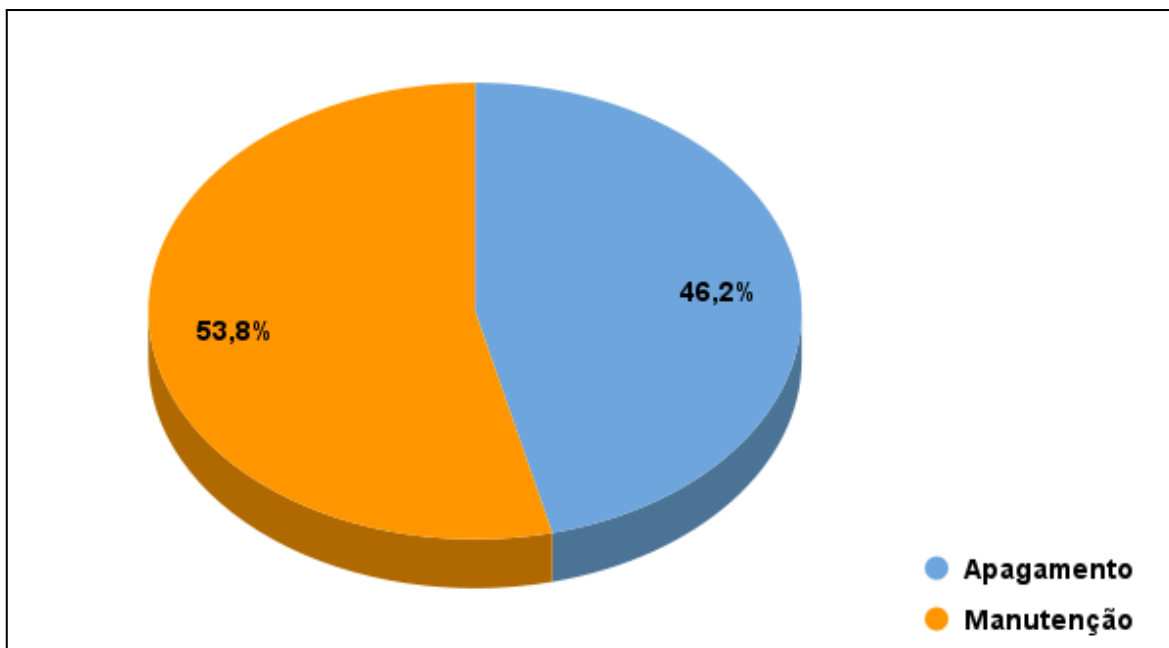
escritas na variante padrão, o que ocorreu. Ainda, assim, houve apagamentos em 37 palavras do total de 80, ou seja, 46,2% de ocorrências, em oposição a 53,8%, número que representa a variante padrão presente em 43 vocábulos. Em tradução, esses números significam que se teve menos apagamentos e mais manutenções na amostra analisada.

O resultado é, sem dúvida, fruto da interferência da escola que age sobre o processo de variação na escrita vista por educadores como erros ortográficos. É preciso dizer que, nesse caso específico, as variantes já não se encontram em disputa nem sofrem algum tipo de estereótipo. O apagamento da vibrante /r/ é a variante que circula entre todas as classes sociais do país. Considera-se o fenômeno em questão em estado de variação estável.

Nesse sentido, é importante mencionar que, em um estudo realizado por Callou (2015), a pesquisadora, analisando a classe morfológica, constatou que os percentuais de apagamento para os verbos são mais altos, mas estáveis entre os falantes de baixa escolaridade, ao mesmo tempo que observa um crescimento, em um período de 10 anos, da frequência de apagamentos entre os estudantes universitários. De acordo com esta estudiosa, “[...] somente nos falantes com grau universitário houve um aumento da frequência de apagamento, da década de 1970 para 1990, o que é um forte indicativo de se tratar, nos termos de Labov (1994), de uma mudança ‘de baixo para cima’ (CALLOU, 2015, p. 49).

É evidente que a opção aqui não é entrar no mérito da questão. No entanto, em referência a esta pesquisa que trata da variação/mudança na escrita de alunos do 6º ano de uma escola pública da rede municipal de Pedro Velho, no Rio Grande do Norte (RN), a intenção é reduzir os registros de apagamento e de hipercorreção diagnosticados na etapa inicial da investigação, objetivando a aquisição de uma escrita ortográfica em língua portuguesa. Chega-se à conclusão de que a metodologia, previamente estabelecida para este trabalho, logrou êxito, já que houve redução nos percentuais da variante de apagamento, de 98,8% para 46,2%. Em valores percentuais, a queda foi de 52,6%. No Gráfico 7, ilustramos os resultados para as variantes da variável R em codas.

Gráfico 7 – Distribuição de dados das variantes de apagamento no diagnóstico final da pesquisa



Fonte: Elaboração própria (2025).

6.2.1.1 Variáveis selecionadas

Das sete variáveis submetidas ao Goldvarb X, o programa selecionou cinco, das quais duas são sociais e três, de natureza linguística, o que ratifica a procedência desta pesquisa, a de ser sociolinguística. Elas são determinantes para a variação de fenômenos linguísticos como a variável /r/ pós-vogal que tematiza esta dissertação, pois favorecem o processo de apagamento dessa consoante. De acordo com o programa, a seleção das variáveis é feita por grau de significância, ou seja, parte-se da mais significativa para a menos significativa. Nesta pesquisa, primeiramente, deu-se a seleção das variáveis linguísticas em face das variáveis sociais. Na sequência dessas variáveis, a ordem numérica, na rodada escolhida pelo software, é:

- (i) extensão vocabular,
- (ii) coda silábica,
- (iii) contexto precedente,
- (iv) escolaridade e
- (v) sexo/gênero.

A ferramenta realizou, ao todo, 47 rodadas e selecionou a rodada 24, do tipo “best stepping up run” que, traduzido para o português, significa a melhor rodada, pois cruzou 45 células do total de 52. Passemos à análise dessas variáveis sociolinguísticas, começando por aquela que o software considerou mais significativa para o processo de variação na língua escrita.

6.2.1.1.1 Variável extensão vocabular

Esta pesquisa confirma dados de outros estudos de que o fenômeno de apagamento é condicionado por fatores linguísticos e sociais, dentre os quais a extensão dos vocábulos. As palavras, independentemente do tamanho que venham a apresentar, sofrem a supressão da coda, que é o último elemento de uma sílaba quando constituída a partir de três letras. A coda trava a sílaba. E o resultado disso é sílaba aberta considerada preferida pelos falantes do PB. É verdade que a extensão vocabular favorece o cancelamento do /r/ em posição de declive, como se observa na Tabela 3, na qual as palavras constituídas a partir de duas sílabas tiveram o rótico apagado em proporções maiores que os vocábulos monossilábicos, confirmando a hipótese de que, quanto mais extensa a palavra, maior a probabilidade de apagamento da vibrante. É a hipótese da saliência fônica que linguistas brasileiros como Callou, Serra e Cunha (2015) têm defendido em seus estudos sociolinguísticos sobre o fenômeno de apagamento. Segundo esses pesquisadores:

A dimensão do vocábulo também tem se mostrado importante na observação do cancelamento do rótico: a partir de hipótese da saliência fônica, espera-se que em vocábulos com maior número de sílabas, haja maior probabilidade de apagamento do /R/, pois o segmento seria, aí, menos saliente” (CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015, p. 201).

Tabela 3 – Variável extensão vocabular

Fatores	Oc./Total	%	P. relativos
Trissílabos	14/20	70%	0.92
Polissílabos	15/20	75%	0.90
Dissílabos	7/20	35%	0.25
Monossílabos	1/20	5%	0.02
Total	37/80	46.2%	

Input: 0. 327

Significância: 0.047

Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme os dados desses grupos de fatores bastante influentes para a variável analisada, as palavras mais afetadas pelo apagamento, em ordem decrescente, foram os trissílabos, com peso relativo de 0.92, seguidos dos polissílabos (0.90), dissílabos (0.25) e monossílabos (0.02), ficando em 1º lugar, as de três sílabas; em 2º, as de quatro ou mais sílabas; em 3º, as de duas e, finalmente, em 4º lugar: as de uma única sílaba. É curioso observar que todos os fatores apresentaram quantidades iguais de palavras (20), mas diferentes números de ocorrências. Este resultado comunga com outros, como o de Ribeiro (2013, p. 84):

Os dados [...] mostraram-se produtivos para o processamento de cancelamento do segmento consonântico em foco nas palavras trissílabas, polissílabas e dissílabas, com pesos relativos respectivos de 0,57, 0,57 e 0,55. Contrariamente, observa-se o comportamento dos vocábulos monossilábicos que apresentaram peso relativo de 0,27, ratificando a crença de que, quanto menor o vocábulo, maior a manutenção de seus elementos.

6.2.1.1.2 Variável coda silábica

A coda é um dos três elementos constituintes da sílaba e tem posição sempre pós-vocálica situada em final de sílabas (coda interna) ou final de palavras (coda externa) como nos respectivos vocábulos: **ordinária**, **discurso** e **subir**, nos quais a coda é ocupada pelo rótico. A posição de coda pode ser preenchida também por outras consoantes, tais como a sibilante /s/, a lateral /l/ e a nasal /n/. O que acontece aí é que todas elas podem ser apagadas, pois a coda é um constituinte frágil, dada a escala de sonoridade proposta por Pedrosa (2012) e Seara et al. (2022). De acordo com as pesquisadoras, a sonoridade do onset até o núcleo é crescente, mas do núcleo à coda é decrescente. Por esse motivo, a coda é a posição débil da sílaba na qual ocorre o apagamento. A Tabela 4 trata especificamente disso. No tocante a este assunto, Callou (2015) reitera a posição das linguistas:

Uma resposta pode ser encontrada no Princípio de Sequenciamento da Sonoridade, que exige o aumento da sonoridade dos onsets silábicos na direção do núcleo e a sua diminuição a partir do núcleo para a coda [...]. Nessa perspectiva, o enfraquecimento do /r/ pode ser visto como uma tendência a tornar maior a distância entre a sonoridade do núcleo para a coda (CALLOU, 2015, p. 51).

Tabela 4 – Variável coda silábica

Fatores	Oc./Total	%	P. relativos
Coda externa	25/40	62.5%	0.97
Codas interna e externa	12/40	30%	0.03
Total	37/80	46.2%	

Input: 0.327

Significância: 0.047

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nessa tabela, nota-se que a coda externa é o fator que mais favorece o apagamento, pois, das 40 palavras, 25 suprimiram a consoante pós-vocálica. O percentual foi de 62.5% e peso relativo de 0.97. Em relação ao segundo fator, o número de apagamentos foi bem menor: 12 do total de 40, o que corresponde ao índice de 30% e peso relativo de 0.03 apenas para a coda interna. Entretanto, ainda, neste fator que envolve tanto a coda interna quanto a externa, não se observou nenhuma ocorrência em final de palavras. Os resultados confirmam o que estudos anteriores já atestaram sobre o apagamento em codas, dado o fato de que as ocorrências são mais produtivas em coda externa, em detrimento de coda interna. Esta, com coda em final de sílaba, situa-se no interior de vocábulos. Aquela ocupa a posição final das palavras.

Em geral, ainda se pode observar um número bastante considerável de apagamentos em relação ao de manutenção. Do total de 80 palavras, 37, o equivalente a 46.2%, foram grafadas em estado de apagamento, mesmo depois de o professor ter feito intervenções durante o período, no qual foram realizadas as oficinas pedagógicas. É sabido que situação como esta não se resolve em um período curto de tempo, mas à medida que o aluno avança na educação básica, a frequência de apagamentos tende a se reduzir nos anos finais do Ensino Fundamental.

Em um artigo recente publicado na Revista Investigações, Freitas, em parceria com Lacerda (2021), analisou a apócope do /r/ em verbos e nomes em um corpus de redações produzidas por alunos de 8º ano do Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEB/UEFS) e constatou índices baixos para a perda dessa consoante. Conforme o estudo, averigou-se que, nos verbos, de um total de 729, apenas 3%, número que corresponde a 20 vocábulos, são o percentual de apagamento. Nos nomes, esse número foi reduzido para 2%, ou seja, de 170 palavras, apenas três sofreram a supressão em coda. Ainda

assim, a coda externa foi o fator que mais condicionou a variação do rótico nos verbos em desfavor dos não verbos.

Para trabalho assim, supõe-se que, se feito com outro público que tivesse menos escolarização, certamente haveria resultados diferentes. Nesse sentido, é possível inferir que o fator escolaridade é produtivo para a redução do processo de apagamento por supressão. Quanto mais anos de estudos, menos interferência da oralidade na escrita. Quando os alunos progredem, é provável que as convenções ortográficas sejam adquiridas por diversos meios veiculadores de conhecimentos que interferem no desenvolvimento da competência linguística. A leitura, a escrita e o ensino da ortografia, quando executadas em parceria, cumprem bem esse papel que a escola exerce enquanto instituição de ensino da manutenção do padrão linguístico do português brasileiro.

6.2.1.1.3 Variável contexto precedente

Conforme Seara et al. (2022, p. 112): “No PB, temos sete vogais orais, mas, dependendo da proposta teórica, poderemos ter sete vogais orais e mais cinco vogais nasais”, totalizando 12 segmentos vocálicos. Para a nossa análise, adotamos a proposta de Camara J. (2015) que considera apenas a existência de fonemas vocálicos orais. Segundo o linguista, ao todo, são sete em posição tônica, conforme o Quadro 33:

Quadro 33 – Vogais orais tônicas

	Vogais			
	posteriores	central	anteriores	
altas	/u/		/i/	
médias	/ô/		/ê/	2° grau
médias	/ò/		/è/	1° grau
baixa		/a/		

Fonte: Adaptado de Camara Jr. (2015, p. 41).

Em formato de triângulo invertido, a configuração mostra toda a classificação do sistema vocálico. As vogais são fechadas (2° grau) e abertas (1° grau). Quanto à posição da língua em relação à altura, são: altas (**u, i**), médias-altas (**ô, ê**), médias-baixas (**ò, è**) e baixa

(a). Dependendo da posição da língua em relação ao avanço ou recuo, as vogais podem ser posteriores, anteriores e central. Segundo Bisol (2005):

Câmara Jr. apresenta as vogais do português como um sistema triangular, em cujo vértice mais baixo está a vogal /a/. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau, vogais médias de 2º grau e vogais altas (BISOL, 2005, p. 171).

O nosso foco, nesta variável, são os segmentos vocálicos representados graficamente pelas vogais: /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/. Todas, em posição tônica, ocupando a posição de núcleo silábico em verbos e não verbos – nas palavras que compõem o corpus. A pesquisa confirma resultados de estudos anteriores, nos quais foi averiguado que as vogais precedidas por um rótico determinam o seu apagamento. Neste estudo, a Tabela 5 ilustra as ocorrências de supressão influenciadas linguisticamente pelas vogais que precedem o rótico em posição final de sílabas ou palavras.

Tabela 5 – Variável contexto precedente

Fatores	Oc./Total	%	P. relativos
Vogal posterior alta /u/	10/16	62.5%	0.94
Vogal anterior alta /i/	12/16	75%	0.82
Vogal central baixa /a/	7/16	43.8%	0.35
Vogal posterior média /o/	2/16	12.5%	0.35
Vogal anterior média /e/	6/16	37.5%	0.04
Total	37/80	46.2%	

Input: 0. 327

Significância: 0.047

Fonte: Elaboração própria (2025).

Estudos do campo da Fonologia mostram que o núcleo silábico só pode ser ocupado por uma vogal. A depender do tipo, há segmentos vocálicos que são mais profícuos que outros. É o caso da vogal posterior alta que, precedendo o rótico, lidera todo o processo de apagamento, apresentando peso relativo de 0.94, seguida pela vogal anterior alta (0.82). Outros casos como a vogal central baixa (0.35) e a vogal posterior média (0.35), com pesos relativos mais baixos, não favorecem muito a variação, principalmente a vogal anterior média (0.04) que é o fator de variação menos influente de todos. Esses resultados se assemelham aos

de Ribeiro (2013) e Silva (2017), nos quais a vogal anterior alta foi bastante produtiva, com peso relativo de 0.69 e índice de 16, 93% respectivamente.

É interessante observar que, na tabela acima, os dois fatores mais produtivos de realizações fonológicas em codas silábicas ocupam a mesma posição horizontal quanto a posição da língua em relação à altura e, por esse motivo, compartilham de características comuns entre elas. Neste caso, as vogais /u/ e /i/ são altas. Portanto, não foi aleatório o fato de elas surgirem no topo da liderança, ao produzirem, majoritariamente, o maior número de casos de apagamento nas codas de verbos e não verbos. A primeira ocupa o núcleo no grupo dos não verbos, a segunda ocupa essa posição tanto em verbos quanto em nomes. Outro detalhe deste estudo é que ele inclui a vogal posterior alta (u) como o fator de maior influência para o cancelamento das codas que não tem estado nas pesquisas citadas, nas quais o contexto precedente foi avaliado.

6.2.1.1.4 Variável escolaridade

Nesta variável, consideramos dois fatores relevantes para fenômenos de variação no ambiente escolar. Das duas turmas que dão início aos anos finais do Ensino Fundamental, selecionamos alunos novatos e alunos repetentes. Novatos são os que estavam cursando o 6º ano pela primeira vez, no ano de 2024, quando a pesquisa foi aplicada em sala de aula. Já os repetentes, em decorrência de reprovações escolares, continuavam a repetir o ano escolar: uns pela primeira vez, outros por inúmeras vezes, desde o seu ingresso aos 11 anos de idade, tendo, portanto, mais anos de escolarização que o outro grupo. O que motivou a reprovação foi o déficit de aprendizagem em leitura e escrita, uma lacuna que trazem dos anos iniciais e, nesta pesquisa, apresentaram baixo desempenho em atividades de escrita, favorecendo o fenômeno em análise, conforme os dados expressos pela Tabela 6.

Tabela 6 – Variável escolaridade

Fatores	Oc./Total	%	P. relativos
Repetentes	20/40	50%	0.82
Novatos	17/40	42,5%	0.17
Total	37/80	46.2%	

Input: 0. 327

Significância: 0.047

Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme os resultados, o peso relativo de 0.82, em consonância com o número de ocorrências (20/40) e frequência acima da média (50%), favorece a regra de aplicação para o fator repetentes, em detrimento do segundo, com peso relativo inferior de 0.17, com menos ocorrências e baixa frequência de realizações em codas silábicas. Os dados revelam que, entre esses dois grupos de alunos, os repetentes favorecem a variação na escrita, já que apagam o rótico em codas bem mais que os novatos.

Ao avaliar a escolaridade como fator de influência da variação linguística na escrita de alunos, Lopes (2015), em dissertação de Mestrado, apontou que a variação, em contextos de escrita, diminui à medida que os estudantes avançam nos anos escolares, destacando a relevância da escola e o papel do professor de Português no ensino da ortografia para finalidade de aquisição de uma escrita monitorada e pouco variável.

De acordo com a autora que realizou a pesquisa nos anos finais do Ensino Fundamental, os percentuais de apagamento diminuem de 28,6% (7º ano) para 21,5% (8º ano). Os resultados dessa pesquisa para as duas variantes do R em posição de coda foram reproduzidos na Tabela 7.

Tabela 7 – O rótico em relação ao ano escolar

Anos escolares	Apagamento	Manutenção	Total
7º ano	28,6%	71,4%	100%
8º ano	21,5%	78,5%	100%

Fonte: Adaptado de Lopes (2015, p. 60).

Além desse trabalho, há inúmeros outros que analisaram a mesma variável em contextos escolares, dos quais citamos o de Freire e Oliveira (2019). Em artigo publicado na Revista *Iniciação & Formação Docente*, os linguistas ampliaram o campo de análise da pesquisa anterior para três fatores (7º, 8º e 9º anos) e, em vez de apagamento, analisaram a variante padrão apenas em codas externas ocupadas pelo R. Conforme os resultados, em ordem decrescente, o 9º ano, com peso relativo de 0.67, é o fator que mais favorece o uso da variante de prestígio social, decaindo para os níveis 8º e 7º anos, com pesos relativos 0.39 e 0.18 respectivamente. Os dados confirmam a hipótese de que, quanto maior o nível de escolaridade, maior é a aquisição de padrões linguísticos e ortográficos pelos estudantes. Para melhor visualização desses dados, apresentamos a Tabela 8.

Tabela 8 – Variável nível de escolaridade

Fatores	Op. /Total	Frequência	Pesos relativos
9º ano	250/261	95,8%	0.67
8º ano	100/116	86.2%	0.39
7º ano	60/91	65.9%	0.18
Total:	410/468	12.4%	

Input: 0.923

Significância: 0.002

Fonte: Adaptado de Freire & Oliveira (2019, p. 10-11).

Segundo Freire e Oliveira (2019, p. 11):

Esses resultados [...] atestam a força que escrita escolar desenvolve nos estudantes à medida que avançam nos anos de escolarização: dominam melhor as formas de escrita convencional. É sabido que a escola tende a ser o gatilho de controle da variação linguística.

Ao tratar de fenômenos variáveis, Bagno (2014) fala de forças centrípetas e forças centrífugas. A primeira diz respeito às instituições como as escolas, as academias, a religião, o estado, o sistema jurídico, as mídias, as políticas linguísticas, etc., além dos agentes sociais (os gramáticos, dicionaristas e escritores clássicos da literatura brasileira). São fatores socioculturais que tentam frear o curso da língua ou as transformações pelas quais ela passa inevitavelmente. Dentre as instituições, o linguista destaca a escola como a principal mantenedora das convenções normativas, muitas vezes, fundadas na tradição literária e da imposição do uso da variante padrão do idioma oficial do país que é a língua portuguesa.

A mais importante de todas, evidentemente, é a escola, o sistema formal que, em todos os seus níveis [...] busca veicular uma cultura que está geralmente associada com as camadas sociais privilegiadas e, por conseguinte, transmitida na roupagem de uma língua considerada culta ou exemplar (BAGNO, 2014, p. 75).

A segunda é movida por fatores sociocognitivos, tais como a variação, a mudança, a hipercorreção, a economia linguística e outros que fazem a língua variar e mudar no decorrer do tempo. A massa, por exemplo, é a principal força centrífuga. Não domina a leitura e a escrita, mas se expressa de forma clara e inteligível ao fazer uso do vernáculo, cumprindo o papel da língua que é a comunicação entre interlocutores. São pessoas simples e comuns como os analfabetos, os agricultores e outros tipos humanos que vivem em comunidades rurais ou nos subúrbios periféricos, longe dos centros urbanos, da cultura da escrita muito difundida pelas agências de normatização e pelos meios de comunicação.

No contexto escolar, podemos comparar, para fins de compreensão, essas forças com um cabo de guerra, que é uma das brincadeiras executadas nos intervalos das aulas escolares: em uma ponta da corda, objeto que se usa na dinâmica, estão as forças centrípetas representadas pela escola, puxando a língua para o centro, tentando mantê-la estável e imutável. Na outra ponta, as forças centrífugas, simbolizando os alunos e “agindo de modo que a língua se afaste cada vez mais do que é para se tornar o que será” (BAGNO, 2014, p. 74). Afinal, quem vence a batalha? A escola ou os estudantes? As instituições ou as pessoas do povo?

Não resta dúvida de que ambas as forças são poderosas. Porém, uma é mais poderosa do que a outra e acaba vencendo a “brincadeira” que transcorre em momentos alternados até a conclusão: ora se puxa a corda para lá, ora se puxa para cá. No meio dessa disputa de forças contrárias, encontra-se a língua. Nada impede que ela mude. A mudança é, portanto, inevitável, mas ela não muda por si só. Quem muda a língua é o povo, é a grande massa que não tem o acesso à educação formal, à cultura e ao lazer em um país de grandes proporções continentais como é o Brasil.

6.2.1.1.5 Variável sexo/gênero

Na literatura sociolinguística, observou-se que o sexo dos falantes é o fator que impulsiona a variação/mudança na língua. Um dos primeiros estudos, em que se analisou o comportamento linguístico quanto aos usos de R, foi feito por Labov (1966). Estudando a fala dos nova iorquinos, “o autor constata que a pronúncia retroflexa do [r] pós-vocálico (em card, por exemplo), forma inovadora, tende a ocorrer mais frequentemente na fala das mulheres do que na fala dos homens” (PAIVA, 2023. p. 36).

A pesquisadora cita um outro estudo sobre a supressão do rótico no português brasileiro realizado por Oliveira (1982) e observou que situação contrária, com homens liderando o processo de mudança, pode ocorrer: “as mulheres preservam o segmento vibrante significativamente mais do que os homens, levando a crer, portanto, que o processo está sendo impulsionado pelos falantes do sexo masculino” (PAIVA, 2023. p. 37).

Ora os homens, ora as mulheres na liderança. Mas, nesse caso, o que se discute é o valor social que uma ou outra variante tem para a comunidade onde os falantes definem as escolhas linguísticas a partir da concepção que se construiu sobre sexo/gênero. Nesse sentido,

Paiva (2023) chama a nossa atenção para a relação entre o valor social da variante e o sexo/gênero dos falantes ao dizer que:

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, como o caso da pronúncia retroflexa em Nova York, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo (PAIVA, 2023, p. 36).

A ausência de R nas codas silábicas, objeto da nossa pesquisa, não é considerada uma forma de estigma, pelo menos, na fala. Em momento algum, vimos o falante ser criticado por não emitir o fonema [r] em formas verbais do infinitivo como: colaboraØ, comunicaØ e reproduziØ. Nesse contexto, inserimos o presente estudo que se assemelha ao de Labov (1966) no sentido de que os falantes do sexo feminino utilizam, mais que o sexo masculino, a variante que não é mais estigmatizada no país, de norte a sul, de leste a oeste. Os resultados da variável sexo/gênero foram apresentados na Tabela 9.

Tabela 9 – Variável sexo/gênero

Fatores	Oc./Total	%	P. relativos
Fem.	18/40	45%	0.72
Masc.	19/40	47.5%	0.27
Total	37/80	46.2%	

Input: 0. 327

Significância: 0.047

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nesta variável, o sexo feminino, selecionado pelo Goldvarb X, é o fator de favorecimento da variante não padrão [Ø], pois é atribuído a ele o peso relativo de 0.72. Já o sexo masculino, conforme o peso relativo de 0.27, não é tão influente no processo de apagamento. É interessante observarmos que os percentuais de frequência não acompanham os pesos relativos: para o peso maior, frequência menor (45%); para o peso menor, frequência maior (47,5%). Além desse detalhe, o programa, também, não considerou o número de ocorrências, visto que o sexo masculino realizou mais ocorrências (quantitativo de 19 apagamentos) em face do sexo feminino (18 supressões), totalizando 37 apagamentos de uma amostra de 80 palavras, com o R em posição pós-vocálica.

Os falantes do sexo feminino, que tem tido uma postura conservadora em relação à língua que se fala, optam pelo uso de uma variante que não tenha estigmas, o que ficou claro na análise da variável que colocou as meninas como o grupo que lidera a variação em codas, pois a variante [Ø] não sofre estigma social, já que é utilizada por grupos de diferentes estratos sociais e nível de escolaridade.

Não é raro ver, em aplicativos de mensagens instantâneas, palavras sem o R final de sílabas escritas por pessoas com alto grau de escolaridade. Isso tem acontecido, porque, no intuito de acompanhar o ritmo da conversação, o usuário de WhatsApp corre o risco de não registrar as palavras com todos os seus constituintes, dos quais a consoante, que está em posição frágil, não é grafada nos vocábulos: os verbos são os mais afetados. Às vezes, até se percebe a ausência da letra, mas não se dá o trabalho de editar as “incorreções”, pois se sabe que o diálogo transcorre entre amigos e pode desaparecer em um período de 24 horas após a publicação ou conforme o tempo programado pelo proprietário do dispositivo.

O apagamento do R é, segundo Leite e Callou (2010):

Considerado uma mudança “de baixo para cima”, usado nas peças teatrais de Gil Vicente para caracterizar a fala de negros, tem hoje um uso irrestrito, não sendo privativo de mulheres ou de qualquer etnia, classe social ou nível de escolaridade. São as mulheres jovens, contudo, que, em termos percentuais, utilizam mais frequentemente a variante marcada e mais inovadora, apagando o r final nas formas verbais do infinitivo (LEITE E CALLOU, 2010, p. 37).

Para o tratamento de variação com influência da variável sexo/gênero, citamos duas pesquisas, nas quais a variável sexo feminino apresentou mais ocorrências de apagamento em face da variável sexo masculino. A primeira, de Silva (2016) que analisou a variante retroflexa e a variante de apagamento em coda final na cidade de Uberlândia. De acordo com o autor, os participantes do sexo feminino, com peso relativo de 0.351, favoreceram a variante [Ø], já o sexo masculino, com peso relativo de 0.625, favoreceu o R retroflexo: “os fatores sexo masculino e a faixa etária [...] favoreceram a variante retroflexa, enquanto o fator sexo feminino e a faixa etária favoreceram o apagamento” (SILVA, 2016, p. 7).

A segunda pesquisa, de Aureliano e Oliveira (2017), investigou um corpus de 20 posts extraídos da rede social Facebook e estratificados por sexo/gênero: 10 publicações de usuários masculinos e 10 de usuários femininos. Ao analisar os textos dos internautas, os pesquisadores concluíram:

O estereótipo de que as mulheres são mais polidas e conservadas [sic] que os homens não se concretizam nas publicações coletadas e analisadas nesta investigação. De acordo com estudos sociolinguísticos, tais como os do linguista Labov (2008), as mulheres usam de preferência mais variantes de prestígio que os homens. Porém, nos posts os homens engajaram em estilos mais monitorados que as mulheres, levando em conta que essas variações estão relacionadas ao ambiente em que os usuários se encontram (AURELIANO; OLIVEIRA, 2017, p. 7).

Esses resultados destoam de outros que, comumente, têm demonstrado o sexo masculino à frente do sexo feminino como o condicionador mais influente de variação linguística, especificamente em estudos que discorreram em temas como a letra R em codas silábicas, o que pode ser visto em pesquisas de Mestrado, como a de Silva (2017), a de Natividade (2021) e tantos outros.

6.2.1.2 Variáveis não selecionadas

Após a coleta, por meio do ditado de palavras, uma das técnicas utilizadas neste trabalho, as informações sobre variantes e variáveis pré-definidas, o que constitui o envelope de variação, foram transformadas em códigos, para que o programa pudesse gerar os resultados sobre o fenômeno investigado que é o segmento R em coda silábica interna e externa nos vocábulos selecionados. Ao final das rodadas, o software computacional, de uso recorrente em pesquisas sociolinguísticas, recusou as variáveis classe gramatical e faixa etária que serão apresentadas a seguir, com os primeiros resultados, o que chamamos de resultados percentuais, processados pelo Goldvarb X.

6.2.1.2.1 Variável classe morfológica

Estudos anteriores têm mostrado que a classe morfológica favorece a queda do fenômeno em foco, caso esteja na posição pós-vocálica. São pesquisas, nas quais a consoante R foi avaliada, que mostraram maior incidência de apagamentos em verbos infinitivos em

detrimento dos não-verbos, confirmando a hipótese pensada para o presente estudo. Isso se deve ao fato de R ser uma marca morfológica redundante nos verbos. No entanto, esse segmento, embora esteja presente em nomes, não representa tais características, daí a razão de ter baixa frequência nas ocorrências de apagamento em classes como a dos substantivos e outras (adjetivo, advérbio, conjunção e preposição), examinadas na etapa final desta pesquisa.

Segundo Callou et al. (2015):

Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de o apagamento do rótico se ter mostrado sempre mais frequente em verbos. A hipótese é a de que a presença do **R**, em coda silábica final, constituiria, no caso, uma marca morfológica de caráter redundante, já que o infinitivo e o subjuntivo são marcados também pelo acento lexical na última sílaba. O mesmo não acontece com os não-verbos, já que neles a coda não representa marca morfológica independente, embora o fenômeno do apagamento venha atingindo, paulatinamente, também os não-verbos, nos dialetos em que o processo de apagamento da coda final em verbos já se encontra muito avançado. (CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015, p. 200).

Nesse contexto, no qual se discute onde é mais produtivo o apagamento, os autores compactuam da hipótese de Monaretto (2002). O morfema de infinitivo é uma característica específica dos verbos que torna a sílaba, na qual está inserido, tônica. Logo, morfema e tonicidade configuram o que é compreendido como redundância. Caso o /r/ esteja na coda da sílaba que tenha tonicidade forte, a tendência é cair. Isso “se deve ao fato de que o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são redundantemente marcados em português pela presença do r-final e pela tonicidade” (MONARETTO, 2002, pág. 261).

Outra pesquisa, desta vez, realizada apenas por Callou (2015), a partir de análise de dados do projeto Nurc (Norma Urbana Linguística Culta), apresenta percentuais de apagamento para duas classes de palavras ao analisar o /r/ em codas silábicas. Segundo a autoria desse estudo, o percentual mais alto recai sobre verbos, ao passo que os não verbos, afetados em escala menor, apresentam taxa mais baixa: “[...] nos verbos – andar(r) –, o percentual de cancelamento está acima de 60% e, nas demais categorias – pomar(r) –, abaixo de 40%” (CALLOU, 2015, p. 49).

Nesse contexto, está inserida a presente pesquisa que corrobora com esses resultados, ao analisar também o processo de apagamento da vibrante em codas, tanto em verbos quanto em palavras de outras categorias. As codas em análise são internas (final de sílaba) e externas (final de vocábulos) como, respectivamente, em: **con.cur.so** e **re.pro.du.zir**. Embora o programa não tenha selecionado a classe morfológica como fator condicionante de apagamento, para que fosse realizada uma análise binomial, os resultados percentuais

apontam maior incidência de apagamentos nos verbos, com taxa de 62.5%, seguidos por não verbos, cujo percentual é de 30.0%. Nesta pesquisa, com base nos dados percentuais, os verbos favorecem o apagamento da coda mais que os não verbos, já que apresentam índices percentuais acima da média, que é 46.2%, conforme a Tabela 10.

Tabela 10 – Variável classe morfológica

Fatores	Oc./Total	%
Verbos	25/40	62.5%
Não verbos	12/40	30.0%
Total	37/80	46.2%

Fonte: Elaboração própria (2025).

De um total de 80 palavras, 40 são verbos em estado de dicionário e 40, não verbos. Desse montante, houve 25 ocorrências de apagamento para os verbos e 12 para os nomes, com seus respectivos percentuais expostos na tabela acima. Nos verbos, analisou-se a coda externa e, no grupo dos não verbos, a coda interna, já que a coda externa não teve cancelamento. A divisão em duas classes morfológicas foi pensada para testar a hipótese conhecida para esta variável: a de que verbos condicionam o apagamento em detrimento dos não verbos. Embora não tenha sido selecionada para análise da regra variável, os números percentuais são indícios de que a hipótese poderia se confirmar, visto que a diferença percentual de frequência entre eles é significativa. Com esses resultados, nota-se, portanto, que o fator verbos mostra-se favorável à ocorrência da variante [Ø], em detrimento do outro fator analisado, o do não verbos.

6.2.1.2.2 Variável faixa etária

Em estudos sociolinguísticos, a idade dos informantes tem sido um dos parâmetros utilizados para explicar a variação de fenômenos linguísticos. Divididos por faixas etárias, é possível saber qual é o grupo que implementa na língua a variante inovadora. Nesta pesquisa, os alunos selecionados, com idades entre 11 e 16 anos, foram separados em dois grupos: 1- constitui-se de participantes com menos idade, com faixas entre 11 e 13 anos; 2- com os de mais idade: 14 a 16 anos, conforme os resultados expostos na Tabela 11.

Tabela 11 – Variável faixa etária

Grupos etários	Oc./Total	%
1 - 11 a 13 anos	23/50	46.0%
2 - 14 a 16 anos	14/30	46.7%
Total	37/80	46, 2%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Ao olharmos para a Tabela 11, já notamos que não há resultados de pesos relativos, já que a variável não foi selecionada para análise estatística. Também há de se notar que não houve intervalo de tempo entre os dois grupos etários. Foi assim, porque não tivemos outra forma de organizar o recorte. O trabalho foi restrito ao público de duas turmas de 6º ano, nas quais os participantes mais novos apresentavam, na ocasião da pesquisa, 11 anos de idade, ao mesmo tempo que os mais velhos, em situação de distorção ano escolar/idade, tinham 16 anos.

Labov (1972), quando estudou a pronúncia do /r/ em Nova York, mostrou que não há um critério fixo para se fazer o recorte. Fez duas pesquisas paralelas ao estudo com recortes diferentes. Com os informantes das lojas de departamento, separou as faixas por um intervalo de cinco anos: 15 – 30, 35 – 50, 55 – 70. No entanto, o linguista não procedeu assim com os informantes da região de Lower East Side, distribuídos por faixas sem intervalo: 20 – 29; 30 – 39; 40 – 49 e 50 anos acima. O resultado para isso é que “Nenhuma explicação que explicasse tal assimetria foi encontrada no seu estudo. Foi encontrada uma correlação idade-status para o primeiro recorte e idade-status social para o segundo” (ARAÚJO, 2007, p. 3).

Araújo (2007) identifica, no estudo laboviano, conforme as faixas de idade, um grupo específico de informantes que opta por uma certa variante. Não é o grupo mais velho nem o mais novo, responsável pelos usos variáveis da língua, mas o grupo intermediário. Segundo o autor: “Para as faixas etárias com os níveis de idade mais altos houve pouca relevância da significância social da pronúncia de /r/, já nas faixas etárias abaixo de quarenta anos, a pronúncia de /r/ age como um marcador de prestígio” (ARAÚJO, 2007, p. 3).

Retomando a Tabela 11, verifica-se que a diferença entre os percentuais é, minimamente, pequena. Ainda assim, é possível definir a variante eleita a partir do percentual de frequência que está acima da média. Neste caso, o grupo 2, representado por participantes, com faixas entre 14 e 16 anos, favorece a variante de apagamento mais que o grupo 1, visto

que o percentual de 46.7% é representativo de quase metade de ocorrências de um total de 30 vocábulos, ou seja, desse total, 14 palavras perderam o R em posição de coda. Em contrapartida, o grupo 1, com os participantes mais novos, desfavorece, em decorrência do percentual obtido (46%), a variante [Ø], em desacordo com resultados de inúmeros estudos que têm apontado os falantes mais jovens como os principais líderes no processo fonológico de apagamento, no caso, a perda da letra R quando está na coda silábica.

O que explica o resultado do segundo grupo é o fato de terem chegado ao 6º ano sem o domínio de habilidades e competências que a segunda etapa da educação básica exige de alunos egressos dos anos iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. É uma realidade de todo o Brasil, inclusive de alguns alunos participantes desta pesquisa que apresentam distorção entre ano escolar e idade, pois já entram nos anos finais fora de faixa etária por terem sido reprovados na primeira etapa e permanecem no 6º ano até aprenderem o que consideramos básico: ler e escrever. Sem essa base, a trajetória deles na educação é, infelizmente, retardada e pode levá-los à desistência ou ao ingresso, aos 16 anos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Nesse contexto, é preciso dizer que nem todos os alunos repetentes e fora de faixa etária, participantes deste trabalho de investigação, foram promovidos para o ano escolar subsequente: 5 (cinco) de um total de 9 (nove) foram retidos mais uma vez no 6º ano, não só em um único componente curricular, como também em vários, dentre os quais, Língua Portuguesa, Matemática, História e outros.

O déficit de leitura e escrita não é culpa deles nem dos professores, mas de todo o sistema educacional que organiza o ensino no Brasil. A verdade é que o problema existe e precisa de soluções urgentes para não continuarmos com altos índices de analfabetismo ou de evasão escolar no país. A formação de professores, como todos sabem, é precária nas faculdades de licenciatura, principalmente nas de Letras e de Pedagogia, visto que não se incluem, na grade curricular desses cursos, componentes curriculares que tornariam o ensino do processo de codificação mais eficiente e concreto para as crianças em fase de alfabetização. A Fonologia, a partir de estudos realizados por Bisol (2005), Roberto (2016), Seara et al. (2022) e Cristóvão Silva (2023) contribuiria para o ensino da leitura e da escrita, a curto prazo, considerando a relação grafemas/fonemas e a compreensão sobre um conjunto de habilidades da consciência fonológica.

A aquisição desses conhecimentos científicos na área de linguagem por graduandos é, extremamente, fundamental para pedagogos, que atuam no ensino infantil e nos anos iniciais

(do 1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental e, também, para professores de Língua Portuguesa que lecionam o componente curricular nos anos finais, do 6º ao 9º ano, e no Ensino Médio (do 1º ao 3º ano) nas escolas públicas das redes municipais e estaduais do nosso país.

6.2.2 Análise sobre a hipercorreção em ditado de frases

Ao término da segunda oficina, aplicou-se uma atividade diagnóstica final entre os participantes da pesquisa, com o propósito de avaliar o seu desempenho em relação ao fenômeno de hipercorreção. A proposta foi um ditado de frases com verbos flexionados no presente do indicativo. Nesse estado, é esperado que as formas verbais ganhem um segmento consonantal após o núcleo silábico, gerando o que chamamos de hipercorreção. Ao todo, foram 20 (vinte) frases que o professor pesquisador ditou para os participantes.

O Quadro 34 apresenta o resultado do trabalho realizado em sala de aula. São formas verbais que retiramos das frases enumeradas de 1 a 20 escritas por alunos do 6º ano. Na atividade, observou-se que a maioria dos vocábulos não foi hipercorrigida. Portanto, para os quais, não se registrou ocorrência nem número percentual.

Quadro 34 – Análise quantitativa no diagnóstico final da pesquisa

Nº	Verbos	Uso hipercorreto	Ocorrências	%
1	está	estar	1	5%
2	dança	-	-	-
3	gosta	-	-	-
4	escova	-	-	-
5	anda	-	-	-
6	penteia	-	-	-
7	madruga	-	-	-
8	canta	-	-	-
9	toma	tomar	1	5%
10	levanta	-	-	-
11	bebe	-	-	-
12	mete	-	-	-
13	bate	-	-	-
14	escreve	-	-	-
15	vive	-	-	-
16	ri	rir	10	50%
17	cai	cair	2	10%
18	parte	-	-	-
19	divide	dividir	1	5%
20	sai	sair	1	5%
		Total: 6/20		30%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Do total de 20 palavras, apenas seis se submeteram à hipercorreção. Flexionados no presente do indicativo, os verbos ganham as formas ‘está’, ‘toma’, ‘ri’, ‘cai’, ‘divide’ e ‘sai’. Formas estas consideradas corretas, mas se nota que elas foram grafadas com uma consoante final, o R, após a vogal, que é o principal elemento de uma sílaba, por isso é chamada de núcleo silábico. As novas formas ‘estar’, ‘tomar’, ‘rir’, ‘cair’, ‘divider’ e ‘sair’, tais como foram escritas por alguns participantes, configuram um caso de hipercorreção que, aos olhos da escola, nada mais é do que um erro ortográfico.

O número de hipercorreções, 6 (seis), ao todo, de um total de 20 verbos, corresponde a uma taxa de 30% e constitui um resultado satisfatório se comparado ao resultado do mesmo fenômeno na fase diagnóstica inicial da pesquisa, quando houve 100% de hipercorreções. A queda nos índices se deve às intervenções didáticas e procedimentos metodológicos eficazes que adotamos durante a realização das oficinas pedagógicas.

Ao analisar a amostra, observou-se um número baixo de ocorrências para a maior parte das palavras que sofreram a hipercorreção. É o caso de ‘estar’, ‘tomar’, ‘divider’, ‘sair’ e ‘cair’. Nessa lista, as quatro primeiras apresentaram apenas uma ocorrência. A última, duas. Porém, a forma ‘rir’ foi, novamente, a campeã em usos hipercorretos, pois apresentou 10 ocorrências, o que equivale a um percentual de 50% que, de tão alto, chamou a atenção do pesquisador que se dispôs a apontar algumas considerações sobre este caso em particular.

Uma das explicações plausíveis veio do fato de que foram analisados, em um único estudo, dois fenômenos linguísticos: o apagamento e a hipercorreção. No primeiro, a tendência é apagar o /r/ em codas silábicas. No segundo, acrescenta-se esse elemento gráfico ao final dos verbos. Acontece que, no momento de grafar os verbos flexionados em 3ª pessoa do singular, supõe-se que tenha vindo, primeiramente, à memória dos participantes, a ideia de que deveriam registrar o grafema ao final desses vocábulos, inferindo que houve, nesse caso, o apagamento da coda. Ao deduzir que o R, por exemplo, foi suprimido do verbo *ri*, decidiram colocar a consoante ao final desta palavra, resultando em hipercorreção – ‘rir’ – que foi empregada erroneamente naquele contexto.


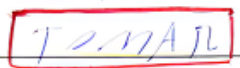
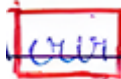
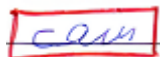
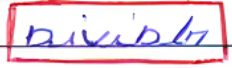

Ainda, sobre este caso, é importante reafirmar que a nossa pesquisa, como já dito, levou, simultaneamente, dois temas ao conhecimento dos alunos. Isso pode ter gerado à falsa ideia de que todos os verbos deveriam ser grafados com o R final, o que não é verdade. Os verbos flexionados, conforme o Quadro 34, dispensam a presença do indicador do infinitivo. No entanto, quando estão em estado de dicionário, ou seja, ainda não conjugados, apresentam, obrigatoriamente, o elemento mórfico. Aprender a diferença entre as duas formas dos verbos

– flexionadas e infinitivas – leva tempo por parte dos aprendizes que têm um longo caminho a percorrer na educação. Certamente, no decorrer da trajetória, hão de separar o joio do trigo.

É óbvio que, em processo de aprendizagem, é normal que as informações novas causem confusão ao cérebro que se desestabiliza entre o novo e o velho. Em meio à dúvida ou o que Labov (2008) chama de insegurança linguística, um assunto discutido por Bagno (2012), Bortone e Alves (2014), acabam escolhendo, entre a forma padrão e a forma hipercorreta, a segunda opção, o que não é feito aleatoriamente, como já explicamos em um outro capítulo da dissertação (cf. cap. 3), ao discorrermos sobre o tema.

As formas flexionadas dos verbos constituem um campo fértil ao escrevente que, por não ter assegurado ainda o domínio dos padrões linguísticos cunhados pela escola, incorre sobre a prática hipercorreta em alusão à língua padrão. É sabido que, apesar das intervenções, as hipercorreções continuarão existindo na escrita dos envolvidos, embora com poucas ocorrências, como mostra o quadro anterior. No entanto, no quadro seguinte, fizemos um recorte nas frases do ditado, em que os verbos ganharam a marca hipercorreta, como mostra o Quadro 35, com identificação codificada dos autores.

Quadro 35 – Hipercorreção no diagnóstico final da pesquisa

Nº	Uso padrão	Uso hipercorreto	Participantes
01	Minha família está bem.		P2, sexo masculino
09	Ela toma banho 3 vezes ao dia.		P7, sexo masculino
16	Quem ri por último ri melhor.		P6, sexo masculino
17	A chuva cai sem parar.		P18, sexo feminino
19	Meu colega divide o lanche comigo.		P8, sexo feminino
20	Meu pai sai de casa e vai ao trabalho todos os dias.		P17, sexo feminino

Fonte: Elaboração própria (2025).

Entre as hipercorreções exibidas nesse quadro, destacam-se as variantes **estar** e **rir**, para que se faça um breve comentário sobre tais formas linguísticas. Para a forma hipercorreta ‘estar’ que é confundida, muitas vezes, com a forma flexionada – está – no processo de escrita

escolar, buscou-se uma estratégia linguística muito prática e funcional que os professores utilizam em aulas de ortografia para ensinar como se usam as duas palavras.

Trata-se de um macete de substituição que consiste em trocar uma forma conjugada por outra e o infinitivo por outro sem que haja alteração ortográfica no enunciado. Por exemplo, substitui-se ‘está’ por ‘permanece’ e ‘estar’ por ‘permanecer’. Empregam-se, portanto, ‘está’ e ‘estar’ quando podem ser substituídos por ‘permanece’ e ‘permanecer’ respectivamente, conforme exemplos: Minha família **está** bem – Minha família **permanece** bem. Minha família vai **estar** bem – Minha família vai **permanecer** bem.

Observa-se que, nesses enunciados, a substituição de uma palavra por outra foi possível de ser realizada, o que certifica, na escrita, o uso adequado desses termos semelhantes. O artifício utilizado nessa atividade de intervenção foi tão eficiente que alterou resultados dos diagnósticos. Na fase diagnóstica inicial, a variante ‘estar’ teve nove ocorrências hipercorretas (45%). Contudo, esse índice caiu, na etapa diagnóstica final da pesquisa, para 5%, ou seja, a forma verbal flexionada em 3ª pessoa do singular do presente do indicativo sofreu hipercorreção apenas uma única vez.

Nesse contexto, faz-se necessário abrir um parêntese para mencionar que há outros casos de hipercorreção ocorridos na fala e transpostos para a escrita por intermédio de processos fonológicos. Por exemplo, é comum que se diga rúbrica e assim escreva, quando, na verdade, trata-se de uma palavra paroxítona, portanto, com tonicidade forte na penúltima sílaba e sem o emprego de acento gráfico. A Linguística trata essa ocorrência como hiperbibasmo, quando ocorre mudança do acento tônico na palavra (CARDOSO, 2009). Porém, para outras palavras, o processo é outro, como internet e amor hipercorrigidas, às vezes, para ‘internete’ e ‘amore’, respectivamente, por influência da paragoge, que consiste em adição do segmento vocálico /e/ em posição final de palavras.

Em relação à segunda variante, foi preciso criar um macete didático em analogia ao primeiro. Ri e rir são grafados assim quando admitem a troca pelos sinônimos gargalha e gargalhar respectivamente: Ele **ri** pouco – Ele **gargalha** pouco. Você vai **rir** muito – Você vai **gargalhar** muito. A metodologia surtiu efeito, pois reduziu-se, neste caso, o percentual de 75%, obtido na avaliação diagnóstica inicial, para 50% na avaliação diagnóstica final.

Apesar de pistas linguísticas terem sido aplicadas no intuito de atenuar os casos de hipercorreção, é perceptível que a redução de 15 para 10 ocorrências não foi tão expressiva como se esperava que fosse, porque o emprego de **ri**, em “Quem **ri** por último, ri melhor”, propício à hipercorreção – dado o contexto do enunciado – é ambíguo, por fazer referência

tanto a um fato presente quanto a uma possível ação futura. Nesse caso, supõe-se que a ambiguidade semântica do vocábulo tenha causado dúvida entre os estudantes envolvidos na pesquisa que ficaram matematicamente divididos entre a forma padrão (ri) e a forma hipercorreta (rir) do verbo em foco, consoante o fato de que 10 alunos (55,6%), pouco mais da metade do grupo, optaram pelo uso hipercorreto e, em contrapartida, 8 estudantes (44,4%) mantiveram o uso padrão.

É preciso saber que as duas formas linguísticas existem na língua portuguesa e seu emprego adequado depende do contexto em que estão inseridas. No presente do indicativo, emprega-se a forma conjugada (ele/ela ri), mas, no futuro do subjuntivo, o verbo passa para a forma infinitiva: quando ele/ela rir, se ele/ela rir (MENDONÇA, 2021).

Além dessas duas formas linguísticas inovadoras, o Quadro 36 expõe outras, acompanhadas do número de ocorrências e seus correspondentes valores percentuais. A princípio, verifica-se que os verbos expressos no quadro constam nos dois diagnósticos da pesquisa, o que é possível estabelecer uma comparação. No diagnóstico inicial, todos foram hipercorrigidos por repetidas vezes. No diagnóstico final, nem todos foram marcados pelo fenômeno. Do total de seis verbos conjugados, houve três hipercorreções (estar, sair e rir) e três se mantiveram em sua forma padrão (canta, escreve e bebe).

Também há de se notar que as palavras hipercorretas presentes nas duas fases do diagnóstico apresentaram redução de casos, como, por exemplo, 'sair', que teve treze repetições na primeira etapa e apenas uma única ocorrência na fase final da pesquisa. A queda da taxa, neste caso específico, de 65% para 5%, é decorrente de intervenções didáticas na forma de oficinas temáticas que se realizaram em novembro de 2024.

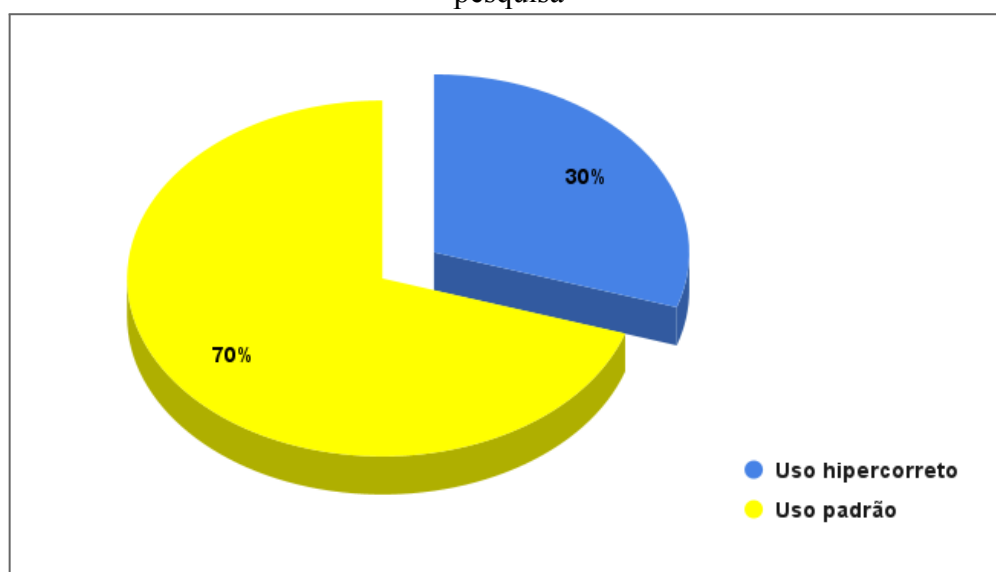
Por se tratar de uma pesquisa-ação na perspectiva de Paiva (2019) e Thiollen (1992), pusemos em prática uma ação, a de intervir sobre a variação em verbos flexionados, com o objetivo de minimizar os altos índices do fenômeno diagnosticado na fase inicial da pesquisa.

Quadro 36 – Análise comparativa entre diagnósticos da variável hipercorreta (-r)

Verbos	Diagnósticos					
	Inicial			Final		
	Hipercorreções	Oc.	%	Hipercorreções	Oc.	%
está	estar	9	45	estar	1	5
canta	cantar	7	35	—	—	—
escreve	escrever	8	40	—	—	—
sai	sair	13	65	sair	1	5
bebe	beber	7	35	—	—	—
ri	rir	15	75	rir	10	50

Fonte: Elaboração própria (2025).

Além dessa comparação realizada no intuito de se perceber a redução de casos hipercorretos entre algumas palavras de avaliações diagnósticas, elaborou-se o Gráfico 8 que ilustra os resultados finais desse fenômeno variável analisado a partir de um ditado de vinte frases, de onde extraímos os verbos escritos em dois formatos: hipercorreto e padrão. Conforme os resultados, apenas 30% das palavras foram hipercorrigidos. O percentual representa seis palavras em que houve o acréscimo indevido do (-r) no fim de verbos flexionados. Entretanto, a maioria, 70%, equivalente a 14 vocábulos, de um total de 20 verbos, se manteve no formato padrão, atendendo a um dos objetivos propostos, o de minimizar as ocorrências hipercorretas na escrita produzida pelos participantes da pesquisa desenvolvida em sala de aula.

Gráfico 8 – Distribuição de dados das variantes de hipercorreção no diagnóstico final da pesquisa

Fonte: Elaboração própria (2025).

O gráfico traduz os resultados da variável dependente que é o (-r) em final de palavras. Para se fazer a análise desse tipo de hipercorreção, pensou-se em duas variantes linguísticas: a variante padrão (ausência de r) e a variante hipercorreta (presença indevida dessa consoante). Neste estudo de variação/mudança linguística, investigou-se a segunda, marcada, indevidamente, pelo acréscimo do (-r) na coda final de verbos. Para entendermos a razão pela qual os estudantes hipercorrigem a linguagem, buscou-se analisar seis variáveis independentes, das quais três são linguísticas e três são sociais. Os dados codificados submeteram-se ao programa Goldvarb X que, por interferência de nocautes ocorridos durante o processamento de dados, processou apenas resultados percentuais para as ocorrências da variante que se escolheu para análise condicionada por fatores internos e externos à língua.

Nesse gráfico, a variável analisada obteve, na última atividade diagnóstica, o percentual de 30%, bem abaixo do índice apresentado na avaliação diagnóstica inicial que foi de 100%. A redução percentual decorre do trabalho de intervenção realizado por intermédio de oficina pedagógica. Durante o período, o pesquisador não só explicou o conceito de hipercorreção, como também aplicou atividades pedagógicas e prestou auxílio para a turma, tirando dúvidas e promovendo a discussão sobre o tema em foco. O Quadro 37 mostra quais fatores condicionaram o uso hipercorreto dos verbos, ou seja, o emprego que é considerado um erro pela gramática normativa da língua.

Quadro-síntese 37 – Variável (-r) segundo aspectos linguísticos e não linguísticos

Hipercorreção em coda silábica final de verbos			
Variáveis	Variantes	Oc. Total	%
-R em coda silábica final	uso padrão	14/20	70
	uso hipercorreto	6/20	30
sexo	masc.	3/9	33.3
	fem.	3/11	27.3
faixa etária	14 a 16 anos	3/8	37.5
	11 a 13 anos	3/12	25
escolaridade	novatos	4/10	40
	repetentes	2/10	20
extensão vocabular	monossílabos	3/3	100
	dissílabos	2/11	18.2
	trissílabos	1/6	16.7
tonicidade da sílaba final	sílaba tônica	4/4	100
	sílaba átona	2/16	12.5
contexto precedente	/i/	3/3	100
	/a/	2/10	20
	/e/	1/7	14.3

Fonte: Elaboração própria (2025).

Começando a breve análise pelas variáveis sociais (sexo, faixa etária e escolaridade), nota-se que o sexo masculino, a faixa de 14 a 16 anos e novatos são fatores que influenciam o fenômeno, pois apresentam valores percentuais maiores quando comparados com os seus pares, vistos como pouco relevantes à mudança linguística, tais como sexo feminino, faixa de 11 a 13 anos e alunos repetentes. Já nas variáveis linguísticas (extensão vocabular, tonicidade da sílaba final e contexto precedente), são os monossílabos, a sílaba tônica e a vogal alta /i/ os principais fatores de favorecimento da ocorrência da variante hipercorreta na escrita discente.

Além desse quadro, produziu-se um conjunto de tabelas não só para o tratamento da variável dependente e variáveis independentes, mas também para outra finalidade, a de relacionar dois temas contemplados neste estudo. O objeto selecionado para a investigação é o morfema de infinitivo (-r) presente na coda final de verbos flexionados. Essa variável considerou duas variantes, como mostra a Tabela 12. Para esta pesquisa, analisamos a variante de uso hipercorreto.

Tabela 12 – Variável dependente (-r) e variantes

Variantes	Ocorrências	%
Uso padrão	14	70%
Uso hipercorreto	06	30%
Total	20	100%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme a Tabela 12, a variante padrão obteve o percentual maior em relação ao percentual da variante hipercorreta. A diferença entre ambas é que a primeira não carrega, em sua estrutura, o -r final, ao passo que a segunda recebe, indevidamente, esse elemento mórfico em posição de coda. Os dados informam que o trabalho do pesquisador, considerado fruto de uma pesquisa-ação, foi tão exitoso que apontou resultados inversos aos da primeira atividade, em que se diagnosticou o problema de hipercorreção na sua totalidade e nenhuma ocorrência para a linguagem padrão.

Daí em diante, definimos quais variáveis condicionam a variação do fenômeno analisado. Trata-se de variáveis independentes que podem ser tanto linguísticas quanto extralinguísticas, uma vez que envolvem diferentes aspectos internos e externos à língua em uso.

6.2.2.1 Variáveis linguísticas

Dentre tantas variáveis de natureza linguística, a pesquisa considerou apenas três, a saber: o tamanho das palavras, a tonicidade da sílaba final e o contexto precedente. Em cada variável, observamos quais fatores hipercorrigem os verbos flexionados em frases do ditado, o que se descreve nas tabelas seguintes.

Tabela 13 – Variável extensão vocabular

Fatores	Apl. Total	%
Monossílabos	3/3	100
Dissílabos	2/11	18.2
Trissílabos	1/6	16.7
Total	6/20	30%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Conforme esta variável, a variação foi produtiva nos monossílabos que obtiveram mais ocorrências e o percentual mais alto, em detrimento dos vocábulos dissílabos e trissílabos. Isso significa que, quanto mais curta for a palavra, maior a probabilidade de hipercorrigi-la. No caso em foco, as palavras de uma única sílaba foram escritas de outro modo pelos estudantes que colaboraram com esta pesquisa: em vez de ri, sai e cai, grafaram ‘rir’, ‘sair’ e ‘cair’. A presença do (-r) no final desses verbos configura a hipercorreção. Entretanto, neste estudo, na análise do apagamento, os monossílabos são as palavras com poucos registros de casos, o que leva a perceber que, a depender de um ou de outro fenômeno, o fator em questão se comporta diferentemente. Parece lógico: se a palavra já é pequena, não cabe retirar nada dela, mas acrescentar, mesmo que isso seja feito de modo equivocado.

Tabela 14 – Variável tonicidade da sílaba final

Fatores	Apl. Total	%
Sílaba tônica	4/4	100
Sílaba átona	2/16	12.5
Total	6/20	30%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Antes de tudo, é necessário declarar que, no processo de apagamento, não analisamos esta variável. Logo, não é possível fazermos nenhum tipo de comparação. No entanto, conforme os resultados, a maior parte dos vocábulos analisados sofreu mais influência de um fator em face de outro. Trata-se de 03 (três) monossílabos tônicos e 01 (um) vocábulo oxítono que foram hipercorrigidos por influência do primeiro fator em posição final de palavras ou em palavras constituídas de uma única sílaba. O segundo fator não foi tão relevante ao processo de hipercorreção, considerando-se o baixo número de casos e o valor percentual em evidência na Tabela 14. Embora as palavras, com sílaba final átona, sejam propícias à hipercorreção, esta hipótese não se concretizou nesta variável, em razão da presença de vocábulos monossilábicos tônicos no ditado de frases. Todos submeteram-se ao processo hipercorreto.

Tabela 15 – Variável contexto precedente

Fatores	Apl. Total	%
/i/	3/3	100
/a/	2/10	20
/e/	1/7	14.3
Total	6/20	30%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nesta variável, analisamos as vogais que ocupam, na sílaba, a posição de núcleo. Os resultados evidenciam que a vogal alta é o fator mais proeminente de variação, seguido, respectivamente, pelos fatores (a) e (e), conforme os números de casos e valores percentuais exibidos pela Tabela 15. Há um ponto em comum entre este caso de hipercorreção e o apagamento, quando examinado o contexto linguístico precedente: a vogal alta foi o fator de favorecimento desses dois processos sociolinguísticos. Para o primeiro fenômeno, foi a vogal /i/. Para o segundo, a vogal /u/. Os dois elementos vocálicos ocupam a mesma posição quanto à altura da língua. Por isso, são vogais altas no sistema vocálico do PB. Resta dizer que tivemos, de um lado, mais casos de inserção indevida do -r na coda; de outro, a queda desse elemento da estrutura vocabular, em razão do que Labov (2008) chamou de insegurança linguística.

Esses resultados se assemelham aos de Cesar (2017) e Mendonça (2021) que analisaram, em suas pesquisas, os contextos linguísticos do fenômeno, respectivamente, em ambientes escolares e digitais.

6.2.2.2 Variáveis sociais

Tais variáveis são sociais porque dizem respeito a pessoas que agem sobre a língua que falam. A língua não muda. As pessoas é que mudam a língua em seus aspectos internos. Nesse sentido, selecionamos três variáveis que condicionam o processo de hipercorreção: a primeira é o sexo dos participantes, a segunda é a escolaridade e, finalmente, a terceira, que é a faixa etária.

Tabela 16 – Variável sexo

Fatores	Apl. Total	%
Masc.	3/9	33.3
Fem.	3/11	27.3
Total	6/20	30%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Ao todo, foram seis vocábulos hipercorrigidos de um total de 20 verbos. Dentre os fatores, o sexo masculino é o fator de maior favorecimento do fenômeno, levando-se em consideração o percentual mais alto, pois, de nove palavras, três sofreram o processo, o que corresponde ao índice de 33.3%. O fator que menos favoreceu a inserção do (-r) em coda foi o sexo feminino, dado o percentual obtido de 27.3%, número que representa três ocorrências de um subtotal de onze vocábulos. Enquanto a hipercorreção foi mais influente entre os participantes masculinos, o apagamento obteve percentuais mais elevados do grupo das meninas, com peso relativo de 0.72, bem distante do peso de 0.27, obtido pelos garotos. Nesta variável, os dados divergem-se quanto aos fatores que interferem nos dois processos linguísticos: mostram que o sexo feminino realiza mais ocorrências de apagamento, enquanto o sexo masculino lidera em caso de hipercorreção, conforme resultados da Tabela 16.

Tabela 17 – Variável escolaridade

Fatores	Apl. Total	%
Novatos	4/10	40
Repetentes	2/10	20
Total	6/20	30%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Divididos em novatos e repetentes, os participantes demonstraram qual dos grupos é favorável ao fenômeno, conforme resultados da Tabela 17. De 10 palavras, quatro foram escritas, com acréscimo de (-r), por alunos novatos. Esse número representa 40%. A mesma lógica se aplica aos alunos repetentes que ficaram em segundo lugar: de 10 palavras, duas sofreram o processo, ou seja, acrescentou-se, indevidamente, o elemento mórfico, indicador de formas infinitivas. As poucas ocorrências equivalem ao percentual de 20%. A pouca familiaridade com as palavras em sua forma convencional pode ser um dos motivos para se hiper corrigir os verbos em sua forma conjugada. É o que se pode perceber nos estudantes novatos do 6º ano que estavam cursando o ano escolar pela vez, quando comparados aos alunos repetentes que, em questão de escrita, cometeram desvios em quantidade menor.

Os dois temas que analisamos nesta pesquisa apresentaram resultados opostos quanto à escolaridade. Na análise desta variável, no que tange ao processo de hiper correção, como se nota, são os novatos que estão na liderança da mudança linguística. No entanto, quando se trata de apagamento, mudam-se os autores: agora repetentes em vez de novatos. Estes obtiveram peso relativo de 0.17 e aqueles, de 0.82.

Tabela 18 – Variável faixa etária

Fatores	Apl. Total	%
14 a 16 anos	3/8	37.5
11 a 13 anos	3/12	25
Total	6/20	30%

Fonte: Elaboração própria (2025).

Embora se notem números iguais de ocorrências para os grupos etários, devemos levar em consideração os valores percentuais atribuídos a eles, pois, conforme os resultados da Tabela 18, o grupo mais velho favorece o fenômeno que estamos analisando agora, com percentual maior em relação ao percentual do grupo mais novo. Enquanto os alunos, com faixas entre 11 e 13 anos, obtiveram 25% de hiper correção, os estudantes, com faixas de idade mais avançadas, apresentaram o índice de 37.5% sobre o mesmo caso. Nesta variável, tanto em hiper correção quanto em apagamento, os resultados evidenciaram que o grupo etário mais velho é o fator de favorecimento nos dois processos.

6.2.3 Outras análises

A hipercorreção, como já dito, é tema de estudos desenvolvido em contextos escolares e extraescolares por professores pesquisadores egressos de Mestrado Profissional e de Mestrado Acadêmico. Um dos trabalhos do Profletras é o de Cesar (2017) que analisou o fenômeno a partir de atividades de escrita realizadas por alunos do 9º ano de uma escola pública do Rio de Janeiro.

No intuito de reduzir as ocorrências, a professora elaborou uma proposta de intervenção, com 40 (quarenta) exercícios ortográficos, com base no diagnóstico apresentado pela turma. Em todos, percebe-se que a forma de abordar o conteúdo foi sempre a mesma: pares de palavras para fins de comparação, sendo uma com R na coda, a outra sem a presença desse elemento gráfico após o núcleo silábico, como neste exemplo: **casa - casar**. A presença do (-r) em codas silábicas define, muitas vezes, a sílaba tônica como no exemplo apresentado. Na primeira palavra, a penúltima sílaba tem pronúncia mais intensa. Na segunda, pronunciamos fortemente a última sílaba por causa da presença do morfema e isso parece fazer toda a diferença na hora de fazer o registro escrito.

Nesse contexto, entra em jogo a capacidade de percepção sobre semelhanças e diferenças nesse e em outros pares de palavras, nas quais deve-se observar grafia, pronúncia, sentido, contexto e, principalmente, a questão de tonicidade silábica em final de palavras. Segundo a autora, o conhecimento sobre tonicidade da sílaba final é o caminho mais fácil para se aprender a grafia convencional de palavras que tenham tido, indevidamente, a inserção do -r em codas silábicas. A ideia era: se, na palavra, a sílaba final fosse a mais forte, a marcação do R deveria estar presente, mas caso fosse átona, o registro desse grafema seria dispensado da palavra. É o caso de **canta** e **cantar**. Nos dois verbos, as sílabas finais são, respectivamente, átona e tônica. Portanto, o primeiro se escreve sem o R ao final do vocábulo. O segundo, com o rótico na coda.

Não foi aleatoriamente que ela deu tratamento enfático, em todas as atividades pedagógicas, para essa questão de tonicidade. Por se tratar de uma pesquisa-ação, Cesar (2017) definiu uma proposta de intervenção bastante extensa e diversificada para desenvolvê-la no decorrer de seis aulas, com o objetivo de que as regras da norma ortográfica, exploradas nas atividades propostas, fossem internalizadas pelos sujeitos envolvidos, de modo que não se sentissem inseguros no momento de produção de escrita.

Além da tonicidade do vocábulo, a pesquisadora analisou outras variáveis linguísticas como a extensão vocabular, contexto precedente e classe gramatical. A análise do corpus constituído de 98 (noventa e oito) palavras foi qualitativa, ou seja, não apresentou valores percentuais. Dadas as informações sobre os contextos variáveis, decidimos criar, para facilitar a compreensão do leitor, o Quadro 38, com as quatro variáveis, seus grupos de fatores e quantidades de ocorrências.

Quadro 38 – Análise qualitativa em pesquisa de Cesar (2017)

Hipercorreção: acréscimo do r em codas silábicas		
Variáveis	Variantes	Ocorrências
extensão vocabular	dissílabos	41
	trissílabos	29
	monossílabos	27
	polissílabos	1
contexto precedente	/e/	31
	/i/	29
	/a/	27
	/o/	10
tonicidade do vocábulo	oxítonas	36
	paroxítonas	35
classe gramatical	verbos	67
	substantivos	13
	pronomes	12
	conjunções	4
	advérbios	3

Fonte: Adaptado de Cesar (2017, p. 69-70).

Conforme os resultados exibidos pelo Quadro 38, nota-se que fatores de ordem linguística favoreceram as ocorrências da hipercorreção. Na primeira variável, extensão vocabular, os vocábulos dissílabos condicionam o fenômeno por apresentar, em face de outros fatores, um número maior de casos de hipercorreção. Foram computadas 41 ocorrências para o fator mais influente da inserção do -r em posição final de palavras analisadas. Na segunda variável, contexto precedente, a vogal anterior média, /e/, é o fator que favorece a hipercorreção, com 31 casos desse fenômeno. Em relação à terceira variável, tonicidade do vocábulo, nota-se diferença diminuta entre os dois fatores, pois ambos apresentam números muito próximos. Ainda assim, as palavras oxítonas estão à frente, na liderança, com 36 casos, seguidas pelas palavras paroxítonas, com 35 ocorrências. Por fim, na última variável, classe gramatical, o fator verbos é o mais profícuo da hipercorreção. Afinal, gerou mais ocorrências,

67 casos hipercorretos, em detrimento de outros fatores que, como se pode notar, não foram tão significativos em termos numéricos para o fato linguístico analisado.

Nesse contexto, Mendonça e Melo (2023), em artigo publicado recentemente, comentam os resultados da pesquisa realizada por Cesar (2017):

Os resultados de Cesar (2017), na variável dimensão do vocábulo, registram, por maior incidência de ocorrência, dissílabos, trissílabos, monossílabos e polissílabos. A variável contexto precedente considerou as vogais [a e i o], apontando a vogal anterior média alta como mais incidente, seguida pelas vogais alta, central baixa e posterior média alta, respectivamente. A variável tonicidade não apresenta grandes distinções na amostra. A expressividade de verbos no corpus leva a autora a analisar o fenômeno como sendo originado nessa classe de palavras (MENDONÇA; MELO, 2023, p. 13).

A própria autora, que se debruçou sobre uma análise exclusiva do fenômeno de hipercorreção – fato investigado na escrita escolar de autoria de alunos de 9º ano – descreve o resultado do seu trabalho exitoso:

Apesar de algumas lacunas no material de intervenção, a pesquisa se mostrou eficiente naquilo que se propôs: elaborar atividades de intervenção educacional, baseada nas consciências fonológica e morfológica, que contribuísse para a devida representação ortográfica [...], minimizando casos de hipercorreção na escrita de estudantes pertencentes ao nono ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro (CESAR, 2017, p. 84).

Trabalho semelhante foi feito por Mendonça (2021) que também analisou o tema em sua dissertação de Mestrado Acadêmico. Para investigar a inserção do rótico em final de verbos, o pesquisador coletou dados de usuários de plataformas digitais (Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp) a partir de publicações compartilhadas nessas redes e construiu um corpus de textos digitais, dos quais foram extraídos 419 dados. Com auxílio de um software, o programa Rbrul, o estudioso examinou somente as variáveis estruturais de condicionamento da língua para o caso de hipercorreção, como tonicidade da sílaba final, contexto precedente e dimensão do vocábulo. As variáveis extralinguísticas não foram avaliadas porque, segundo o autor:

Pois, dado que a coleta ocorreu ou de forma assistemática em diversos ambientes digitais ou por busca lexical na rede social Twitter, não há como identificar os produtores dos dados quanto a características tais quais gênero, escolaridade, estrato social, localidade ou outras que não o indexador “usuários de redes sociais” (MENDONÇA, 2021, p. 66).

A pesquisa de abordagem quantitativa confirma a interferência das variáveis linguísticas nos usos hipercorretos em codas silábicas. Na variável tonicidade da sílaba final, o autor examinou a sílaba átona e a sílaba tônica e constatou que o segundo fator, com 79,1% de casos, favorece a hipercorreção mais que o primeiro, cujo valor percentual foi de 44,3% de ocorrências. Na variável dimensão do vocábulo, três variantes foram analisadas. Conforme resultados, os monossílabos foram mais produtivos, com 84,3% de casos, seguidos por vocábulos com mais de três sílabas (61,5%) e dissílabos (45,1%). Por fim, na variável contexto precedente, o autor analisou três vogais que antecedem o rótico hipercorreto e constatou que a vogal alta /i/ é favorecedora do fenômeno, com 84,3% de ocorrências, seguida pela vogal anterior média /e/ (57,4%) e pela vogal central /a/ (50,8%). Para melhor visualização desses resultados, produziu-se o Quadro 39, apenas com dados da variante hipercorreta marcada pelo R em final de palavras.

Quadro 39 – Análise quantitativa em pesquisa de Mendonça (2021)

A hipercorreção em pesquisa de Mendonça (2021)			
Variáveis	Variantes	Oc. Total	%
tonicidade da sílaba final	sílaba tônica	143/182	79,1
	sílaba átona	106/237	44,3
dimensão do vocábulo	monossílabos	86/102	84,3
	trissílabos/polissílabos	75/122	61,5
	dissílabos	88/195	45,1
vogal antecedente	/i/	75/89	84,3
	/e/	54/94	57,4
	/a/	120/236	50,8

Fonte: Adaptado de Mendonça (2021, p. 57-60).

Além desses dois últimos trabalhos voltados para o tratamento exclusivo da hipercorreção em codas finais de palavras, verifica-se que há outros – mas ainda são pouquíssimos nesse campo ainda considerado carente de investigação – que têm mencionado o tema em conjunto com outro, ou seja, junto ao processo de apagamento, sem que se faça uma análise minuciosa do primeiro, envolvendo os ambientes favorecedores do fenômeno, como os contextos linguísticos e extralinguísticos, o que pode ser visto em Almeida (2016), Branco (2020) e Bomfim (2021).

Nesses estudos, em que se analisa o cancelamento do rótico, a hipercorreção tem recebido um tratamento superficial, sem análise dos aspectos sociais e linguísticos, ficando, portanto, em segundo plano. Ao percebermos essa lacuna, propomos investigar os dois

objetos, em um único trabalho, à luz da Sociolinguística Variacionista, com ajuda de ferramenta tecnológica, o Goldvarb X. Nessa análise, consideramos o que é imprescindível em questões de mudança e variação na língua, tanto as variáveis linguísticas quanto as variáveis sociais, essenciais em estudos de processos sociolinguísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sociolinguística teve como foco o apagamento e a hipercorreção do rótico em posição de coda na escrita dos estudantes de 6º ano do Ensino Fundamental. A variação estudada, que se manifesta na modalidade escrita por transposição da oralidade (diamésica), confirmou a hipótese de interferência da fala na escrita, visto que o apagamento é um fenômeno inerente à oralidade, sendo a posição de coda a mais frágil na estrutura silábica, o que a torna suscetível à supressão do segmento.

Os resultados do diagnóstico inicial, realizado por meio de um ditado de imagens e um teste de lacunas, foram surpreendentes: 98,8% para apagamento e 100% para hipercorreção.

A aplicação do método de pesquisa-ação e a mudança na técnica do ditado na avaliação final – em que o professor pronunciava o som do R em coda de maneira formal e enfática – interferiram positivamente nos resultados. O processo de apagamento diminuiu significativamente, afetando apenas 37 das 80 palavras.

Esse resultado final destaca que a relação entre fonema e grafema ainda não está consolidada, havendo uma lacuna nas consciências fonológica e morfológica dos alunos, habilidades essenciais para a aquisição da escrita ortográfica. No caso de apagamento, o uso de atividades lúdicas como bingo e gincana estimulou a percepção visual e morfológica, permitindo a assimilação da forma canônica das palavras. No que se refere à hipercorreção, outras atividades aplicadas, com macete didático, foram relevantes para a diminuição desse processo.

Conforme a análise, com auxílio do software Goldvarb X, o estudo conclui que a escola exerce uma intensa influência sobre a escrita, favorecendo as variantes de prestígio social. No processo de apagamento, a variante de manutenção foi superior (53,8%) à variante de apagamento (46,2%). Já, na hipercorreção, a variante padrão (ausência de rótico) foi dominante (70%) em relação à variante hipercorreta (presença do -r), com 30% de casos. Esses dados percentuais indicam que as variantes pouco prestigiadas não favorecem esses processos linguísticos em contexto de escrita.

Embora o erro linguístico tenda a diminuir com o progresso escolar, os fenômenos continuarão existindo, pois a língua em uso é um organismo vivo, mutável e heterogêneo. Este trabalho soma-se a outros estudos sobre o apagamento e o acréscimo indevido do -r, contribuindo para minimizar a lacuna na pesquisa acadêmica ao analisar, simultaneamente, dois objetos linguísticos em atividades de escrita escolar.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23 – 50.
- ALVES, Virgínia Colares. **A Decisão interpretativa da Fala em depoimentos Judiciais**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1992.
- ARAÚJO, Leonardo Eustáquio Siqueira. A variável faixa etária em estudos sociolinguísticos. **Estudos linguísticos XXXVI (2)**, maio – agosto, 2007, p. 389 – 398.
- AURELIANO, Érika Ramos de Lima; OLIVEIRA, Josane Moreira de. A variação linguística entre gênero/sexo nas redes sociais: uma breve análise do Facebook. **Letra Magna: Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Ano 13 – n. 20 – 1º Semestre – 2017. P. 1 – 12.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Língua, Linguagem, Linguística: Pondo os Pingos nos ii**. 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2014.
- BERLINCK, Rosane de Andrade; BIAZOLLI, Caroline Carnielli. Ferramentas metodológicas para análises (sócio) linguísticas. **Estudos Linguísticos**, v. 47, n. 1, p. 260 – 273, 2018. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/issue/view/53/53>. Acesso em 30 jul/2024.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Volume VII: A construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013, p. 21 – 52.
- BOMFIM, Jussileide Ramos. **“Eu vou começa a fala [...] Eu sair escondido”**: estratégias para trabalhar com o apagamento e a hipercorreção em sala de aula. Dissertação de Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS. Universidade Federal de Sergipe, 2021. Acesso em ago/2024.
- BORTONE, Maria Elizabeth; ALVES, Scheyla Brito. O fenômeno da hipercorreção. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SOUSA, Rosineide Magalhães de; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; MACHADO, Veruska Ribeiro. (Orgs.). **Por que a escola não ensina a gramática assim?** 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2014, p. 129 – 159.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Stela Maris. **O professor pesquisador**: Introdução à pesquisa qualitativa. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRANCO, Andréia Aparecida Tomáz Castelo. **O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no ensino fundamental II**. Dissertação de Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS. Universidade Federal de Uberlândia/UFU, 2020. Acesso em ago/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental** – BNCC. Brasília, DF, 2017.

CALLOU, Dinah. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. – São Paulo: Contexto, 2015, p. 39 – 64.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de.; LEITE, Yone. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Volume VII: A construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013, p. 167 – 194.

CALLOU, Dinah; SERRA, Carolina; CUNHA, Cláudia. **Mudança em curso no português brasileiro**: o apagamento do R no dialeto nordestino. Revista da ABRALIN, v. 14, n. 1, 2015.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012, p. 51 – 84.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2015.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMARGOS, Marco Aurélio Cunha. **Conhecimento Fonológico de Retroflexos em inglês – L2**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CARDOSO, Denise Porto. **Fonologia da língua portuguesa**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

CESAR, Helena Horvat de Farias. **Acréscimo do grafema < r > em coda silábica: intervenção para casos de hipercorreção**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA; Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer: Sociolinguística**. 1 ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2021.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101 – 133.

CORDER, P. **Introducing Applied Linguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. 2 ed. - São Paulo: Cultrix, 2014.

DURVAL, Luiz Felipe da Silva. Uma experiência didática com o futuro do presente: reflexão linguística, variação e ensino. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues. (Org.). **Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas**. São Paulo: Blucher, 2018, p. 155 – 172.

ERICKSON, F. **Transformation and School Success: the Politics and Culture of educational Achievement**. *Anthropology & Education Quarterly*. Vol. 18, nº 4, pp. 335 – 56, 1987.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FONTENELE, Jorge Diego Marques. **Apagamento do R: perspectiva fonológica sobre a escrita de alunos do 6º ano**. Dissertação de Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS. Universidade Estadual do Piauí – UESPI, 2019. Acesso em ago/2024.

FREIRE, Josenildo Barbosa; OLIVERIA, Dermeval da Hora. APAGAMENTO DO /r/ EM FINAL DE PALAVRAS: O QUE DIZEM OS TEXTOS ESCOLARES. **Iniciação & Formação Docente**, [s.l.], v. 6. n. 1, p. 01 a 14, jul. 2019. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistagepadle/article/view/3804>. Acesso em: 31 jul/2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Amanda Cristina de; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira. O apagamento do /R/ em coda final de nomes e verbos infinitivos na escrita escolar de alunos do 8º ano. **Revista Investigações**, Recife, v. 34, n. 2, p. 1 – 26, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/index>. Acesso em 15 jul/2025.

LABOV, W. **The Social History of a Sound Change on the Island of Martha's Vineyard**, Massachusetts, 1963.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. **Principles of Linguist Change: Internal Factors**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, ([1972], 2008).

LABOV, W. A hipercorreção pela classe média baixa como fator de mudança linguística. In: **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, ([1972], 2008) p. 151 – 172.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LOPES, Sandra Cabral. **Apagamento do rótico em posição de coda silábica na escrita de alunos do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

MACIEL, Suely Cláudia Lobato; KAILER, Dircel Aparecida. Uma proposta pedagógico-variacionista para trabalhar a transposição do apagamento do /r/ da fala para a escrita com alunos da EJA. **Revista Tabuleiro de Letras** (PPGEL, Salvador, online), vol. 13, n. 3. Especial dezembro de 2019.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MONARETTO, Valéria N. de Oliveira. O apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do Brasil. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 35, nº 1, p. 275 – 284, mar/2000.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. (Tese de Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

NATIVIDADE, Demiany Cristina Cursino. **O apagamento do rótico em posição de coda silábica na escrita escolar**. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS) – Universidade Federal do Pará, 2021.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. Língua Portuguesa, 7º ano. 1 ed. – São Paulo: Moderna, 2018.

PAGOTTO, E. G. **Variabilidade e Identidade**. (Tese de Doutorado em Linguística), Unicamp, Campinas, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília;

BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2023. P. 33 – 42.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PAVIANI, Neires Maria soldatelli; FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas: relato de experiência**. V. 14, n.2, maio/ago. 2009

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. Sílabas. In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. (Orgs.). **Introdução à fonologia do português brasileiro**. João Pessoa: Editora da UFPB: 2012, p. 71 – 91.

RIBEIRO, Lorena Nascimento de Souza. **O apagamento do -R em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita discente?** Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade do Estado da Bahia/ UNEB, Salvador, 2013. Acesso em ago/2024.

RIBEIRO, Marcia Maria Gurgel; FERREIRA, Maria Salomilde: **Oficina pedagógica: uma estratégia de ensino-aprendizagem**. Natal: EDUFEN, 2001.

ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 2011.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X**. A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, Canadá, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: ed. Cultrix, 1975.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer: Fonética e Fonologia do português brasileiro**. 2. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2022.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempos Linguísticos, 1996, pp. 239 – 64.

SILVA, Guilherme Antônio. **O /R/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da. **Interferência da fala na escrita de alunos do ensino médio: descrição e análise de usos de monotongação e de apagamento do [R] final**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, 2017.

SILVA, Miriam Gurgel; BARBOZA, Clerton Luiz Felix. Os róticos do português brasileiro (PB) e sua influência na aquisição do inglês língua estrangeira (ILE). **Revista Colineares**, vol. 4, n. 1 – jan/jun, 2017.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

THIOLLEN, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 5 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, ([1968], 2006).

WEBGRAFIA

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Velho. Acesso em: 12 set. 2023.

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 set. 2023.

Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 01 ago. 2024.

Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/24062570-esc-mul-de-ens-fund-sao-sebastiao/ideb>. Acesso em 23 de set. de 2023.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_NV1OkcUblc. Acesso em: 03 mai. 2024.

APÊNDICE A – Proposta de atividades para a avaliação diagnóstica inicial

Atividade 1 – sobre o apagamento do /r/ em codas silábicas

Ditado de imagens

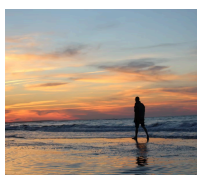
1. dar



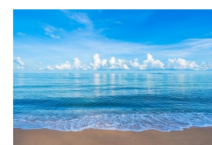
41. bar



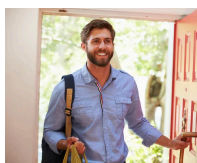
2. ir



42. mar



3. vir



43. flor



4. rir



44. dor



5. ter



45. cor



6. ver



46. por



7. ser



47. lar



8. crer



48. ar



9. ler



49. par



10. pôr



50. mor



11. fazer



51. pardal



12. saber



52. furto



13. dizer



53. burguês



14. dormir



54. surdo



15. morrer



55. circo



16. compor



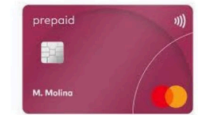
56. porta



17. estar



57. cartão



18. armar



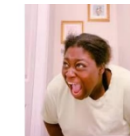
58. porco



19. viver



59. surto



20. partir



60. porque



21. debater



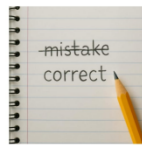
22. merecer



23. falecer



24. refazer



25. permitir



26. superar



27. escrever



28. reparar



29. adorar



30. receber



31. diminuir



61. distúrbio



62. urtiga



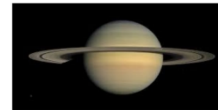
63. círculo



64. subúrbio



65. saturno



66. conforto



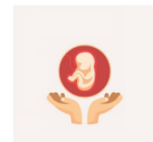
67. recurso



68. urbano



69. aborto



70. chafurdo



71. apartamento



32. redescobrir



33. interagir



34. escapulir



35. repercutir



36. interferir



37. introducir



38. utilizar



39. repudiar



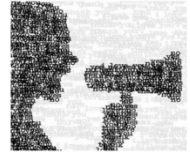
40. desentupir



72. comportamento



73. deturpado



74. borboleta



75. burguesia



76. importante



77. cirurgicamente



78. oportunidade



79. iogurte



80. chafurdento



Atividade 2 – sobre a hipercorreção em coda final de verbos**Teste de lacunas**

Complete as frases a seguir escolhendo adequadamente uma das palavras em negrito no fim dos enunciados.

01. O dia _____ muito quente. (**esta, está, estar**)
02. “Quem _____ seus males espanta”. (**canta, cantar**)
03. Quem _____ poemas é poeta. (**escreve, escrever**)
04. Eu _____ para pescar com meus colegas. (**sai, saí, sair**)
05. A galinha _____ ovos. (**bota, botar**)
06. O professor _____ os seus alunos de segunda a sexta. (**ensina, ensinar**)
07. Meu vizinho _____ todos os finais de semana. (**bebe, beber**)
08. Ele _____ livros. (**lê, ler**)
09. Ele _____ muito. (**ri, rir**)
10. Você _____ quem é o Presidente da República no Brasil? (**sabe, saber**)
11. Eu sei que _____ para não prejudicar o meu amigo. (**menti, mentir**)
12. Quando vi você, _____ que era amor à primeira vista. (**senti, sentir**)
13. A mamãe sempre _____ presentes para a sua filha. (**da, dá, dar**)
14. Você sempre _____ filmes? (**vê, ver**)
15. Eu _____ o bolo. (**parti, partir**)
16. Eu _____ a minha família. (**amo, amor**)
17. A gente pisa na bola e não _____. (**vê, ver**)
18. Eu _____ às ordens dos meus pais. (**obedeci, obedecir**)
19. Você _____ bem? (**esta, está, estar**)
20. Papai nem sempre me _____ coisas que eu peço. (**da, dá, dar**)

APÊNDICE B – Proposta de atividades para a avaliação diagnóstica final

Atividade 1 – sobre o apagamento do /r/ em codas silábicas

Ditado de palavras

1. <u>dar</u>	41. <u>bar</u>
2. <u>ir</u>	42. <u>mar</u>
3. <u>vir</u>	43. <u>flor</u>
4. <u>rir</u>	44. <u>dor</u>
5. <u>ter</u>	45. <u>cor</u>
6. <u>ver</u>	46. <u>por</u>
7. <u>ser</u>	47. <u>lar</u>
8. <u>crer</u>	48. <u>ar</u>
9. <u>ler</u>	49. <u>par</u>
10. <u>pôr</u>	50. <u>mor</u>
11. <u>correr</u>	51. <u>carta</u>
12. <u>bater</u>	52. <u>curto</u>
13. <u>querer</u>	53. <u>turnê</u>
14. <u>ferir</u>	54. <u>urna</u>
15. <u>cair</u>	55. <u>firme</u>
16. <u>propor</u>	56. <u>corda</u>
17. <u>cantar</u>	57. <u>carne</u>
18. <u>pular</u>	58. <u>corpo</u>
19. <u>comer</u>	59. <u>turma</u>
20. <u>subir</u>	60. <u>torta</u>
21. <u>atender</u>	61. <u>balbúrdia</u>
22. <u>esquecer</u>	62. <u>purgante</u>
23. <u>conviver</u>	63. <u>vírgula</u>
24. <u>escolher</u>	64. <u>absurdo</u>
25. <u>resolver</u>	65. <u>discurso</u>
26. <u>começar</u>	66. <u>conforme</u>
27. <u>proteger</u>	67. <u>saturno</u>
28. <u>renovar</u>	68. <u>murmúrio</u>
29. <u>retirar</u>	69. <u>esporte</u>
30. <u>promover</u>	70. <u>concurso</u>
31. <u>distribuir</u>	71. <u>covardemente</u>
32. <u>usufruir</u>	72. <u>conformidade</u>
33. <u>reconstruir</u>	73. <u>usurpadora</u>
34. <u>atribuir</u>	74. <u>ordinária</u>
35. <u>retribuir</u>	75. <u>urbanização</u>
36. <u>indeferir</u>	76. <u>extraordinário</u>
37. <u>contribuir</u>	77. <u>conturbado</u>
38. <u>colaborar</u>	78. <u>primordial</u>
39. <u>comunicar</u>	79. <u>enturmada</u>
40. <u>reproduzir</u>	80. <u>antifurto</u>

Atividade 2 – sobre a hipercorreção em coda final de verbos**Ditado de frases**

1. Minha família **está** bem. _____
2. Se ela **dança**, eu danço. _____
3. Meu pai **gosta** de melancia. _____
4. A gente **escova** os dentes. _____
5. A idosa **anda** devagar. _____
6. A garota **penteia** os cabelos. _____
7. Quem **madruga**, Deus ajuda. _____
8. Quem **canta** seus males espanta. _____
9. Ela **toma** banho três vezes ao dia. _____
10. Meu vizinho **levanta** cedo para trabalhar. _____
11. Ele não **bebe** álcool. _____
12. Em briga de marido e mulher, ninguém **mete** a colher. _____
13. Não se **bate** em mulher nem com uma flor. _____
14. Ele **escreve** bem. _____
12. Ninguém **vive** sem o ar. _____
16. Quem **ri** por último ri melhor. _____
17. A chuva **cai** sem parar. _____
18. O aniversariante **parte** o bolo. _____
19. Meu colega **divide** o lanche comigo. _____
20. Meu pai **sai** de casa e vai ao trabalho todos os dias. _____

APÊNDICE C – Variável classe morfológica

Verbos	Não verbos
01. dar	41. bar
02. ir	42. mar
03. vir	43. flor
04. rir	44. dor
05. ter	45. cor
06. ver	46. por
07. ser	47. lar
08. crer	48. ar
09. ler	49. par
10. pôr	50. mor
11. correr	51. carta
12. bater	52. curto
13. querer	53. turnê
14. ferir	54. urna
15. cair	55. firme
16. propor	56. corda
17. cantar	57. carne
18. pular	58. corpo
19. comer	59. turma
20. subir	60. torta
21. atender	61. balbúrdia
22. esquecer	62. purgante
23. conviver	63. vírgula
24. escolher	64. absurdo
25. resolver	65. discurso
26. começar	66. conforme
27. proteger	67. saturno
28. renovar	68. murmúrio
29. retirar	69. esporte
30. promover	70. concurso
31. distribuir	71. covardemente
32. usufruir	72. conformidade
33. reconstruir	73. usurpadora
34. atribuir	74. ordinária
35. retribuir	75. urbanização
36. indeferir	76. extraordinário
37. contribuir	77. conturbado
38. colaborar	78. primordial
39. comunicar	79. enturmada
40. reproduzir	80. antifurto

APÊNDICE D – Variável extensão vocabular

Monossílabos	Dissílabos	Trissílabos	Polissílabos
01. dar	01. correr	01. atender	01. distribuir
02. ir	02. bater	02. esquecer	02. usufruir
03. vir	03. querer	03. conviver	03. reconstruir
04. rir	04. ferir	04. escolher	04. atribuir
05. ter	05. cair	05. resolver	05. retribuir
06. ver	06. propor	06. começar	06. indeferir
07. ser	07. cantar	07. proteger	07. contribuir
08. crer	08. pular	08. renovar	08. colaborar
09. ler	09. comer	09. retirar	09. comunicar
10. pôr	10. subir	10. promover	10. reproduzir
11. bar	11. carta	11. balbúrdia	11. covardemente
12. mar	12. curto	12. purgante	12. conformidade
13. flor	13. turnê	13. vírgula	13. usurpadora
14. dor	14. urna	14. absurdo	14. ordinária
15. cor	15. firme	15. discurso	15. urbanização
16. por	16. corda	16. conforme	16. extraordinário
17. lar	17. carne	17. saturno	17. conturbado
18. ar	18. corpo	18. murmúrio	18. primordial
19. par	19. turma	19. esporte	19. enturmada
20. mor	20. torta	20. concurso	20. antifurto

APÊNDICE E – Variável contexto precedente

Central, baixa	Anterior, média	Anterior, alta	Posterior, média	Posterior, alta
01. dar	01. ter	01. ir	01. pôr	01. curto
02. cantar	02. ver	02. vir	02. propor	02. turnê
03. pular	03. ser	03. rir	03. flor	03. urna
04. começar	04. crer	04. ferir	04. dor	04. turma
05. renovar	05. ler	05. cair	05. cor	05. balbúrdia
06. retirar	06. correr	06. subir	06. por	06. purgante
07. colaborar	07. bater	07. distribuir	07. mor	07. absurdo
08. comunicar	08. querer	08. usufruir	08. corda	08. discurso
09. bar	09. comer	09. reconstruir	09. corpo	09. saturno
10. mar	10. atender	10. atribuir	10. torta	10. murmúrio
11. lar	11. esquecer	11. retribuir	11. conforme	11. concurso
12. ar	12. conviver	12. indeferir	12. esporte	12. usurpadora
13. par	13. escolher	13. contribuir	13. conformidade	13. urbanização
14. carta	14. resolver	14. reproduzir	14. ordinária	14. conturbado
15. carne	15. proteger	15. firme	15. extraordinário	15. enturmada
16. covardemente	16. promover	16. vírgula	16. primordial	16. antifurto

APÊNDICE F – Variável codas silábicas

Codas interna e externa (não verbos)	Coda externa (verbos)
01. bar	01. dar
02. mar	02. ir
03. flor	03. vir
04. dor	04. rir
05. cor	05. ter
06. por	06. ver
07. lar	07. ser
08. ar	08. crer
09. par	09. ler
10. mor	10. pôr
11. carta	11. correr
12. curto	12. bater
13. turnê	13. querer
14. urna	14. ferir
15. firme	15. cair
16. corda	16. propor
17. carne	17. cantar
18. corpo	18. pular
19. turma	19. comer
20. torta	20. subir
21. balbúrdia	21. atender
22. purgante	22. esquecer
23. vírgula	23. conviver
24. absurdo	24. escolher
25. discurso	25. resolver
26. conforme	26. começar
27. saturno	27. proteger
28. murmúrio	28. renovar
29. esporte	29. retirar
30. concurso	30. promover
31. covardemente	31. distribuir
32. conformidade	32. usufruir
33. usurpadora	33. reconstruir
34. ordinária	34. atribuir
35. urbanização	35. retribuir
36. extraordinário	36. indeferir
37. conturbado	37. contribuir
38. primordial	38. colaborar
39. enturmada	39. comunicar
40. antifurto	40. reproduzir

APÊNDICE G – Variável sexo/gênero

Sexo/Gênero	Participantes	Subtotal
Masculino	P2, P4, P6, P7, P11, P12, P13, P14 e P15	9 participantes
Feminino	P1, P3, P5, P8, P9, P10, P16, P17 e P18	9 participantes
		Total: 18 participantes

APÊNDICE H – Variável faixa etária

Faixas etárias	Participantes	Subtotal
11 a 13 anos	P1, P2, P3, P6, P9, P10, P11, P12, P14, P16 e P18	11
14 a 16 anos	P4, P5, P7, P8, P13, P15 e P17	7
		Total: 18 participantes

APÊNDICE I – Variável escolaridade

Escolaridade	Participantes	Subtotal
Novatos	P1, P2, P3, P5, P6, P7, P9, P16 e P18	9
Repetentes	P4, P8, P10, P11, P12, P13, P14, P15 e P17	9
		Total: 18 participantes

APÊNDICE J – Lista de palavras acometidas por apagamento

Verbos	Não verbos
01. pôr	01. balbúrdia
02. correr	02. vírgula
03. querer	03. absurdo
04. ferir	04. discurso
05. cair	05. saturno
06. cantar	06. murmúrio
07. pular	07. concurso
08. subir	08. usurpadora
09. atender	09. ordinária
10. esquecer	10. urbanização
11. escolher	11. conturbado
12. começar	12. enturmada
13. renovar	
14. retirar	
15. promover	
16. distribuir	
17. usufruir	
18. reconstruir	
19. atribuir	
20. retribuir	
21. indeferir	
22. contribuir	
23. colaborar	
24. comunicar	
25. reproduzir	

APÊNDICE K – Chave de codificação para variável de apagamento

VARIÁVEL DEPENDENTE /R/	CÓDIGOS
Apagamento	w
Manutenção	y
VARIÁVEIS INDEPENDENTES (SOCIAIS)	CÓDIGOS
1. Sexo/Gênero	
Masculino	M
Feminino	F
2. Faixa etária	
11 a 13 anos	1
14 a 16 anos	2
3. Escolaridade	
Novato	N
Repetente	R
VARIÁVEIS INDEPENDENTES (LINGUÍSTICAS)	CÓDIGOS
1. Classe morfológica	
Verbos	v
Não verbos	n
2. Extensão vocabular	
Monossílabos	m
Dissílabos	d
Trissílabos	t
Polissílabos	p
3. Contexto precedente	
Vogal a	A
Vogal e	E
Vogal i	I
Vogal o	O
Vogal u	U
4. Coda silábica	
Coda interna e coda externa (não verbos)	3
Coda externa (verbos)	4

APÊNDICE L – Chave de codificação para variável de hipercorreção

VARIÁVEL DEPENDENTE: -r em coda final de verbos	CÓDIGOS
Uso hipercorreto	h
Uso padrão	p
VARIÁVEIS INDEPENDENTES (SOCIAIS)	CÓDIGOS
1. Sexo/Gênero	
Masculino	M
Feminino	F
2. Faixa etária	
11 a 13 anos	1
14 a 16 anos	2
3. Escolaridade	
Novato	N
Repetente	R
VARIÁVEIS INDEPENDENTES (LINGUÍSTICAS)	CÓDIGOS
1. Extensão vocabular	
Monossílabos	m
Dissílabos	d
Trissílabos	t
2. Tonicidade da sílaba final	
Átona	A
Tônica	T
3. Contexto precedente	
Vogal a	3
Vogal e	4
Vogal i	5

APÊNDICE M – Rodada selecionada pelo Goldvarb X para análise do apagamento

Run # 24, 45 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.327
Group # 1 -- F: 0.728, M: 0.272
Group # 3 -- N: 0.174, R: 0.826
Group # 5 -- p: 0.908, t: 0.923, m: 0.024, d: 0.252
Group # 6 -- A: 0.355, E: 0.040, I: 0.820, U: 0.947, O: 0.351
Group # 7 -- 4: 0.970, 3: 0.030
Log likelihood = -20.595 Significance = 0.047

Groups selected while stepping up: 5 7 6 3 1
Best stepping up run: #24

APÊNDICE N – Rodada para análise da hipercorreção

Number of cells: 17

Application value(s): h

Total no. of factors: 14

Group		Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)					
F	N	3	8	11	55.0
	%	27.3	72.7		
M	N	3	6	9	45.0
	%	33.3	66.7		
Total	N	6	14	20	
	%	30.0	70.0		

2 (3)					
1	N	3	9	12	60.0
	%	25.0	75.0		
2	N	3	5	8	40.0
	%	37.5	62.5		
Total	N	6	14	20	
	%	30.0	70.0		

3 (4)					
N	N	4	6	10	50.0
	%	40.0	60.0		
R	N	2	8	10	50.0
	%	20.0	80.0		
Total	N	6	14	20	
	%	30.0	70.0		

4 (5)					
d	N	2	9	11	55.0
	%	18.2	81.8		
t	N	1	5	6	30.0
	%	16.7	83.3		
m	N	3	0	3	15.0
	%	100.0	0.0		* KnockOut *

Total N	6	14	20
%	30.0	70.0	

5 (6)

A N	2	14	16	80.0
%	12.5	87.5		

T N	4	0	4	20.0
%	100.0	0.0		* KnockOut *

Total N	6	14	20
%	30.0	70.0	

6 (7)

3 N	2	8	10	50.0
%	20.0	80.0		

5 N	3	0	3	15.0
%	100.0	0.0		* KnockOut *

4 N	1	6	7	35.0
%	14.3	85.7		

Total N	6	14	20
%	30.0	70.0	

TOTAL N	6	14	20
%	30.0	70.0	

Name of new cell file: .cel

APÊNDICE O – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
MESTRANDO: LOURIVAL SOARES DE LIMA



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

(Elaborado de acordo com a Resolução CNS/CONEP nº 510/2016)

Caro aluno e cara aluna,

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada **“Variação linguística em codas silábicas: o apagamento do /r/ e a hipercorreção na escrita de alunos do 6º ano”** do mestrando **LOURIVAL SOARES DE LIMA**, sob a orientação da Profª Drª Sônia Maria Cândido, do Programa de Mestrado Profissional em Letras/Profletras.

O objetivo geral deste estudo é analisar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o apagamento do /r/ em posição de coda e a hipercorreção em final de verbos diagnosticados nas atividades de escrita realizadas por alunos de 6º ano de uma escola pública da rede municipal de ensino de Pedro Velho/RN para promover uma escrita ortográfica em língua portuguesa a partir de um conjunto de atividades interventivas relacionadas aos objetos de investigação. No intuito de atingir o propósito, foram definidos objetivos específicos tais como:

- (i)** Identificar contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem as ocorrências desses fenômenos.
- (ii)** Descrever, sob o viés da Sociolinguística Variacionista, os fenômenos em foco a partir de variáveis linguísticas e não linguísticas.
- (iii)** Propor atividades pedagógicas e estratégias linguísticas que minimizem os efeitos desses fenômenos na escrita de alunos participantes da pesquisa.

Os resultados desta pesquisa contribuirão com estudos sobre aspectos linguísticos e sociais do PB no tocante aos fenômenos de variação e mudança linguística. Para chegar a esses resultados, a pesquisa passará por diferentes fases como a coleta de dados, a aplicação de oficinas pedagógicas e análise dos dados obtidos para, finalmente, chegar à confecção de

um caderno pedagógico destinado aos professores de Língua Portuguesa que atuem nos anos finais do Ensino Fundamental.

A forma de atuação na pesquisa consiste em, voluntariamente, participar de atividades pedagógicas em forma de oficinas e atividades diagnósticas, para que o pesquisador obtenha um corpus, a partir do qual, ele possa fazer uma análise quantitativa e um trabalho de intervenção sobre os fenômenos investigados com base nos dados coletados.

Adotaremos uma postura comprometida em inibir comportamentos negativos ou hostis, tanto por parte do pesquisador quanto dos estudantes, sobretudo ao ressaltarmos a importância da discussão sobre a língua e sua heterogeneidade na sala de aula. No decorrer da pesquisa, o participante terá a garantia:

- a) de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta;
- b) de liberdade para abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu pai, sua mãe, seu responsável ou seu representante legal tenha consentido sua participação e sem que haja penalização alguma ou prejuízo de qualquer natureza;
- c) e da manutenção do sigilo absoluto do seu nome, assim como de todos os dados que lhe identifiquem antes, durante e após o término do estudo.

Não haverá gastos financeiros para você nem para o seu pai, mãe, responsável ou representante legal, e não estão previstos, na pesquisa, ressarcimentos ou indenizações. São esperados os seguintes benefícios por meio de sua participação na pesquisa: conhecimento sobre fenômenos de variação/mudança linguística, como o apagamento e a hipercorreção, processos fonológicos, posição do R em coda, fala e escrita monitoradas e não monitoradas, liberdade de expressar-se no próprio dialeto e aquisição do dialeto padrão e da escrita ortográfica da língua portuguesa.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e colocamo-nos à disposição para esclarecer suas dúvidas e/ou prestar maiores informações. Seguem os dados profissionais do professor responsável pela pesquisa: **a)** ENDEREÇO: Rua José Augusto de Melo, nº 187, bairro: Cidade Nova – Montanhas/RN, CEP: 59. 198 - 000; **b)** E-MAIL: lourivallimarn@gmail.com; **c)** TELEFONE: (84) 98885 - 1871.

Eu, _____, fui informado(a) a respeito dos objetivos e da justificativa desta pesquisa de maneira clara e detalhada e tive a oportunidade de ler este documento e esclarecer as informações, as quais não compreendi. Sou consciente de que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações ou desistir do estudo sem qualquer prejuízo, assim como o(a) meu(minha) pai(mãe), responsável ou

representante legal poderá modificar a decisão de ter autorizado a minha participação, se assim o desejar. Estando o Termo de Consentimento do(a) meu(minha) pai(mãe), responsável ou representante legal já assinado, declaro que dou meu assentimento para dela participar e para a publicação dos seus resultados, assim como para o uso de minha imagem nos slides destinados à apresentação do trabalho final do pesquisador. Estou ciente de que receberei uma cópia deste Termo de Assentimento assinado pelo professor responsável e por mim, com a primeira página rubricada por ambos(as), visto que o documento contém três páginas.

Pedro Velho/RN, 27 de agosto de 2024.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do pesquisador responsável

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, *Campus* I, Cidade Universitária– 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB. Telefone: (83)3216.7791. E-mail:eticaccsufpb@hotmail.com

APÊNDICE P – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
MESTRANDO: LOURIVAL SOARES DE LIMA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(Elaborado de acordo com a Resolução CNS/CONEP nº 510/2016)

Caro(a) pai, mãe, responsável ou representante legal,

O seu filho está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada **“Variação linguística em codas silábicas: o apagamento do /r/ e a hipercorreção na escrita de alunos do 6º ano”**, do mestrando LOURIVAL SOARES DE LIMA, sob a orientação da Profª Drª Sônia Maria Cândido da Silva, do Programa de Mestrado Profissional em Letras/Profletras.

O objetivo geral deste estudo é analisar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o apagamento do /r/ em posição de coda e a hipercorreção em final de verbos diagnosticados nas atividades de escrita realizadas por alunos de 6º ano de uma escola pública da rede municipal de ensino de Pedro Velho/RN para promover uma escrita ortográfica em língua portuguesa a partir de um conjunto de atividades interventivas relacionadas aos objetos de investigação. No intuito de atingir o propósito, foram definidos objetivos específicos tais como:

- i)** Identificar contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem as ocorrências desses fenômenos.
- (ii)** Descrever, sob o viés da Sociolinguística Variacionista, os fenômenos em foco a partir de variáveis linguísticas e não linguísticas.
- (iii)** Propor atividades pedagógicas e estratégias linguísticas que minimizem os efeitos desses fenômenos na escrita de alunos participantes da pesquisa.

Os resultados desta pesquisa contribuirão com estudos sobre aspectos linguísticos e sociais do PB no tocante aos fenômenos de variação e mudança linguística. Para chegar a esses resultados, a pesquisa passará por diferentes fases como a coleta de dados, aplicação de oficinas pedagógicas e análise dos dados obtidos para, finalmente, chegar à confecção de um caderno pedagógico destinado aos professores de Língua Portuguesa que atuem nos anos

finais do Ensino Fundamental.

Solicitamos a colaboração do seu filho para participar das atividades de escrita e das oficinas que serão realizadas de maneira presencial, a fim de que os(as) alunos(as) possam refletir acerca da língua e da sua escrita a partir dos fenômenos de variação e mudança linguística.

Pleiteamos, ainda, sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da Sociolinguística e publicá-los em revista científica (se for o caso). Enfatizamos que, por ocasião da publicação dos resultados, o nome do seu filho será mantido em sigilo, assim como de todos os dados que lhe identifiquem antes, durante e após o término do estudo.

Esclarecemos que a participação do seu filho, no estudo, é voluntária e, portanto, ele não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolva a qualquer momento desistir, não haverá nenhum dano ou prejuízo de qualquer natureza para ele/ela.

Destacamos que a pesquisa visa ao aperfeiçoamento de um procedimento metodológico e oferece riscos, não havendo gastos financeiros para o seu filho nem para você, nem a previsão de ressarcimentos ou indenizações.

Declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para que o(a) menor _____ participe desta pesquisa, assim como para a publicação dos seus resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste Termo de Consentimento assinado pelo professor responsável e por mim, com a primeira página rubricada por ambos, visto que o documento contém duas páginas.

Pedro Velho/RN, 27 de agosto de 2024.

Assinatura do/a responsável

Assinatura do pesquisador responsável

Caso necessite de maiores informações sobre o estudo, entrar em contato com o pesquisador: **LOURIVAL SOARES DE LIMA**. Telefone: (84) 98885 - 1871. Endereço (Setor de Trabalho) ou Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da

Universidade Federal da Paraíba, Campus I – Cidade Universitária – 1º Andar – CEP: 58051-900 – João Pessoa/PB. Telefone: (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Obs.: O sujeito da pesquisa e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE pondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

APÊNDICE Q – Termo de Confidencialidade e Sigilo

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
MESTRANDO: LOURIVAL SOARES DE LIMA**

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO**

Eu, **LOURIVAL SOARES DE LIMA**, mestrando em Letras, telefone (84) 98885-1871, e-mail: lourivallimarn@gmail.com, responsável pela pesquisa intitulada **“Variação linguística em codas silábicas: o apagamento do /r/ e a hipercorreção na escrita de alunos do 6º ano”**, declaro cumprir todas as implicações abaixo:

- a) Preservar a privacidade, a confidencialidade e o anonimato integral dos sujeitos, cujos dados serão coletados mediante atividades de escrita em instituição pública de ensino da rede municipal de Pedro Velho/RN;
- b) Que as informações obtidas na pesquisa serão utilizadas única e exclusivamente para a finalidade prevista no protocolo da pesquisa;
- c) Não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou comunidades, inclusive em termos de autoestima, desprestígio e/ou benefício econômico-financeiro;
- d) Desenvolver a pesquisa conforme preveem os termos da Resolução CNS466/2012;
- e) Todos os dados coletados serão mantidos em poder do responsável pela pesquisa;
- f) Assino este termo para salvaguardar os dados da pesquisa e os direitos dos participantes.

Pedro Velho/RN, 27 de agosto de 2024.

Lourival Soares de Lima

APÊNDICE R – Termo de Compromisso e Responsabilidade do Pesquisador



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
MESTRANDO: LOURIVAL SOARES DE LIMA



TERMO DE COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

Ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Eu, **Lourival Soares de Lima**, pesquisador responsável, e **Sônia Maria Cândido da Silva**, orientadora, responsáveis pelo estudo intitulado: “Variação linguística em codas silábicas: o apagamento do /r/ e a hipercorreção na escrita dos alunos de 6º ano, declaramos que:

1. Temos conhecimento e assumimos o compromisso de honrar os termos da Resolução nº 466/2012 ou da Resolução nº 510/2016 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde – CNS, do Ministério da Saúde – MS;
2. Só será dado início ao estudo após emissão do parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP;
3. Assumimos o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas durante todo o desenvolvimento desta pesquisa;
4. Todos os dados e materiais obtidos no desenvolvimento do estudo proposto serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos participantes e apreciação prévia do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP;
5. Todos os documentos e dados obtidos durante a coleta de dados serão arquivados ao final da pesquisa, sob nossa responsabilidade, por cinco anos. Após este período, serão destruídos de forma adequada.
6. A publicização dos resultados da pesquisa só será realizada para fins científicos, com apresentação em eventos científicos de interesse do tema, ou em periódicos científicos, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos participantes da pesquisa;
7. Comunicaremos ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, que emitiu o parecer favorável à realização do presente estudo, resultados do mesmo, por meio de relatórios parciais e relatório final, como também quaisquer alterações, suspensão ou o encerramento da pesquisa por meio de EMENDAS e NOTIFICAÇÕES apresentados com a devida justificativa.

Pedro Velho/RN, 27 de agosto de 2024.

Pesquisador Responsável: Lourival Soares de Lima

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sônia Maria Cândido da Silva

APÊNDICE S – Caderno Pedagógico
(esta seção possui paginação própria)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



Lourival Soares de Lima

CADERNO PEDAGÓGICO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CODAS SILÁBICAS: O APAGAMENTO DO /R/ E A
HIPERCORREÇÃO NA ESCRITA DOS ALUNOS DE 6º ANO**

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sônia Maria Cândido da Silva

Mamanguape/PB

2025

SUMÁRIO

BIOGRAFIA DO AUTOR.....	2
APRESENTAÇÃO.....	3
PARTE 1 – Alguns conceitos da Sociolinguística.....	4
Variação.....	4
Apagamento.....	5
Hipercorreção.....	6
Coda silábica.....	7
PARTE 2 – Propostas e atividades sobre apagamento.....	11
Atividade 1 – Complete a música.....	12
Atividade 2 – Bingo ortográfico.....	14
Atividade 3 – Gincana: Quem encontra mais?.....	16
Atividades complementares (1).....	17
Ditado de imagens.....	17
Ditado de palavras.....	18
PARTE 3 – Propostas e atividades sobre hipercorreção.....	19
Atividade 1 – Tonicidade da sílaba final.....	20
Atividade 2 – Estratégia linguística de substituição.....	22
Atividade 3 – Formas conjugadas e formas infinitivas de verbos.....	24
Atividades complementares (2).....	25
Teste de lacunas.....	25
Ditado de frases.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

BIOGRAFIA DO AUTOR

Lourival Soares de Lima é licenciado em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2006). Especialista em Teoria e Estudos Sobre a Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, 2012). Professor efetivo de Língua Portuguesa dos anos finais (do 6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental pela Prefeitura de Pedro Velho/RN desde 1999. Professor efetivo de Língua Portuguesa do Ensino Médio pela Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte – SEEC/RN – desde 2013. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2025).



APRESENTAÇÃO

Com base em um projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Letras/Profletras, da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, foi elaborado este **Caderno Pedagógico**. O objetivo principal é compartilhar as atividades didáticas aplicadas durante a execução da pesquisa, que se intitula "Variação linguística em codas silábicas: o apagamento do /r/ e a hipercorreção na escrita dos alunos de 6º ano". Produzido, sob a orientação da Profª Drª Sônia Maria Cândido da Silva, o material destina-se a um público específico: estudantes de Letras e Pedagogia, pedagogos e professores de Língua Portuguesa interessados nos fenômenos de variação e mudança linguística, focando, especialmente, no apagamento e na hipercorreção da variável /r/ na escrita discente.

Esta coletânea é o resultado do trabalho de pesquisa executado em 2024, com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola pública do município de Pedro Velho, no Rio Grande do Norte/RN. Inicialmente, por meio de uma avaliação diagnóstica, o professor pesquisador identificou padrões recorrentes na escrita dos alunos: a ausência do /r/ tanto no final de sílabas internas (coda interna) quanto no final de palavras (coda externa), bem como o acréscimo indevido do morfema -r no final de verbos flexionados, um fenômeno conhecido como hipercorreção.

Para intervir nesses processos linguísticos, aplicamos uma série de oficinas pedagógicas, com o intuito de trabalhar os temas de forma prática e engajadora. As atividades incluídas no Caderno são variadas e dinâmicas, como, por exemplo, o bingo ortográfico e a gincana, visando aprimorar a escrita dos estudantes. O material, portanto, reúne, de forma concisa, o embasamento teórico e a prática pedagógica da pesquisa realizada.

A organização do Caderno de Atividades é estruturada em três partes para facilitar a consulta. A Parte 1 dedica-se à Sociolinguística Variacionista, apresentando os conceitos teóricos fundamentais que nortearam o estudo. As Partes 2 e 3 trazem o cerne do trabalho prático, apresentando as propostas, as atividades das oficinas pedagógicas e as avaliações diagnósticas complementares. Ao final do caderno, que é um material de apoio ao professor, apresentamos algumas considerações sobre os processos de variação/mudança linguística e a proposta didática como intersecção entre a pesquisa acadêmica e o ensino de Língua Portuguesa.

PARTE 1 – Alguns conceitos da Sociolinguística

Variação

A Sociolinguística é uma área da Linguística que nasceu em 1964, a partir de um congresso organizado por William Bright. Surgiu com o propósito de descrever e analisar a fala sob uma ótica científica, buscando desfazer a ideia equivocada de que a língua em uso seria um "caos" ou uma "terra de ninguém". Para esta ciência, a língua e a sociedade são elementos inseparáveis. Uma de suas vertentes é a Sociolinguística Variacionista, cujo representante é o linguista estadunidense William Labov ([1972], 2008).

Nessa perspectiva, a variação é definida como a alternância entre duas formas que possuem o mesmo significado, não alterando o sentido das expressões, como demonstrado entre formas que marcam, explicitamente, o plural no determinante e no substantivo e formas que não pluralizam de maneira redundante: **os livros** – ‘*os livroø*’. Neste caso, em que a segunda expressão é diferente da primeira do ponto de vista sintático, o sentido é invariável. Ao dizer uma forma ou outra, o falante não faz referência a um objeto, mas a vários dessa espécie.

Na visão dos sociolinguistas, a variação é sistemática e previsível e ocorre tanto em níveis linguísticos quanto em níveis extralinguísticos. No exemplo apresentado, o apagamento do /s/ revela indícios sociais (classe social, grau de escolaridade e sexo) e linguísticos (tonicidade da sílaba final) do falante. Em **livros**, já é esperado o cancelamento desse segmento consonantal por dois motivos: 1 – está na sílaba final átona da palavra; 2 – é dito por um indivíduo que tenha, provavelmente, baixo poder aquisitivo e baixa escolaridade.

A língua varia em aspectos internos e externos. Além disso, é importante considerarmos um conjunto de fatores desde onde estamos até para quem falamos, pois o contexto de produção determina, muitas vezes, o modo como utilizamos a língua. Na charge abaixo, a jovem, que participa de entrevista de emprego, parece não levar em consideração a situação em que se encontra inserida. Embora o momento não permita a variação, ela utiliza, de maneira humorística, intencional e crítica, o vocábulo ‘varêia’ em vez de varia. É fato que as duas variantes existem no português falado no Brasil, porque a nossa língua é variável e heterogênea, mas é fundamental saber onde, quando e para quem usar cada uma dessas formas – padrão e não padrão – de modo que não venha a ser avaliado negativamente por parte de ouvinte nem perca a oportunidade que tanto almeja, como a candidata ao emprego no texto que se segue.



(Autoria desconhecida)

<https://concursos.estrategia.com/public/questoes/charge-e-correto757aa87f7/>

Não só a linguagem, podemos observar, também, nessas imagens, o modo como os personagens se vestem adequadamente ao ambiente em que estão reunidos. Enquanto a mulher usa vestido, sapatos e bolsa, o homem se apresenta com sapatos, calça social, camisa branca, blazer e gravata. Para espaço de formalidade, como apresentado no texto, o ideal é que se coloquem roupas e acessórios adequados às circunstâncias, assim como fizeram o entrevistador e a entrevistada.

Apagamento

O apagamento é um “fenômeno fonológico em que um segmento consonantal ou vocálico é cancelado” na língua em uso (CRISTÓFARO-SILVA, 2021, p. 59). Por um processo de transposição é transferido da oralidade para a escrita. Não ocorre aleatoriamente. Primeiro, ocorre na modalidade oral e, depois, na modalidade escrita. É motivado por questões de natureza linguística e social.

Ao definir o conceito de apagamento, ela aponta a tonicidade da sílaba como um dos fatores que condicionam a supressão de elementos sonoros em palavras. Segundo a linguista, a vogal em sílaba átona inicial e a consoante em sílaba tônica final correm o risco de apagamento como nos exemplos seguintes:

abacaxi > Øbacaxi; amor > amoØ.

Nessas palavras, nota-se que o ‘A’ no início de abacaxi e o ‘R’ no final de amor foram apagados por estarem, respectivamente, em sílabas átona e tônica, gerando novas variantes: ‘brigado’ e ‘amo’. O símbolo Ø indica queda ou cancelamento desses fonemas nos vocábulos citados.

O apagamento ocorre no início, meio ou final de palavras. Dependendo da posição em que está o segmento suprimido, o processo se classifica, segundo Cardoso (2009), como:

(i) Aférese (início da palavra): **estou** ~ Øtou; **estão** ~ Øtão; **está** ~ Øtá.

Nesses casos, a sílaba inicial (es) foi completamente cancelada dos vocábulos, mas pode também ocorrer com apenas um segmento: **obrigado** ~ Øbrigado.

(ii) Síncope (meio da palavra): **xícara** ~ xicØra.

Com a queda do fonema medial, pode surgir outro processo, o da **monotongação**: **cadeira** – cadeØra, em que o ditongo *ei* se desfaz, com o apagamento do glide ou semivogal, restando-se apenas a vogal /e/.

(iii) Apócope (final da palavra): **falar** ~ falaØ; **se eu quiser** ~ se eu quiséØ.

Nesses exemplos, a ocorrência mais comum é encontrada em verbos em sua forma infinitiva e no futuro do subjuntivo, mas pode atingir palavras de outras categorias gramaticais como os substantivos, adjetivos e outras.

De todos esses processos de apagamento, apenas o último interessa para este trabalho por estar relacionado à temática da pesquisa.

Hipercorreção

Em sua etimologia, a palavra é composta pelo prefixo hiper e pelo radical correção. Logo, “**hiper-** (do grego hyper – correspondente ao latim super-, isto é, sobre; acima de; demais; para além de; excessivo etc.) –**correção**, uma correção excessiva, exagerada que acaba resvalando, a contragosto, no erro” (BAGNO, 2012. p. 949).

Nesse contexto, Crystal (2000) define a hipercorreção:

forma linguística [que] vai além do ponto estabelecido pela variante de língua que o falante tem como meta. O fenômeno geralmente acontece quando os falantes de um dialeto que não é o padrão tentam usar o dialeto padrão e “vão longe demais”, produzindo uma versão que não existe no padrão (CRYSTAL, 2000, p. 138).

São muitos os casos de hipercorreção, tais como: **(i)** a troca de [u] por [o]: **cuidado** ~ **coidado**; **(ii)** deslocamento do acento tônico para a antepenúltima sílaba: **rubrica** ~ **rúbrica**; **(iii)** nasalização da sílaba inicial: **identidade** ~ **indentidade**; **(iv)** inserção de semivogal **(i)** em supostos ditongos: **bandeja** ~ **bandeiija** (BAGNO, 2012, p. 951).

Entre tantas ocorrências, interessa para este Caderno Pedagógico, aquela em que há acréscimo de -r ao final de formas verbais no presente do indicativo. Por exemplo, as formas linguísticas **está** e **dá** surgem na escrita grafadas de modo inapropriado como ‘**estar**’ e ‘**dar**’. Isso acontece, possivelmente, por analogia aos verbos no infinitivo.

Por ter o conhecimento de que existem na língua duas formas para verbos: uma flexionada no presente do indicativo (sem a presença do -r final), e a outra em estado de dicionário (com a desinência de infinitivo), o falante transfere a marca que é própria de uma forma – a forma infinitiva – para a forma flexionada do verbo, gerando, conseqüentemente, o que é chamado de hipercorreção.

Segundo Labov (1972), o fenômeno gera insegurança ao aluno por dois motivos: primeiro, por não conseguir interiorizar as regras normativas; segundo, por tentar reproduzir um dialeto padrão imposto pela escola, próprio de uma classe social, da qual ele não faz parte:

(i) A insegurança linguística do aluno frente às pressões do ensino, quando o estudante não conseguiu ainda interiorizar as regras da norma-padrão. Ao produzir uma redação que exija um estilo cuidado, o aluno tenta ser o mais correto possível, o que o leva, muitas vezes, a cometer hipercorreção.

(ii) Uma tendência a imitar os padrões de prestígio da classe média adotados pela escola, uma “hipercorreção de cima”, como denominou Labov (1972), que representa um processo claro de correção e coerção social aplicado às formas linguísticas (apud BORTONE; ALVES, 2014, p. 135).

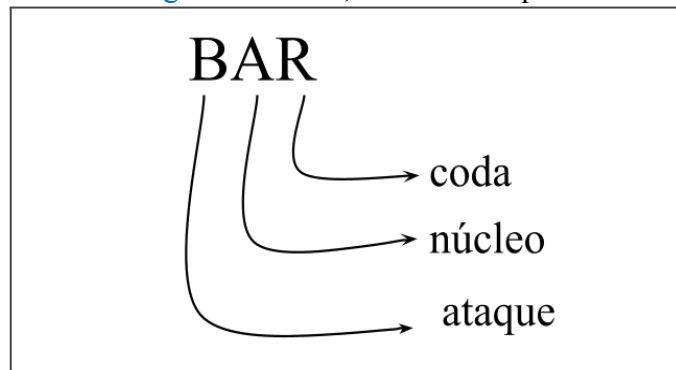
Diante dessa situação de insegurança, propomos atividades e estratégias de intervenção para auxiliar o aluno em sua escrita ortográfica e minimizar o problema presente nos registros do seu código escrito.

Coda silábica

A coda é a posição final de sílaba. Ocupam essa posição poucos fonemas consonânticos e, também, poucos fonemas vocálicos como a semivogal ou glide (i, u). Por ser considerada uma posição de travamento na estrutura silábica, é comum a ocorrência do cancelamento desses fonemas na língua em uso, já que os sons não são produzidos durante a emissão da fala, principalmente em situações de não monitoramento da língua.

Observe um exemplo, conforme mostra a Figura 1:

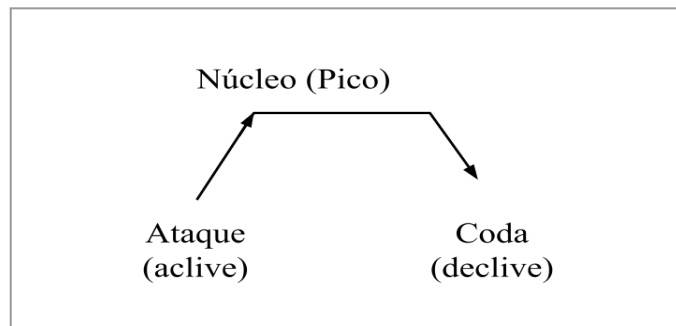
Figura 1 – Coda, núcleo e ataque



Fonte: Elaboração própria (2025).

Em *bar*, a sílaba é composta por uma coda, um núcleo e um ataque. A consoante final ocupa a coda, a vogal preenche a posição de núcleo e a consoante inicial, a de ataque. Dos três constituintes, a coda é suscetível ao apagamento: **baØ**. Isso acontece porque as consoantes são menos sonoras que as vogais. Para explicar essa questão de sonoridade, elaborou-se o Gráfico 1 que deixa, em evidência, a distância sonora entre os constituintes da sílaba.

Gráfico 1 – Constituintes da sílaba



Fonte: Pedrosa (2012, p. 72).

Segundo Pedrosa (2012):

É importante salientar que a distância sonora entre o ataque e o núcleo é maior do que entre o núcleo e a coda, o que indica que o aclive é maior do que o declive silábico. Consequentemente, é possível constatar que a menor intensidade do declive reforça a tendência pela sílaba finalizar com segmentos sonoros (PEDROSA, 2012, p. 73).

Em outras palavras, a diminuição de sonoridade do núcleo até a coda implica no apagamento deste último constituinte, levando o falante à preferência pela sílaba aberta, que é a que termina com elemento mais sonoro – neste caso – a vogal /a/.

Sobre essa questão, Seara et al. (2022) apresentam uma escala para explicar a sonoridade dos segmentos sonoros da sílaba e justificar a queda do /r/ em posição de coda. A escala pode ser lida de duas maneiras: tanto da esquerda para a direita, quanto da direita para a esquerda. A sonoridade de 0 a 3, do ataque ao núcleo, é crescente. Em sentido contrário, de 3 a 0, do núcleo à coda, é decrescente. Segue a escala de soância conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Escala de soância de segmentos sonoros

Vogais	Líquidas (laterais e róticos)	Nasais	Oclusivas e fricativas
3	2	1	0

Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO (2022, p. 117).

Assim, os sons oclusivos ou fricativos ocupam o onset, as nasais e as líquidas preenchem a coda e a vogal, a posição de núcleo. Segundo as autoras, a composição da sílaba obedece a duas regras, tais como:

1. a sequência de elementos no onset e na coda silábica de mesma escala de soância não é permitida;
2. o núcleo da sílaba é constituído pelo elemento mais sonoro da sequência de sons e deve haver uma escala crescente de soância do onset para o núcleo e decrescente do núcleo para a coda.

Baseando-nos nessas condições, a palavra ‘pasta’ não poderia ter uma sílaba ‘sta’ porque o ataque seria formado por ‘st’ cujos elementos sonoros têm a mesma soância: a primeira é fricativa e a segunda é oclusiva, portanto as duas têm escala de soância igual a 0. Por sua vez, a separação da sequência ‘pasta’ em ‘pas’ e ‘ta’ respeita as condições anteriormente estabelecidas:

- (i) a sílaba ‘pas’ tem como onset /p/, como núcleo /a/ e como coda /s/ e vemos a escala crescente de soância do onset para o núcleo que vai de 0 a 3 e a escala decrescente do núcleo para a coda que vai de 3 a 0.
- (ii) a sílaba ‘ta’ tem como onset /t/ e como núcleo /a/, o que também respeita as condições colocadas (SEARA et al., 2022, p. 118).

Roberto (2016), por sua vez, reforça toda essa explanação acerca da sonoridade e aponta qual é a posição ocupada por vogais e consoantes na sílaba.

É comum os obstruintes ocuparem posição de ataque, enquanto as vogais ocuparão o núcleo silábico, ficando as nasais e as líquidas comumente presentes na posição de coda, já que a sílaba é composta de um aclave (posição de ataque), um pico (núcleo) e um declive (coda), sendo que o aclave é mais acentuado que o declive, devido à distância sonora entre o ataque e o núcleo ser maior do que entre o núcleo e a coda. No PB, a nasal em posição de coda só se sustenta para os que defendem o postulado de Camara Jr. (ROBERTO, 2016, p. 72).

Como dito, cada um desses elementos ocupa uma posição na sílaba. Por exemplo, os obstruintes ocupam a posição de ataque; as nasais e as líquidas, a de coda, ao passo que as vogais ocupam sempre a posição de núcleo. Em questão de soância, o ataque e a coda são menos sonoras, o que é propício ao apagamento de elementos que ocupem essas posições, ao contrário do núcleo, que é preenchido sempre por uma vogal, um elemento considerado mais sonoro que consoante. Por isso, o núcleo silábico não é passível de variação.

PARTE 2 – Propostas e atividades sobre apagamento

Proposta 1

Atividade	Objetivo	Procedimentos
Complete a música.	Levar o aluno a perceber se o cantor pronuncia ou não o R em cada sílaba na música apresentada.	<ol style="list-style-type: none">1. Exibir o clipe da música, com áudio, para o aluno ouvir as palavras e escrevê-las nas lacunas.2. Comparar o texto escrito dos alunos com o texto oficial do cantor, observando a realização ou o apagamento do /R/.

Fonte: Maciel e Kailer (2019, p. 12).

Atividade 1 – Complete a música

Complete o texto abaixo com as palavras que foram retiradas. Para isso, ouça, com atenção,

a canção interpretada por Nattan.

A gente se entrega

Uma dose de saudade	Estou ficando louco, apaixonado
Misturada com paixão	Coração tá machucado
Me deixa de cabeça tonta	De tanto _____ pancadas de _____
E embriaga o coração.	Saudade parece _____ quente
	Com veneno de _____
A gente se entrega	Doida pra _____ a gente
A gente se entrega	E a saudade é um _____.
E chora sem _____	
A gente se entrega	Saudade é tempestade no _____
A gente se entrega	Se não tem _____ por _____
Pisa na bola e não vê.	Mata igual um tiro _____ no coração
	Saudade é uma doença
	Castigo de feiticeira
	Segue a gente a vida inteira
	E anda junto com a paixão.

Para ouvir a música, acesse o link: https://www.youtube.com/watch?v=_NV1OkcUblc

Proposta 2

Atividade	Objetivo	Procedimentos
Bingo Ortográfico.	Perceber visualmente a grafia de verbos e nomes com R em coda silábica, bem como comparar a fala de quem “cantou” a palavra e a realização escrita desta.	<ol style="list-style-type: none">1. Distribuir, aos alunos, cartelas com várias palavras grafadas com R em coda silábica;2. Fazer circular pela turma uma caixa contendo todas essas palavras, para que cada aluno sorteie uma e “cante” para os demais;3. Vence o jogo quem completar primeiro a cartela;4. Após a brincadeira, deve-se comentar acerca da grafia das palavras e da pronúncia de quem “cantou” as palavras.

Fonte: Maciel e Kailer (2019, p. 11-12).

Atividade 2 – Bingo ortográfico

Para o bingo ortográfico, 18 cartelas foram confeccionadas e distribuídas aos participantes, que, ao todo, são 18 estudantes. Cada cartela contém quinze palavras escritas com R em codas silábicas. As palavras são, na sua grande maioria, verbos e substantivos, mas incluem-se adjetivos, advérbios e outras. Todas cumprem uma única condição: a de apresentar o segmento consonântico em final de sílaba (coda interna) ou em final de palavra (coda externa). Com o intuito de não tomar muito espaço no caderno, tomou-se a decisão de apresentar apenas as três primeiras do total de 18 cartelas, o que pode ser visto logo adiante.

Cartela 1

MELHOR	PIOR	PERTO	VIR	MAR
FALAR	PEDIR	PORCO	CANTOR	DAR
TER	RIR	CORPO	SORTE	IR

Cartela 2

CARTA	LER	PÔR	CRER	CANTOR
PEDIR	FALAR	SER	PORCO	MAR
CORPO	VIVER	BRINCAR	ESTUDAR	VER

Cartela 3

CARTA	BORBOLETA	BRINCAR	CORPO	VIVER
DIZER	TARTARUGA	FAZER	PORCO	MORRER
SABER	PEDIR	BAR	FALAR	DORMIR

Proposta 3

Atividade	Objetivo	Procedimentos
Gincana: Quem encontra mais?	Proporcionar aos alunos uma percepção visual das palavras grafadas com R em coda silábica.	<ol style="list-style-type: none">1. Formar grupos de alunos;2. Distribuir para os grupos: revistas, jornais, folders, encartes, entre outros textos que circulam no seu cotidiano;3. Orientar os alunos para que encontrem, recortem e coleem, em uma folha de papel, o maior número de palavras grafadas com R em coda silábica.4. Vence a gincana, o grupo que encontrar a maior quantidade de palavras.

Fonte: Maciel e Kailer (2019, p. 12).

Atividade 3 – Gincana: Quem encontra mais?

Forme o seu grupo e recorte de livros, jornais, revistas ou outros textos, palavras que tenham o **R** em final de sílaba ou que terminem em **R** e cole-as dentro do quadro abaixo. Vence a gincana, o grupo que encontrar a maior quantidade de palavras.

A large empty rectangular box with a black border, intended for students to paste words that end in the letter 'R'.

Atividades complementares (1)

Ditado de imagens

(parte da amostra utilizada como diagnóstico inicial para apagamento)

1 - dar



2 - ir



3 - vir



4 - rir



5 - ter



6 - ver



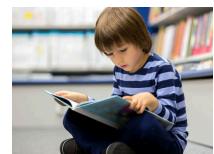
7 - ser



8 - crer



9 - ler



10 - pôr



Ditado de palavras

(utilizado como diagnóstico final para apagamento)

01. dar	21. atender	41. bar	61. balbúrdia
02. ir	22. esquecer	42. mar	62. purgante
03. vir	23. conviver	43. flor	63. vírgula
04. rir	24. escolher	44. dor	64. absurdo
05. ter	25. resolver	45. cor	65. discurso
06. ver	26. começar	46. por	66. conforme
07. ser	27. proteger	47. lar	67. saturno
08. crer	28. renovar	48. ar	68. murmúrio
09. ler	29. retirar	49. par	69. esporte
10. pôr	30. promover	50. mor	70. concurso
11. correr	31. distribuir	51. carta	71. covardemente
12. bater	32. usufruir	52. curto	72. conformidade
13. querer	33. reconstruir	53. turnê	73. usurpadora
14. ferir	34. atribuir	54. urna	74. ordinária
15. cair	35. retribuir	55. firme	75. urbanização
16. propor	36. indeferir	56. corda	76. extraordinário
17. cantar	37. contribuir	57. carne	77. conturbado
18. pular	38. colaborar	58. corpo	78. primordial
19. comer	39. comunicar	59. turma	79. enturmada
20. subir	40. reproduzir	60. torta	80. antifurto

PARTE 3 – Propostas e atividades sobre hipercorreção

Proposta 1

Atividade	Objetivo	Procedimentos
Tonicidade da sílaba final.	Identificar, em cada par de palavras, a tonicidade da sílaba final, ou seja, se a sílaba final é átona ou tônica.	<ol style="list-style-type: none">1. Separar as palavras em sílabas.2. Pronunciar em voz alta palavra por palavra para perceber a tonicidade da sílaba final como sílaba átona ou como sílaba tônica.3. Levar o aluno a perceber que a sílaba final átona é grafada sem o R.4. De modo semelhante, levar o aluno a perceber que a sílaba final tônica se escreve sempre com a letra R.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Atividade 1 – Tonicidade da sílaba final

Separe as palavras em sílabas e identifique a tonicidade da sílaba final de cada palavra, ou seja, se é sílaba átona ou se é sílaba tônica. Para isso, marque um X e veja o exemplo no quadro a seguir.

Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica	Palavras	Separação silábica	Sílaba átona	Sílaba tônica
vive	vi-ve	X	–	ensina			
viver	vi-ver	–	X	ensinar			
sabe				ama			
saber				amar			
escreve				parte			
escrever				partir			
bebe				mente			
beber				mentir			
canta				sente			
cantar				sentir			

Fonte: Elaboração própria (2025).

Proposta 2

Atividade	Objetivo	Procedimentos
Estratégia linguística de substituição.	Auxiliar o aluno a escrever, de maneira ortográfica e convencional, os verbos nas suas formas flexionada e infinitiva.	<ol style="list-style-type: none">1. Reescrever a frase, substituindo a forma conjugada por outra forma também conjugada, conforme o macete exposto no balão.2. Reescrever a frase, substituindo a forma infinitiva por outra forma também infinitiva, conforme o macete exposto no balão.3. Perceber que os pares que se substituem, além de sinônimos, possuem a mesma forma gráfica, ou seja, uns sem a presença do R em coda (escreve – redige), outros com R em posição final (escrever – redigir).

Fonte: Elaboração própria (2025).

Atividade 2 – Estratégia linguística de substituição

Agora vamos aprender a escrever palavras que terminam em **R** e, também, palavras que não terminam com essa letra. **Consulte o balão** ao lado, com dicas que auxiliam o emprego correto dessas palavras que você vai utilizar na resolução do exercício proposto a seguir. **Reescreva as frases abaixo, trocando o verbo em negrito por seu sinônimo.** Veja um exemplo:

Ele **dá** presentes.

Ele **oferece** presentes.

Ela vai **dar** atenção.

Ela vai **oferecer** atenção.

Se liga na dica!

dá – oferece
dar – oferecer

escreve – redige
escrever – redigir

ri – gargalha
rir – gargalhar

está – permanece
estar – permanecer

bebe – ingere
beber – ingerir



a) Ele **ri** pouco. _____
Você vai **rir** muito! _____

b) A roupa **está** limpa. _____
Eu sei que Deus vai **estar** comigo. _____

c) Você **bebe** pouca água durante o dia. _____
Você pode **beber** mais água durante o dia? _____

d) Quem muito lê, **escreve** bem. _____
Você sabe **escrever** redação escolar? _____

e) Ele **dá** flores para ela. _____
Quem gostaria de **dar** um presente? _____

Proposta 3

Atividade	Objetivo	Procedimentos
Formas conjugadas e formas infinitivas de verbos.	Instruir o aluno a escolher a opção certa de resposta para completar cada frase lacunada da proposta didática.	<ol style="list-style-type: none">1. Inicialmente, fazer perceber a presença de duas palavras em negrito dentro de parênteses: a primeira sem R em coda, a segunda com R em posição final.2. Compreender que a forma conjugada, sem o R final, indica uma ação que está ocorrendo agora, ou seja, no tempo presente.3. Compreender que a forma infinitiva, terminando em R, não indica tempo, ou seja, quando a ação verbal ocorre.4. Ler a frase, envolvendo as duas opções de resposta, e perguntar qual opção adequa-se melhor ao contexto da frase.

Fonte: Elaboração própria (2025).

Atividade 3 – Formas conjugadas e formas infinitivas de verbos

Nas imagens abaixo, há uma ave e pessoas realizando ações diversas. Observe que, dentro dos parênteses, temos duas palavras: a primeira, sem **R** no final, indica que a ação está acontecendo agora, ou seja, no presente. A segunda, com o **R** final, não indica quando a ação ocorre. Com essas informações sobre verbos, responda ao que se pede na atividade abaixo. Escolha a palavra certa que se adequa melhor ao contexto frasal e complete cada frase abaixo.



A galinha _____ ovos.
(bota – botar)



O rapaz _____ muito.
(ri – rir)



A garota _____ um livro.
(lê – ler)



O garoto _____ água.
(bebe – beber)



A professora _____ inglês.
(ensina – ensinar)



Ele _____ flores para ela.
(dá – dar)

Atividades complementares (2)

Teste de lacunas

(utilizado como diagnóstico inicial para hipercorreção)

Complete as frases a seguir escolhendo adequadamente uma das palavras em negrito no fim dos enunciados.

- a) O dia _____ muito quente. (**esta, está, estar**)
- b) “Quem _____ seus males espanta”. (**canta, cantar**)
- c) Quem _____ poemas é poeta. (**escreve, escrever**)
- d) Eu _____ para pescar com meus colegas. (**sai, saí, sair**)
- e) A galinha _____ ovos. (**bota, botar**)
- f) O professor _____ os seus alunos de segunda a sexta. (**ensina, ensinar**)
- g) Meu vizinho _____ todos os finais de semana. (**bebe, beber**)
- h) Ele _____ livros. (**lê, ler**)
- i) Ele _____ muito. (**ri, rir**)
- j) Você _____ quem é o Presidente da República no Brasil? (**sabe, saber**)
- k) Eu sei que _____ para não prejudicar o meu amigo. (**menti, mentir**)
- l) Quando vi você, _____ que era amor à primeira vista. (**senti, sentir**)
- m) A mamãe sempre _____ presentes para a sua filha. (**da, dá, dar**)
- n) Você sempre _____ filmes? (**vê, ver**)
- o) Eu _____ o bolo. (**partí, partir**)
- p) Eu _____ a minha família. (**amo, amor**)
- q) A gente pisa na bola e não _____. (**vê, ver**)
- r) Eu _____ às ordens dos meus pais. (**obedeci, obedecir**)
- s) Você _____ bem? (**esta, está, estar**)
- t) Papai nem sempre me _____ coisas que eu peço. (**da, dá, dar**)

Ditado de frases

(utilizado como diagnóstico final para hipercorreção)

1. Minha família **está** bem.

2. Se ela **dança**, eu danço.

3. Meu pai **gosta** de melancia.

4. A gente **escova** os dentes.

5. A idosa **anda** devagar.

6. A garota **penteia** os cabelos.

7. Quem **madruga**, Deus ajuda.

8. Quem **canta** seus males espanta.

9. Ela **toma** banho três vezes ao dia.

10. Meu vizinho **levanta** cedo para trabalhar.

11. Ele não **bebe** álcool.

12. Em briga de marido e mulher, ninguém **mete** a colher.

13. Não se **bate** em mulher nem com uma flor.

14. Ele **escreve** bem.

12. Ninguém **vive** sem o ar.

16. Quem **ri** por último ri melhor.

17. A chuva **cai** sem parar.

18. O aniversariante **parte** o bolo.

19. Meu colega **divide** o lanche comigo.

20. Meu pai **sai** de casa e vai ao trabalho todos os dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material pedagógico desenvolvido integra seis atividades principais, distribuídas igualmente para abordar a redução do apagamento do /r/ e o controle da hipercorreção dessa mesma variável. Embora em número limitado, estas intervenções demonstraram ser eficazes na diminuição das ocorrências analisadas, conforme atestam os resultados da pesquisa. Todas as atividades foram implementadas seguindo um rigoroso planejamento didático, que incluiu a clara apresentação de seus objetivos e a aplicação de procedimentos metodológicos bem definidos.

O cerne deste trabalho reside na alternância entre duas variáveis sociolinguísticas. O objetivo primário não foi erradicar os fenômenos de variação/mudança durante o período de estudo, mas sim minimizar as altas taxas de ocorrência tanto da omissão do /r/ em diversos vocábulos quanto de seu acréscimo hipercorrigido na coda final de verbos conjugados. A escassez de pesquisas que abordam simultaneamente esses dois fenômenos na literatura reforça a importância de ampliar esta análise, promovendo uma intersecção mais robusta entre a Linguística e as práticas de ensino da Língua Portuguesa Brasileira.

A principal hipótese confirmada por este estudo de variação e mudança linguística – que culminou na criação do [Caderno Pedagógico](#) – é a da interferência da oralidade na escrita. A transposição de processos fonológicos da fala para a escrita é uma ocorrência natural, dada a natureza viva e mutável da língua. Contudo, é crucial promover a consciência linguística nos estudantes. Essa consciência é essencial para estabelecer uma distinção clara entre as modalidades oral e escrita, funcionando como uma estratégia preventiva contra a transposição indiscriminada de padrões da fala para a produção textual formal.

Em suma, a principal conclusão do estudo é que as atividades de cunho ortográfico e de reflexão sobre a língua devem ser uma constante nas aulas de Língua Portuguesa. A consciência linguística é concebida, neste contexto, como a ferramenta mais poderosa no combate à variação linguística inadequada no ambiente da escrita escolar. Seu desenvolvimento contínuo entre os estudantes é fundamental para garantir o domínio da norma-padrão exigida no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BORTONE, Maria Elizabeth; ALVES, Scheyla Brito. O fenômeno da hipercorreção. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SOUSA, Rosineide Magalhães de; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; MACHADO, Veruska Ribeiro. (Orgs.). **Por que a escola não ensina a gramática assim?** 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2014, p. 129 – 159.
- CARDOSO, Denise Porto. **Fonologia da língua portuguesa**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2021.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, ([1972], 2008).
- PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. Sílabas. In: HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. (Orgs.). **Introdução à fonologia do português brasileiro**. João Pessoa: Editora da UFPB: 2012, p. 71 – 91.
- ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer: Fonética e Fonologia do português brasileiro**. 2. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2022.

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP
(continuação da numeração principal)

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa:VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM CODAS SILÁBICAS: O APAGAMENTO DO /R/ E A HIPERCORREÇÃO NA ESCRITA DE ALUNOS DO 6º ANO

Pesquisador:LOURIVAL SOARES DE LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 83016724.0.0000.5188

Instituição Proponente:UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

Patrocinador Principal:Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer:7.102.706

Apresentação do Projeto:

Trata-se da primeira versão do projeto de pesquisa do mestrando Lourival Soares de Lima, do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), do Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAIE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação da Profª. Drª. Sônia Maria Cândido da Silva. A presente pesquisa visa desenvolver a escrita dos estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista a utilização de vários gêneros textuais e as variedades linguísticas de modo que todos os resultados do

presente estudo serão tornados públicos quando da defesa da dissertação, assim como serão encaminhados à instituição escolhida como cenário da pesquisa e enviados para publicação em periódicos científicos, tudo como preceituam as Resoluções 510/16 e a Norma Operacional 001/13, ambas do Conselho Nacional de Saúde (CNS). As vivências em salas de aulas por quase três décadas são o ponto de partida para a construção desta pesquisa em que se discute um tema recorrente nas produções de alunos. Em sua escrita, tem-se observado, com frequência, o apagamento do /r/ em posição de coda e o acréscimo desse segmento às formas verbais flexionadas, gerando um fenômeno chamado de hipercorreção. Assim, este trabalho de pesquisa objetiva propor, por meio de oficinas de escrita, atividades diversificadas de intervenção e reflexões linguísticas para minimizar o apagamento do /r/ em posição de coda e a hipercorreção na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista a

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900

UF:PB **Município:** JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 7.102.706

aquisição de uma escrita ortográfica em língua portuguesa. A metodologia será a de pesquisa-ação com abordagem quantitativa e de natureza aplicada, além de procedimentos metodológicos como pesquisa bibliográfica, oficinas de escrita, avaliações diagnósticas (inicial e final) e observação participante. Os dados para análise serão extraídos de um corpus de 20 (vinte) textos escritos produzidos por alunos do 6º ano de uma escola pública do município de Pedro Velho/RN e submetidos a variáveis linguísticas (classe morfológica, extensão de vocábulos, posição do /r/ na palavra e contexto precedente desse grafema) e sociais (repetente/não repetente, sexo/gênero e idade). Os resultados serão obtidos da análise comparativa entre os dados da produção textual inicial e os da produção textual final.

Objetivo da Pesquisa: Objetivo Primário: Propor, por meio de oficinas de escrita, atividades diversificadas de intervenção e reflexões linguísticas para minimizar o apagamento do /r/ em posição de coda e a hipercorreção na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista a aquisição de uma escrita ortográfica em língua portuguesa.

Objetivo Secundário:

- (i) Identificar fatores responsáveis pelo apagamento e pela hipercorreção.
- (ii) Descrever os dois fenômenos de variação na escrita de alunos do 6º ano a partir de variáveis linguísticas e sociais definidas pelo pesquisador.
- (iii) Propor estratégias linguísticas de assimilação da regra de uso para formas infinitivas e formas flexionadas de verbos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos em pesquisa são baixos e incluem possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente.

Benefícios: Dentre os benefícios da pesquisa, destacamos as contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis,

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar	
Bairro: Cidade Universitária	CEP: 58.051-900
UF: PB	Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791	Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 7.102.706

sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta relevância acadêmica, científica e social por tratar de temática importante. As etapas do estudo estão suficientemente detalhadas em seus aspectos metodológicos, éticos e conceituais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram todos apresentados.

Recomendações:

Vide campo de conclusões ou pendências e lista de inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o protocolo de pesquisa se encontra adequadamente instruído e que apresenta viabilidade ética e metodológica, estando em consonância com as diretrizes das Resoluções do CNS do Ministério da Saúde, somos favoráveis ao desenvolvimento da investigação. Não há óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba e CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2412194.pdf	06/09/2024 16:00:38		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisadetalhado.pdf	06/09/2024 15:46:22	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito
Outros	posicionamentoeticodopesquisador.pdf declaracaodequalificacao.pdf	05/09/2024 20:48:54	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito
Outros		05/09/2024	LOURIVAL SOARES	Aceito

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 7.102.706

Outros	declaracaodequalificacao.pdf	20:47:51	DE LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	05/09/2024 20:34:21	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito
Orçamento	termodecompromissofinanceirodopesqui sador.pdf tale.pdf	05/09/2024 20:33:28	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito
Declaração de concordância	termodecompromissoeresponsabilidade	05/09/2024 20:32:26	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	dopesquisador.pdf cronogramadeexecucao.pdf	05/09/2024 20:31:49	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito
Cronograma	cartadeanuencia.pdf	05/09/2024 20:30:46	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura		05/09/2024 20:28:28	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	05/09/2024 20:26:39	LOURIVAL SOARES DE LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 26 de Setembro de 2024

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Campus I / Prédio do CCS UFPB - 1º Andar
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

ANEXO B – Termo de Anuência



PREFEITURA DE PEDRO VELHO/RN
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SME
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO SEBASTIÃO

TERMO DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada: “Variação linguística em codas silábicas: o apagamento do /r/ e a hipercorreção na escrita de alunos do 6º ano”, a ser desenvolvida pelo mestrando **LOURIVAL SOARES DE LIMA**, do Programa em Rede Nacional de Mestrado Profissional em Letras/Profletras, do Centro de Ciências Aplicadas e Educação/CCAEE, Campus IV, Mamanguape/PB, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Prof^ª. Dra. Sônia Maria Cândido da Silva.

Esta escola está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante deste projeto e do seu compromisso em verificar o desenvolvimento da pesquisa, para que se possa cumprir os requisitos das Resoluções 466/12, 510/16 e da Norma Operacional 001/13, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes do estudo nele recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para garantia de segurança e bem-estar de todos.

Igualmente informamos que, para ter acesso à coleta de dados nesta instituição, fica condicionada a apresentação, à direção da escola, da certidão do Parecer Consubstanciado, sob o número 7.102.706, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa que analisou e aprovou este projeto de pesquisa, tudo como preconiza as resoluções citadas, todas do Conselho Nacional de Saúde/ CNS.

Pedro Velho/RN, 30 de outubro de 2024.



Alciene Felix da Silva
Diretora da escola
CPF: 044. 194. 834 - 07
Portaria: 250/2024

ANEXO C – Atividade realizada pelo P2

Escola: Municipal de ensino fundamental São
 Sexo: () masculino feminino () Naturalidade: _____
 Idade: _____ Ano escolar: _____ Data: ____/____/2024

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA FINAL

Atividade 2

P2

Ditado de frases

01. Minha família estar bem
02. Se ela dança em dança
03. Meu pai gosta de melancia
04. A fonte escova os dentes
05. A idosa anda de bicicleta
06. A Lavata penteia os cabelos
07. Quem madruga Deus ajuda
08. Quem canta seus males espanta
09. Ela toma banho três vezes ao dia
10. Meu vizinho levanta cedo para trabalhar
11. Ele não bebe álcool
12. Em honra de marido e mulher ninguém mete a colher
13. Não se bate em mulher nem com uma mão
14. Ele escreve bem
15. Ninguém vive sem o ar
16. Quem rir por último rir melhor
17. A chuva cai sem parar
18. O aniversário parte o bolo
19. Meu cabelo divide lanche comido
20. Meu pai sai de casa e vai ao trabalho todos os dias

ANEXO D – Atividade realizada pelo P7

Escola: _____
 Sexo: () masculino feminino () Naturalidade: _____
 Idade: _____ Ano escolar: _____ Data: ____ / ____ /2024

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA FINAL

P7

Atividade 2

Ditado de frases

01. MINHA FAMILHA ESTÁ BEM
02. SE ELA DÁO EU DÁO
03. MEU PAI GOSTA DE MELACIA
04. AJEITE ESLOVA OS DENTE
05. AIDOSA ANDA DE VAGAR
06. AGAROTA DENTEIA O LABELO
07. QUEM MADRUGA DUIS A GUAR
08. QUEM SEU MALES ESPATAR
09. ELA TOMAR BANHO BUESSE A O DIA
10. MEU VISINHO ALEDATA SEPARADA PARA FRABRYHA
11. ELE NÃO BEBE ALUCOR
12. EM BRIGA DE MARIDO E MULHER NUNCA ^{MENTE} _{COMO}
13. NÃO SE BATE EM MULHER SEM TER
14. ELE ESCREVE BEM
15. NINGUÉM VIVE SEM O AR
16. QUEM NI PORUTENO NI MELHO
17. ACHUVA CAI SEM PARA
18. O ANIVESARIANTE QUE PARTI O BOLA
19. MEU COBELO DAVIOT O CACHE COM MILHO
20. MEU PAI SAI DE CASA E VAI TOMAR O DIA

ANEXO F – Atividade realizada pelo P18

Escola: _____
 Sexo: () masculino feminino () Naturalidade: _____
 Idade: _____ Ano escolar: _____ Data: ____/____/2024

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA FINAL

P18

Atividade 2

Ditado de frases

01. minha família está assim
02. se eu dança eu danço
03. meu pai gosta de melancia
04. ~~a dentista os dentes a gente escova os dentes~~
05. a idera Anda de noogar
06. a garata pentea o cabelo
07. quem madruga deve ajudar
08. quem canta seus males espanta
09. ela tá na praia tá na praia
10. meu vizinho levanta cedo para trabalhar
11. ele não bebe álcool
12. em briga de marido e mulher ninguém ^{me} ^{nta} ^a ^{calha} ^{para}
13. não se bate em mulher nem com uma ^{para}
14. ele se chama zezé
15. ninguém vive sem o ar
16. quem sur por atimo não melha
17. o cravo com tem para
18. o momento o momento parte o balo
19. meu colega deixou o lanche comigo
20. meu pai sai de casa e vai ao trabalho
 todos os dias.

ANEXO G – Atividade realizada pelo P8

Escola: _____
 Sexo: () masculino feminino () Naturalidade: _____
 Idade: _____ Ano escolar: _____ Data: ____/____/2024

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA FINAL

P8

Atividade 2

Ditado de frases

01. minha família está Bem
02. si ela dança eu dança
03. meu Pai gosta de melancia
04. Agente escova os dentes
05. A idosa anda de voga
06. A garota penteia os cabelos
07. quem madruga Deus ajuda
08. quem canta seus males espanta
09. Ela toma banho três vezes ao dia
10. meu vizinho levanta cedo para trabalhar
11. ele não bebe Alcool
12. em Briga de marido é mulher ninguém mete a colher
13. não se bate em mulher nem com uma flor
14. ele escreve bem
15. ninguém vive sem o Ar
16. quem ri por último ri melhor
17. A chuva cai sem parar
18. o Anfitrião bate o Balde
19. meu colega divulga o lanche amigo
20. meu Pai sai de casa e vai ao trabalho todo dia

ANEXO H – Atividade realizada pelo P17

Escola: _____
 Sexo: () masculino feminino () Naturalidade: _____
 Idade: _____ Ano escolar: _____ Data: ____/____/2024

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA FINAL

P17

Atividade 2

Ditado de frases

01. minha família está bem.
02. sem ela dona eu dona.
03. meu pai gosta de melancia.
04. A gente precisa um irsi dentes.
05. A Edosa anda de vagão.
06. A garota penteia os cabelos.
07. quem madruga Deus ajuda.
08. quem conta seus males esparta.
09. Ela toma banho três vez um dia.
10. meu vizinho luta todo dia pra trabalhar.
11. Ele não bebe álcool.
12. um briga de marido de mulher ninguém mente oculto.
13. não ser bate um mulher mei pé uma flor.
14. Ele escreve bem.
15. Ninguém vive sem um ar.
16. quem rir curulimo rir melhor.
17. A chula cair sem parar.
18. um ar mais seriante parte um brala.
19. meu colega divide um lache comigo.
20. meu pai trair de casa é irai um trabalhar todo um irsi dia.